

Erich von Däniken

O OURO DOS DEUSES

Material visual e documentário sobre teorias, especulações e pesquisas 374 fotos, das quais 57 em cores

Tradução de Trude von Laschan Solstein Arneitz
EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Desde as eras mais remotas, o cosmo fascinou o homem. O que seriam aqueles pontos luminosos no céu? E aqueles colares de pérolas de luz, representariam figuras de animais? de seres humanos? Seriam aquelas luzes a morada dos deuses?

A nossa Via-Láctea é composta de uns cem bilhões de estrelas fixas; porém, ela representa apenas uma parte ínfima do sistema galaxial que, em uma média de 1,5 milhões de anos-luz, engloba umas vinte Vias-Lácteas. (Um ano-luz equivale a 9,461 trilhões de quilômetros). No entanto, mesmo este algarismo se toma baixo, quando considerado em relação ao total dos aproximadamente 1.500 milhões de galáxias, até agora registrados. De onde provém a imensa massa de matéria, espalhada no universo em milhões e milhões de anos-luz? No dia de hoje, todas as respostas são apenas meras teorias.

Há a teoria da explosão primitiva, com forte estrondo, do "big-bang", dizendo que toda a matéria estava concentrada em um átomo primitivo, foi comprimida e explodiu. Os fragmentos da pesada massa material formaram as galáxias. - Em 1842, Christian Doppler provou que, quando a fonte da luz se afasta do observador, o espectro se desvia para o vermelho. O "efeito de Doppler" permite medir a velocidade do movimento das estrelas. - Destarte, em 1929, Edwin

Powell Hubble logrou comprovar que a velocidade do movimento de uma galáxia tende a se intensificar na medida em que se afasta do observador. Por conseguinte, é lícito supor que, no princípio, toda a matéria estava concentrada em um só ponto, em uma condensação de hidrogênio, de elevadíssima densidade. Aconteceu a explosão primitiva, o "bigue-bangue", e, desde então, todas as partículas de matéria continuam se afastando uma da outra, com velocidade incrível. Outra teoria largamente aceita é a de Carl Friedrich von Weizsaecker, segundo a qual todos os sóis e planetas "nasceram" de uma nuvem de gás, constituída de 99% de hidrogênio e hélio e de 1% de elementos pesados. - A teoria "*steady state* - estado estável", datando de 1948, postula o estado estacionário do universo, com a formação de nova matéria, por assim dizer, do nada e em ritmo tão lento, a ponto de tornar-se imperceptível e não poder ser registrada. - Segundo a "teoria de oscilação" a matéria se contrai, a exemplo de um músculo cardíaco, para, tornar a expandir-se. Este ritmo perdura por 60 bilhões de anos. Onde está a resposta certa?

Há deuses vermelhos, negros e brancos; divindades de orelhas oblíquas e olhos em forma de amêndoa, de barriga protuberante e cabeça redonda, de sangue negro e fisionomia de dragão. Há deuses que possuem aterrorizadoras armas de raios, usam brilhantes veículos celestes (de cromo); deuses macilentos, munidos de antenas; deidades que levam em suas coxas uma roda, que pairam sobre águas e nuvens, estão sentadas em posição de embrião no interior de uma esfera e montam em serpentes voadoras; outros atravessam o inferno, estão entronizados entre as estrelas, sobem ao Céu em colunas de nuvens, voam em *vimaanas* (sânscrito = aparelhos voadores) e desaparecem em "pérolas no firmamento". Há deuses ciumentos, invejosos, maldosos, ofendidos, belicosos.



O que significaria tudo isto? Seriam essas visões os produtos de alucinações, sofridas pelos povos que habitam o globo terrestre? Teriam a sua origem em anseios religiosos ou representariam apenas realidades mal-entendidas?

Carl Gustav Jung (1875-1961) interpreta as observações míticas dos povos primitivos como protótipo da evolução da consciência. Segundo esta teoria, o "inconsciente coletivo" é a expressão do bem e do mal, da alegria e do castigo, da vida e da morte. Confesso que, a este respeito, pouca coisa sei fazer da Psicologia. Bem que deva continuar em suas bem sucedidas pesquisas da psique - daí o seu nome - e lá aplicar os seus métodos, os quais, porém, não se aplicam quando se trata de realidades que exigem uma interpretação exata. Para mim, os

mitos representam as tradições mais antigas da história da humanidade e, portanto, são relatos de realidades, outrora existentes. Essas tradições produziram os fenômenos mais diversos. Há, por exemplo, a epopéia babilônica de Etana, em sua maior parte oriunda da célebre biblioteca do rei Assurbanipal (669-626 a.C.), que abrange milhares de lápides de argila. A verdadeira origem dessa epopéia é desconhecida, embora alguns trechos já constem da Epopéia de Gilgamés, de data bem mais antiga, no idioma de Akkad. Os sumérios começaram a fazer a crônica do seu passado 2.300 anos antes da era cristã. De maneira semelhante a Enkidu, o herói da Epopéia de Gilgamés, que é levado sobre a Terra por um deus, também Etana paira bem no alto, nos ares. Seguem-se os trechos essenciais desse relato, tirados da Epopéia de Etana:

A águia fala para ele, Etana:
Meu amigo, quero levar-te para o Céu Anus,
Encosta o teu peito contra o meu peito,
Põe as tuas mãos sobre as minhas asas,
Os teus lados nos meus lados.

Quando já o havia levado durante algum tempo,
A águia fala para ele, Etana:
Olha, meu amigo, como ficou a Terra,
Olha o mar aos lados da montanha do mundo.
"Aqui, a Terra parece-se com uma montanha,
O mar tornou-se uma corrente de água."

Quando, de novo, o havia levado durante algum tempo,
A águia fala para ele, Etana:
Olha, meu amigo, como ficou a Terra.
"A Terra se parece com uma plantação de árvores."

A águia (deus) sobe com Etana para altitudes sempre maiores e continua dizendo ao filho da Terra que olhe para baixo e diga o que vê. Enfim, da Terra se vê "apenas tanto quanto se parece com uma choça" e o mar imenso diminui para "um quintal". É fascinante o último trecho dessa reportagem mais antiga do cosmo, dizendo:

Meu amigo, olha como ficou a Terra.

"A Terra diminuiu para um bolo e

O mar imenso parece do tamanho de uma cesta de pão."

E, por mais uma vez, a águia o levou para altitudes ainda maiores

E falou: Meu amigo, olha como a Terra *desapareceu*.

"Estou olhando como a Terra *desapareceu*

E os meus olhos não se deliciam mais com o mar imenso!"

Meu amigo, não quero subir ao céu,

Pára, a fim de que possa voltar à Terra."

Seria o caso de dar "interpretação psicológica" a essa reportagem de um vôo, descrevendo a Terra que se afasta?

Tenho certeza absoluta de que, por falta de uma definição mais concreta dos fenômenos voadores, nos mitos, o termo "deuses" não passa de sinônimo de cosmonautas. Por muitas e muitas vezes, os textos começam com as seguintes palavras: "Pega no buril e escreve" - ou "Olha bem o que te mostro e comunica-o aos teus irmãos e as tuas irmãs .

Nos primórdios da Antiguidade, o homem nada sabia fazer de tais relatos, destinados a gerações posteriores e, portanto, endereçados a nós! Por meio de nossas noções de vôo espacial, da atividade de satélites; podemos discernir os fatos constantes daqueles relatos. Sabemos de que maneira se nos apresenta o globo terrestre, visto de grandes altitudes. A alegoria do "mingau de farinha e do balde de

água", usada na Epopéia de Gilgamés para descrever a visão da Terra, a grande distância, bem ilustra o que foi visto pelos astronautas das eras pré-históricas. As verdades e realidades daqueles tempos remotíssimos passaram pelas lendas, pelos mitos e pelas escrituras sagradas. Cumpre-nos chegar ao cerne dessas tradições para, por fim, termos em mãos a verdadeira, a legítima história primitiva do homem. Todos nós deveríamos estar interessados neste saber, pois as perguntas "De onde viemos? - Para onde vamos?" comovem todos os povos do planeta Terra.

Na mitologia, o espaço cósmico está sendo "percorrido", desde milênios. Os nomes das constelações estelares das Duas Ursas, do Cisne, de Hércules, da Águia, da Serpente Aquática Setentrional e dos doze signos do zodíaco, têm a sua origem no terceiro milênio antes de Cristo.

Nos escritos de Homero (século VIII a.C.) Zeus (em latim = Júpiter) é o "arremessador de raios" e "dono do trovão mais estrondoso"; ele é o deus supremo dos céus. Também o deus nórdico, Thor, é o "dono do trovão". - Na civilização hindu, Rama e Bhima sobem para as montanhas das nuvens "com enormes estrondos e montados em um jato imenso". - Na lenda asteca, Mixcouatl, "a serpente trovejante das nuvens", desce para a Terra no quarto dia da Criação e lá gera filhos. - Até hoje, os índios canadenses falam em uma "ave-trovão" (= *thunderbird*), que visitou seus ancestrais na era primitiva e veio diretamente do Céu. E também Tane, o deus das lendas maoris, da Nova Zelândia, é um deus-trovão, que resolve suas lutas no cosmo mediante o "raio".

Segundo a tradição, na era primitiva, a concepção dos deuses dos nossos ancestrais teria sido condicionada aos fenômenos da Natureza, ou seja, às nuvens e aos raios, ao trovão e terremoto, às erupções vulcânicas, ao Sol e aos astros. Contudo, para mim, essa tese é desmentida pelas pinturas rupestres, deixadas por esses nossos

antepassados remotos e nas quais as divindades não representam fenômenos naturais estilizados, mas sim, seres bem semelhantes a um deus-homem. A que título os exegetas afirmam que Deus teria criado o homem "à sua imagem"? Se Deus e as deidades teriam sido "concebidos" (e representados) como fenômenos naturais, então, em sua ingenuidade, os nossos ancestrais não podiam julgar-se como sendo a imagem de Deus.

Acho que não eram os menos inteligentes entre os nossos ancestrais que, mestres na arte de escrever, milênios atrás, fizeram a crônica daquilo que viviam ou ouviam "em primeira mão". Todavia, é fato inegável que os mais antigos mitos e lendas da humanidade falam em deuses voadores, no firmamento. É outro fato que todos os relatos da Criação registram, em variações diversas, que o homem foi criado por deuses, provenientes do cosmo, depois de terem descido do Céu para a Terra. A Criação não era feita em casa.

Na lenda grega, Zeus deve lutar contra o dragão, Tifão, antes de inaugurar uma nova ordem universal. O deus da guerra, Ares (em latim = Marte), filho de Zeus, sempre se faz acompanhar por Fobos e Deimos (em grego = medo e terror). E mesmo a formosa Afrodite (em latim = Vênus), filha de Zeus, pode brindar Adônis, o filho de um rei, com sua beleza deslumbrante, "presa na cintura", somente depois de terminadas as lutas no cosmo. - Nas lendas dos mares do Sul, dos insulanos de Tawhaki, a linda virgem Hapai desce do Sétimo Céu para a Terra e lá passa suas noites com um "belo homem". Esse humano nada suspeita da procedência celeste da virgem, até ela engravidar.

Só na expectativa de tão auspicioso acontecimento, ela o informa de sua categoria de divindade e de sua procedência das estrelas. Aliás, o comportamento dos homens-deuses que chegam à Terra após as lutas no cosmo, é "natural" demais para que representassem a encarnação de fenômenos da Natureza.



2. Esta “figura masculina, desconhecida”, de barro cozido, tem 14 cm de altura e data do 4º. Milênio a.C., da época de Obed; encontra-se no museu de Bagdá. Chamam atenção os olhos parecidos com os de insetos, em flagrantes contrastes com as proporções realistas do corpo. Qual teria sido o modelo usado pelo artista que criou essa figura mitológica? Mesmo 4.000 anos antes de Cristo, jaquetas lembrando uniformes não eram nada comuns.



3



3 – Um querubim alado, em marfim. Semelhantes plásticas em marfim, freqüentemente com incrustações de ouro e pedras preciosas, foram achadas, às centenas, na região de Samaria e datadas de, no mínimo,

800 a.C.

4 – Esta figura de quatro asas, encomendada por Ciro, o Grande, (aproximadamente 600 a.C.) encontra-se perto de Persépolis. Com ela é atribuída ao soberano a faculdade de voar, embora nenhum contemporâneo jamais visse um homem voando.



5



6



7



8

5 – Um sinete cilíndrico do primeiro milênio a.C. Se o homem voador era coisa que, supostamente, não existiu naquela época, imaginar cavalos voando era então absurdo muito maior.

6 – Esfinge alada assíria (século VIII a.C.).

7 – Jóias como este berloque de ouro, acompanhavam as múmias egípcias em seus sarcófagos. A cabeça de um aviador, ostentando capacete e tendo por fundo duas asas, representa o símbolo eterno, além da morte, do perene anseio do homem de voar.

8 – Esses dois seres alados (com patas de leão) foram achados em Arslan Tash, na Síria.



9 – Esse ser feminino, cabeça de inseto e formas humanas, data do

quarto milênio a.C. (Museu Iraquiano, Bagdá). Nas mitologias e representações datando de tempos remotíssimos, sempre torna a surgir a estranha combinação de homem com animal



10

10 – Será que no segundo milênio a.C., as damas de Babilônia freqüentavam as praias no litoral do Golfo Pérsico, usando a moda dos dias atuais?



11, 12 – O monólito do “Dragão” em Villahermosa (México, bem como o relevo assírio de um “gênio alado” apresentam motivos idênticos: ambos os seres voam – um, montado no dragão, outro pela força de suas próprias asas e ambos levam apetrechos que lembram um cesto. Teria havido comunicação entre os respectivos artistas, que viviam separados por uma distância de 13.000 km, em linha aérea?



13 – Esta figura de prata, de 6 cm de altura, proveniente do País entre os Dois Rios (Mesopotâmia, segundo milênio a.C.), foi catalogada pela Arqueologia como “portadora de Oferenda”. A quem se destinou a oferenda? Será que seus trajes, salpicados de estrelas, constituiriam algum indício?

14 – Esta estela de pouco menos de 3 m de altura (Museu Britânico, Londres) representaria, supostamente, o rei Assurbanipal. – De maneira bastante curiosa, todos os reis assírios mostram o mesmo rosto esquematizado e sempre aparecem símbolos enigmáticos, pairando entre o Sol e a Lua.



15. Quando um ser alado necessita de um nome, os arqueólogos costumam chamá-lo, simplesmente, de “gênio”. Também este, como todos seus colegas, usa no pulso uma jóia que muito lembra um relógio. Será fácil reunir uma coleção de relógios de pulso, usados por gêmeos assírios.



Representações de deuses voadores, que vomitam fogo, aterrissam em nosso planeta e fecundam seres humanos, encheriam muitos volumes, já que, desde as épocas mais remotas, as divindades mitológicas tiveram a sua imagem reproduzida em pinturas ou desenhos na pedra. É incontável o número de reproduções de seres alados, segurando nas mãos dispositivos esquisitos. Nos sinetes cilíndricos de procedência suméria, assíria e babilônica, aparecem representações de sistemas solares alienígenas, com planetas. (Esses sinetes cilíndricos são de pedra dura ou semipreciosa; na Antiguidade eram usados pelos povos do Oriente para a autenticação de documentos.) Não acho nada surpreendente essas representações conferirem com os "códigos" nos textos antigos, já que têm a sua origem em *uma só* realidade.

A seguir, o relato da aterrissagem de uma nave espacial, que o cronista espanhol Pedro Simon incluiu em sua coleção de mitos dos *chibchas* (= seres humanos), habitando os planaltos da Cordilheira na Colômbia Oriental:

"Era de noite. Tampouco existia qualquer coisa no mundo. A luz estava encerrada dentro de "algo de casa" e de lá saiu. O "algo de casa" é Chiminigágua", que encerrou a luz, para que de lá saísse..."

Caracteres cuneiformes, dedicados a Rá, deus do Sol egípcio, dizem:

Tu te misturas entre as estrelas e a Lua. Tu puxas a nave de Áton no Céu e na Terra, como o fazem as estrelas infatigáveis e em contínuo movimento e as estrelas que não se põem no Pólo Norte.

A inscrição em uma pirâmide diz:

Tu és aquele que está à proa do Sol desde milhões de anos.

A seguir, relato do Livro dos Morros, coletânea de antigos textos egípcios, dando instruções para a vida após a morte:

Eu sou o grande deus que se auto-gera.

O poder oculto de meus nomes cria a ordem celeste dos deuses.

Os deuses não impedem os meus passos.

Sou o ontem. Conheço o amanhã.

A dura luta travada entre os deuses é feita segundo a minha vontade.

Uma das orações mais antigas do Livro dos Mortos, reza:

Ó ovo dos mundos, ouça-me!

Sou Hórus de milhões de anos!

Sou dono e mestre do trono.

Salvo do mal, atravesso os tempos e espaços que são infinitos.

Nos "Cânticos da Criação" do Rigveda, o mais antigo livro hindu, lê-se:

Não houve nem ser, nem não-ser, naquela época...
O vital, que estava encerrado no vazio,
O *Um*, nasceu pela força de um anseio ardente.
Quem o sabe por certo, quem o poderia anunciar aqui,
De onde se originaram, de onde proveio esta Criação?





17 – Estela da vitória do rei assírio Asarhaddon (681-669 a.C.). Acima dele, pairam diversos deuses mitológicos, inclusive um Sol alado, uma estrela de oito pontas e entre ambos um ser alado.

Mitos sumérios contam de deuses que passeavam pelo céu de barcas e navios de fogo, desceram para a Terra, fecundaram os humanos e voltaram para as estrelas. A tradição suméria sabe que os deuses trouxeram a escrita e a receita para a obtenção de metal. - Utu, o deus-Sol, Inanna, a deusa Vênus, e Enlil, o deus-ar, vieram do cosmo. Enlil

violentou a filha da Terra, Meslamtaea, e, de modo pouco elegante, derramou a semente divina no seu regaço. Nem todos os deuses passaram para a lenda como perfeitos cavalheiros...



18 Relevo em terracota de uma mulher babilônica do primeiro milênio a.C., usando blusa colante, bem na moda atual!

19 Deidade alada do primeiro milênio a.C. (Teli Halaf).

20 Relevo em alabastro de um rei, flanqueado por seres alados (século IX a.C.).

18 – Relevo em terracota de uma mulher babilônica do primeiro milênio a.C., usando blusa colante, bem na moda atual!

19 – Deidade alada do primeiro milênio a.C. (Teli Halaf).

20 – Relevo em alabastro de um rei flanqueado por seres alados

(século IX a.C.)



21



22

21 – Pássaro com cabeça humana e capacete; em cada asa leva uma figura sentada (Museu Britânico, Londres).

22 – Seres alados flanqueiam a “árvore da vida”. Será que nesta “árvore da vida” o geneticista não reconheceria uma representação esquemática? Quatro bases fundamentais (adenina, guanina, citosina e timina) produzem moléculas dos ácidos sacárico e fosfórico que, por sua vez, dão os aminoácidos. Uma coisa está certa: aqui não se trata

de uma “árvore” de procedência comum.

Na história suméria, as datações são inexatas, dão diferenças de alguns séculos. Presumivelmente, os sumérios vieram da Ásia Central, para a Mesopotâmia, por volta de 3.300 a.C.; naquelas eras remotas quando a Europa ainda estava em inícios da Idade da Pedra, os sumérios já desenvolveram uma escrita. Pode ser que precisavam de autos e contas autenticadas para a administração dos bens acumulados nos seus templos. Com o disco de oleiro, movido a mão, surgiu a cerâmica; a técnica da perfuração da pedra promoveu o comércio de armas. Em cerca de 3.000 a.C. os sumérios inteligentes inventaram a arte de fazer sinetes cilíndricos; eram peças de 1 a 6 cm de comprimento e, devido a seu elevado valor, seus donos costumavam prendê-los no colar que usavam, como enfeite, no pescoço. Esses sinetes cilíndricos serviam para decorar receptáculos de barro, autenticar documentos ou passar recibos de arrecadações efetuadas pelo templo, então o órgão coletor de contribuições e taxas. Os sinetes cilíndricos sempre receberam acabamento esmerado, altamente artístico; os mais antigos desses achados mostram figuras e símbolos mitológicos; homens-pássaros, animais de fábulas e esferas no céu eram então os motivos preferidos. Diz-se que tais representações seriam abstrações. Pergunto-me se os sumérios iniciaram sua atividade artística com abstrações, visto que a abstração é considerada como uma fase bastante adiantada. O deus Shamash foi representado com tochas acesas nas costas e segurando na mão um objeto esquisito; em sua frente, uma estrela cintila e dela sai uma linha reta para baixo (para a Terra?). Shamash está com um pé sobre uma nuvem e outro sobre uma montanha, flanqueado por duas colunas estranhas, em cujo topo pequenos animais montam guarda. - No Museu Britânico, em Londres, há um sinete cilíndrico que foi chamado

de "A Tentação"; nele duas figuras vestidas estão sentadas uma em frente da outra e, da cabeça de uma das figuras, saem cornos em forma de antenas; entre ambas há uma árvore estilizada, com galhos, e aos pés do tronco há uma serpente, em contorções. Por que "A Tentação"? Ter-se-ia pensado na tentação no paraíso, quando se deu o nome àquele sinete cilíndrico? Tal conotação careceria de todo sentido, já que este sinete cilíndrico é bem mais antigo do que o Primeiro Livro de Moisés. Tenho coragem bastante para ver naquilo outro "pecado original", a saber, um deus (= astronauta) transmite ensinamentos a um discípulo; quiçá explique como pode ser contactado a toda hora, mediante a antena de alta frequência? Damos aqui ilustrações de sinetes cilíndricos, datando de épocas sumérias e babilônicas, os quais convidam à meditação e comparação.

"...e começaram a fazer esta obra e não desistirão do seu intento, até que a tenham de todo executado." (Gen. 11,6)

Até que em novembro de 1952, os EUA fizessem explodir a sua primeira bomba de hidrogênio, na região das Ilhas Marshall, seus inventores trabalhavam em absoluto sigilo, detrás de cercas de arame farpado. De forma análoga, trabalha-se agora nos laboratórios biológicos, pesquisando a evolução biogenética e os fatores hereditários, pois a futura bomba de hidrogênio deverá chamar-se "código genético". Um vírus artificialmente criado e lançado ao ar, por uma organização terrorista, poderia provocar o fim da humanidade. Quando, em 1969, voltaram à Terra os primeiros astronautas a pisarem no solo da Lua, ficaram três semanas de quarentena, pois houve o receio de trazerem algum vírus extraterrestre, desconhecido, que não encontraria anticorpos no organismo humano. Acontece, porém, que, hoje em dia, já se produzem vírus sintéticos!



23



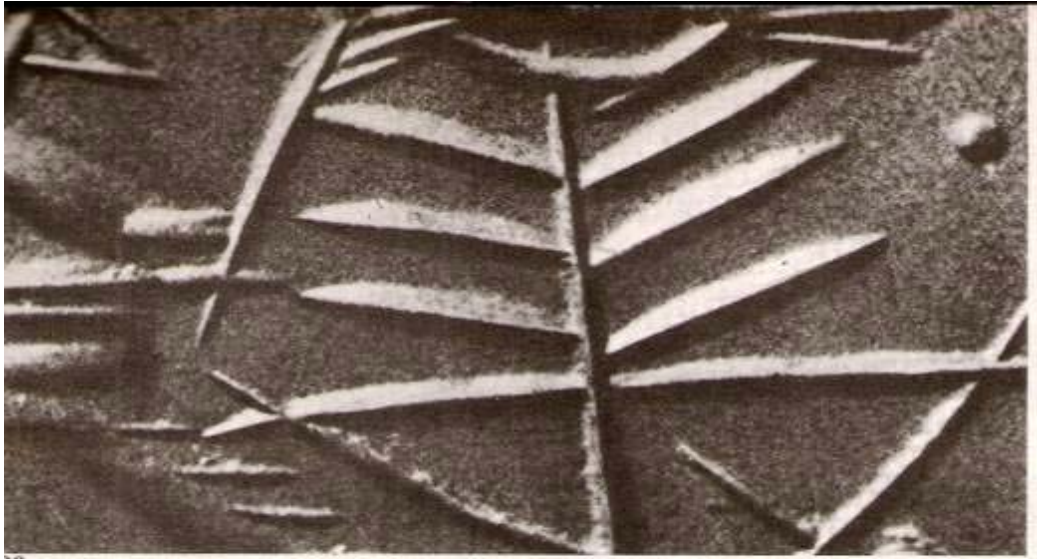
24



25

23 a 25 - Sinetes cilíndricos; porventura seriam abstrações essas figuras mostrando seres alados, estrelas e esferas?

23 a 25 – Sinetes cilíndricos; porventura seriam abstrações essas figuras mostrando seres alados, estrelas e esferas?



26



27



28



29



30



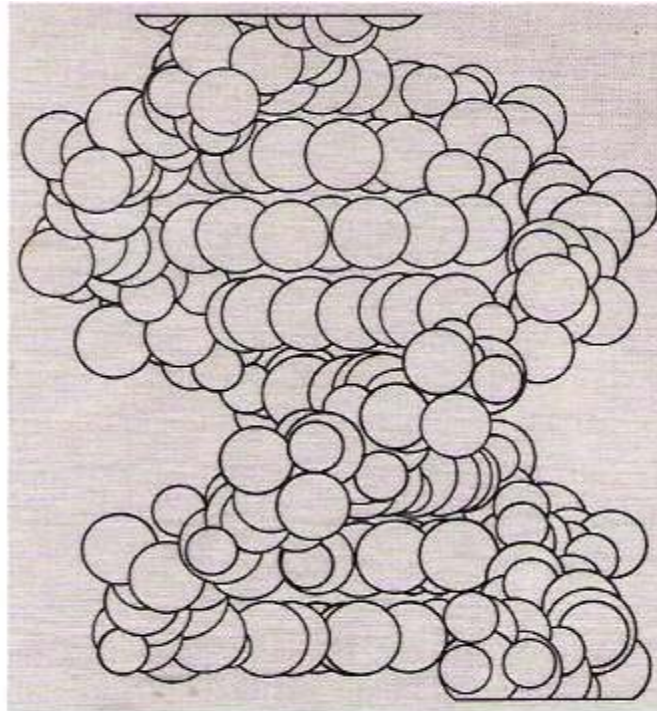
31

26 a 31 – Sinetes cilíndricos; esses monumentos, em tamanho pequeno, que são os primeiros da humanidade, representam documentos impressionantes das recordações de visitas de deuses do Cosmo. Até agora, não há interpretações aceitáveis, que ultrapassariam a síndrome das “figuras mitológicas”, embora as peças mostrem, clara e inequivocadamente, atributos espaciais, tais como sistemas planetários, esferas aladas, figuras flutuando no espaço e

isentas das leis da gravidade, bem como dispositivos que sugerem um cunho técnico.

Em 1965, o professor Sol Spiegelmann da Universidade de Illinois, EUA, isolou o vírus Phi-Beta, feito que a Natureza não consegue igualar, porque o vírus natural tem por característica a auto-reprodução. Já em 1967, cientistas da Universidade de Stanford, Palo Alto, Califórnia, EUA, lograram sintetizar o núcleo biologicamente ativo de um vírus. Tomando por modelo o padrão genético do vírus Phi X 174, construíram, de elementos nucleares, uma daquelas moléculas-gigantes que controla todos os processos vitais, o ADN (ácido desoxirribonucléico). Os cientistas em Palo Alto converteram núcleos de vírus sintéticos em células-hóspedes; os vírus sintéticos lá evoluíram da mesma forma que os naturais, fazendo as células-hóspedes gerar milhões de novos vírus. Entrementes, o Professor Arthur Kornberg, prêmio Nobel, logrou decifrar milhares de combinações do código genético para o vírus Phi X 174. E, por outra, segundo a definição clássica, um vírus não é um "organismo vivo", já que não apresenta a sua característica, que é o metabolismo, a evolução. Um vírus não come e não elimina; como parasita, multiplica-se em células alienígenas, mediante a reprodução. Seria o caso de dar um graças a Deus pelo fato de o homem não ser capaz de criar vida artificial! Estamos enganados. Em maio de 1970, Har Gobind Khorana, prêmio Nobel, da Universidade de Wisconsin, EUA, anunciou à *Federation of American Societies for Experimental Biology* que conseguira produzir um *gene*, portador informacional de toda a hereditariedade. Na época, seu colega Salvador E. Luria fez o seguinte comentário: "Ao menos em princípio, o homem sob medida tornou-se uma possibilidade, bem antes do que pensávamos". Seria possível produzir seres humanos sob medida?

Desde meados do século XIX, sabemos que a célula é portadora de todas as funções vitais. As células reproduzem-se, por bilhões de vezes, pela divisão celular; todas elas são elementos estruturais dos organismos. Se é que se queira transformar o organismo, é preciso começar com o menor de seus elementos estruturais, a célula. A partir desse ponto, evoluíram todas as grandes descobertas biológicas dos tempos modernos. Foi somente com o auxílio do microscópio eletrônico que se abriu o mundo fabuloso da célula. Para cada espécie de ser vivo, foram descobertos determinado número e determinada forma de cromossomos, segmentos do filamento cromático na massa do núcleo celular. Nos genes encerrados nos cromossomos estão programadas as características hereditárias. Mas, como é feito tal gene?



32

Os doutores James D. Watson, Francis H. C. Crick e Maurice H. F. Wilkins receberam o prêmio Nobel de 1962 pela resposta que deram a

essa pergunta. Esses três cientistas provaram que, dentro de cada gene, as moléculas assumem a forma de uma espiral dupla, que, entretanto, chegou a ser conhecida em todo o mundo como hélice dupla. A hélice dupla ADN (ácido desoxirribonucléico) é constituída por moléculas de ácido sacárico e fosfórico; a molécula sacárica tem quatro bases fundamentais, a saber: Adenina, guanina, citosina, timina. Watson e seus colaboradores descobriram que o ADN encerra a seqüência das quatro bases fundamentais, desde que as moléculas sacáricas e fosfóricas evoluem, em determinada seqüência, dessas bases fundamentais.- A seqüência variável determina a ordem dos 20 a 30 aminoácidos, dentro de uma molécula de albumina. Daí a dedução lógica: a fim de transformar a constituição de um ser vivo, deve ser transformada a seqüência das bases fundamentais no ADN. A dedução em si é fácil, no entanto, a manipulação é incrivelmente complicada. Uma macromolécula ADN (um gene fator hereditário) é constituída por muitos milhares de nucleótidos. (Um nucleótido evolui de uma das quatro bases fundamentais, junto com moléculas sacáricas e fosfóricas.) Uma só célula germinativa contém uns mil milhões de pares bases de nucleótidos, distribuídos em 46 cromossomos. Com tantas e tão infinitas possibilidades de variação, parece quase impossível não apenas decifrar, mas ainda manipular as informações (hereditárias) programadas no gene. Apesar disto, tenho a certeza de que, já nesses próximos anos, os geneticistas moleculares, que hoje trabalham com o mesmo ardor com que trabalhavam os inventores da bomba de hidrogênio, terão encontrado o código genético para a transformação de simples formas de vida. O Professor Marshall W. Nirenberg, do *National Institute of Health*, EUA, cuja colaboração é decisiva na descoberta do código genético, tem a firme convicção de que, nesses próximos vinte anos, será possível programar células com sintéticas informações genéticas. Aliás, vivemos na era do computador, portanto o cérebro eletrônico pode equacionar em pouquíssimo tempo

os milhões e milhões de problemas aritméticos, exigidos pela pesquisa da genética molecular.

O que tem a ver com o *meu* mundo esta breve excursão na genética molecular? Muito, muito mesmo. Gostaria de fazer compreender a seguinte conexão transversal: chegarei o dia em que será possível manipular os fatores hereditários (também conosco), pois, para tanto, a pesquisa de base já forneceu a devida prova. Assim sendo, por que não seria possível para uma inteligência extraterrestre, superior à nossa civilização em milhares de anos de pesquisas e estudos, dispor de saber muito mais avançado do que o nosso, também no campo da genética molecular? Faço questão de, inclusive neste ponto, contestar a pretensão do humano (terrestre), que se julga o coroamento da Criação. Se, no entanto, cosmonautas alienígenas dispunham de um saber que somente agora o terrestre está para adquirir, então, tinham condições de tornar inteligentes os nossos antepassados remotos, ao manipular o código genético. Admito que, *por enquanto*, não passa de mera especulação a minha tese de os hominídeos terem ficado inteligentes, mediante a manipulação artificial do código genético. *De repente*, os novos homens, assim manipulados, ficaram inteligentes e dotados de consciência, adquiriram a faculdade da memória e a compreensão das artes manuais e da técnica, ao invés de receberem esses dotes todos no decurso do ato da Criação. Sob este ponto de vista, os sinetes cilíndricos dos sumérios, que representam a árvore da vida, oferecem um novo aspecto: não revelariam marcada semelhança com a hélice dupla?

O que aconteceria em um planeta cujos habitantes ignorassem todo progresso técnico, quando lá aterrissasse uma espaçonave? Qual seria a reação dos lavradores e soldados, diante de fenômeno tão aterrorizador? Como reagiriam os sacerdotes, os escribas e reis - ou quem quer que fizesse parte da elite daquele planeta?

Aconteceu algo de monstruoso. O céu abriu-se. Com ruídos e

estrandos ensurdecedores, um raio cintilante trouxe de lá uma casa cheia de luz, com seres estranhos que eram deuses, como nem podiam deixar de ser. Em estado de choque e pânico, os "indígenas" observam de seus esconderijos seguros os recém-chegados, em suas roupas estranhas. Apenas conhecem a luz de suas fogueiras, lamparinas e tachas. Aqui e agora, diante dos seus olhos deslumbrados, a noite fica clara, mais clara do que o dia; os alienígenas dispõem de sóis divinos (enquanto os cosmonautas instalam um grupo de holofotes). Vêem como os forasteiros fazem a Terra abrir-se, portanto devem dispor de forças divinas (enquanto procedem a uma dinamitação, em busca das riquezas do solo em que acabaram de pisar). E os visitantes não convidados até lançam raios (manipulando um raio laser). Agora, mal acreditam no que vêem diante dos olhos, sob um ruído estrondoso, uma verdadeira nave celeste decola, flutua sobre colinas e águas e desaparece nas nuvens (um helicóptero levanta vôo). Ouvem uma voz imponente, altiva, que ressoa sobre a Terra como a voz de Deus (ordens do comandante, transmitidas pelo alto-falante). São essas as impressões recebidas por planetários que nada conhecem de técnica. É lógico que contam para os outros o que viram e ouviram e seus escribas registram os acontecimentos, que, em suas crônicas, enfeitam com arabescos de matizes religiosos. Passam-se milênios. Depois, sábios descobrem aqueles escritos antiqüíssimos. Não entendem os fenômenos aí descritos: sóis divinos, raios que abrem e espalham a Terra, naves celestes - o que serão? Os ancestrais devem ter experimentado alucinações, visões estranhas. Desde que não pode ser o que não deve ser, mas, em todo caso, cumpre enquadrar os relatos em um sistema estabelecido, convencional e recorre-se à fantasia mais temerária, a fim de tornar plausíveis essas "aparições" incômodas, ao ponto de o mundo nelas poder "acreditar". Lança-se mão de religiões, cultos e ideogramas que são até inventados, quando os já existentes

não fornecem o número de série adequado à sua devida catalogação. Quando, enfim, os textos antigos acabam por ser enquadrados, exige-se "fé" em suas interpretações. Qualquer dúvida equivale à heresia. A meu ver, tal procedimento encerra o ditame: "É expressamente proibido pensar!"

Se podemos dar crédito aos redatores do Velho Testamento, a história terrível aconteceu no ano de 592 a.C. e foi transmitida pelo profeta Ezequiel (tornou-se um dos principais argumentos que cito a favor de minhas teses). Diz Ezequiel:

No ano trigésimo, no quarto mês, a cinco do mês, aconteceu que, estando no meio dos cativos, junto ao Rio Cobar, se abriram os céus e tive visões divinas ... Vi e eis que vinha do lado do aquilão um torvelinho de vento, uma grande nuvem, um globo de fogo e, à roda dela, um resplendor. No meio dele, isto é, no meio do fogo, uma espécie de metal brilhante. No meio deste mesmo fogo, aparecia uma semelhança de quatro animais, cujo aspecto tinha a semelhança do homem. Cada um tinha quatro rostos e cada um quatro asas. Os seus pés eram pés direitos, a planta dos pés era como a planta do pé de um novilho e cintilavam como cobre incandescente... O aspecto desses animais parecia-se com carvões ardentes e com lâmpadas. Via-se discorrer pelo meio dos animais um resplendor de fogo e sair relâmpagos de fogo... E, enquanto eu estava olhando para esses animais, apareceu junto de cada um deles uma roda sobre a Terra, a qual tinha quatro faces. O aspecto das rodas e a sua estrutura era como a cor do mar; todas quatro eram semelhantes; o seu aspecto e estrutura eram como de uma roda que está no meio de outra roda. Avançando, iam pelos seus quatro lados e não se voltavam quando iam rodando. Tinham também estas rodas uma grandeza, uma altura e um aspecto horrível; todo o corpo das quatro rodas estava cheio de olhos ao redor. Quando os animais andavam, andavam também as rodas junto deles, quando os animais se elevavam da terra, também as rodas se elevavam juntamente... Eu ouvi o ruído das suas asas, como o ruído de muitas águas, como a voz do Deus altíssimo. Quando andavam, o ruído era como o de uma multidão, como o ruído de um exército... Sobre este firmamento que ficava iminente às suas cabeças,

havia uma semelhança de trono de safira e sobre esta semelhança de trono havia uma semelhança de homem assentado... (Ez. 1, 1 - 26).



33



34

33 e 34 – Seria fácil compor um livro interessante, contendo somente figuras de sinetes cilíndricos. Nestas poucas páginas posso dar aos meus leitores apenas uma idéia da uniformidade quase compulsória dos motivos. Gostaria de fazer uma sugestão: um professor de Bioquímica dê, como assunto de dissertação, a pesquisa dos motivos representados nos sinetes cilíndricos para um estudante que tenha também formação técnica!



35



36



37



38



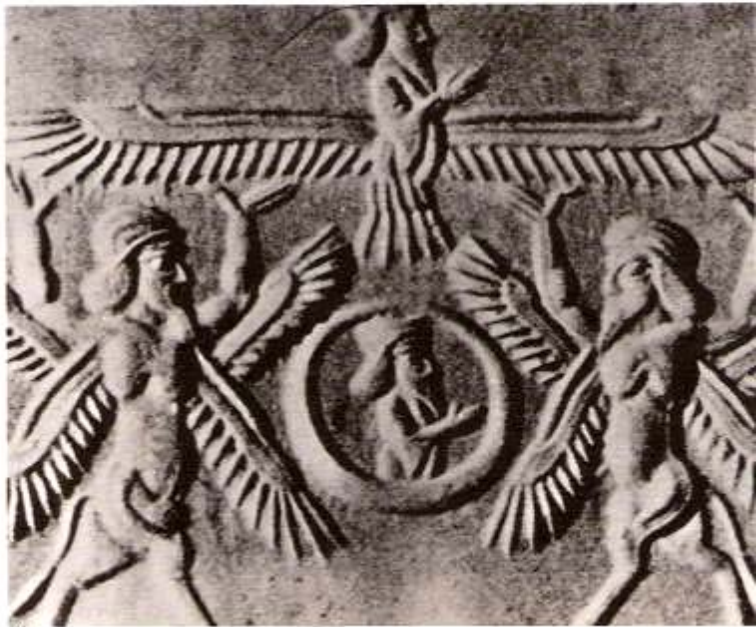
39



40



41



42



43

44 Deuses a bordo de uma "máquina voadora", acima da árvore da vida e a meia-lua. Não existe explicação aceitável para o objeto semelhante a foguete, no canto esquerdo da foto, nem para as esferas flutuantes.



44

44 – Deuses a bordo de uma “máquina voadora”, acima da árvore da vida e a meia-lua. Não existe explicação aceitável para o objeto semelhante a foguete, no canto esquerdo da foto, nem para as esferas flutuantes.



45 – Deidades aladas da mitologia, acima delas, um engenho para voar, com esferas. De onde tiraram seus modelos os artistas destes monumentos, de tamanho mínimo? (Museu Britânico, Londres)

Cinco anos atrás, dei a este texto de Ezequiel uma interpretação técnica e a meu ver - portanto, realista: Ezequiel viu e descreveu uma espaçonave com a sua tripulação. Por causa dessas minhas pretensões fui ridicularizado. Não me deixei impressionar e, em "DE VOLTA ÀS ESTRELAS", retomei o assunto e citei mais outros trechos do livro do profeta. Os ataques do lado religioso tiveram a colaboração de alguns jornalistas que, decerto, nem se deram conta da influência sob a qual estavam laborando. Em sua obra "ZUROCK VON DEN STERNEN" - De Volta das Estrelas - o teólogo suíço Prof. Othmar Keel, da Universidade de Friburgo, opinou que minhas interpretações careciam de toda base e, no melhor estilo da escola antiga, achou que:

dos especialistas na matéria, elas mereciam apenas um sorriso de compaixão. E, contudo, nem há concordância entre os especialistas quanto à exegese dos fenômenos de fumaça, tremor de terra, fogo, relâmpago, trovão e trono, mencionados nos livros do Velho Testamento, mas há concordância, sim, e plena, quanto à rejeição de sua interpretação técnica. O Prof. Keel entende as "aparições" como ideogramas, enquanto o Prof. Lindborg concebe os mesmos fenômenos como sensações alucinatórias. O Dr. A. Guillaume interpreta as aparições de deuses como fenômenos naturais, ao passo que seu colega, o Dr. W. Beyerlein, prefere concebê-los como partes rituais do culto de festas israelenses. Somente o Dr. Fritz Dummermuth concede na *Zeitschrift der theologischen Fakultät Basel* - Revista da Faculdade Teológica de Basileia, que: "Os relatos em questão, observados mais de perto, mal podem ser confundidos com fenômenos da Natureza, seja de ordem meteorológica, seja vulcânica" e observa que "está na hora de atacar as coisas sob um novo ponto de vista, e que a pesquisa bíblica deve prosseguir".

Agora posso dar mais outro passo provocador e afirmar que, em futuro próximo, os estudos bíblicos tradicionais nada mais terão a ver com a interpretação de Ezequiel. Também o Velho Testamento, a exemplo de outros livros sagrados, fala de muitos acontecimentos que são do âmbito da técnica. Sempre e em toda parte quando "Deus" ou "deuses" aparecem de forma real em meio de um ambiente real, fazem-se acompanhar de fogo, fumaça, tremor de terra, luz e ruídos. Quanto a mim, não posso imaginar que Deus, grande e onipotente, necessite de qualquer veículo para a sua locomoção. Deus é inconcebível, infinito, fora do tempo, todo-poderoso. Aliás, Deus onisciente sabia que os fenômenos descritos e transmitidos nos textos seriam interpretados pelos filhos do século XX com base no saber contemporâneo. Deus todo-poderoso está fora do tempo. Ele não conhece o ontem, o hoje ou o amanhã. Considero como blasfêmia a suposição de o Deus

verdadeiro dever aguardar pelo resultado de uma operação por Ele próprio iniciada, ou permitir que tal resultado sofra interpretação errônea. Desde sempre, *Deus* conheceu a interpretação a ser dada aos textos tradicionais em um futuro distante, ou seja, agora, por nós. Pois bem, o profeta Ezequiel viu e descreveu uma espaçonave. Como o comandante e seu pessoal técnico de terra falaram a língua do profeta - do contrário, ele não teria compreendido as suas palavras - pela lógica, deve-se admitir que dedicaram certo tempo à observação dos habitantes da região e ao estudo do seu idioma e dos seus costumes. Somente após os devidos preparos entraram em contato com Ezequiel. Segundo o Velho Testamento, a convivência e as descrições de tudo que se passou abrangem o período de vinte anos, ao todo. Ezequiel era um cronista atento. Ficou impressionado com o brilho do metal, com as pernas da cápsula de aterrissagem, com o radiador de refrigeração do reator nuclear; a roupa cintilante do comandante lhe parecia "uma espécie de metal brilhante"; comparou as lâminas do rotor do helicóptero com "animais"; achou desconcertante a observação de que as rodas do veículo iam pelos seus quatro lados e não se voltavam quando iam rodando". Por várias vezes, Ezequiel procurou palavras para definir o ruído ligado à "aparição"; como não podia conceber ruído mais intenso, lançou mão de metáforas, tais como: "...o ruído de muitas águas", o ruído era como o de um exército". Se Ezequiel tivesse tido uma sensação alucinatória, conforme se alega, não teria sido necessário dar-se ao trabalho de encontrar palavras e imagens para descrever aquele ruído inconcebível. Pelo que eu saiba, alucinações não costumam ser acompanhadas de ruídos e nem produzem poluição sonora. Este fato, por si só, deveria ter feito pensar os exegetas da escola antiga; ademais, deveriam ter reparado no fato de ser descrito, e com detalhes exatos, um processo técnico, a saber:

...quando os animais andavam, andavam também as rodas junto deles,

quando os animais se elevavam da terra, também as rodas se elevavam juntamente.”

Um "milagre"? Não é milagre algum quando o helicóptero levanta vôo e leva consigo as suas rodas, pois aí dificilmente poderiam permanecer no chão!

Já o disse: a minha interpretação dos textos de Ezequiel tornou-se peça essencial, parte integrante dos indícios nos quais se baseia a minha argumentação. O engenheiro Josef F. Blumrich, chefe do Departamento de Projeção de Construção da NASA, Huntsville, Alabama, E.U.A, detentor de numerosas patentes para a construção de foguetes-gigantes, agraciado com a medalha "*Excepcional Service*" - Serviços Excepcionais - da NASA, autor da obra "E ENTÃO O CÉU ABRIU-SE", forneceu nesse livro a prova técnica da existência das naves espaciais do profeta Ezequiel, que autenticou com seus conhecimentos das mais avançadas técnicas aeronáuticas. No prefácio do livro, que impressiona por sua análise exata e sóbria dos textos bíblicos, o autor diz que, de início, queria desmentir as afirmações feitas no meu livro "ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?", mas, com o aprofundado e prolongado estudo dos textos, teve de desistir do seu propósito, pois sofreu uma "derrota", pela qual, no entanto, foi amplamente compensado, já que era fascinante e, para ele, se constituiu em motivo de alegria...

A quintessência das pesquisas de Blumrich, engenheiro da NASA, revela o seguinte:

"Os resultados obtidos mostram-nos uma espaçonave que, além de tecnicamente viável, é muito bem projetada nas funções exigidas por sua missão. Surpreende-nos o progresso técnico, que de nenhuma maneira é fantasioso, mas antes, mesmo em caso extremo, quase se enquadra no âmbito de nossas possibilidades atuais; todavia, revela-se como um pouco adiantado em relação ao do nosso tempo. Outrossim,

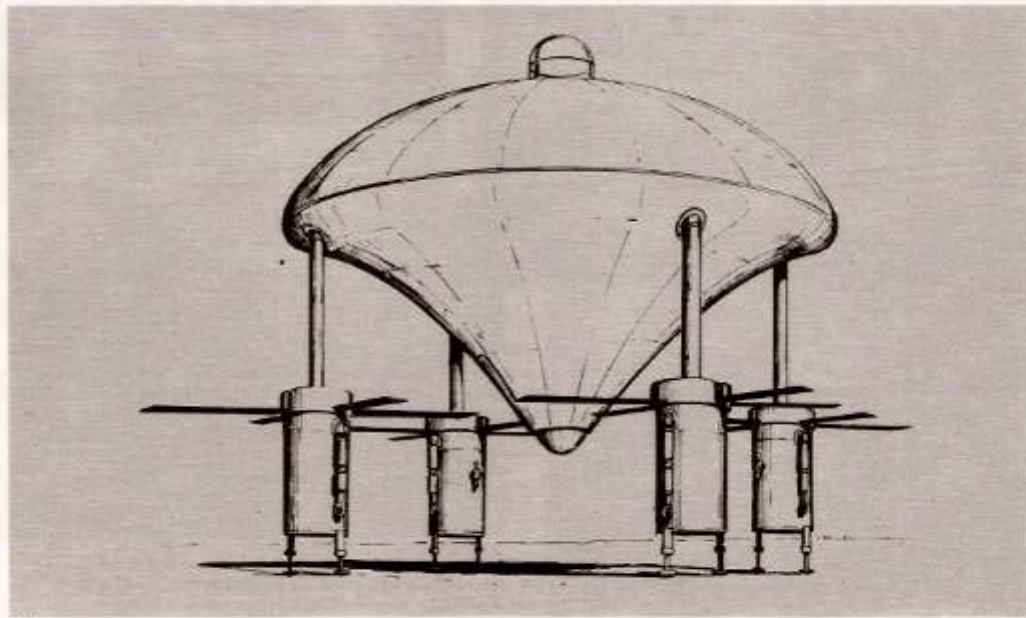
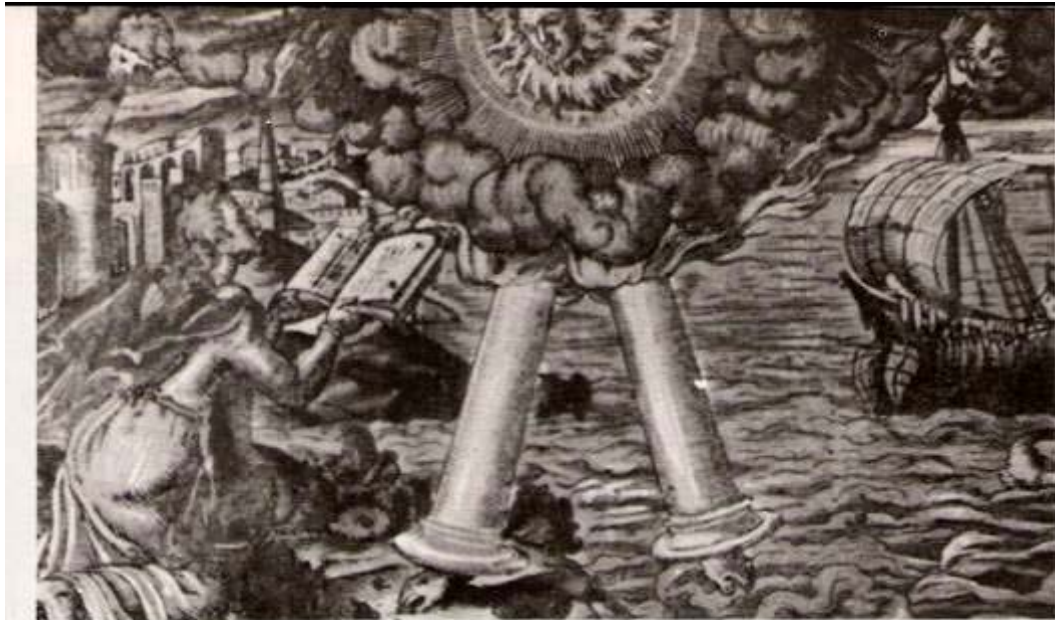
os resultados indicam que se tratava de uma nave espacial, lançada de uma estação espacial em órbita da Terra, O único ponto que continua sendo fantástico é o de tal espaçonave ter sido uma realidade palpável, há mais de 2.500 anos atrás”.

Conforme escreveu Blumrich, a chave da elucidação do relato de Ezequiel estava na análise muito cuidadosa das diversas peças da espaçonave, que foram descritas por Ezequiel, e de suas funções, sob o ponto de vista dos atuais conhecimentos da técnica de foguetes e naves espaciais. Em absoluto, não pretendo censurar os exegetas do Velho Testamento por não saberem fazer cálculos, nem (re-)construções técnicas, mas acho que não deviam negar os novos conhecimentos técnicos e insistir em promulgar teses ultrapassadas como ditames científicos. Aliás, Blumrich tem toda razão quando exige a colaboração de técnicos na apreciação e análise de construções ou formações estruturais. Compete à ciência tratar das questões dos limites da viabilidade. Os assuntos dentro desses limites são da alçada do técnico, em especial do construtor, por ser ele a pessoa capaz de projetar as formas de execução das construções, mesmo das mais avançadas, bem como evoluir e executar as condições e os motivos de sua configuração. "Portanto, é o construtor o melhor indicado para deduzir pela utilização e finalidade de uma construção, mediante a análise do seu aspecto."

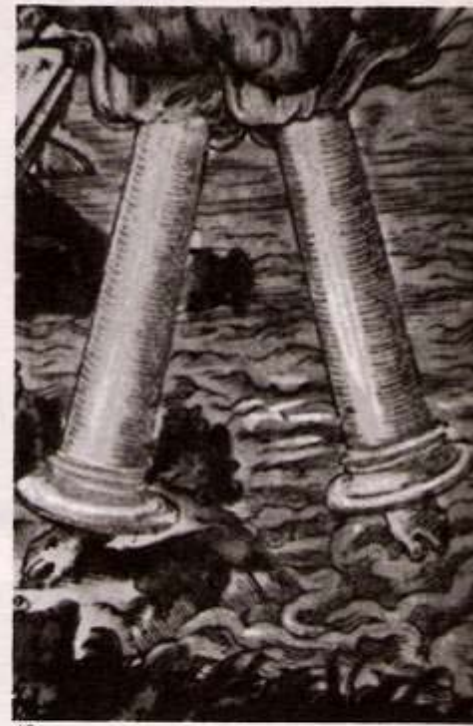
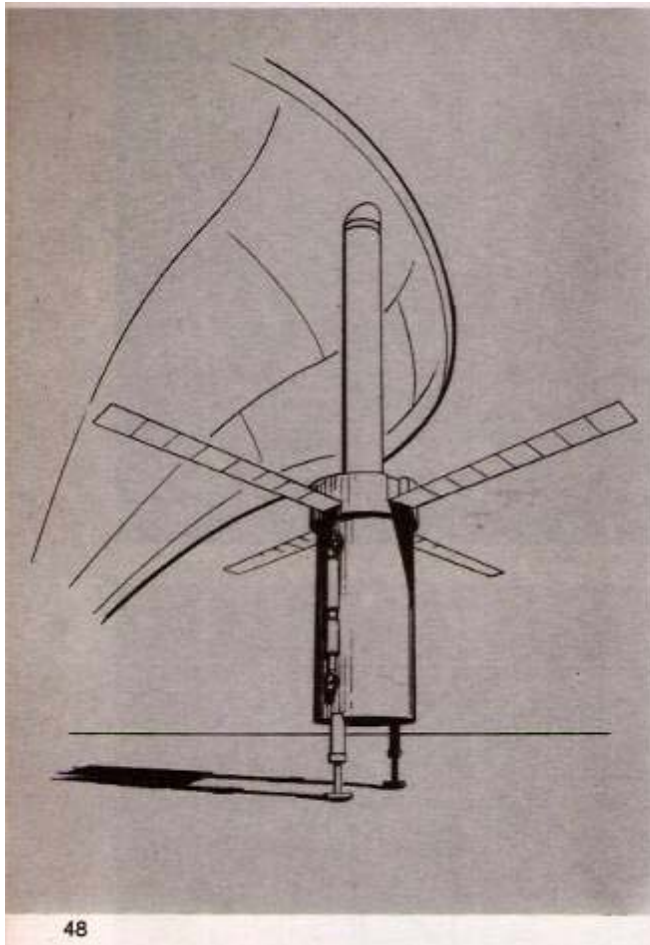
Assim sendo, o engenheiro Blumrich escreve:

"É possível depreender do seu relato o aspecto geral da nave espacial, descrita por Ezequiel. Feito isto e independentemente da crônica de Ezequiel, o técnico pode então recalcular e reconstruir um engenho voador com tais características. Quando, em seguida, se chega então à conclusão de o resultado não ser apenas tecnicamente viável, mas ainda, e sob todos os pontos de vista, muito bem pensado e projetado e, ademais, o relato de Ezequiel fornecer detalhes e processos que confirmam o resultado da análise técnica, neste caso somente se

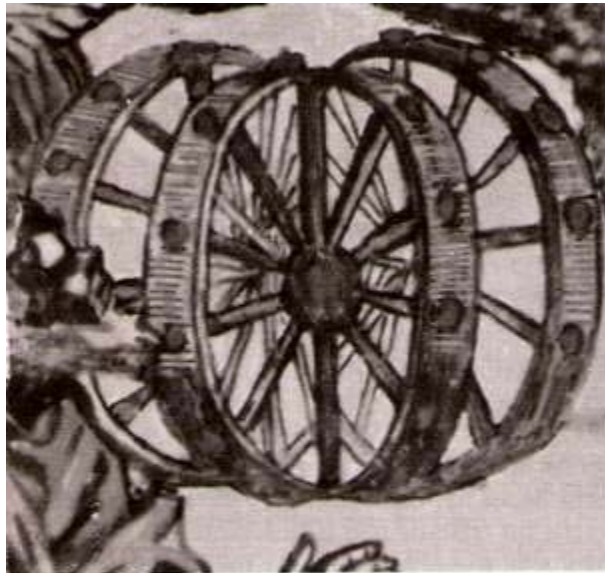
poderá falar de indícios. Achei que a nave espacial de Ezequiel apresenta dimensões bastante plausíveis.”



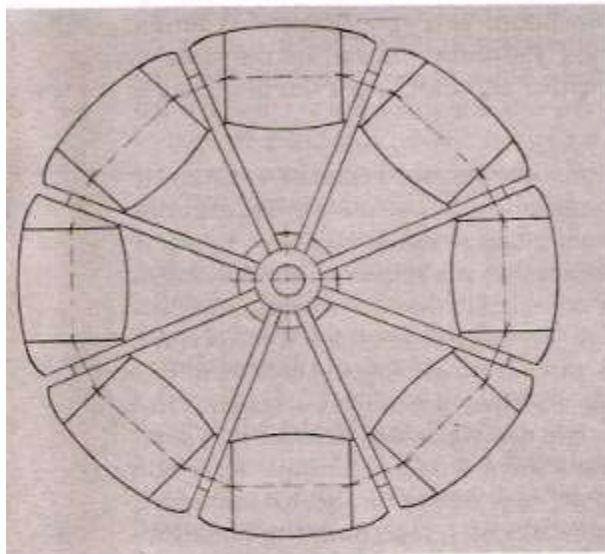
46 e 47 – A contradição nessas duas figuras é apenas aparente; a ilustração tirada de uma antiga Bíblia dá uma idéia fantástica e não técnica das “aparições” visionadas por Ezequiel, enquanto o técnico da NASA, engenheiro Josef F. Blumrich, reproduz as descrições dadas por Ezequiel segundo normas técnicas.



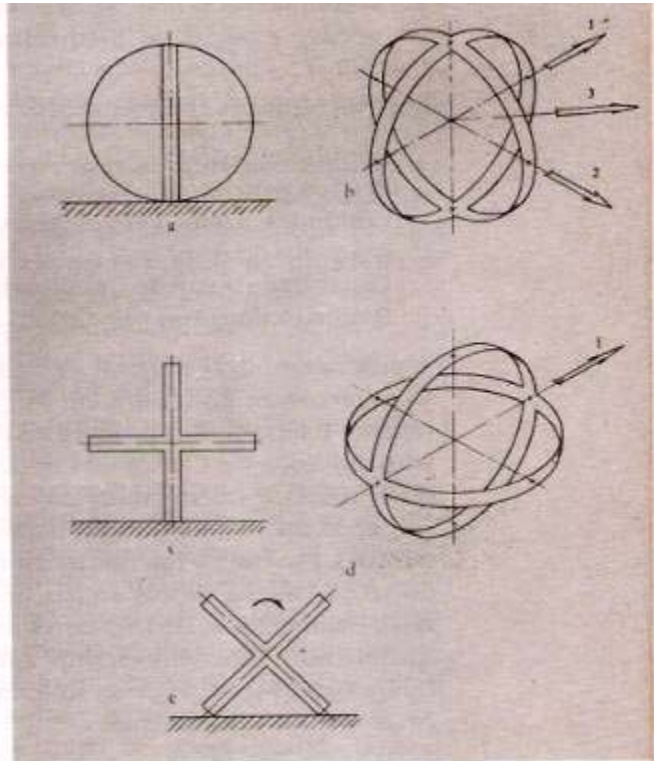
48 e 49 – “...os pés eram pés direitos... cintilavam como cobre incandescente”, relatou o profeta Ezequiel. Na reprodução técnica, esses pés direitos transformam-se em pés de molas hidráulicas, sobre superfícies de apoio, para garantir a correta e eqüitativa distribuição da carga. Conhecemos tais pés de aterragem dos módulos lunares, usados nas missões “Apolo”.



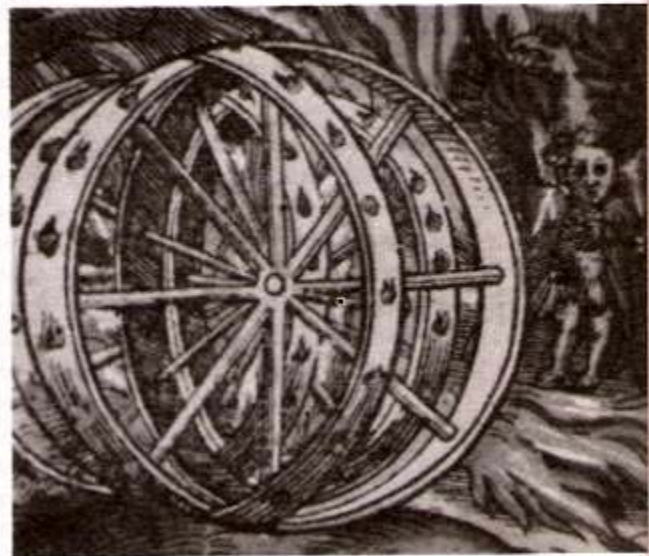
50



52



51



53

50 a 53 – “...o seu aspecto e sua estrutura eram como de uma roda que está no meio de outra roda”. Quando o perito da NASA, engenheiro Blumrich, estudou os dados fornecidos por Ezequiel, verificou que encerram uma solução técnica bastante prática, a saber: a roda está subdividida em diversos segmentos e cada segmento, por si só, termina em um eixo pequeno. Como cada eixo gira tanto para a

esquerda, como para a direita, esta construção permite manobrabilidade até em ângulo reto; e como somente um segmento por vez toca no solo, o comandante pode movimentar as rodas não apenas para a frente e para trás, mas, igualmente, para os lados

E são as seguintes as dimensões da espaço nave descrita por Ezequiel:

Impulso específico.....	Isp = 2.080 seg.
Peso da nave.....	Wo = 63.300 kg
Combustível para o vôo de regresso.....	W9 = 36.700 kg
Diâmetro do rotor.....	Dr = 18 m
Capacidade (total) do impulso do rotor.....	N = 70.000 HP
Diâmetro do corpo principal.....	D = 18 m

A prática de julgar a moral e os costumes, conforme era exercida pelos censores romanos, instituídos em 440 a.C., tornou-se tradicional com as comunidades religiosas dos primórdios da era cristã. Eles não permitiram que fossem incluídos no Livro dos Livros *todos* os manuscritos existentes. Teólogos experimentados bem sabem da existência de apócrifos (termo grego = escritos falsos ou secretos), suplementos judeus ou cristãos não incluídos no Cânon das Escrituras autênticas, assim como de pseudógrafos, escritos judeus do século antes e depois do nascimento de Cristo, que pretendem ser do Velho Testamento, mas deixaram de ser incluídos pela Igreja, tanto na Bíblia, quanto no Cânon dos escritos apócrifos. Presumivelmente, os censores da Bíblia não os consideravam suficientemente "sagrados" para serem incluídos em *nosso* Velho Testamento.

Uma das partes da Bíblia que nos foi vedada é o Livro de Enoque (hebraico = o iniciado). Depois de Moisés, um dos patriarcas bíblicos antediluvianos, desde milênios, Enoque, filho de Jared, fica à sombra

do seu célebre filho Matusalém (hebraico = o homem com a arma de arremesso), que, supostamente, teria vivido até os 969 anos. Terminada sua missão na Terra, o profeta Enoque subiu ao céu em uma carruagem de fogo. Ainda bem que deixou aqui as suas anotações, pois são bastante ilustrativas a respeito dos mais antigos segredos da Astronomia, falam da origem dos deuses e dão detalhes sobre o "pecado original". Supostamente, o Livro de Enoque teria sido redigido em hebraico ou aramaico, mas até hoje não se localizou o manuscrito original. Se fosse feita a vontade dos Padres da Igreja, ninguém jamais teria tomado conhecimento da existência do Livro de Enoque. Aconteceu, porém, que nos primórdios da era cristã, a Igreja Abissínia incluiu os escritos de Enoque em seu Cânon. Todavia, foi somente na primeira metade do século XVII que essa notícia chegou à Europa e apenas em 1773 o africanista britânico J. Bruce trouxe para a Inglaterra um exemplar do livro de Enoque. Em seguida, surgiram algumas cópias duvidosas em latim; em 1855 apareceu a primeira versão alemã, em Frankfurt. Entrementes, foram descobertos fragmentos de uma antiga cópia grega; na comparação dos textos etíopes e gregos verificou-se haver concordância, de modo que seria lícito supor possuímos um "Enoque legítimo".

Tenho em meu poder uma tradução de Enoque, com a chancela "Thübingen, 1900". Pelo que eu saiba, não há tradução mais recente. É pena, porque a "Thübingen" é complicada e intrincada. Os tradutores da época - e isto se sente nitidamente - não sabiam o que fazer daquelas séries intermináveis de números, da descrição das manipulações genéticas (hoje, perfeitamente compreensíveis) e acharam por bem fazer para cada dez linhas do texto de Enoque umas 20 linhas de comentário, completado com explicações e a indicação de diversas opções para a interpretação e tradução.

Nos seus capítulos 1 a 5, o Livro de Enoque anuncia o juízo final. Afirma-se que Deus divino deixaria sua morada celeste, para descer à

Terra, em companhia dos exércitos dos seus anjos. - Os capítulos 6 a 16 descrevem a queda dos anjos renegados e citam os nomes daqueles anjos (= astronautas) que, contrariando as ordens do seu deus (= comandante da espaçonave), se uniram às filhas dos humanos. - Os capítulos 17 a 36 descrevem as viagens de Enoque para diversos mundos e abóbadas celestes, distantes. - Os capítulos 37 a 71 encerram as ditas "orações visuais", parábolas de toda espécie, narradas pelos deuses a Enoque, quando ele ficou encarregado de transmiti-las para a posteridade, já que seus contemporâneos não eram capazes de compreender os anexos técnicos. - Os capítulos 72 a 82 dão dados surpreendentemente exatos a respeito das órbitas solar e lunar, de dias bissextos, estrelas e da mecânica celeste, bem como determinações geográficas do universo. - Os capítulos restantes relatam conversas entre Enoque e seu filho Matusalém, ao qual anuncia o dilúvio iminente. No relato final, Enoque sobe ao céu em uma "carruagem de fogo".

A seguir, trechos literais do texto; com isto gostaria de contribuir para a divulgação do Livro de Enoque, proscrito pelos Padres da Igreja e, em minha qualidade de advogado de "exegeses" inconcebíveis, faço os respectivos comentários a título de propor novas modalidades de pensamento.

CAPÍTULO 14 "Levaram-me para dentro do céu. Entrei até que me aproximei de um muro de pedras de cristal, com línguas de fogo em sua volta; e comecei a ficar com medo do muro. Entrei nas línguas de fogo e aproximei-me de uma grande casa, feita de pedras de cristal. As paredes daquela casa assemelhavam-se a um assoalho coberto de azulejos de cristal e seu fundo era de cristal. Seu forro era como a órbita das estrelas e relâmpagos, com querubins de fogo, no meio. Um mar de fogo envolveu suas paredes e suas portas ardiem em chamas." Acho que esta passagem quase não deixa dúvida a respeito de que Enoque viajou a bordo de uma espaçonave, da Terra para um satélite

na órbita terrestre. O brilho do invólucro metálico da nave lhe parecia como "pedras de cristal". Através do forro de vidro blindado, o isolamento térmico, distinguiu estrelas e meteoros, bem como o lampejar dos jatos de outras menores naves espaciais. ("Seu forro era como a órbita das estrelas e relâmpagos, com querubins de fogo, no meio.") Enoque vê também a parede da nave espacial virada para o Sol e que reluz com forte brilho. Ou será que ficou impressionado com o reluzir ofuscante dos foguetes em manobras de freagem? É claro que Enoque estava com medo de entrar dentro do fogo. Tanto mais surpreso fica, poucos instantes depois, quando entra no interior da "casa" que acha "frio como a neve". Evidentemente, o nosso cronista Enoque nada suspeitava das possibilidades do controle de compressão e das técnicas do ar condicionado, manejadas com perfeição pelos forasteiros.

CAPÍTULO 15 - "E ouvi a voz do Altíssimo: não te amedrontes, Enoque, homem justo e escriba da justiça... vai e dize aos guardas do céu que te enviaram para cá, a fim de por eles implorar: antes vós deveis implorar pelos homens e não os homens por vós."

Esta passagem parece-me inequívoca; Enoque está na presença do comandante, para onde foi levado pelos "guardas". Quem são esses "guardas"? Ezequiel menciona essas personagens esquisitas que surgem na Epopéia de Gilgamés e das quais também falam textos fragmentários de Lameque, que constam daqueles rolos misteriosos, encontrados em cavernas de rochas, situadas bem no alto, acima do Mar Morto. Esses textos contam que BatEnosh, esposa de Lameque, jura que engravidou de maneira perfeitamente normal e, de verdade, nada teve com um dos "guardas" do céu. E agora, esses guardas tornam a aparecer na crônica do Profeta Enoque! O comandante faz duas observações notáveis a Enoque; primeiro, trata-o de "escriba" e assim o qualifica como pertencente à então exclusiva classe das pessoas que sabiam escrever e, segundo, o comandante fala com

franco escárnio que, antes, os "guardas" deveriam implorar pelos homens e não os homens pelos "guardas". Logo em seguida, o comandante diz o que pensa: "(Dize aos guardas) ...por que abandonastes o céu altivo sagrado e dormistes com as mulheres; por que vos tornastes impuros com as filhas dos humanos, tomastes mulheres, agistes como agem os filhos da Terra e gerastes seres gigantes? Embora sejais imortais, vós vos maculastes com o sangue das mulheres e gerastes filhos com o sangue da carne, ansiastes pelo sangue dos humanos e procriastes carne e sangue, como o fazem aqueles que são mortais e perecíveis.

Então, foi assim que aconteceu: os astronautas alcançaram idade muito mais avançada do que os terrestres e, assim, ficaram aparentemente imortais. Evidentemente, muito antes do encontro descrito por Enoque, o comandante deixou no planeta azul uma tripulação de seus "guardas", enquanto continuava em novas e prolongadas expedições. Ao voltar, teve de verificar, pasmado, que os "guardas" travaram relações com as filhas da Terra. Tratava-se de pessoal especializado, treinado em todas as tarefas práticas e teóricas, exigidas por uma missão de tal envergadura. E, apesar disto, desobedeceram à ordem estrita e se misturaram com os humanos! No caso de os "guardas" terem transformado os primatas, mediante a manipulação do código genético, as relações sexuais - às quais o comandante se refere - teriam sido possíveis na segunda geração dos terrestres que passaram pela devida mutação. Como os extraterrestres, por constituição e possibilidades biológicas, vieram a alcançar idade bem mais avançada do que os humanos, que encontraram na Terra, podiam esperar durante duas, três ou mais gerações dos seres de sua criação, para então dedicar-se ao mais antigo dos jogos de lazer, praticados pelos habitantes da Terra. E, de maneira bastante compreensível, isto não era do agrado do comandante.

CAPÍTULO 41 - "Vi os espaços do Sol e da Lua, de onde saem e para onde voltam. Depois assisti a seu maravilhoso regresso, como um precede a outra, sua órbita magnífica, como não saem de sua órbita, à qual nada acrescentam e nada retiram ... Depois, a passagem visível e invisível da Lua que percorre, em cada lugar, de dia e de noite."

Nicolau Copérnico escreveu em 1534 a sua obra principal "Seis Livros sobre o Movimento dos Corpos Celestes". Galileu (Galileo Galilei) descobriu em 1610 as fases de Vênus e as luas de Júpiter, com o auxílio do telescópio de sua própria construção. Os escritos de ambos esses naturalistas foram colocados no Index. João Kepler formulou em 1609 as duas leis do movimento dos planetas, para o qual era o primeiro a oferecer uma explicação dinâmica: ele partiu do pressuposto de o movimento planetário ser acionado por uma energia emitida pelo Sol. - Todas essas noções faltavam ao patriarca Enoque!

CAPÍTULO 43 - "Vi relâmpagos e as estrelas do céu e como todas eram chamadas pelo seu nome e pesadas com uma medida genuína, segundo a intensidade de sua luz, a imensidade de seus espaços e o dia do seu aparecimento."

De fato, os astrônomos classificam as estrelas segundo seu nome, sua ordem de grandeza ("pesadas com uma medida genuína") e luminosidade ("intensidade de sua luz"), mas, também, segundo a sua localização ("imensidade de seus espaços") e o dia em que foram observadas pela primeira vez ("dia do seu aparecimento"). De onde o profeta antediluviano teria tais dados, a não ser que lhe tivessem sido fornecidos por cosmonautas alienígenas?

CAPÍTULO 60 - "Pois o trovão tem leis fixas que regem a duração do estrondo que lhe é atribuído. Trovão e relâmpago jamais são separados." Conforme é sabido, o trovão se origina com a repentina expansão do ar, aquecido pelo relâmpago e se espalha com a velocidade do som (333 m/seg.). O trovão *tem* leis fixas para "a duração do seu estrondo". Desde quando seriam formuladas as leis da

Natureza, se os censores da Bíblia não tivessem condenado tais textos?

CAPÍTULO 69 - "Essas são as cabeças dos seus anjos e os nomes dos seus chefes, acima de 100, 50 e 10. O nome do primeiro é Jejun; ele seduziu os filhos dos anjos, que trouxe para o continente e fez cobiçar as filhas dos humanos. O segundo chama-se Asbeel; ele deu maus conselhos aos filhos dos anjos e fez com que maculassem seu corpo com as filhas dos terrestres. O terceiro chama-se Gadreel, ele ensinou aos filhos dos homens toda sorte de golpes mortíferos e também fez os homens conhecerem os instrumentos da morte, a couraça, o escudo, a espada de guerra e outros mais. O quarto chama-se Penemue; ele ensinou aos filhos dos terrestres distinguir entre o amargo e o mau e lhes revelou todos os mistérios desta sabedoria. Com ele os homens também aprenderam a escrever com tinta sobre papel. O quinto chama-se Kasdeja; ele instruiu os seres humanos nas várias maneiras de dominar os espíritos e demônios; a eles demonstrou os golpes a aplicar para expelir o embrião do útero, a mordida da serpente, o choque da insolação, causado pelo sol do meio-dia, bem como as vibrações da alma."

Enoque falou ainda dos males causados pelos extraterrestres nos planetas. Crianças eram seduzidas. Os filhos da Terra aprenderam o manejo de armas mortíferas. Será que Kasdeja lhes ensinou até métodos de provocar aborto ("os golpes a aplicar para expelir o embrião do útero")? e os introduziu na psiquiatria ("vibrações da alma")?

CAPÍTULO 72 - "Naquele dia o Sol nasce no segundo portão e desce no oeste; volta para o leste e sobe no terceiro portão, 31 manhãs e desce no oeste do céu. Naquele dia, a noite diminui e perfaz nove partes e o dia perfaz nove partes e a noite torna-se igual ao dia e o ano perfaz exatamente 364 dias. O período mais extenso do dia e da noite e o mais breve do dia e da noite, é da órbita que provém esta diferença

... Referente à pequena luz que se chama de Lua. Em cada mês sua subida e sua descida são diferentes; seus dias são como os dias do Sol e, quando sua luz é uniforme, perfaz a sétima parte da luz solar e é assim que a Lua nasce ... Uma de suas metades sobressai em 1/7 e todo o resto do seu disco está vazio e sem luz, excetuando-se aquele 1/8 e 1/14 da metade de sua luz..."

Por ordem do comandante, Enoque anotou os dados conforme lhe eram ditados, literalmente, para poderem ser compreendidos em tempos futuros. No compêndio de astronomia, muitas páginas estão repletas de complicados cálculos de frações e potenciais que, de maneira inexplicável, se aproximam de nossos conhecimentos atuais. Antes de Enoque desaparecer com os deuses no universo, insiste ainda com o filho:

CAPÍTULO 82 - "E agora, meu filho Matusalém, conto-te tudo isto e escrevo-o para ti; tudo te revelei e *te entreguei os livros que se referem a todas essas coisas. Guarda, meu filho Matusalem, os livros que recebeste da mão do teu pai e transmite-os às futuras gerações do mundo.*"

Os Padres da Igreja provaram quão "sagrada" lhes era essa ordem de transmitir os livros. Teriam tido receio de que a verdade viesse à luz cedo demais? Ao todo são apenas dez os capítulos dos escritos de Esdras, o dito "Livro de Esdras", que constam do Velho Testamento. Esdras, em hebraico = o auxílio, era sacerdote e escriba. Em 458 a.C. levou os judeus do cativeiro babilônico de regresso à capital de Jerusalém. (A data confere com as anotações de Ezequiel. Esdras renovou a aliança da comunidade judaica com a Tora, a lei mosaica, os cinco livros de Moisés. Além do livro canônico de Esdras, que é devidamente reconhecido, há dois apócrifos, há outros Livros de Esdras não reconhecidos e ainda o "quarto" Livro de Esdras, originariamente redigido em hebraico, um apocalipse do primeiro século da era cristã. Trataremos aqui deste quarto Livro de Esdras,

proscrito pelos censores-redatores bíblicos, que o condenaram em seu rigor.

No seu quarto livro, o profeta Esdras fala de problemas religiosos dos judeus e faz especulações quase futurologistas, passando então para o seu verdadeiro assunto, o saber oculto, acessível a um restrito círculo de iniciados. Inicialmente, Esdras alega ter tido suas "visões" de noite, "na cama" e ter mantido diálogo com "Deus" durante essas visões. Ao estudar este livro sob pontos de vista do progresso atual, torna-se duvidoso o fato de aquelas sensações representarem ou não "visões". Muitas vezes, visões são alucinações.

Com Esdras, porém, as visões encerram tantos detalhes técnicos e matemáticos que dificilmente podem ter sido sonhados. Aliás, nos últimos capítulos deste seu quarto livro proscrito, o próprio Esdras "revela" que relatou ocorrências reais. Frequentemente, fala que se encontrou com o "Altíssimo"; também esteve em companhia dos "anjos" que lhe ditaram os livros.

"Faze o povo reunir-se e fala-lhe para não te procurar durante quarenta dias. Prepara-te com muitas tábuas para escrever; leva contigo Saraja, Dabria, Selemia, Etan e Asiel, esses cinco homens, porque eles sabem escrever depressa e depois vem para cá ...Quando terminares, porém, deves divulgar um, o outro deves entregá-lo às escondidas aos sábios. Amanhã a esta hora, deverás começar a escrever...

E, assim, nesses 40 dias foram escritos 94 livros. Ao fim dos 40 dias, o Altíssimo falou para mim: aos 24 livros que escreveste primeiro, deverás divulgar para a leitura dos dignos e indignos; os últimos 70 livros deverás reter e entregar apenas aos *sábios do teu povo.*"

E novamente deparamos com indícios que atestam o interesse nitidamente definido dos ditos deuses (= cosmonautas) em ser levada ao conhecimento de gerações futuras a sua presença na Terra. Parece que essa tripulação dispunha de pouco tempo. Quiçá, o regresso teve

de ser antecipado por motivos técnicos, imprevistos. Pois, qual a razão por que logo se exigiu a presença de cinco homens que sabiam escrever depressa, para anotarem o ditado?



54

54 – No Segundo Livro (Êxodo), capítulo 25, Moisés recebe instruções exatas para a construção da Arca da Aliança. Moisés é advertido de não cometer enganos: “...Toma sentido, e faz conforme o modelo que te foi mostrado sobre o monte” (Êx. 25, 40). Acho difícil imaginar que Deus Onipotente teria levado consigo uma arca para nela guardar seus mandamentos. No entanto, como, segundo o texto bíblico, existiu um modelo para esse artefato, a sua finalidade deveria ter sido outra. Se forem obedecidas as instruções dadas por Moisés, delas resulta a construção de um condensador, cuja tensão soma várias centenas de

volts. Assim sendo, o Segundo Livro dos Reis, como eletrocussão, pois: "...Oza estendeu a mão para a arca de Deus e susteve-a, porque os bois escoicinhavam e tinham-na feito pender. O senhor indignou-se muito contra Oza e feriu-o pela sua temeridade; e caiu morto ali mesmo, junto da arca de Deus" (2 Rs. 6, 6-7).

Para todos que gostariam de *crer* em que o profeta falou com o grande Deus Onisciente (não com astronautas), os próprios textos fornecem a prova em contrário, pois o "Altíssimo" admite francamente para Esdras que desconhece certas coisas, pois:

"Ele respondeu-me e falou: os signos pelos quais perguntas posso dizer-te, em parte; nada posso dizer-te a respeito de tua vida, pois não o sei."

Em seu diálogo com o "Altíssimo", Esdras queixa-se das injustiças existentes neste mundo. A exemplo do que consta de outras escrituras sagradas, o "Altíssimo" promete voltar do céu, um dia no futuro remoto, para então levar consigo os "justos e sábios". Voltar - para onde? Para que planeta? Seria o caso de supor-se que a terra natal dos extraterrestres fica alguns anos-luz distante do nosso sistema solar, visto o comandante (= o "Altíssimo") ter comentado com Esdras a dilatação do tempo em vôos interestelares com alta velocidade. Esdras fica surpreso (como nem podia ter deixado de ficar); não compreende as palavras do "Altíssimo" e pergunta se não teria sido possível criar, a um só tempo, todas as gerações do passado, presente e futuro, para que todos pudessem participar do "regresso". Houve, então, o seguinte diálogo:

O "Altíssimo": "Pergunta ao ventre materno e fala-lhe: 'se tiver dez filhos, por que cada um deles nasce a seu tempo?' Pede-lhe procriar dez filhos a um só tempo."

Esdras: "É impossível fazer isto, pois cada filho deve ser dado à luz ao

seu tempo.”

O "Altíssimo": "Assim, também eu estabeleci determinada seqüência no mundo que criei.”

Esdras reflete e mede essas conseqüências cronológicas; ele quer saber, no regresso ao céu, quais os mais felizes, os mortos ou os sobreviventes? O "Altíssimo" responde laconicamente: "aqueles que sobrarem serão muito mais felizes do que os mortos".

Esta resposta lapidar é bem compreensível. Já na "segunda visão" o comandante falou para Esdras que a Terra é velha e perdeu "a força de sua juventude".. A meu ver, sob o aspecto das leis da dilatação do tempo em vôos interestelares com alta velocidade, a resposta não encerra mais nenhum enigma. Quando o "Altíssimo" voltar, depois de alguns milênios, o nosso planeta bem poderá ter ficado inabitável, devido à poluição ambiental, provocada com o superpovoamento pela expansão industrial desordenada e com os poucos sobreviventes em seus últimos estertores, enquanto houver um derradeiro resto de oxigênio. Logicamente, serão muito mais felizes aqueles sobreviventes que o "Altíssimo" designar para continuarem a viver em outro planeta.

O "Altíssimo" confirmou para Esdras que era ele quem falou com Moisés, ao qual também deu instruções:

"Naquela época enviei-o (Moisés); retirei o povo do Egito e levei-o de volta para o Monte Sinai. Por este motivo, mantive-o (Moisés) durante muitos dias ao meu lado, a ele comuniquei muitas coisas maravilhosas e *mostrei os mistérios dos tempos.*”

Muitos escritos encerram indícios a respeito do mistério dos tempos. Assim, Daniel acha que na mão de Deus tudo ficaria um tempo, dois tempos e meio tempo" (Dan. 7, 25). E nos Salmos, o Altíssimo é louvado enfaticamente: "...mil anos são a teus olhos como um dia que passou, a vigília de uma noite..."

Contradições? Incompreensível? Desde há muito, a ciência provou que, em vôos interestelares com grandes velocidades, há diferenças

de horário. No interior de uma espaçonave, que viaja com velocidade pouco aquém da velocidade da luz, o tempo passa bem mais devagar do que no planeta do qual decolou, onde continua em seu ritmo desenfreado. O tempo pode ser manipulado mediante a velocidade e a energia. A dilatação do tempo, conforme se convencionou chamar esta diferença de horário, foi "descoberta" somente em nossos dias, embora seja uma "lei" e, como tal, deve ter sido válida em todas as épocas, também para os "deuses". Se uma nave espacial fosse constantemente acelerada com um G ($1\text{ G} = 9,81\text{ m/seg}^2$) e quando chegasse à metade do seu percurso, freada com um G, verificar-se-iam as seguintes dilatações do tempo, entre a tripulação a bordo da espaçonave e os habitantes da Terra, que lá ficaram:

Anos para a tripulação da espaçonave

Anos para os habitantes da Terra

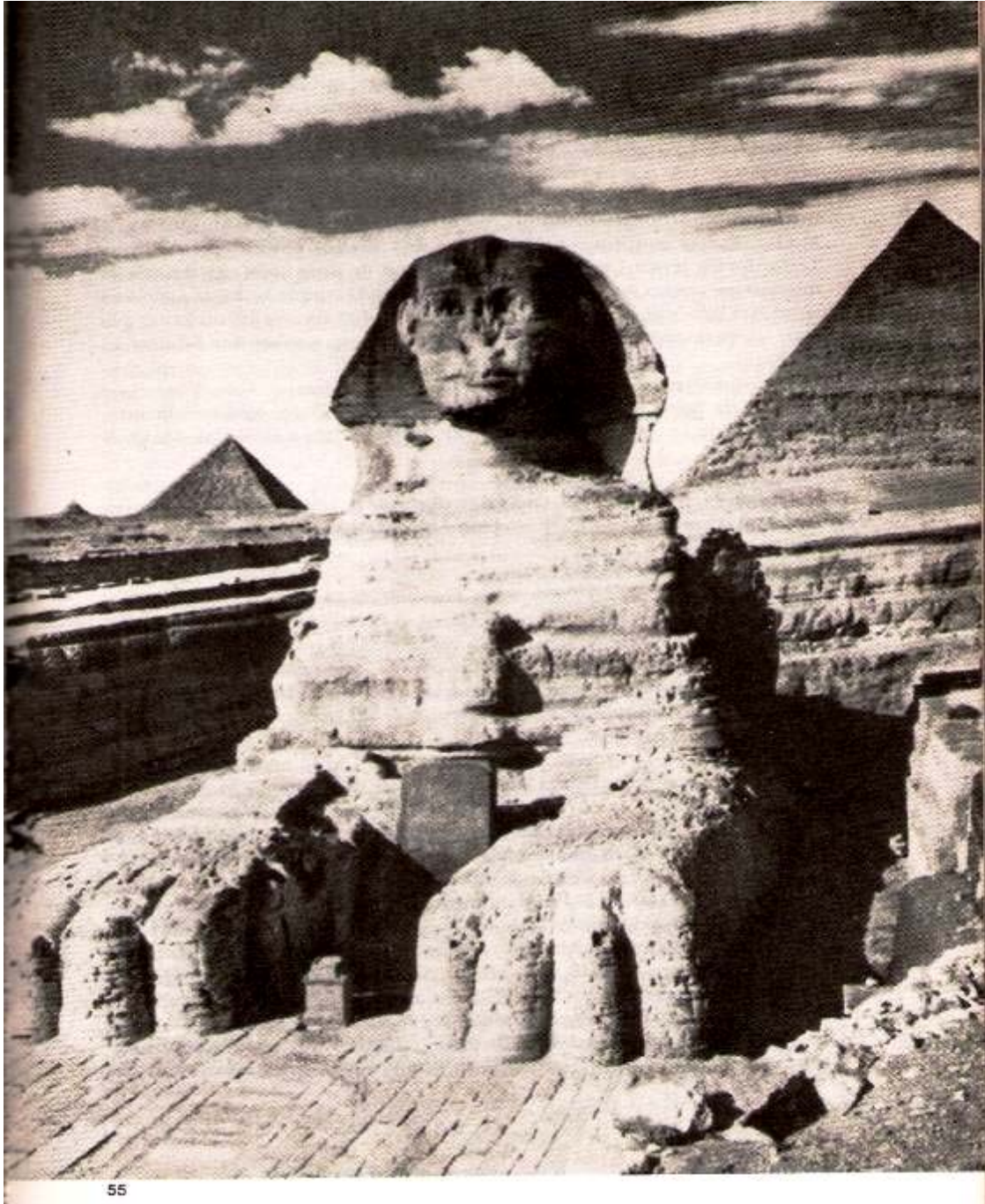
1	1,0
2	2,1
5	6,5
10	24
15	80
20	270
25	910
30	3.100
35	10.600
40	36.000
45	121.000
50	420.000

Essa tabela do "Manual sobre o Universo", de Meyer, prova que as enormes diferenças de tempo, existentes entre a tripulação de uma

espaçonave e os habitantes no planeta do qual levantou vôo, se fazem sentir somente em viagens muito demoradas. Todavia, os efeitos são realmente fantásticos; enquanto se passam uns escassos 40 anos para a tripulação à bordo de uma espaçonave, acelerada com um G, na Terra este mesmo período de tempo corresponde a 36 milênios, que se foram passando. Este saber permite a compreensão de por que os "deuses" pareciam "imortais" em comparação com os seres humanos. Não seria possível que, em obediência a essas leis, continuassem vivos, nos dias de hoje, os profetas do Velho Testamento, Elias, Moisés, Esdras que, em reconhecimento dos serviços por eles prestados na Terra, foram levados pelos "deuses" a bordo de uma nave espacial? Seria interessante viver o seu regresso. Em minha agenda sempre há lugar para uma entrevista informal com o patriarca Moisés. Porém, fora de brincadeira, que mais - pergunto eu - poderíamos *ainda* chegar a saber nas bibliotecas ocultas?

É assim que termina o quarto e proscrito Livro de Esdras:

Naquela época, Esdras foi levado e aceito no local dos seus semelhantes, depois de ter anotado tudo isto. Ele chama-se de o *escriba da ciência do Altíssimo*.



A Biblioteca Bodleian, em Oxford, exibe sob o código "Akbar-Ezzeman MS", um manuscrito do escritor copta Abu'l Hassan Ma'sudi, que contém a seguinte passagem:

Surid, que era rei no Egito, *antes do grande dilúvio*, mandou erguer

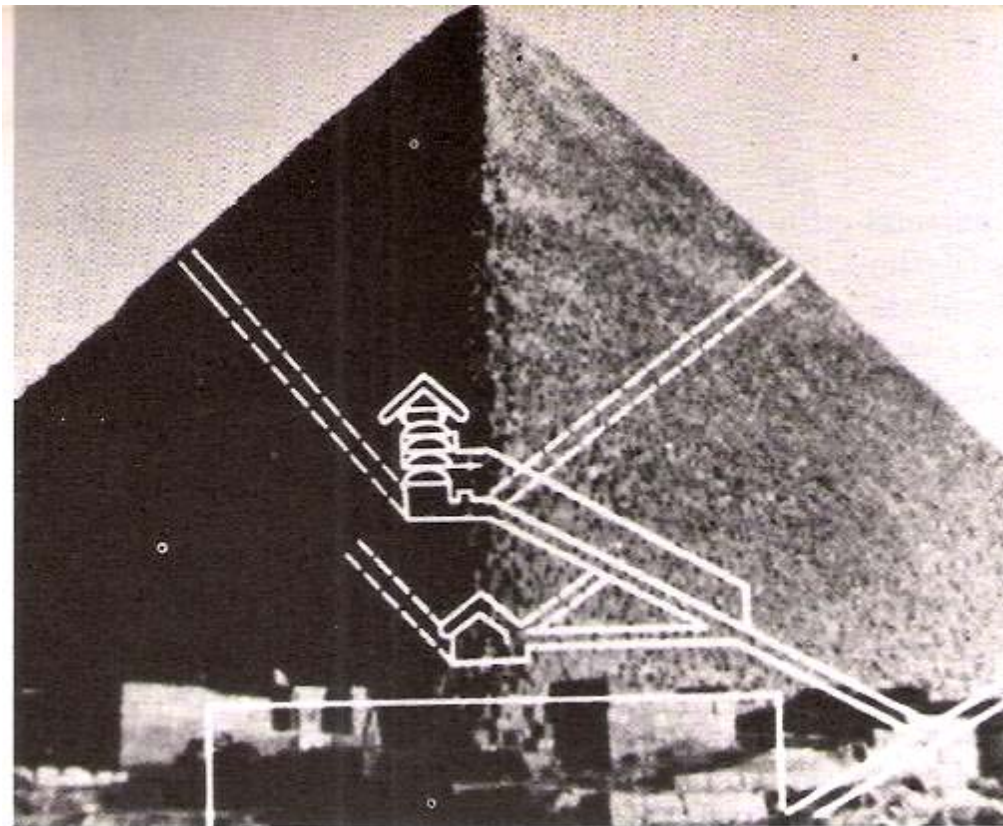
duas pirâmides. Deu ordens aos seus sacerdotes para que lá depositassem as noções das ciências e sabedorias. Na pirâmide grande depositaram as indicações sobre as esferas e figuras celestes, que representam as estrelas e os planetas, as posições e os ciclos, mas, também, as bases da matemática e geometria. A fim de ficarem conservadas para sempre, para os pósteros, capazes de ler os signos. Foi-nos dito que o rei Djoser, da 3ª. dinastia, teria mandado iniciar, em cerca de 2.700 a.C., as obras de construção da pirâmide de degraus, a de Sacara. Seria falha a datação da construção das pirâmides? Seriam muito mais velhas do que admite a arqueologia? Tais suposições não carecem de base, pois, além de Abu'l Hassan Ma'sudi, houve ainda outras fontes a afirmar que as pirâmides teriam sido construídas *antes do grande dilúvio*. Heródoto (484-425 a.C.) o mais antigo dos historiadores gregos, chamado o "Pai da Historiografia" por Cícero (106-43 a.C.) afirma no segundo livro de sua "*Historias Apodexis*" - Representação da Verificação, nos capítulos 141 e 142, os sacerdotes de Tabas ter-lhe-iam assegurado que, ao longo de 11.340 anos, o cargo de sumo-sacerdote está passando de pai para filho. Os sacerdotes confirmaram esta afirmação para Heródoto, mostrando-lhe 341 estátuas colossais, cada uma das quais representando uma geração de sumos-sacerdotes e assim falaram os anfitriões texanos de Heródoto - 341 gerações atrás, os deuses teriam vivido entre os homens, porém, desde então, nenhum deus tornou a surgir com formas humanas. De fato, até hoje, a data da construção das grandes pirâmides não foi provada, de maneira incontestável.

O especialista em eletrônica Eric McLuhan, filho de Marshall McLuhan (A Galáxia de Gutenberg), declarou em Toronto que, até o dia de hoje, forças desconhecidas, provavelmente gravitacionais, continuam ativas no interior das pirâmides. Em sua casa em Londres (Ontário, Canadá), Eric tem uma pirâmide vermelha, de plexiglás, de 18" de altura, na escala das pirâmides clássicas. No seu interior, há um pequeno

cavalete; sobre esse cavalete, mais ou menos no seu centro, há um suculento bife de carne e ao seu lado uma lâmina de barbear. O bife já está lá por 20 dias, mas não se estraga nem tem mau cheiro; quando a lâmina de barbear foi ali depositada era cega, de tanto barbear, mas, duas semanas depois, ficou afiadíssima. No decorrer do tempo, colaboradores de McLuhan mumificaram com este método simples 100 ovos e 30 kg de bife. Os pesquisadores explicam que toda pessoa desejosa de repetir a façanha pode fazê-lo, construindo uma pirâmide relativa aos ângulos da grande pirâmide de Gizé, dividindo por três a altura da pirâmide e colocando a lâmina de barbear cega exatamente no eixo norte-sul, em cima da altura do terço inferior. No Canadá vendem-se pirâmides de plexiglás, nas dimensões exatas. (Endereço: Evering Associates, 43 Eglinton Avenue East, Toronto; preço: \$3.00). Com colaboração norte-americana, a Universidade do Cairo instalou no interior da pirâmide de Quéfren um detector de raios ultra-sensível, ligado a um computador. O detector deve acusar partículas cósmicas e o computador deve registrá-las. Partículas cósmicas que penetram em cavidades ocas chegam a seu destino mais depressa do que raios que devem penetrar a alvenaria. O computador deu dados confusos. Em 1972, a experiência, foi repetida, sem resultado. O Dr. Amir Gohed, diretor da experiência, falou em entrevista a "Times": "do ponto de vista científico, a coisa é impossível. O que se passa no interior da pirâmide contradiz todas as leis conhecidas da Física e Eletrônica".

Nas proximidades de Abu Simbel, cidade situada no alto Nilo, o rei Ramsés II (1290-1224 a.C.) mandou erguer dois templos. O maior desses templos ostenta quatro estátuas colossais, de mais de 20 m de altura, que representam aquele rei. Com as obras de construção da represa de Assuã, os templos tiveram de ser salvos das águas do Nilo. Em uma prova de força conjugada, internacional, de países industrializados do Ocidente, com a participação da UNESCO, à partir de 1964, os templos e as estátuas foram removidos do seu local

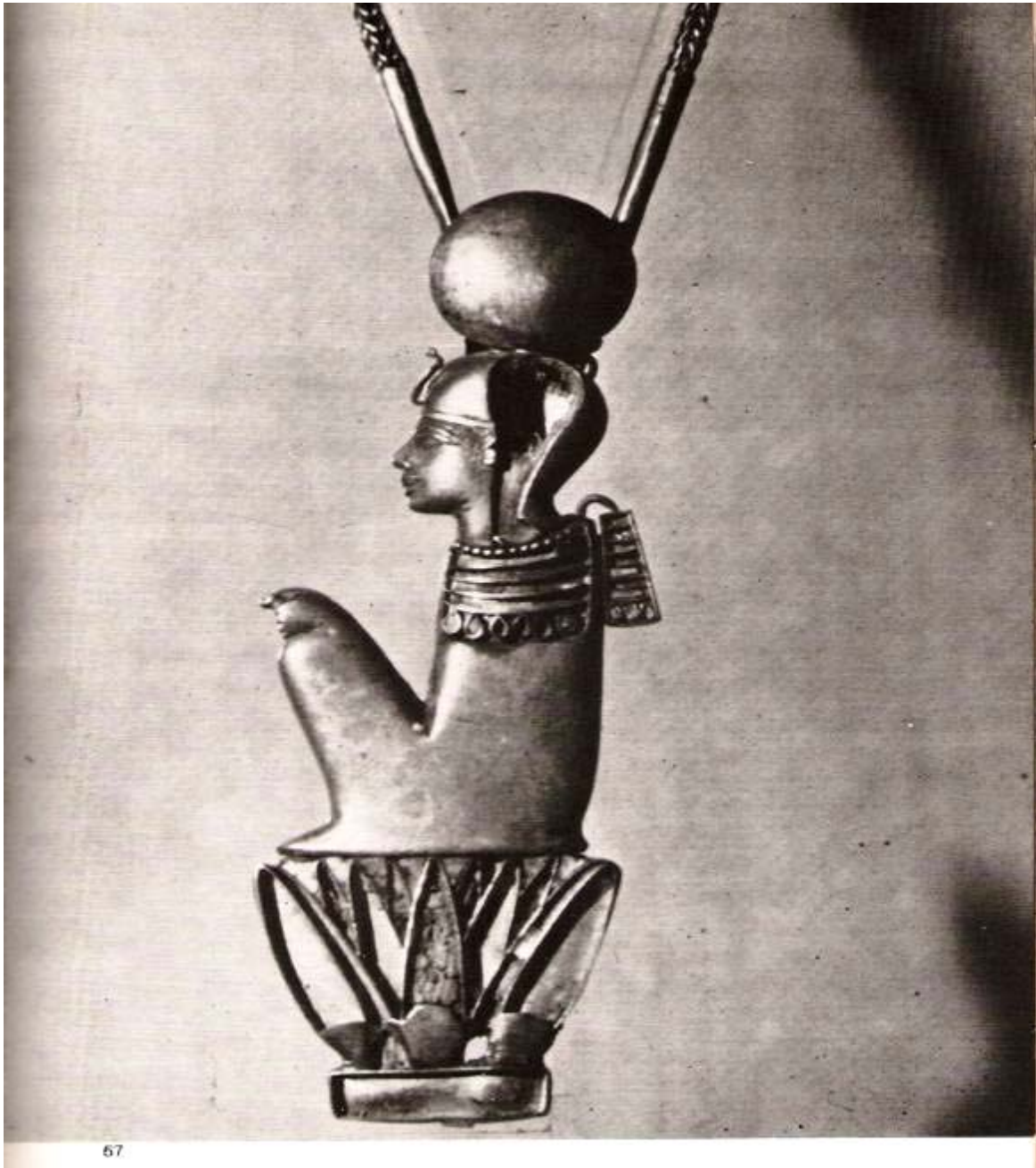
originário e transferidos para outro, situado a 60 m acima do primeiro. Anos de discussões e estudos de viabilidade precederam essa transferência. Máquinas sofisticadas, das mais modernas, dos últimos tipos, estavam à disposição, mas, mesmo assim, foi necessário construir aparelhagem especial para o transporte dos gigantes de pedra.



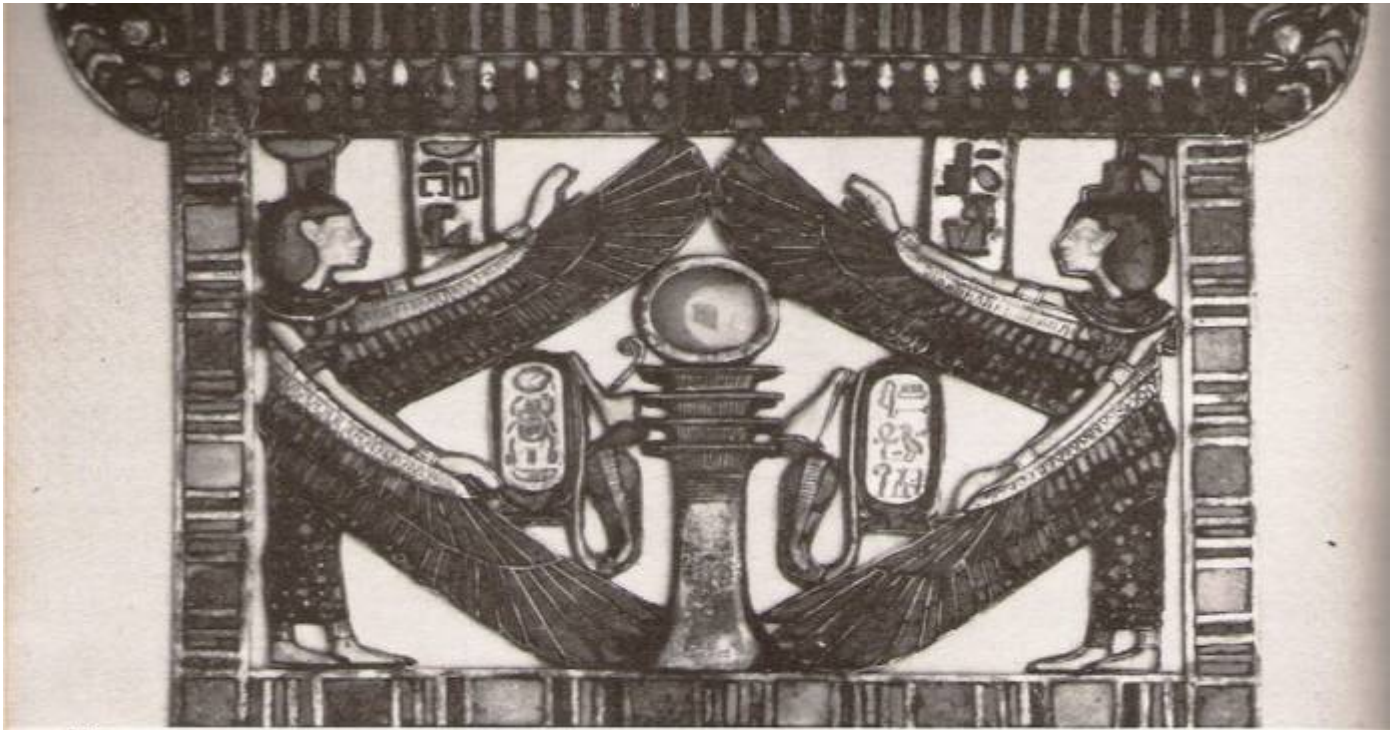
56

As estátuas foram desmontadas porque não existia guincho no mundo capaz de levantá-las do chão e, muito menos, transportá-las sobre uma distância de 60 m, em aclive. Ao serem desmontadas, as partes foram numeradas e assim preparadas para sua remontagem lá, bem alto, acima do Nilo. Quem, durante a "mudança", viu o esforço técnico exigido para a sua concretização, não podia deixar de perguntar: como foi que os antigos egípcios conseguiram erguer essas suas

construções sem os meios materiais e técnicos, oferecidos pelo progresso do século XX? Bem que, "na época", as estátuas foram cortadas em granito no próprio local, mas, como se conseguiu fazer o transporte das estátuas de Memnon, em Tebas, pesando 600 t, e o das lajes de pedra do terraço em Balbec, algumas das quais com o comprimento de mais de 20 m e pesando 2.000 t? Pergunta-se: quem aceita ainda, hoje em dia, a explicação "válida" da Arqueologia, de que os construtores e pedreiros dos templos teriam transportado os enormes monólitos em plano oblíquo, com a ajuda de rolos de madeira? O acabamento das superfícies é perfeito, a ponto de terem sido juntadas sem argamassa. Nos canteiros de obras deveria haver montões de refugo e detritos. Acontece, porém, que poucos detritos foram encontrados. Por que as obras de construção não foram realizadas nas imediações das pedreiras? Todas estas perguntas ficam sem resposta. Portanto, acho lícito perguntar: os extraterrestres teriam ajudado com a sua técnica avançadíssima? No entanto, por que motivo astronautas alienígenas ter-se-iam dado a esse trabalho insano, exigindo tamanho esforço?



57 - Nada de concreto se sabe. Esta figura de ouro, de 7,2 cm de altura, representaria Ramsés II? É fato líquido e certo que a esfera que aparece em uma cabeça ilustre sempre simboliza o Sol. Todavia, é incerto o significado das duas varetas em forma de amenas; simbolizariam um contato primitivo do soberano com o cosmo?



58



59

58 – A arqueologia diz: nesta arca, as deusas protetoras dos quatro quadrantes do Céu apóiam um escaravelho. Eu pergunto-me se, com

esta e outras representações semelhantes, não se trataria de uma versão adulterada de tradicionais noções técnicas?

59 – O olho de Hórus está vigilante! – Houve uma época em que Hórus estava presente, mas ele desapareceu no cosmo. Ficaram como recordações as representações gráficas do antigo Egito se seu “olho de vídeo”, onipresente, conforme apresentado por essa figura do túmulo de Tutancâmon, um dos exemplos de muitas dessas apresentações.



60 – Estela de Naram-Sin, 2.300 a.C. Em todos os tempos houve um só Sol. O que significaria esse segundo Sol no firmamento,

contemplado por essas figuras?

Será que queriam fazer que as gerações em milênios futuros viessem a "levantar exatamente esta pergunta que eu me atrevo a levantar agora? (Vide figs. Nos. 118-119).

O Prof. Dr. Herbert Kühn, Mogúncia, escreveu: "Antes de a humanidade inventar a escrita, ela pintou na rocha aquilo que pensou, almejou, implorou da divindade. Essas rochas conservaram a expressão primitiva da humanidade até o dia de hoje". E, ainda: "os elementos que mais surpreendem nessas pinturas e jamais deixam de evocar admiração são a fluidez das formas, a firmeza do traçado, a nitidez da configuração, a imponência da conceituação e o agrupamento extremamente hábil das proporções dimensórias".

Nestas duas constatações fundamentais concordo, plenamente, com o Prof. Kühn, o primeiro a ressaltar a arte dos povos primitivos em sua obra "DIE KUNST DER PRIMITIVEN" - A Arte dos Primitivos, publicada em 1923. Todavia, a partir dali, nossos caminhos separam-se e dele discordo, quanto à sua explicação do conteúdo simbólico das pinturas rupestres. Foram descobertas pinturas rupestres, petróglifos, desenhos e relevos gravados em fundo rochoso, durante a Idade da Pedra. Na Europa Central foram achadas pinturas rupestres dos primórdios da Idade da Pedra, representando a época mais antiga da história da humanidade, iniciada com o aparecimento do homem, em fins do Terciário, e terminada em 10.000 a.C. Sob céu aberto, as pinturas rupestres dos primórdios da Idade da Pedra ficaram conservadas como relevos; também foram encontradas pinturas e desenhos datando quase que exclusivamente do período pós-paleolítico. No Leste da Espanha, na África do Sul e Sibéria encontram-se as mais antigas pinturas rupestres, do período paleolítico médio. Os achados de fins da Idade da Pedra, das Idades de Bronze e do Ferro, datando também

dos 2º. e 1º. milênio a.C., são os mais numerosos, Henri Lhote, que pesquisou as pinturas rupestres do Saara, tem certeza absoluta de que as mais antigas remontam ao período entre 8.000 e 6.000 a.C. Documentos pictóricos pré-históricos de imponência quase incrível, encontram-se em locais praticamente inacessíveis; na era do gelo foram feitas pinturas rupestres em cavernas afastadas e, em épocas posteriores, nos cumes mais altos das montanhas, onde, dificilmente, há espaço para o homem movimentar-se. Os artistas da Idade da Pedra trabalharam e criaram suas obras ao redor do globo terrestre. As pinturas eram feitas, conforme continuam a sê-lo até agora, com pincel e lápis de cor. As cores usadas eram obtidas de minerais (ocre, manganita, feldspato) e carvão vegetal. Os tons mais usados são, sobretudo, o vermelho, depois o preto e o branco. Na Idade da Pedra, os desenhos foram riscados ou martelados com ferramentas de pedra de fogo. No entanto, sejam pinturas ou desenhos, em toda parte os "motivos" retratados são os mesmos: deuses com auréolas e capacetes, com trajes lembrando as roupas espaciais dos astronautas modernos, com atributos que, contemplados agora, na era do vôo espacial, poderiam ser tomados por antenas. Se, porventura, se tratasse de casos isolados, espalhados dentro de um raio de 2.000 a 5.000 km, bem que poderiam ser considerados obras do acaso e deveriam ser aceitos, sem comentários. Acontece, porém, que motivos idênticos são encontrados em todos os continentes, separados pelos oceanos, na França, na Itália, na América do Norte, na Rodésia do Sul, no Peru, no Chile, no México, no Brasil, na Argentina, na União Soviética e no Saara. Com cuidado e dedicação, estudo as explicações convencionais do sentido e significado das pinturas rupestres. Essas explicações não satisfazem a minha ânsia do saber, nem o meu raciocínio. Tenho a impressão de estar assistindo a uma aula de catecismo que me obriga a simplesmente *crer* em explicações nada convincentes. Dizem que determinado motivo *deve ser* compreendido

de determinada maneira e *não deve ser* interpretado de outra forma. Por que *se deve*? E por que *não se pode* ir em busca de outra forma de interpretação? "Sem dúvida, houve evolução em paralelo no decorrer dos períodos paleolítico, mesolítico e neolítico, na Índia, Europa e África", escreve Marcel Brion em sua obra "As Antigas Civilizações do Mundo". Sem dúvida, mas *de que maneira* transcorreu essa evolução em paralelo? Dizem que os artistas pré-históricos teriam sido adeptos da escola do naturalismo. Bem que o foram, pois viram com seus próprios olhos os animais que retrataram. No entanto, onde encontraram os naturalistas da era neolítica que trabalharam, digamos no Saara, os modelos para suas pinturas de seres flutuando no ar, vestindo roupa espacial, com fechos que impressionam por sua grande semelhança com os atualmente usados e ostentando faixas largas, atadas nos pulsos? Os naturalistas reproduzem a Natureza; eles quase não têm fantasia. - Dizem também que as pinturas devem ser apreciadas sob um ponto de vista psicológico; os pintores trogloditas teriam consumido cogumelos, ficado drogados e então experimentado a sensação de fantasias irrealistas. Depois de passado o efeito da droga, teriam riscado na parede aquelas suas figuras fantasiosas. Receio que tais explicações são ainda menos viáveis do que as minhas especulações. Eu penso de uma maneira mais prática. Tampouco recorro à psicologia do inconsciente. Apenas raciocino da seguinte forma, a saber: se um troglodita, que cobria seu corpo com peles de animais silvestres para protegê-lo contra as intempéries, retrata figuras usando roupa e capacetes a ele estranhos, então deve tê-los visto diante dos seus olhos. Não há droga, nem fantasia capaz de evocar tais imagens e sem modelo não há naturalismo. Dizem ainda que as pinturas rupestres representariam emblemas rituais e cenas de caça. Esta não deixa de ser uma interpretação válida, enquanto ficam excluídas outras versões viáveis. É simplesmente não-científica a afirmação de não haver motivo para o pesquisador da pré-história

cogitar de uma eventual presença de extraterrestres no desenrolar da evolução da humanidade.

Toda ciência deve estar empenhada em aproximar-se, tanto quanto possível, da verdade. Isto é conseguido somente quando posições incertas são postas em dúvida e aquilo que, outrora, era considerado inconcebível, se torna objeto de pesquisa. Estou sendo censurado por ignorar "fatos concretos" no âmbito da pré-história. Quais seriam esses "fatos concretos"? Toda pintura rupestre recém-descoberta sofre tantas "interpretações" quantas são precisas para que fique enquadrada no esquema tradicional. Inexiste a datação exata, já que nada de concreto revelam os restos ósseos ou o carvão vegetal encontrados nas cavernas, pois quem é que pode dizer que são da época do artista, autor da pintura? As datações feitas até agora não passam de meras suposições. - Por outra, no instante em que a pré-história e a arqueologia vierem a aceitar a presença comprovada de uma espaçonave em cerca de 593 a.C. (vide Ezequiel), levantar-se-ia o véu escuro, encobrendo o enigma das pinturas rupestres, que representam motivos idênticos ao redor do mundo. Cosmonautas alienígenas mantiveram contato com os seres humanos de sua época, em todo o mundo. Foram *vistos, observados e retratados* por homens da Idade da Pedra. Henri Lhote, que descobriu uma figura humana de mais de 6 m de altura, dentro de um precipício de rocha, em um penhasco escarpado no Saara, escreveu: "Os contornos são simples e sem arte, a cabeça redonda, ruja única característica é o esboço de um oval duplo no meio do rosto, lembra a idéia que costumamos fazer dos homens marcianos. Marcianos! Será que, de fato, homens marcianos teriam chegado até o Saara? Se assim fosse, deveria ter acontecido há milênios atrás, pois, pelo que sabemos, as pinturas das cabeças redondas no Tassili são muito antigas". - E agora, que as pinturas aqui reproduzidas falem por si mesmas.

As reservas de caça dos índios Hopis, da grande família Pueblo,

situam-se no Arizona e Novo México, EUA. Os Hopis, dos quais sobrevivem ainda uns 8.000, conservaram em suas reservas antiqüíssimos ritos e costumes, bem como lendas que, pela tradição oral, passaram de geração em geração. Em suas terras há abundância de pinturas ruprestres, datando da Idade da Pedra.

O atual chefe da tribo, White Bear (= Urso Branco), ainda sabe interpretar a maioria dessas pinturas. Desde que pinturas rupestres semelhantes são encontradas em todo o mundo, o saber de White Bear poderia ser muito útil para a interpretação daquilo que ainda não foi interpretado; no entanto, o chefe não revela o seu segredo, que é conservado dentro do círculo mais restrito do seu clã. - A lenda dos Hopis conta que os antepassados teriam vindo do "espaço cósmico infinito" e conhecido diversos mundos, antes de chegar à Terra. Segundo as tradições dos Hopis, aquelas pinturas rupestres vermelhas com as quais se depara em toda parte, significam nada mais e nada menos que as construções mais precoces de membros tribais para membros tribais, que, em qualquer época, deveriam passar por aquelas paragens e, por sua vez, transmitiram as mensagens para gerações posteriores.



61 – Na Cordilheira de Tassili, no Saara, Henri Lhote descobriu toda uma galeria de pinturas mostrando figuras que lembram astronautas. Notam-se as faixas reforçadas nos cotovelos e joelhos, as faixas atravessando o tórax, bem como cintos e capacetes.



62



63



64



65

62 – No planalto de Kimberley, na Austrália...

63 – Na Cordilheira de Tassili, no Saara...

64 – Perto de Fergana, Usbequistão, União Soviética...

65 – Na planície de Nazca, no Peru...



66



67

66 e 67 – No Saara (o grande “Deus Marciano”, à direita no original, à esquerda com seus contornos reforçados, para torná-los mais distintos)...

Consultei filólogos, especializados nas línguas antigas, a respeito da origem da palavra "deus". Sempre quando meus doutos amigos verificaram o uso deste termo em eras primitivas, anteriores às dos escritos hebraicos e aramaicos, informaram-me que, no início, em toda escrita, a palavra "deus" jamais foi usada no singular, pois, nas primeiras tradições mitológicas, que contam de "deuses", era empregada exclusivamente no plural. Aliás, informaram ainda que o sentido deste termo poderia melhor ser traduzido com "os que circulam nas nuvens". Quem circulou nas nuvens, durante a era primitiva? Por

que se levanta com insistência sempre maior a pergunta pela origem e descendência dos seres humanos? Porque as respostas oferecidas até agora são muito pouco convincentes, porque sempre se apela à nossa fé ao invés de oferecer conhecimentos concretos. Já não podemos mais conceber a tese sustentando que Deus ou os deuses se teriam incomodado com as preocupações cotidianas de nossos ancestrais remotos... suposto que Deus ou os deuses seriam os seres onipotentes, acima de todas as coisas, conforme nos são apresentados. Se a presença dos deuses na Terra era apenas passageira e eles próprios nem eram uma realidade, como então podiam ensinar aos nossos antepassados o cultivo do solo, a obtenção de metais, conforme nos é relatado? Se Deus ou os deuses eram invisíveis, como se explica que, desde sempre, foram retratados em imagens sem conta? Poderiam os artistas primitivos ter retratado algo que jamais viram? Como, então, podiam fazer idéia figurativa dos inconcebíveis? Teria sido o desejo ardente de encontrar-se com os inconcebíveis que acabou por fazer surgir sua imagem em fantasmagorias? Acho pouco provável que tivesse sido assim, pois, mesmo nas representações mais antigas, os deuses revelam semelhança com seres humanos. Será que o homem primitivo considerou como "deus" o seu próprio retrato (estilizado) ou o do seu vizinho? Ele conheceu o nascimento e a morte; mas, para ele, os deuses eram imortais. Se assim fosse, a lembrança de deuses, meros produtos da fantasia - conforme se diz que teriam sido - não teria continuado na consciência humana, através dos milênios. "Os que circulam nas nuvens" eram visitantes temporários de estrelas alienígenas. Com isto teríamos também uma explicação plausível para o porquê do progresso súbito de culturas e civilizações, verificados em intervalos de milênios, ao redor do globo terrestre. Concordo com Teilhard de Chardin, que escreveu: "A religião de amanhã poderia ser algo de bonito. Só que deveriam ter confiança na ciência".



68 – Em uma pintura rupestre, na vizinhança...

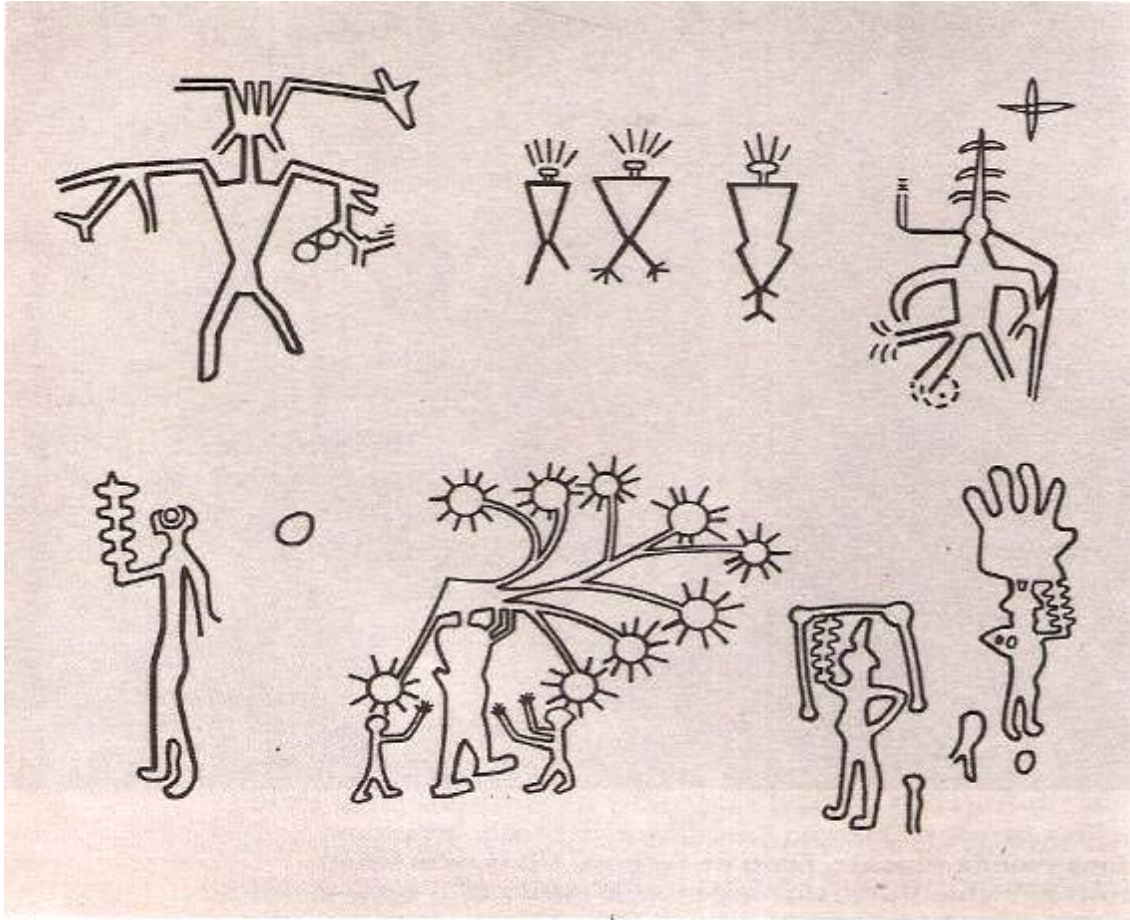
69 - ...e em Val Camônica, Itália, nãoobstante os muitos milhares de quilômetros que separam esses locais, encontramos pinturas rupestres de semelhança notável e cada uma, por si só, poderia ter dado motivo ao pesquisador Henri Lhote para chamá-la de “Grande Deus Marciano”.



70 e 71 – Este astronauta em uma parede rochosa da Cordilheira de Tassili, bem como o motivo astronáutico de uma pintura rupestre, perto de Fergana, URSS, vêm sendo interpretados “psicologicamente”, como retratos segundo a Natureza”. Qual a impressão transmitida por essas pinturas a quem acompanhou e observou com seus próprios olhos a chegada à Lua dos astronautas das missões “Apollo”?

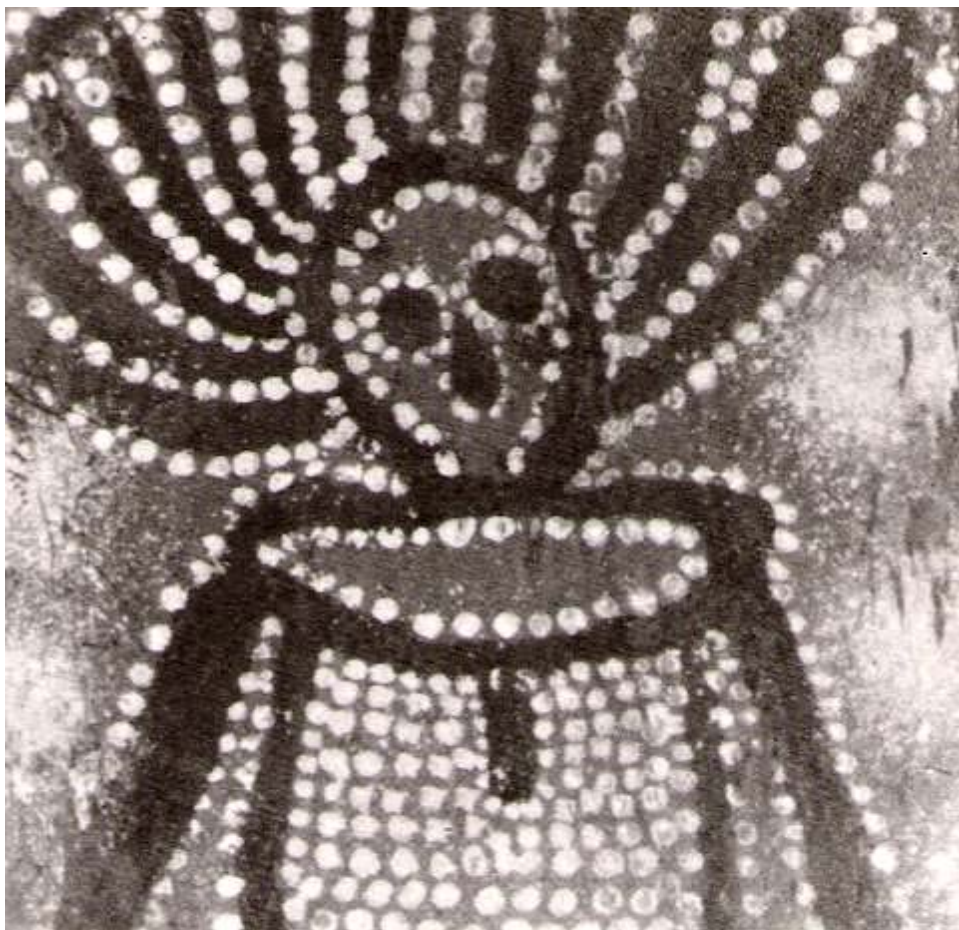
Nestes últimos anos, Eduardo Jensen, brigadeiro da Aeronáutica

Chilena, surpreendeu os arqueólogos por repetidas vezes. Em sua qualidade de aviador da ativa, tirou aerofotos de muitas das figuras que viu nos penhascos de sua terra. A partir de Mollende, no Peru, até a província de Antofagasta, no Sul do Chile, foram encontradas marcações enormes em paredes rochosas oblíquas, círculos com raios dirigidos para dentro, estruturas ovais, repletas de desenhos de xadrez, retângulos, setas. Acima do deserto de Taratacar, no Norte chileno, vê-se a figura estilizada de um homem, de 100 m de altura, representando um robô. Essa figura é de forma retangular, as pernas são retas, o pescoço é fino, a cabeça é quadrada e dela saem doze antenas; à direita e à esquerda do torso, dos quadris para baixo, há aletas. Entremontes, o brigadeiro descobriu outra figura pré-histórica, de 121 m de altura, conforme fig. 99. Os braços estão dobrados em ângulo reto e no cotovelo esquerdo um macaquinho parece agarrar-se. Do ombro esquerdo sai uma vara levemente entortada e que se vai alargando. Quais a finalidade, o sentido, a idade dessa figura? Ponto de interrogação. Por enquanto foi classificada pela Arqueologia como "símbolo de culto". É de tamanho um pouco grande e encontra-se em local muito alto e afastado. Quem é que iria ver o robô?



72

72 – O “soprador de estrelas”, petróglifo dos índios Hopi.

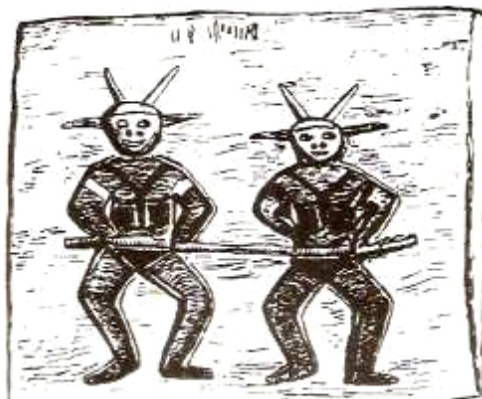


73

78 Pintura rupestre, em duas cores, da Nova Zelândia. São dignas de nota as pontas de estrelas saindo da cabeça. Desde tempos imemoráveis, era assim que se representava a ligação dos terrestres com os celestes.

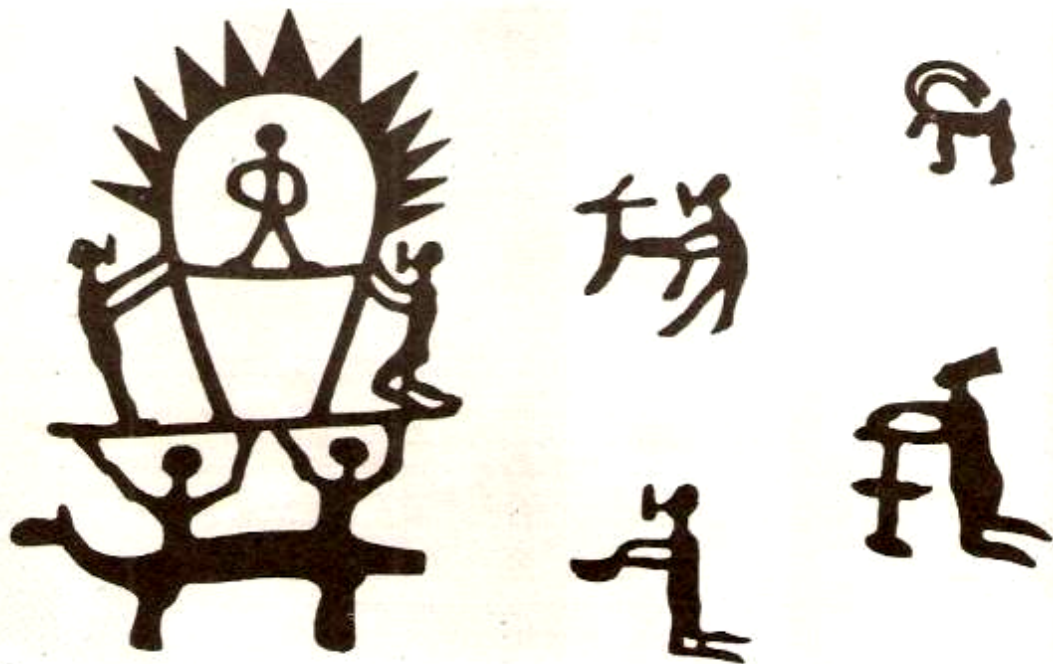
A Península de Iucatã situa-se nas regiões setentrionais da América Central, entre a Baía de Campeche e o Mar das Antilhas. Após a conquista pelos espanhóis, o bispo Dom Diego de Landa promoveu um gigantesco auto-de-fé na cidade de Mani, quando foi queimado um número desconhecido de antigos escritos maias e perdeu-se para sempre um enorme patrimônio cultural. No capítulo 41 de sua obra *"Relación de las cosas de Yucatán"*: Dom Diego vangloria-se desse ato de destruição insana, dizendo: "encontramos muitos livros com suas letras e seus desenhos que nada continham além de superstição, falsidades e maldades. Portanto, queimamo-los, o que lhes causou

profunda mágoa e, aparentemente, sentiram bastante".



74

74 Deuses primitivos australianos, chamados de "Dois Seres Criadores". Reparem nas caixas presas com cintos ao tórax.



75

74 – Deuses primitivos australianos, chamados de “Dois Seres Criadores”. Reparem nas caixas presas com cinto ao tórax.

75 – “Fostes atingido pelo alento venenoso do animal celeste”? Perguntou Gilgamés ao amigo Enkidu. No Mahabarata lê-se que tudo teria sido atingido pelo “alento venenoso do deus”. Será que o artista da Idade da Pedra, autor deste desenho rupestre, perto de Navoy, na União Soviética, sabia de tais acontecimentos? E teria sido por isto que

muniu de máscaras protetoras os seres no âmbito do alento venenoso da deidade?



76

76 – Foi assim que os aborígenes australianos representaram suas deidades primitivas, aqui, em uma rocha perto de Port Headland.



77



78



79

77 – Relevo não identificado na rocha, com Sol e círculos concêntricos, na Paraíba, Brasil.

78 – Constelação estelar desconhecida, gravada na pedra, Lagoa Santa, Estado de Minas Gerais, Brasil.

79 – Representação gráfica indecifrável em desenho rupestre no

Tassili, Saara.



80

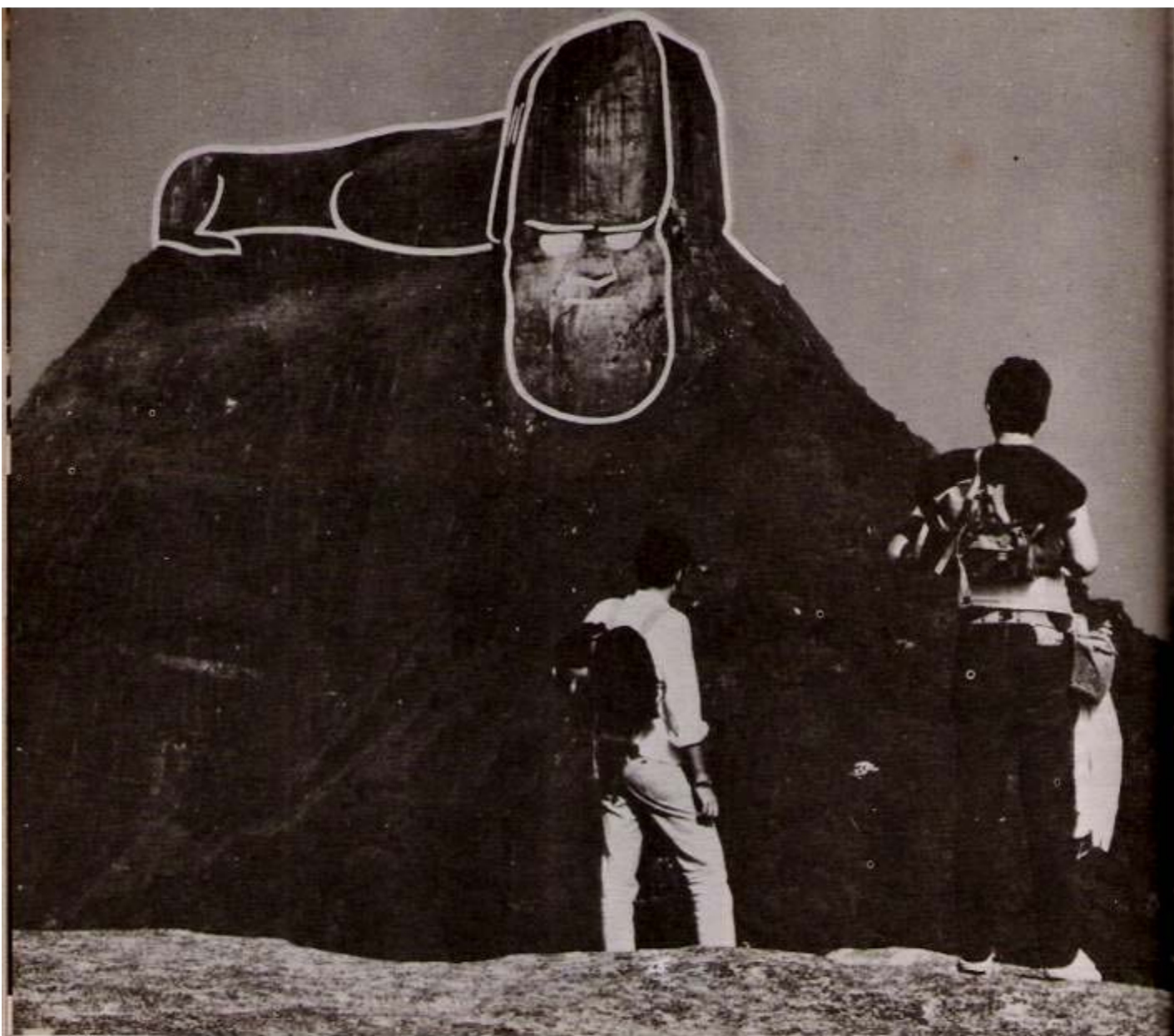


81



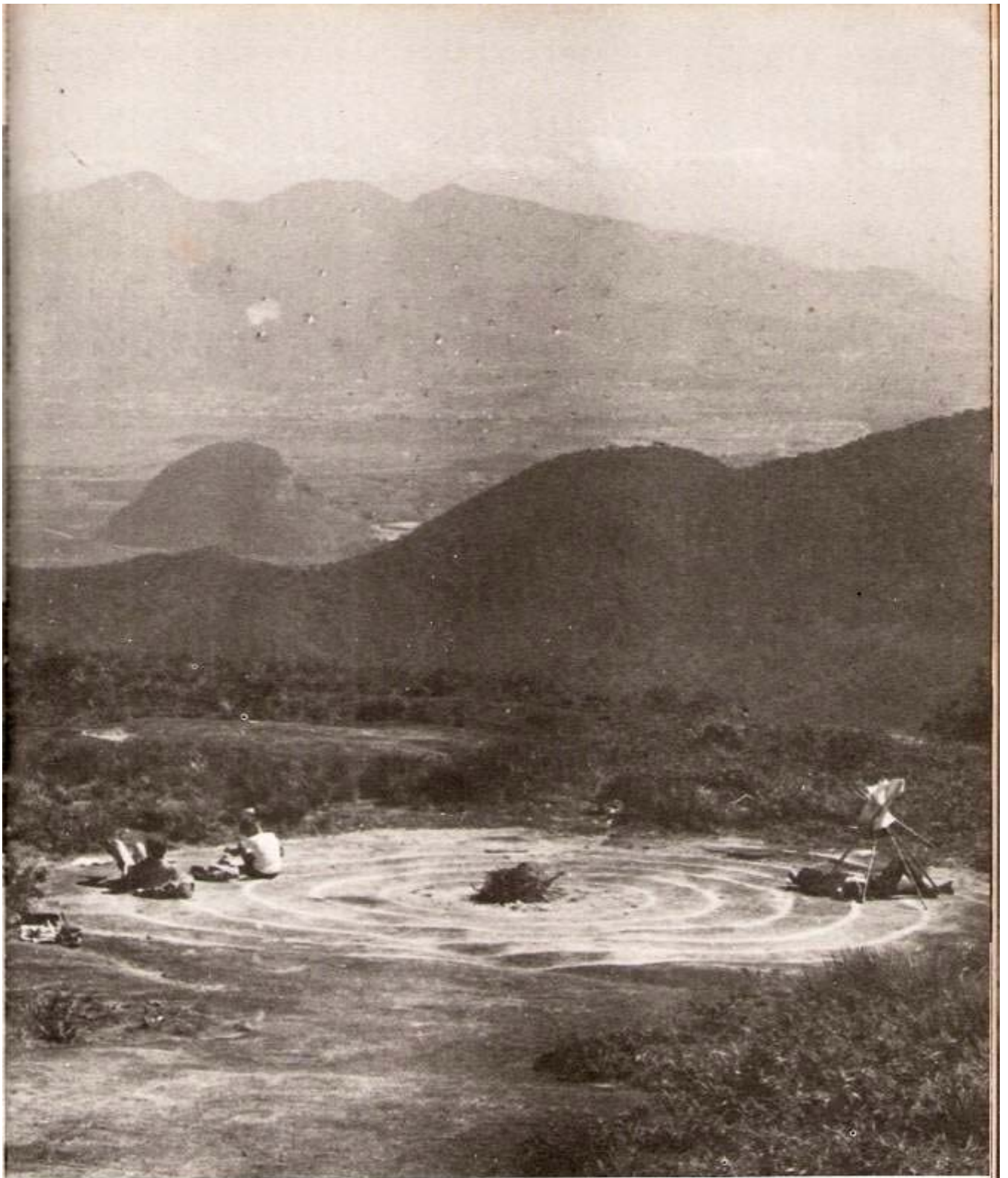
82

- 80 – Objeto voador, em uma rocha, perto de Sete Cidades, Estado do Piauí, Brasil.
- 81 – Nas proximidades de Goiânia, Estado de Goiás, Brasil: gravura notavelmente delicada, mostrando um deus de grinalda radiante.
- 82 – Também os indígenas de Sete Cidades, Piauí, estilizam estrelas, embora, a olho nu, apenas possam tê-las avistado como pontos luminosos no firmamento.



83

83 e 84 Ao sul da Cidade do Rio de Janeiro, Brasil, situa-se a Pedra da Gávea. Todo turista pode distinguir no topo da montanha o rosto e o corpo de uma esfinge deitada. À moda de todas as esfinges, também esta é cercada de mistérios. Pessoas responsáveis dizem que os contornos da esfinge seriam o produto de uma erosão natural e, portanto, a formação estranha seria um capricho da Natureza. Outras pessoas, igualmente responsáveis, acham que teria sido cortada artificialmente no topo da montanha. Os que assim opinam baseiam o seu parecer no fato de, ao longo dos contornos do corpo da esfinge, haver caracteres discerníveis e identificados como sendo da escrita fenícia, pelo professor norte-americano Cyrus Gordon. — Dei duas voltas ao redor da Pedra da Gávea em um helicóptero da Aeronáutica Brasileira; aterrissamos no seu topo; estive com meus pés plantados no planalto, em cujo solo estão riscados sete círculos. Não posso aceitar nem uma nem outra das explicações supra, mormente por serem intrigantes demais alguns achados feitos no topo e nas encostas da Pedra da Gávea ...





85

85 – Este pé de gigante, descoberto por Eduardo Chaves, existe na vegetação rasteira da Pedra da Gávea, desde milênios. Há anos, meu amigo Eduardo está à cata de curiosidades nos morros e nas serras ao

redor do Rio de Janeiro. Para pessoas interessadas no assunto, indico o seu endereço: Caixa Postal 24056 – ZC-09, 20.000 Rio de Janeiro – Estado do Rio, Brasil.

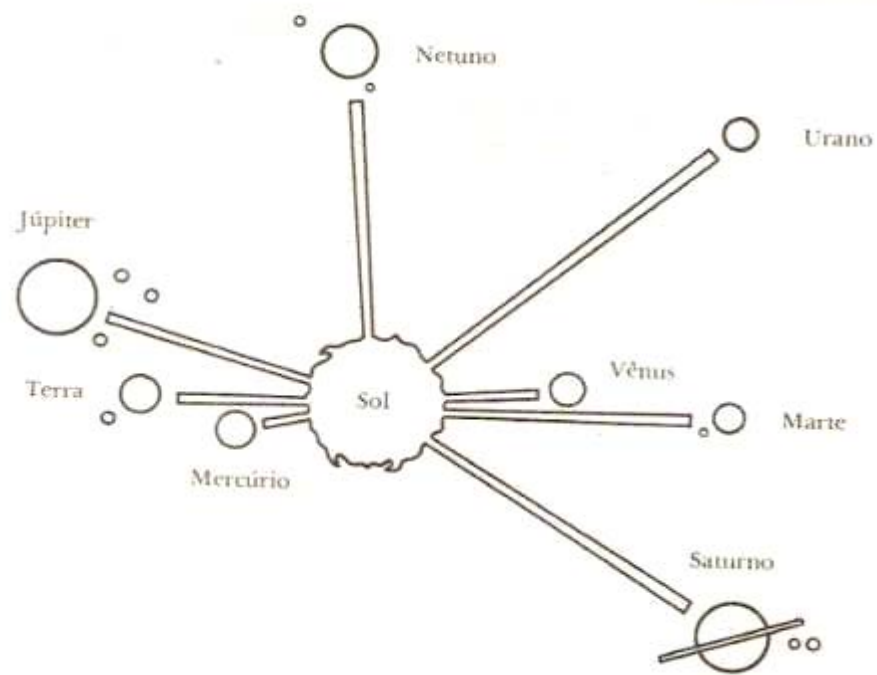
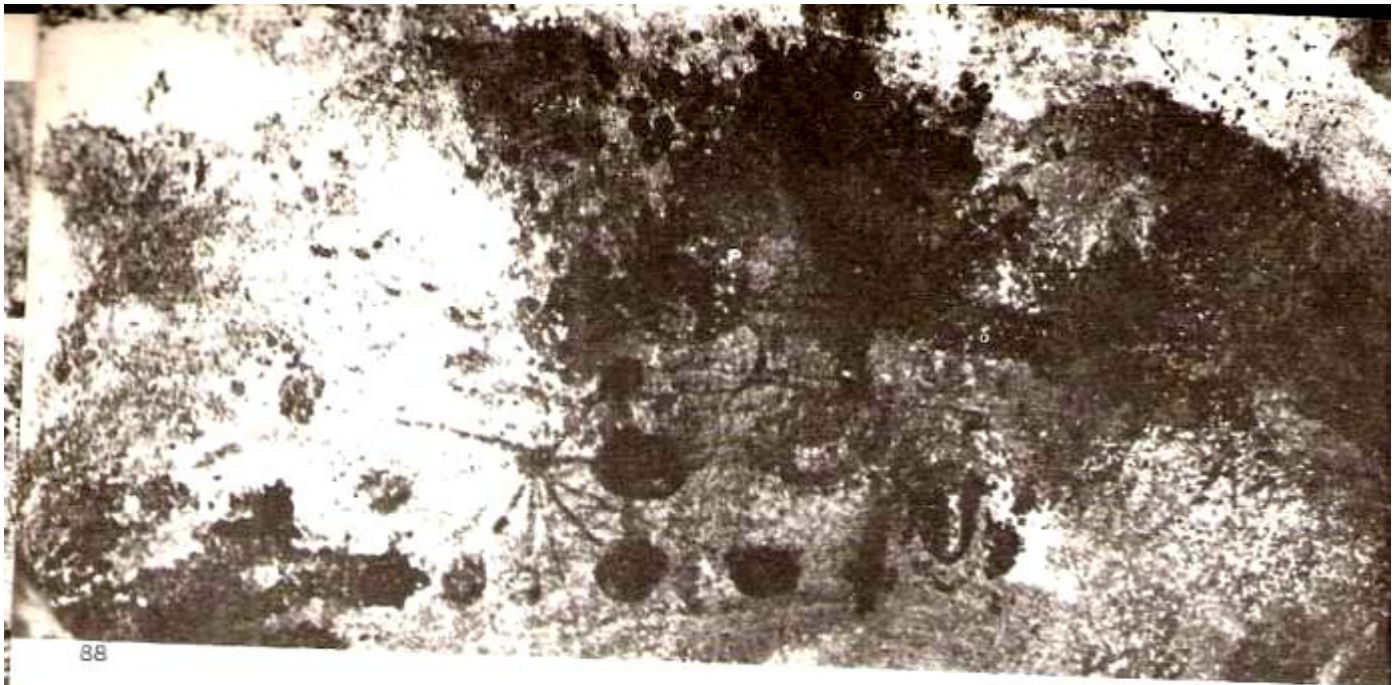


86



87

86 e 87 – Hoje em dia, ninguém mais se arrisca a afirmar que esses petróglifos enigmáticos teriam surgido de forma natural. A quem eram destinados? Eram sinais ou mensagens para os extraterrestres?



88 e 89 – Nas cavernas de Varzelândia, Minas Gerais, Brasil, foram descobertos desenhos rupestres fora do comum. Lá estão representados, em posição correta com relação ao Sol, oito dos nove planetas do nosso sistema solar, o que é prova de conhecimentos astronômicos que, decerto, eram ignorados por artistas da Idade da

Pedra. Quais eram seus mestres?



90



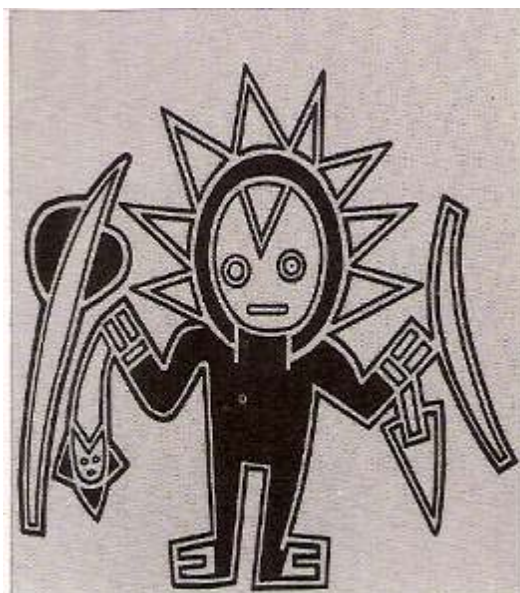


92



93

92 e 93 – Segundo a tradição dos insulanos de Rapanui, os deuses primitivos da Ilha da Páscoa eram seres voadores. Até hoje, suas imagens continuam gravadas nas rochas da orla marítima; são obras de um admirável e grandioso trabalho de alvenaria e dão a idéia de como os indígenas primitivos imaginaram as suas deidades.



94 Representação de uma divindade de fins da época Paracas, Peru.

94

Uma lenda maia conta que, 10.000 anos atrás, essa civilização viveu uma época de apogeu. Embora a Arqueologia ponha em dúvida essa datação tão precoce, por causa das "revelações" pouco numerosas que conseguiu até agora, atribuo grande importância a tais fixações no tempo, enquanto nem sabemos explicar de onde vieram e para onde foram os povos maias, já que ficou comprovado o fato de as cidades maias não terem sido destruídas por guerras ou catástrofes naturais, mas simplesmente abandonadas por seus habitantes. Os maias desapareceram sem deixar rasto. Por que teriam desertado suas maravilhosas cidades, erigidas em imponentes maciços de rocha, projetadas para "durarem"? Eles não eram nômades. Ficou *provado* que a chamada época pré-clássica remonta ao segundo milênio antes

do nascimento de Cristo; o período propriamente arcaico que precedeu essa época está fora do alcance da Arqueologia, pois ela não tem condições de levantá-lo. Muito provavelmente, os livros queimados por ordem de Dom Diego continham esses dados históricos, que hoje nos fazem falta. Somente três manuscritos maias, os chamados códices maias, foram salvos daquela obra de destruição; são feitos de casca de figueira e dobrados como um álbum "Leporello". Esses fragmentos são denominados segundo o local onde, atualmente, estão sendo guardados, a saber: "*Codex Dresdensis*", "*Codex Paris*" e "*Codex Madrid*" ou também "*Tro-Cortesianus*". Até agora, chegaram a ser interpretados apenas em sua menor parte os glifos conservados, em cores desbotadas. Conseguiu-se a decifração incontestável dos dados numéricos de um sistema genialmente simples, segundo o qual são feitos cálculos com traços transversais, contendo pontos.



95

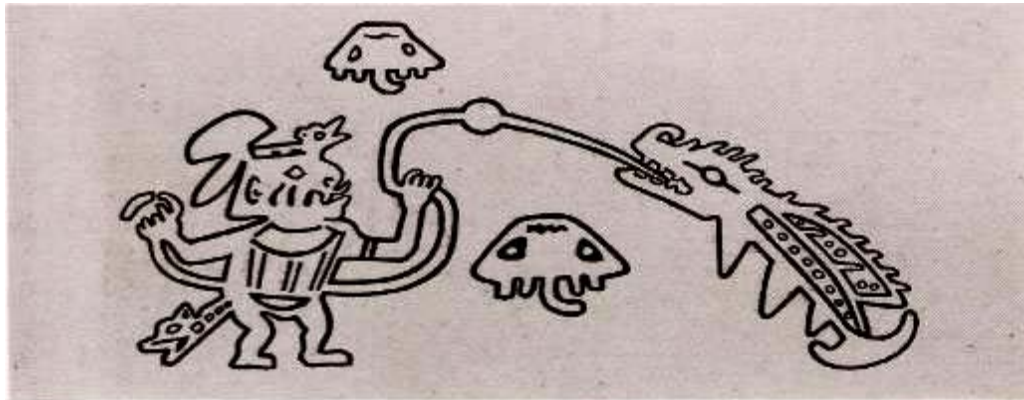


96



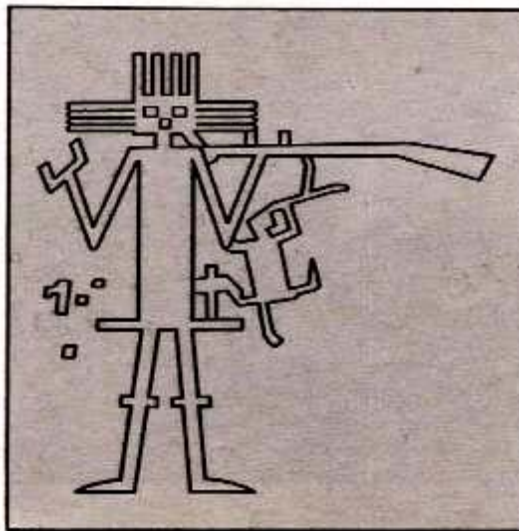
97

95 a 97 – A arqueologia conhece essas três figuras pré-históricas sob as denominações de: “Homem com cabeça de bague”, “Vênus de Willendorf” e “Símbolo do Sol de quatro rostos”. As três são consideradas deusas-mães, datam de mais de dez milênios atrás e simbolizam a origem da inteligência. As cabeças deformadas – revelando parentesco com desenhos rupestres – indicam sua procedência não-humana.



98

98 Este desenho estilizado, do Museu Etnológico de Hamburgo, representa um índio em contato com um dragão voador. As formações semelhantes a robôs, que espreitam no fundo, surgem nos mitos como "seres que não comem farinha, nem bebem água".



99

98 – Este desenho estilizado, do Museu Etnológico de Hamburgo, representa um índio em contato com um dragão voador. As formações semelhantes a robôs, que espreitam no fundo, surgem nos mitos como "seres que não comem farinha, nem bebem água".



100



101



102

102 A estela de Santa Lúcia em Cotzumalhuapa, Guatemala, mostra embaixo, à direita, uma figura vestida como um astronauta da atualidade — em cima, um “deus-abelha” apóia-se no Sol!

100, 101, 103 Esses relevos maias, do México, são classificados como “deuses-abelhas”. Não consigo descobrir qualquer semelhança com abelhas. Há ali seres de braços estendidos, deitados no chão, em cujas mãos melhor caberiam os controles de um veículo. Os pés calçando sapatos (103) repousam sobre peças de locomoção elásticas, com grandes superfícies de apoio.



103

Um ponto simboliza o algarismo 1, três pontos representam 3; o algarismo 5 é simbolizado por um traço transversal, portanto para o algarismo 7 utilizam-se um traço transversal e dois pontos. O algarismo 17 é representado por três traços transversais e dois pontos colocados sobre os traços. Os maias conheceram até o valor relativo dos algarismos e o zero. Conheceram, igualmente, o sistema de numeração vigesimal; multiplicavam por 20. Para representar o algarismo 23, colocavam três pontos no algarismo significativo de um e um traço transversal no que significa 20. O traço transversal simbolizando 20 era bem distinto do traço transversal simbolizando 5; os traços indicando valores mais elevados eram desenhados em distância bem nítida, acima dos traços simbolizando o algarismo 5. - Outrossim, é incrível a proeza do sistema calendário dos maias. O ponto de referência de seus cálculos do tempo é um dia no ano de 3.113 a.C. Os americanistas afirmam que esse misterioso ano de 3.113 nada tem a ver com a verdadeira história dos maias, porém possui apenas um "valor simbólico", a exemplo da metáfora judia, que diz "desde a Criação do mundo". Quem, no entanto, poderia arriscar tal afirmação, desde que não sabemos de onde vieram e onde desapareceram os povos maias? Muita coisa foi dita e escrita a respeito do calendário maia. O fato é que opera com ciclos anuais que se teriam repetido somente a cada 374.000 anos. Os maias projetaram suas estruturas pelo calendário; um degrau para cada dia do mês, uma plataforma para cada mês e no topo, no 365^o. dia, o templo. Até parece que os maias do Reino Antigo não teriam erguido seus templos por fervor religioso, mas antes, porque foram impelidos a seguir a orientação dada pelo seu sistema calendário. - Em Chichén Itzá, no México, houve o observatório astronômico, uma construção redonda, erguida sobre dois terraços imponentes, que se insere na mata virgem ao seu redor. Os astrônomos conheceram a órbita lunar até quatro algarismos depois da vírgula e mesmo o ano venusiano lhes era

conhecido, até três algarismos depois da vírgula. - Os primitivos deuses maias vieram das estrelas, comunicaram-se com as estrelas e voltaram para as estrelas. No "Popol Vuh", mito da criação dos índios quichés, da grande família maia, conta-se que, após participarem de lutas e sofrerem agravos entre os seres humanos, 400 jovens celestes teriam regressado às Plêiades. Presumivelmente, o deus maia Kukulcan corresponde ao deus asteca Quetzalcoatl; era simbolizado por uma serpente de plumas e proveio das estrelas. Como os maias depararam dia após dia com a serpente, arrastando-se no chão, é difícil compreender por que a reproduziram *voando*. - Os manuscritos maias ainda existentes abrangem 208 páginas dobradas. Em vista da enorme variedade de desenhos, figuras, emblemas e possibilidades de combinação dali resultantes, não é de se estranhar que, até hoje, tão pouca coisa chegou a ser decifrada. Os desenhos em casca de figueira, que leva uma fina camada de cal para servir de base à aplicação das cores, são conservados entre lâminas de vidro. O "*Codex Dresdensis*" abrange 74 páginas manuscritas com cálculos astronômicos e tabelas das órbitas de Lua e Vênus. Ao lado dos algarismos sempre surge no Céu um monstro com aspecto de réptil, em contato com a Lua e que, ao mesmo tempo, vomita água sobre a Terra. As figuras usam chapéus e máscaras sofisticados e, por vezes, uma espécie de roupa de mergulhador. Estariam os sacerdotes maias executando experiências com animais? Vultos indefiníveis manipulam dispositivos estranhos. - O "*Codex Paris*" foi adquirido em 1832 pela Biblioteca Nacional, de um particular; é feito do mesmo material e contém 22 páginas bastante danificadas, cobertas de desenhos coloridos. No século passado, a conservação das folhas dobradas era feita de maneira tão desastrosa que continuam visíveis apenas duas das páginas daquele tesouro, embutido em uma caixa de vidro. Ainda bem que existem reproduções, datando de 1887. O códice de Paris contém, principalmente, profecias calendárias. - O "*Codex Madri*"

encontra-se no Museu da América, abrange 112 folhas com pinturas, mostrando deuses em grotescas posições rituais. São fascinantes aquelas pinturas, tanto no seu aspecto total, quanto nos seus detalhes. E quantas interpretações delas já se fizeram! Um deus fumando, em cima de um glifo da Terra, deuses diante de recipientes com comida, flagelação por perfuração da língua, deusa com cabeça de serpente diante do tear... Damos aqui ilustrações de seqüências desses códices, conhecidos quase que exclusivamente nos círculos especializados, para que o leitor, *sem preconceitos*, possa julgar por si só o *que*, de fato, ali foi retratado. Quero crer que o leigo, sem idéias preconcebidas, tem condições de combinar com objetividade maior do que costumam fazê-lo os especialistas na civilização maia. (Vide Ilustrações em Cores.)

No decurso de seus trabalhos de pesquisa, de 1949 a 1952, o arqueólogo mexicano Alberto Ruz Lhuillier descobriu uma câmara mortuária no interior do "Templo das Incrições", em Palenque (México). No pátio externo do templo; situado na plataforma mais elevada de uma pirâmide em degraus, uma escada, escorregadiça com a umidade, leva quase 25 m para baixo, até 2 m debaixo da superfície da terra. A escada era tão bem "camuflada" que parecia secreta. As dimensões e a localização da câmara correspondem a "idéias mágicas ou simbólicas" - (Marcel Brion). A equipe de arqueólogos levou três anos para "limpar" essa via de acesso, do alto para baixo. O solo da câmara é formado por um monólito de 3,80 m de comprimento e 2,20 m de largura e ostenta um fantástico relevo, gravado na pedra. Ainda estou para ver outro trabalho em pedra, de igual beleza e esmero. Ao redor do retângulo há glifos maias, delicadamente cinzelados, dos quais apenas a menor parte chegou a ser decifrada. Os glifos na lápide são os mesmos que conhecemos da literatura maia (códices) e das estelas maias; há a árvore da vida (ou a cruz da vida), um índio com a máscara do deus da Terra - diadema de penas na cabeça, rolinhas de jade e

cordas - e, por fim, a ave sagrada quetzal, uma serpente de duas cabeças e máscaras simbólicas. O arqueólogo Paul Rivet, um dos melhores conhecedores da lápide, é de parecer que o índio seria representado sobre o altar de sacrifícios e no fundo haveria uma gravação de "fios de barba estilizados do deus do tempo", motivos conforme aparecem nas cidades maias. - Debaixo dessa lápide tão sublimemente lavrada, foi encontrado um sarcófago, pintado de vermelho-púrpura e contendo um esqueleto; o rosto estava coberto por uma máscara de ouro; ao lado do esqueleto estavam depositadas algumas peças de jóias de jade, bem como apetrechos rituais e oferendas fúnebres.

Desde que vi a lápide de palenque pela primeira vez, interpretei-a sob o ponto de vista tecnológico. Tanto faz tomá-la como imagem transversal ou longitudinal, pois, de qualquer modo, o observador sente-se quase como perseguido pela impressão de um ser flutuando no espaço. Pelo que eu saiba, as melhores fotos da lápide, que se encontra detrás de uma grade de ferro protetora, são as que foram tiradas pela equipe de câmara do filme "ERINNE-RUNGEN AND DIE ZUKUNFT" - Eram os Deuses Astronautas? - Após oito tentativas inúteis, as autoridades permitiram, por meia hora, o trabalho cinematográfico no interior da câmara mortuária. Com essas fotos posso documentar para o leitor, melhor do que com o meu primeiro livro, sob o mesmo título, de que se trata. Em sua totalidade, a lápide forma uma moldura, em cujo centro está sentado um ser com o torso inclinado para a frente (como um astronauta no interior da cápsula de comando). Esse ser esquisito usa um capacete, do qual tubos duplos saem para trás. Diante do seu nariz, há um dispositivo de oxigênio. Com ambas as mãos, o ser de torso inclinado para a frente manipula um mecanismo de controle; a mão em posição de cima está aberta, como querendo apertar um botão em sua frente; a mão em posição de baixo mostra quatro dedos, saindo de sua face externa, com o dedo

mindinho encurvado. Não daria a impressão de com essa mão o ser de torso inclinado manobrar um dispositivo semelhante à alavanca aceleradora de uma motocicleta? O calcanhar do pé esquerdo está colocado sobre um pedal de vários degraus. Quem olhar as fotos de Palenque deve reparar nos trajes bastante modernos do "índio sobre o altar de sacrifícios", pois, rente ao queixo, visível ainda no decote, nota-se uma espécie de gola olímpica; a jaqueta está ajustada ao corpo, com ambas as mangas terminando em punhos. Usa cinturão com larga fivela de segurança, calças de tecido de malha larga, no assento colantes nas pernas e que vão até o tornozelo... eis os trajes espaciais de nossos dias. A meu ver as características técnicas da aparelhagem em cujo interior está acocorado o astronauta, em aparente tensão nervosa são as seguintes: ele está preso com cintos de segurança; em sua frente tem o agregado central de oxigênio, suprimento de energia e comunicações, bem como as chaves manuais e os instrumentos para observações externas, fora da espaçonave. Na proa da nave, ou seja, diante da unidade central, notam-se ímãs grandes, que servem para formar um campo magnético ao redor do invólucro externo da nave espacial, para protegê-la contra o bombardeio de partículas cósmicas, durante o seu vôo em alta velocidade. Atrás do astronauta percebe-se uma unidade de fusão nuclear; dois núcleos atômicos, provavelmente hidrogênio e hélio, e que presumivelmente acabam por se fundir, estão representados simbolicamente. Reputo como detalhe essencial ao meio do conjunto a representação estilizada do retrofoguetete, na ponta do engenho, e que é feita *fora* da moldura. Além desses desenhos, cuja interpretação técnica acabo de dar, a lápide sempre mostra glifos maias. Acho bem compreensível que os maias tenham usado esta forma para transmitir a mensagem do seu "mensageiro celeste" e registrado a sua estória de uma maneira que lhes era possível e conhecida. - Após a visita de um ser extraterrestre, os índios teriam experimentado o anseio bem

"natural" de eternizar em relevo o ilustre visitante, junto com o seu veículo. Todavia, além de, para tanto, os pedreiros carecerem dos indispensáveis conhecimentos técnicos, não teria sido possível reproduzir em pedra, à primeira vista, um aparelho complexo e sofisticado como o é uma espaçonave. Teriam eles para tal tarefa solicitado a ajuda dos visitantes celestes? Teriam os extraterrestres fornecido aos artistas maias um simples desenho esquemático do seu veículo celeste? Ao cético que me pergunta por que motivo os extraterrestres deveriam ter revelado seu saber e segredos, somente posso responder o seguinte: fizeram-no a fim de, também neste caso, deixar para as gerações posteriores provas visíveis de sua presença na Terra.



104



105



106



107

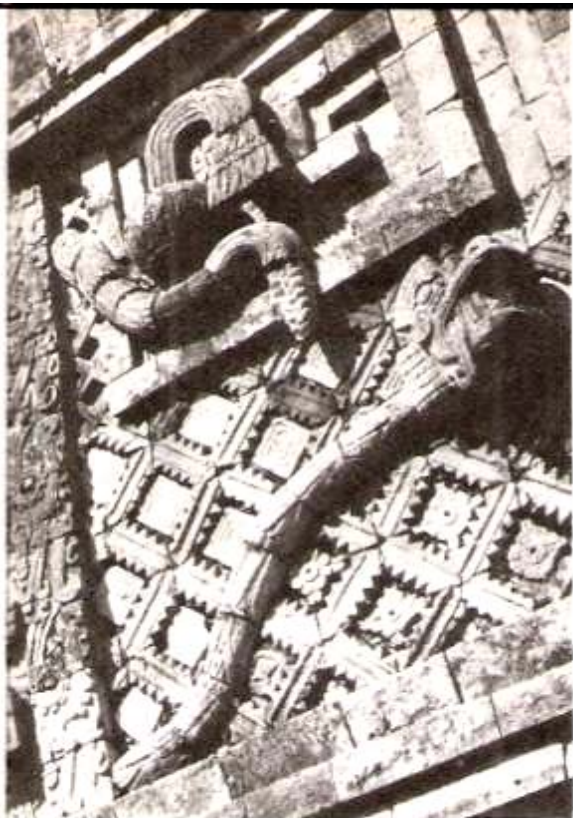


Uma vez aceita esta especulação, os glifos existentes e em parte decifrados não excluem a simultânea versão técnica. Não vale como

prova definitiva a afirmação de que, com a lápide, se trata da tradicional simbologia maia. A literatura não permite tirar dedução concludente de, com este relevo, não se tratar de elementos técnicos. De pouco adianta insistirmos em superadas hipóteses de trabalho. A Arqueologia não admite sequer cogitar de noções precedentes do âmbito da técnica cosmo náutica. Por isto acho intolerante a atitude de recusar a minha versão e tomo a liberdade de sugerir um empate: a lápide não encontra explicação satisfatória através da literatura maia, portanto a versão tecnológica é concebível.

Não sei se a ONU ou outra organização mundial, dotada de amplas verbas, mantém uma estatística a respeito de quantos milhares de metros quadrados de solo natural estão sendo lavrados, diariamente, hora após hora, para serem transformados na paisagem dita civilizada, em cidades, estradas, indústrias, aeroportos, campos esportivos. Sei, com toda certeza, que não se pratica a Arqueologia naqueles canteiros de obras. Lá não há especialista em pré-história, nenhum engenheiro treinado em reparar nas coisas que constituem o nosso passado, nenhum arqueólogo. Estou firmemente convicto de que não nos iríamos aventurar tão totalmente desorientados no labirinto de nossa história remota, se as entranhas da terra fossem devidamente examinadas. Quando, séculos atrás, os colonizadores começaram a "conquistar" novos continentes, fizeram presentes aos "selvagens", deram-lhes contas de vidro, espelhinhos, tecidos... e sempre quando era preciso entrar nas boas graças de um chefe tribal ou uma tribo inteira, ofereceram algo de valor maior, como, por exemplo, machados, facas, martelos, pregos, serras e panelas de cozinha. - Seria ir longe demais supor que também os cosmonautas alienígenas teriam trazido presentes em suas visitas à Terra; que presentearam os nossos antepassados, digamos, com ferramentas? De fato, até agora não foram encontradas ferramentas de origem extraterrestre, em parte alguma do globo terrestre. Mas nem poderiam ter sido encontradas,

pois jamais foram procuradas. Podemos, ao menos, fazer uma idéia de como teriam e deveriam ter sido tais ferramentas? Nem a mínima. Peço o favor de lembrar que na época dos nossos avós os aparelhos de rádio ainda eram volumosas caixas de madeira e os alto-falantes eram de dimensões a neles caber uma cabeça de criança. *Hoje*, temos aparelhos transmissores e receptores que cabem dentro de uma ervilha e alto-falantes que são de um terço de uma caixa de fósforos. Com isto quero ilustrar como os produtos de uma técnica mais avançada ocupam espaço sempre menor. Portanto, as ferramentas de uma avançadíssima técnica extraterrestre não precisam, necessariamente, ter volume bastante para resistir à picareta e à draga. Será que pisamos, inadvertidamente, em cima de preciosidades?



108



109



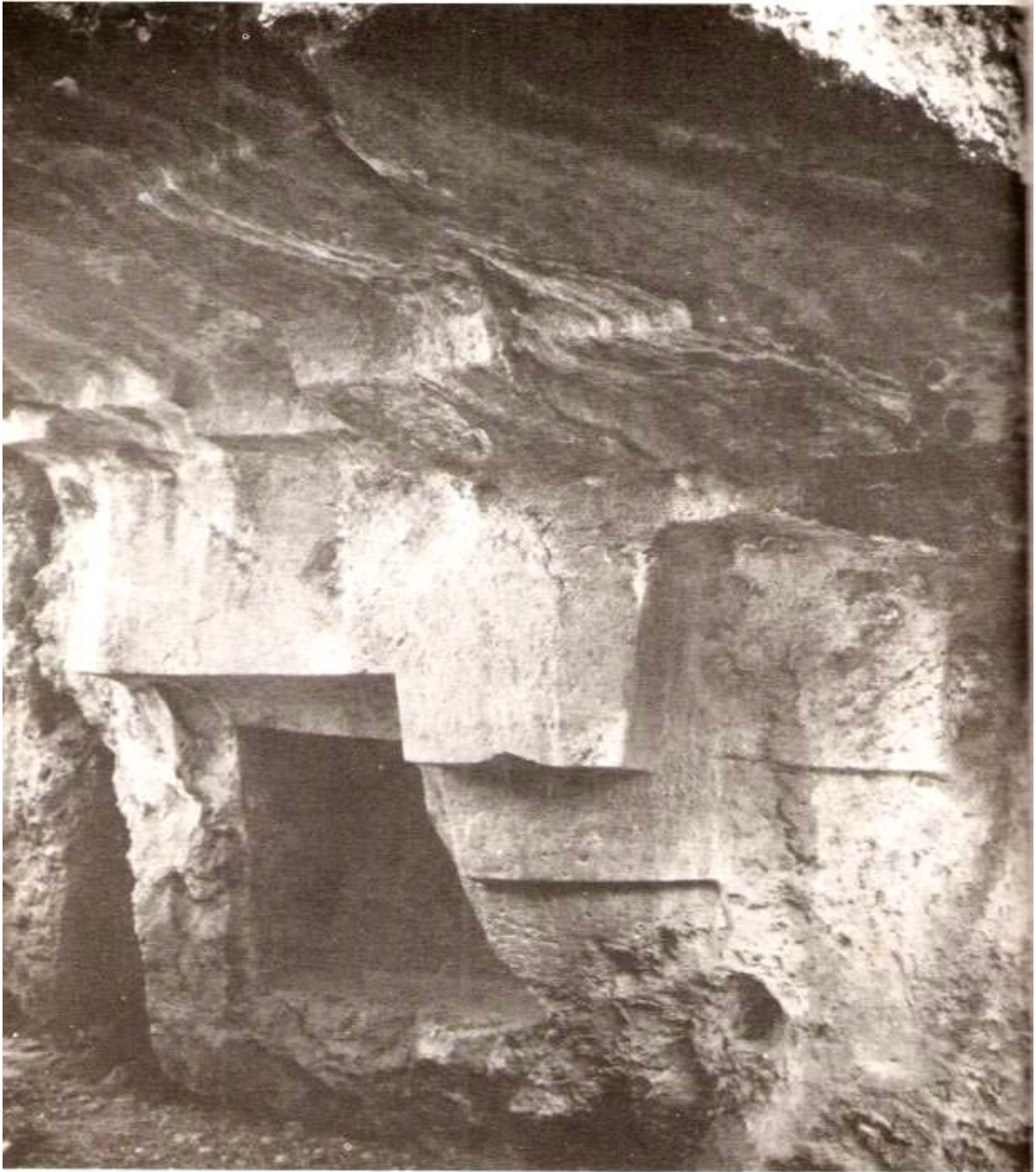
110

108, 109 e 110 – É sobejamente conhecido o fato de, em nenhuma época, as serpentes voarem. No entanto, para citar apenas dois exemplos, tirados de locais separados por grandes distâncias geográficas, mostro aqui uma serpente voadora no templo de Uxmal, no México, e outra, no Vale dos Reis, no Egito. Conforme criado por

Robert Charroux, o historiador Sanchuniaton (1250 a.C.) relatou em suas crônicas: “A serpente tem uma velocidade insuperável, devida a seu fôlego. Ao locomover-se, ela executa um movimento em espiral, ao qual pode dar a velocidade que quiser... Sua energia é extraordinária... Com seu brilho ilumina tudo...” Esse relato não se refere a serpentes, rastejando no chão, como costumam ser vistas pelos terrestres, desde os tempos mais remotos! No entanto, Sanchuniaton bem que pode descrever seres com equipamento astronáutico, conforme representados em uma antiqüíssima taça maia, em San Salvador, República de El Salvador (fig. 110). Aliás, devidamente estilizados, seres assim equipados podem tornar-se serpentes!

Cuzco está situado a 3.467 m de altitude. A pouca distância dessa cidade provinciana do Peru situa-se a fortificação incaica de Sacsayhuaman, atração turística de primeira ordem. Ela impressiona com seus blocos monolíticos de mais de 100 t; as superfícies desses blocos são lisas, a ponto de Robert Charroux supor que teriam sido alisadas mediante tratamento químico. No entanto, não é isto o que muito me fascina naquelas altitudes; tampouco fico impressionado com as três muralhas de blocos de pedra de 6 m de altura ou a plataforma de mais de 500 m de extensão e 18 m de altura. O meu mundo maravilhoso acha-se a um quilômetro dali, em uma altitude de 3.500 a 3.800 m. Atravessando fendas e grutas nas rochas, escalei a plataforma. No ar rarefeito dessas altitudes a respiração torna-se difícil e nem se espera por mais nada de excepcional, porém, de repente, deparam-se monstros cortados na pedra lavrada com grande esmero. Tomei as medidas de alguns deles e ei-los: de um bloco de 11 m de altura e 18 m de largura foi cortado um retângulo, medindo 2,16 x 3,40 x 0,83m. Há ali um bloco de concreto de 13 m de altura, alisado e polido, como se fosse entregue ontem pelo empreiteiro. Bem que não é

de concreto, pois é de pedra de granito, lavrada à mão, segundo os melhores padrões do ofício. Faço o possível para espremer meu corpo em estreitos nichos, abertos na rocha, e em toda parte encontro o mesmo trabalho perfeito, de alta qualidade. Por onde ficaram os vestígios dos respectivos canteiros de obras? Deveria haver refugos e detritos, pois, para a sua remoção, as fendas nas rochas são muito estreitas. Concordo com Charroux e, além do mais, tenho a firme convicção de haver tido ali em cima uma explosão, que moveu as rochas e fundiu as pedras. Desci a uma gruta de quase 80 m de profundidade. Como sacudida por uma força elementar, a passagem dessa gruta sofre solução de continuidade em vários pontos, ao passo que outras seções de suas paredes e seu teto resistiram à catástrofe. Até embaixo, no Vale do Urubamba, encontram-se massas de pedras desintegradas; portanto, essas partes eram *lavradas*, pertenciam a um todo, revelam as marcas de um trabalho de alta precisão e nunca mais poderão ser reintegradas em seu conjunto. Em Cuzco e Lima perguntei a especialistas sobre o significado e a origem dessas formações. Nada sabem de concreto. E isto não é nada demais. Em resumo, podemos levantar os seguintes fatos: o complexo situado acima de Sacsayhuaman foi erguido em tempos desconhecidos, com métodos desconhecidos e já existia quando os filhos do Sol lá construíram a sua fortificação incaica. *Eu* preocupo-me com estas perguntas sem respostas. Dizem que continuo atacando a ciência? Será que faço tal coisa? Na verdade, continuo promovendo a idéia de atraí-la para os locais onde se encontram os enigmas do mundo a serem decifrados.



111

111 - Acima da fortificação incaica de Sacsavhuaman, Peru, há monólitos lavrados de uma maneira incrível e inimaginável. No próprio local e sempre quando tive ocasião de conversar com americanistas, indaguei pelo significado dessas edificações e pelos meios técnicos usados em sua construção. A resposta era, invariavelmente, a mesma:

ninguém sabe quem trabalhou ai, nem quando e com o auxilio de que ferramentas. Contudo, ninguém arrisca a afirmação de, a Natureza, por mais uma vez, ter ali produzido uma obra, segundo o seu capricho...



112



113



114



115

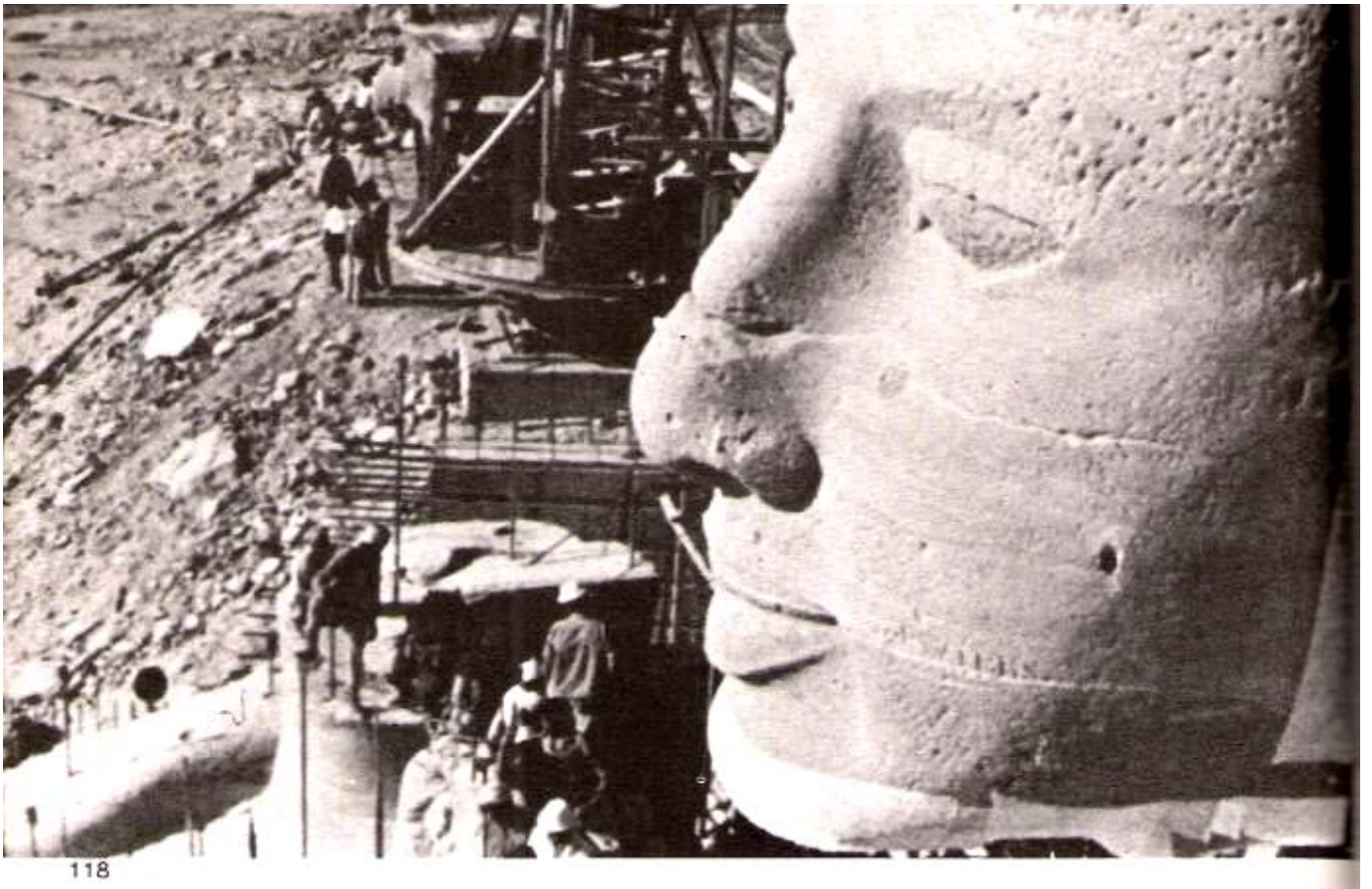


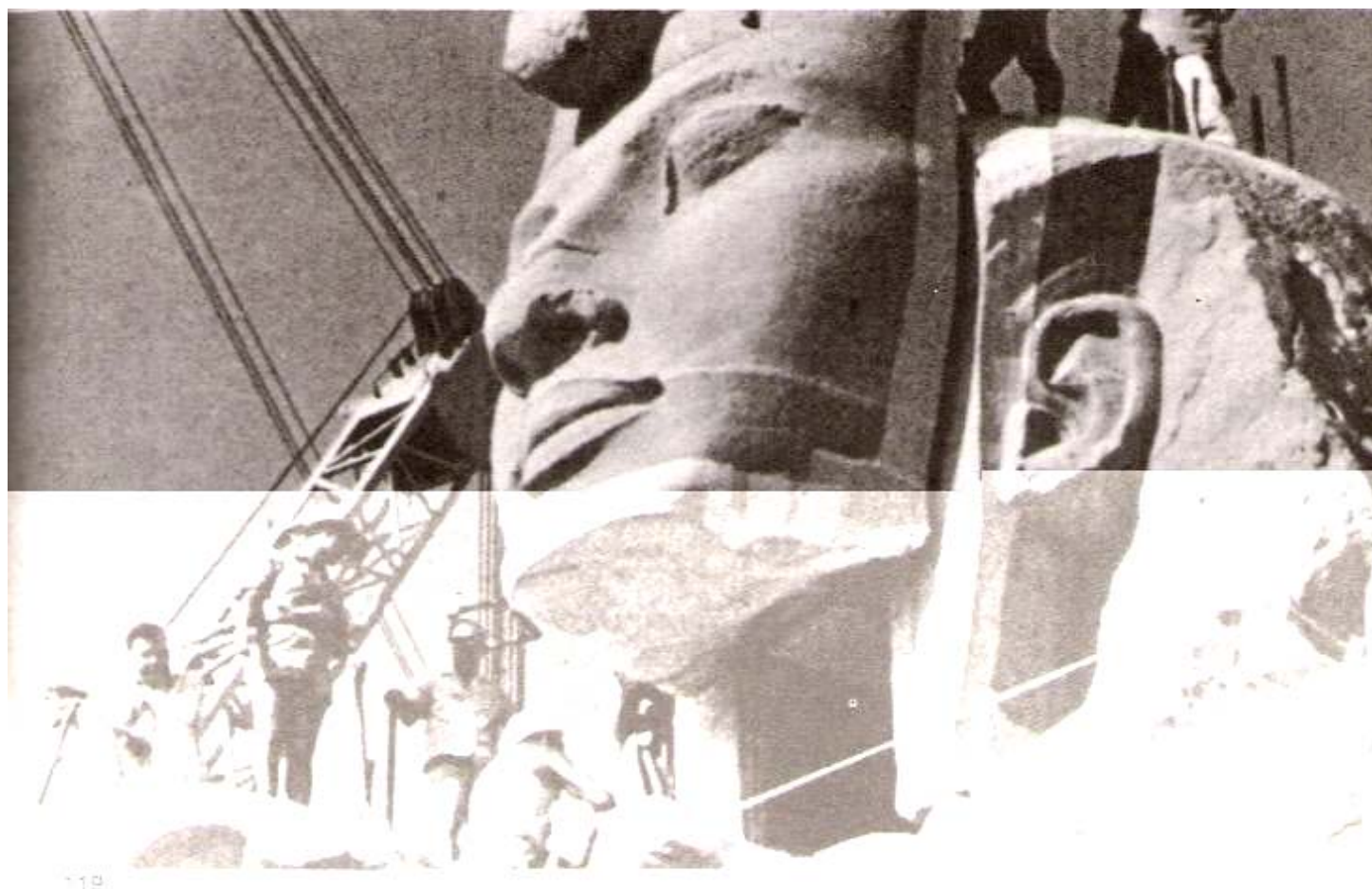
116



117

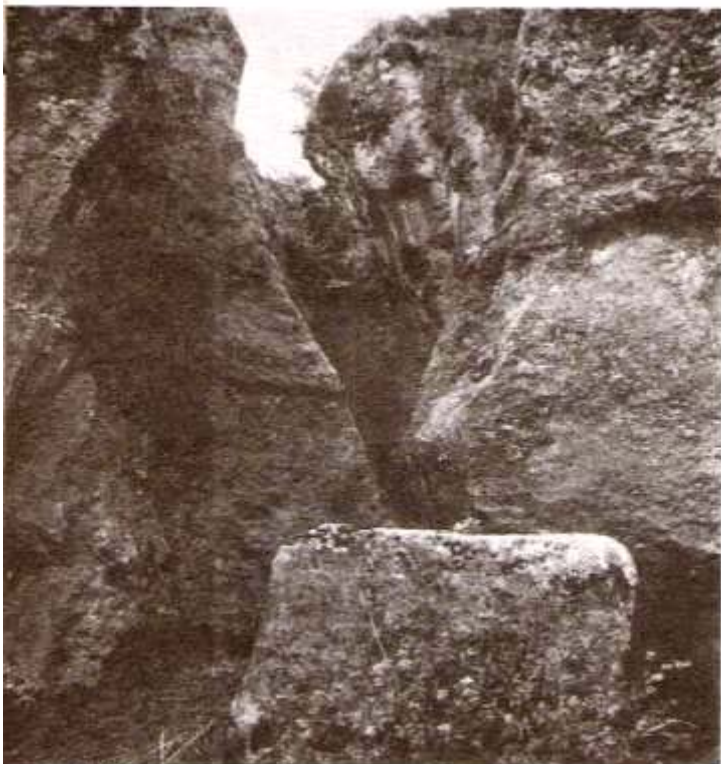
112 a 117 Tirei todas estas fotos nas encostas acima de Sacsayhuaman. Dizem que essas formações seriam resíduos de geleiras (112). No entanto, olhando-as bem de perto, o que fiz durante semanas a fio, os enigmas de pedras, praticamente, saltam aos olhos da gente. Seções cortadas na rocha, com cantos em ângulo reto e superfícies polidas (113) — depressões indefiníveis (lembrando uma banheira) (114) — cunhas introduzidas na rocha em ângulo reto, que hoje nos parecem sem sentido (115) — vitrinas de pedra, que parecem como cortadas com uma faca de queijo (116) e, enfim, um trono de pedra de granito para gigantes (117). Qual seria o significado de tudo isto?





Por duas vezes estive em Tiahuanaco, para levar a efeito pesquisas aprofundadas. Por fim, cheguei àquele pequeno povoado, com 4.000 m de altitude, no planalto boliviano. vindo de Cuzco, após um dia de viagem de navio e trem. De certo a pequena estação ferroviária não estaria tão movimentada se não fossem os mistérios de pedra que fizeram o renome do lugar. Nas imediações da estação ferroviária há o museu; a cinco metros da via férrea apresen-tam-se enigmas indecifráveis; são pedras muito bem polidas, retangulares, com ranhuras da espessura de um dedo, perfeitamente assentadas e encaixadas, como se devessem ser embutidas em determinado lugar. Trabalhou-se ali segundo o método de fazer casinhas com cubos? Quais eram as plantas? As ranhuras correm sempre em ângulo reto com a superfície; não podem ter sido feitas com ferramenta alguma

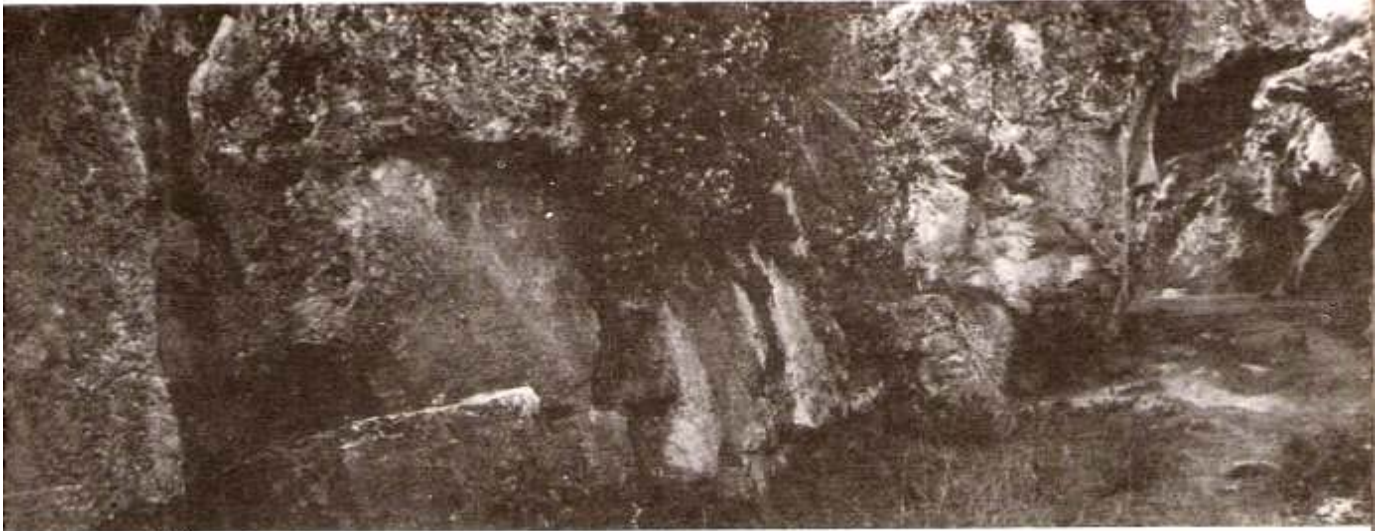
atribuída à civilização pré-incaica. Ali a pedra era fresada. Mas como? Uma moderna máquina de fresar bem que poderia produzir essas ranhuras com fresas minúsculas de alta rotação. Também os monólitos do antigo Tiahuanaco apresentam ranhuras idênticas, dispostas de cima para baixo e, ao que tudo indica, destinadas a serem encaixadas em outra peça igual. Em um dos templos reconstruídos, restauradores zelosos ergueram entre os monólitos pedras retangulares que agora perfazem o muro.



120 a 125 Essas obras de alvenaria, até agora inexplicáveis, podem ser vistas nos precipícios acima de Cuzco, Peru, a 5.500m de altitude. Lá, encontram-se superfícies polidas com grande esmero (120) — tem-se a impressão de que somente ontem foram retirados os moldes de madeira de uma estrutura em concreto armado (121); no entanto, apesar da mão-de-obra de alta qualidade, não se trata de concreto, mas sim, de granito, lavrado com precisão perfeita. Qual poderia ter sido a finalidade daquelas obras, tão bem feitas nesses abismos de rocha? (122) — A fim de estimular a fantasia do leitor, sugiro olhar de perto as fotos que mostram detalhes (123 a 125). Não estaria na hora de serem aplicados novos modelos de pensamentos, lá em cima, no fim do mundo?

120 a 125 – Essas obras de alvenaria, até agora inexplicáveis, podem ser vistas nos precipícios acima de Cuzco, Peru, a 3.500 m de altitude.

Lá, encontram-se superfícies polidas com grande esmero (120) – tem-se a impressão de que somente ontem foram retirados os moldes de madeira de uma estrutura em concreto armado (121), no entanto, apesar da mão-de-obra de alta qualidade, não se trata de concreto, mas sim, de granito, lavrado com precisão perfeita. Qual poderia ter sido a finalidade daquelas obras, tão bem feitas nesses abismos de rocha? (122) – A fim de estimular a fantasia do leitor, sugiro olhar de perto as fotos que mostram detalhes (123 a 125). Não estaria na hora de serem aplicados novos modelos de pensamentos, lá em cima, no fim do mundo?



123



124



125

Com esses encaixes, as ranhuras nos monólitos ficam encobertas e desapareceu um indício essencial do *legítimo Tiahuanaco tecnológico*. Não é assim que se resolvem problemas! Outra coisa, pedaços de condutores de pedra foram embutidos no muro do templo. Tais "condutores" haviam sido encontrados no chão. O que fazem lá no muro? Deveriam coletar a água da chuva. Não existem conduções transversais. Peguei na picareta e escavei algumas seções e cantoneiras; em geral, tanto nas peças retas como nas em ângulo reto faltou a *parte inferior*. Li que, com esses tubos, ter-se-ia tratado de "condutores de água"; em todas as épocas, uma adutora de água exigiu primeiro as cantoneiras inferiores, bem mais importantes do que as superiores, que são de simples cobertura. Ou será? Em uma seção de 1,14 m de comprimento encontrei logo duas cantoneiras, sem parte inferior. No caso de o engenheiro pré-incaico ter verificado que os tubos aduziram muito pouca água, por que, então, deixou de alargar aquela *única* ranhura? Por que, por todas as deidades incaicas, mandou cortar uma segunda cantoneira, a uma distância de apenas 2 cm? A ausência das partes inferiores já desmente a tese da adutora de água; por outra, acontece que existem tubos duplos e isto, para mim, é o suficiente para rejeitar as explicações de praxe. - Tiahuanaco, repleto de mistérios, teve datação arqueológica segundo restos ósseos e carvão vegetal; supõe-se que as edificações tiveram sua origem por volta de 600 a.C. Data ideal! Em 592 a.C. o profeta Ezequiel teve o seu encontro com a espaçonave. Seria inconcebível que os extraterrestres instalaram uma base em Tiahuanaco? Conforme comprovado pelo engenheiro da NASA, Josef F. Blumrich, o pessoal técnico de terra permaneceu durante 20 anos em nosso planeta. Os astronautas não trouxeram materiais de construção, mas sim, ferramentas, com as quais trabalharam eficientemente os materiais disponíveis. *Esta* interpretação resolveria muitos enigmas. Os forasteiros partiram, as

edificações monolíticas ficaram. Os aimarás, povo indígena civilizado, ao qual se atribuem todas aquelas obras, adaptaram-nas às suas finalidades. *Somente então* apareceu um templo, no meio aos monólitos surgiram seções de alvenaria em ângulo reto. Aquilo que, hoje em dia, se reconstrói é apenas o passado dos aimarás, e não o dos construtores primitivos que, sob certa orientação, instalaram nos tubos cabos de energia.



126

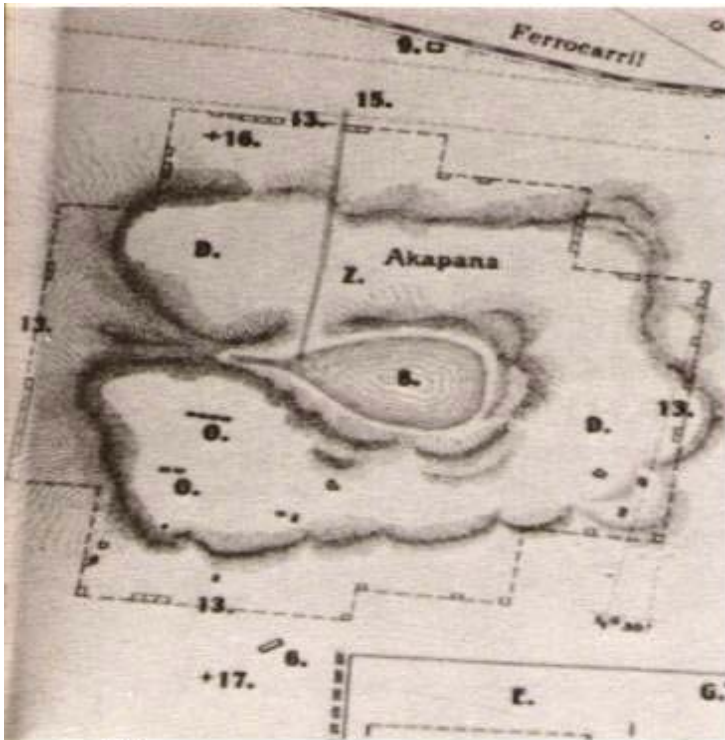


127

127 - O monolítico Portal do Sol, de Tiahuanaco, tem 3 m de altura e 4 m de largura; mostra, em três fileiras, 48 figuras quadradas, as quais flanqueiam um deus voador. O peso do Portal do Sol foi calculado em

10 toneladas. Suponho que também haja aqui restos de um saber témico, transmitido através dos relevos. Se eles não foram decifrados até agora, isso certamente nada diz contra a minha suposição.

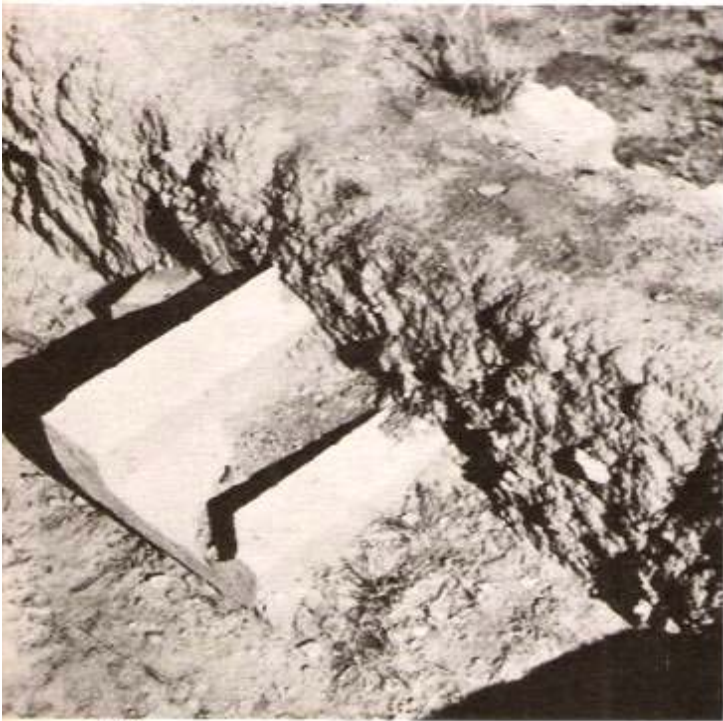
Se fosse pelo calendário dos astecas, nosso mundo presente estaria no ponto de ser destruído por um terremoto. Por ocasião de obras de construção no México, em 1790, foi encontrado um disco de pedra, redondo, de 1 m de espessura e 4 m de diâmetro. Também nessa pedra está cinzelado um relevo composto de rostos, setas e círculos. Logo mais, soube-se que esse relevo contém dados para um calendário, o misterioso calendário dos astecas. Contudo, os próprios astecas não "inventaram" este calendário fantástico, mas sim, utilizaram partes essenciais deixadas por seus antecessores, os maias. No centro há a cabeça do deus Sol, cercado por um anel fechado, de vinte campos de igual tamanho, onde há os 20 símbolos do calendário maia, de 260 dias, os chamados Tzolkin. Cada dia tem o seu símbolo e todos os símbolos, em conjunto, perfazem as quatro "grandes eras". O calendário conta que, nas eras mais remotas, havia jaguares que exterminaram os animais primitivos, depois as tormentas levaram os humanos. Na terceira era caiu uma chuva de fogo e houve um dilúvio global. E a quarta era, "4 Olin", em que vivemos agora, deverá terminar com um terremoto.



128



129

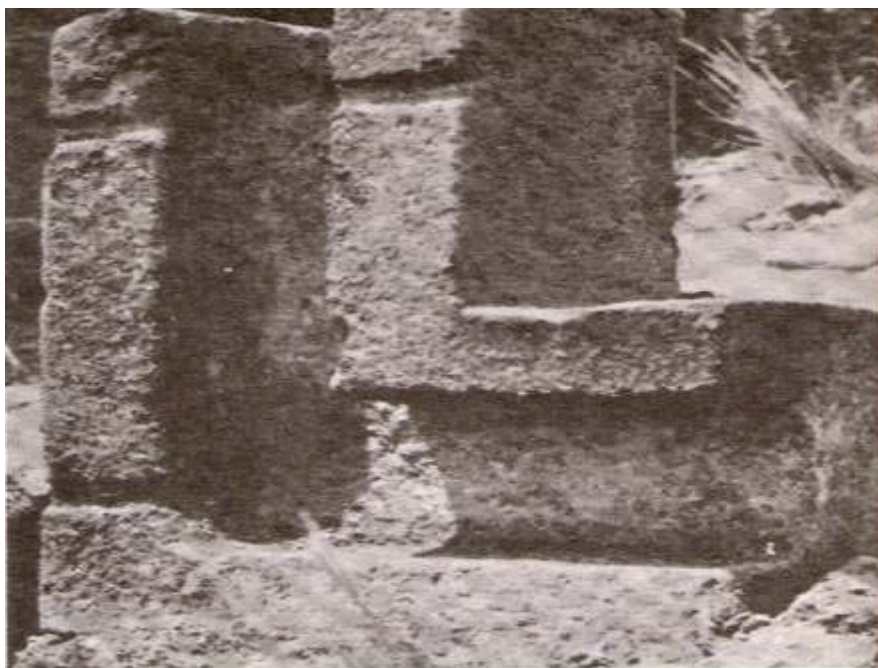


130

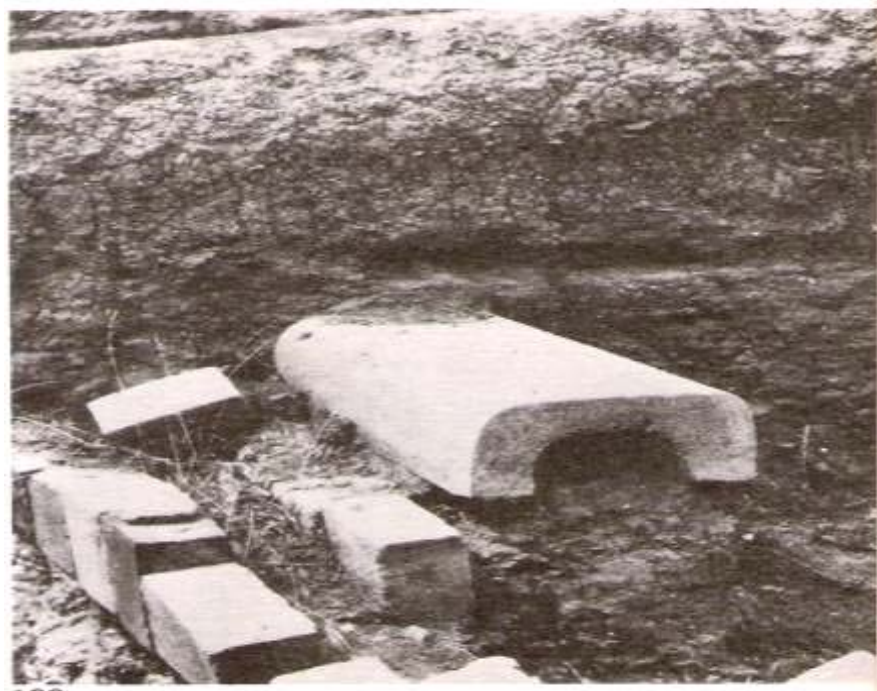
128 A lagoa seca de Akapana prova que, em tempos idos, Tiahuanaco era ligado ao Lago Titicaca, pois, em suas margens, cobertas de lama e com pouca fauna, encontram-se os mesmos sedimentos que existem nas do Lago Titicaca. Hoje em dia, o Lago Titicaca situa-se a vários quilômetros de distância das ruínas de Tiahuanaco. As transformações da geografia local, ocorridas no desenrolar de muitos, muitos milênios, são indícios da idade lendária do complexo de Tiahuanaco.

128 – A lagoa seca de Akapana prova que, em tempos idos, Tiahuanaco era ligado ao Lago Titicaca, pois em suas margens, cobertas de lama e com pouca fauna, encontram-se os mesmos

sedimentos que existem nas do Lago Titicaca. Hoje em dia, o Lago Titicaca situa-se a vários quilômetros de distância das ruínas de Tiahuanaco. As transformações da geografia local, ocorridas no desenrolar de muitos, muitos milênios, são indícios da idade lendária do complexo de Tiahuanaco.



131



132

129 a 132 Estas quatro fotos, que tirei em Tiahuanaco, servem de ilustração para minhas especulações a respeito dos ditos condutores de água.



133



134

133 e 134 – Também estes monólitos em Tiahuanaco representam

documentos em pedra de trabalhos de precisão, pré-históricos.



135

Em Tula, México, os deuses estão colocados sobre uma plataforma. Diz a lenda que teria sido este o local de encontro das deidades inferiores com as superiores; diz ainda que, entre eles, até havia uma ligação por meio de cabos. As divindades de categoria inferior teriam recebido "relâmpagos" dos seus superiores e, por fim, teriam partido para castigar os humanos ingratos.



136



137



138



139



140



141

141 - Nas proximidades de Santa Cruz, na Bolívia, duas trilhas no solo levam da raiz até o topo de uma montanha, onde terminam abruptamente. Sua idade: não pode ser definida.

142 Como todas as pirâmides em Teotihuacán, México, também a pirâmide do Sol está orientada segundo as estrelas. O texto mais antigo sobre esta edificação diz que, neste local, os "deuses" teriam deliberado a respeito dos humanos, antes do aparecimento do *Homo sapiens*.



142

Em Cocha, no Peru, os deuses ter-se-iam enfurecido, ao ponto de mandar seus relâmpagos fundir as rochas sobre as quais viviam os homens.

As estátuas dos deuses de Tula apresentam cabeças orgulhosas, com olhos redondos, sulcados. Porém, que significaria aquela proteção das orelhas, de aspecto tão rígido? O que significam as caixas que levam no peito? Os nossos astronautas que pisaram na Lua levaram agregados semelhantes! O que é que seguram nas mãos? A literatura especializada diz que seriam "chaves simbólicas". Chaves - para quê? Bem que a lenda pode ficar com a razão. Qual o objeto a ser segurado entre dois dedos, além de armas emitindo raios, dispositivos de laser,

que provocam a fusão da rocha, por meio de raios. Engenheiros do mundo, uni-vos!

Sempre o homem primitivo procurou pelos deuses nos cumes das montanhas. Lá em cima queria estar próximo de suas divindades, lá queria observá-las, assistir à sua chegada e à sua partida para o Céu. Lá, onde nas planícies não havia montanhas, os nossos próprios antepassados ergueram elevações artificiais. O que seria a Torre de Babel, senão um posto de observação? E também as pirâmides, não seriam apenas degraus que levam para mais perto dos deuses?

A pirâmide perto de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, representa um enigma todo especial. Trata-se de uma montanha bastante simétrica, presumivelmente artificial. Nessa montanha, duas linhas seguem de baixo para cima, lembrando rampas de lançamento, para terminarem abruptamente nas alturas. Os índios que habitam o vale contam histórias, dizendo que dessas duas linhas os seus deuses teriam subido ao Céu, em "cavalos de fogo".

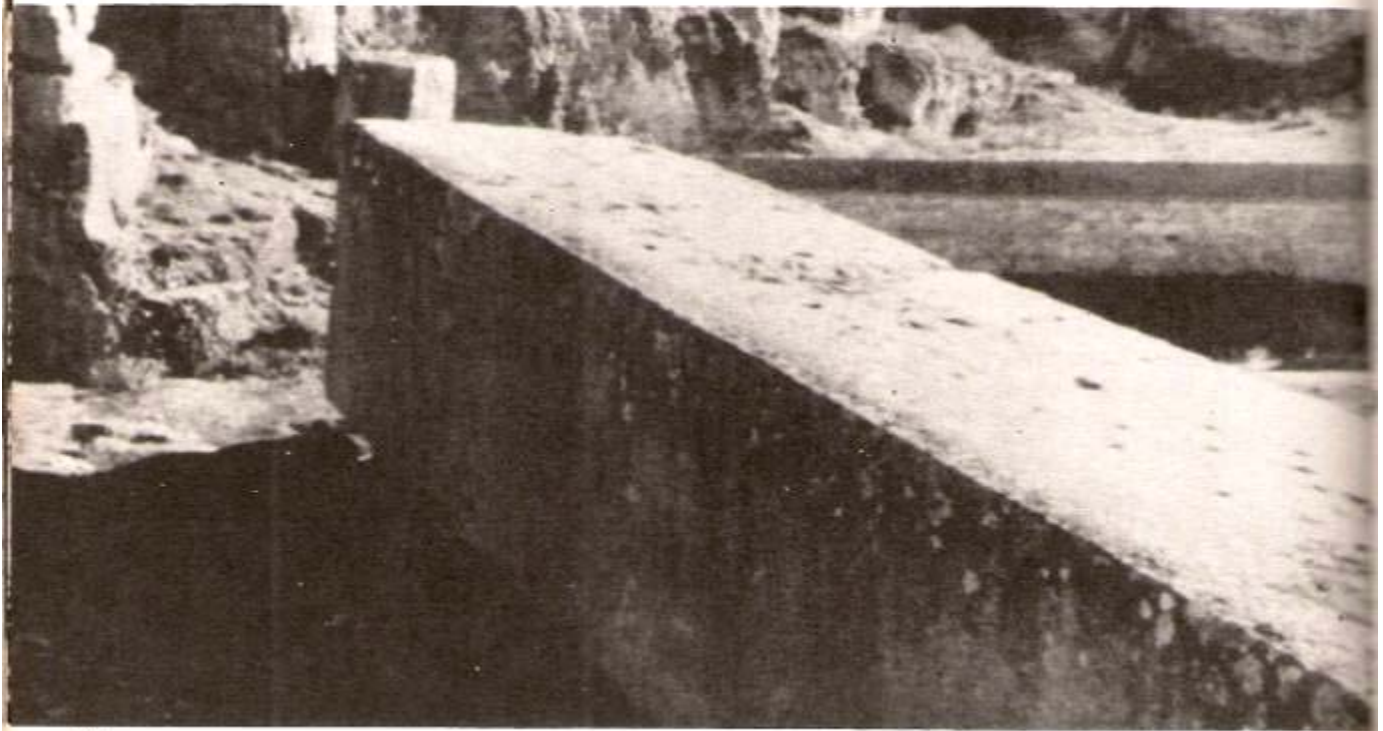
Neste caso, excepcionalmente, não há explicação arqueológica.

Ao norte de Damasco, ao longo da ferrovia e rodovia Beirute - Homs, no Líbano, as ruínas de Balbec situam-se a 1.150m de altitude. Nos séculos I e II da era cristã, o imperador romano Augusto mandou erguer templos majestosos sobre as já existentes ruínas gregas, cujos restos constituem atração turística até o dia de hoje. Na verdade, as maravilhas e os mistérios de Balbec não são de origem grega, nem romana. Quando, antes dos romanos, os gregos ali edificaram seus templos e chamaram a cidade de Heliópolis (cidade do deus do Sol), construíram sobre *ruínas já existentes*. Balbec é mencionada, pela primeira vez, sob o nome de Ba'li, em escritos assírios, datando de 804 a.C. A exemplo de Tiahuanaco, o *verdadeiro* Balbec era um complexo tecnológico, uma enorme plataforma, feita de blocos de granito que, em sua maioria, medem mais de 20 m de comprimento lateral e pesam até 2.000 t. *Esta* plataforma é antiqüíssima, sem

datação histórica. Foi aproveitada por gregos e romanos. Até a fantasia mais temerária não pode imaginar como teria sido feito o transporte dessas pedras, baseando-se nas explicações convencionais. Aquilo que ainda poderia ser aceitável, com bastante boa vontade, para o Alto Egito e outros locais, em absoluto não se aplica aos monólitos de Balbec. Esses colossos de pedra não podiam ter sido transportados com nenhum dos meios de transporte usados na Antiguidade remota e dos quais temos conhecimento. Até hoje não existe, em todo o mundo, um guincho capaz de levantar carga de 2.000 t. Um reino para uma explicação racional para este transporte! O antiqüíssimo santuário de Balbec tem sua origem com o deus criador Baal. Os textos épicos de Ugarit veneram Baal como o "senhor do Céu" ou "entronizado no cume da montanha". Baal era idêntico com Bel, na Babilônia, e Bel era igual aos deuses Marduk e Enlil. Enlil era o "deus dos ares"; segundo uma escrita em caracteres cuneiformes, Enlil derramou o seu sêmen no regaço de Meslamtaea, filha da Terra. A mitologia vem a fechar o círculo.



143



144

143 - O terraço de Balbec, no Líbano.
144 A "Pedra do Sul", nas imediações de Balbec.

Em quase todas as ilhas habitadas dos Mares do Sul encontram-se os restos de civilizações desconhecidas. Os produtos de uma técnica muito precoce e evidentemente muito avançada intrigam todo visitante, cujos interesses vão além de tirar fotos daquelas testemunhas do passado. Os "documentos" em pedra evocam conjeturas e hipóteses. - A Ilha da Páscoa, descoberta no domingo de Páscoa de 1722 pelo holandês Roggeveen, é a que das ilhas polinésias fica mais para o leste; pertence ao Chile, tem 118 km² de superfície e conta, atualmente, com uns 1.000 habitantes. A ilha é de origem vulcânica, sem árvores, eleva-se a 615 m de altura e tem dois vulcões extintos. A Ilha da Páscoa representa um pilar no mosaico do meu "conceito do mundo".



145

Trata-se de centenas de estátuas, espalhadas em toda a ilha e que não param de olhar a gente. Conheço as teorias de Thor Heyerdahl, a quem muito aprecio. Apesar disto, após duas estadas prolongadas na ilha, digo que é insustentável a teoria das cunhas de pedra, diante dos fatos, literalmente, duros. Na cratera de Rano Raraku estão espalhadas

pelo chão vertical e horizontalmente, de uma maneira e de outra, estátuas apenas começadas e meio acabadas. Medi a distância entre a lava e as diversas estátuas e verifiquei intervalos de até 1,84 m que se relacionam com um comprimento de quase 12 m. De maneira alguma teria sido possível manipular os enormes blocos de pedra-lava com pequenas, primitivas cunhas de pedra. Está certo que Heyerdahl encontrou umas centenas de cunhas de pedra ao pé da cratera e parecia esta a prova de terem sido usadas como ferramentas nos locais de trabalho. Minha teoria é a seguinte: cosmonautas alienígenas deram aos primitivos habitantes da ilha ferramentas de alta precisão técnica, que foram manejadas por sacerdotes ou feiticeiros; eles soltaram grandes blocos de lava para então lavrá-las. Os visitantes estrangeiros partiram. Conforme acontece com toda ferramenta, também aquelas ficaram gastas e imprestáveis. Acho possível também que o pessoal acostumado com seu manejo emigrou ou morreu. Os insulanos primitivos não tinham condições de fazer novas ferramentas, de igual padrão. O fato é que os trabalhos foram suspensos de um dia para outro. Mais de 200 estátuas inacabadas ficaram "grudadas" na parede da cratera. E então, os insulanos tiveram a pretensão ambiciosa, temerária, de terminar o trabalho. Na ausência das "velhas" ferramentas fizeram outras, novas, com as quais avançaram sobre a lava. Dia após dia, o ruído do bater das cunhas de pedra na parede da cratera ressoou sobre toda a ilha. Mas não deu certo. As cunhas de pedra ficaram gastas, sem que se soltasse uma só estátua da parede. Por fim, o povo deu-se por vencido, suspendeu o trabalho inútil e abandonou centenas de cunhas de pedra dentro da cratera. Ao contrário da teoria de Heyerdahl, para mim o achado das cunhas de pedra constitui a prova de que com estas ferramentas não se podia executar este trabalho. E há ainda outro indício importante contra essa teoria. Suposto que - a título de possibilidade (não realista) - os insulanos teriam batido na lava com as cunhas de pedra; por onde

passa a plaina, caem maravalhas. Vez ou outra, tem de acontecer que o pedreiro dê um golpe em falso; um lábio superior deveria ter ficado fendido, um nariz machucado, um olho vazado. Os pedreiros da Ilha da Páscoa trabalharam com perfeição absoluta, nunca erraram um só golpe, em parte alguma notam-se defeitos. Ademais, já mencionei a distância por mim verificada entre as pedras de lava e as estátuas. O refugo acumulado em áreas de 2 x 32 m não pode evaporar no ar; e acontece que, em Rano Raraku, não há refugo. Admito, sim, que a teoria das cunhas de pedra possa ser aplicável a algumas estátuas menores, esculpidas em tempos mais recentes.



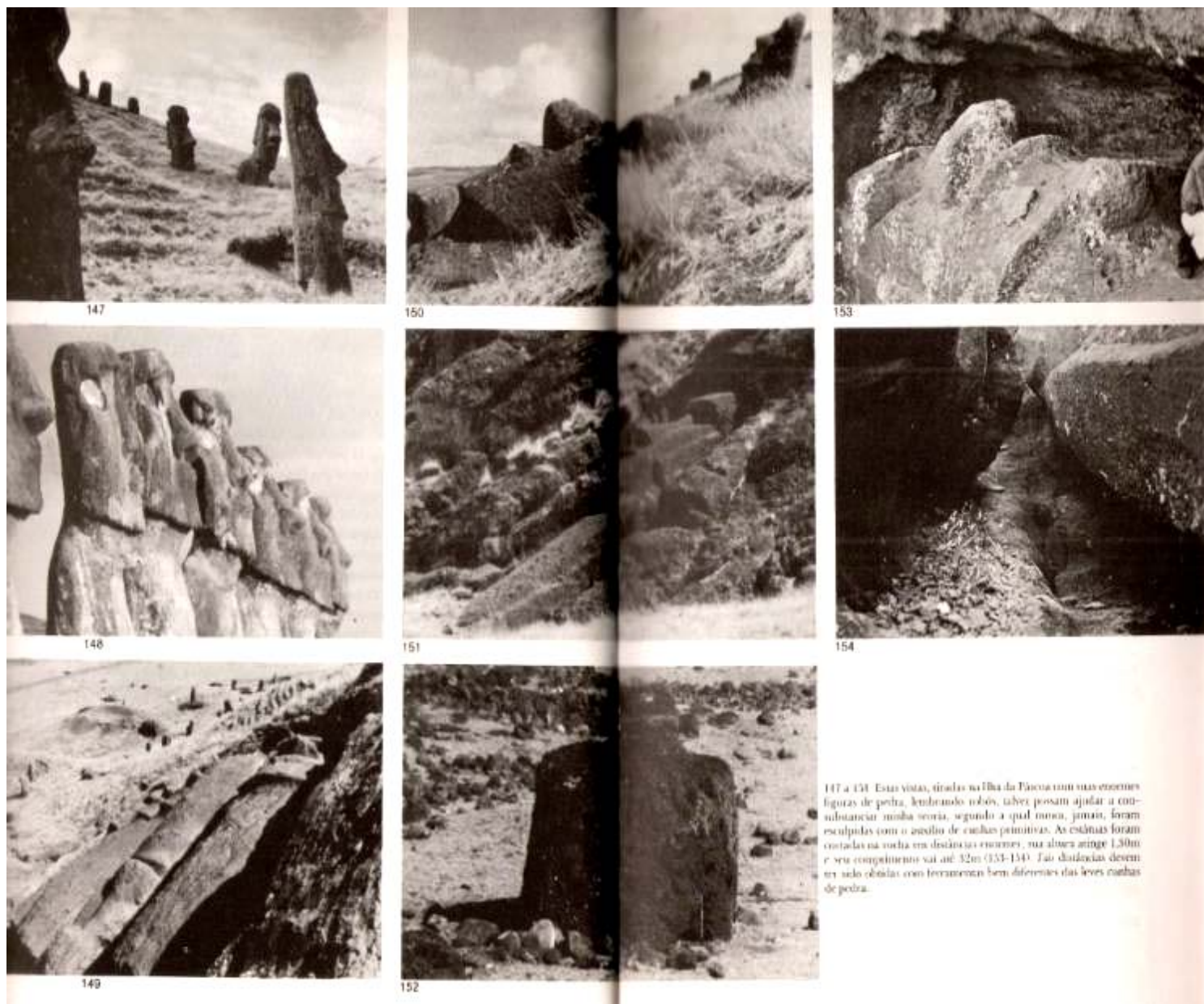
Em minha opinião e na de muitos visitantes da Ilha da Páscoa não é a chave para a solução do enigma de *como* a matéria-prima era solta da pedra vulcânica. Podemos fazer idéia do tremendo volume da massa da matéria-prima, na época em que foram iniciados os trabalhos, olhando-se as figuras colossais de até 20 m de altura e 50 t de peso. - No caso de os polinésios terem sido os escultores das estátuas, até agora falta toda explicação referente aos modelos para sua configuração, expressão e seus traços fisiognomônicos, que não se encontram entre nenhuma de suas tribos: nariz longo e reto, boca com lábios cerrados e estreitos, olhos profundos, testa baixa. Outrossim, ninguém sabe quem essas estátuas retratam. Infelizmente, tampouco Heyerdahl o sabe.

Suponho que na Ilha da Páscoa, em Tiahuanaco, Sacsayhuaman, na Baía de Pisco, na planície deserta de Nazca, os mestres escultores eram os mesmos, ou, no mínimo, usaram ferramentas idênticas. Todayia; também esta teoria representa apenas uma entre outras tantas viáveis, sujeita a ser rejeitada, em virtude das grandes distâncias geográficas que separam os "locais", onde se encontram os meus "deuses". Bem que esta minha interpretação tem por condição prévia a aceitação da presença de extraterrestres na Terra. No entanto, acho que, desde quando a introduzi nos debates, esta minha teoria teve sua importância aumentada e em muito. Já ficou efetivamente comprovada, como um fato, a minha hipótese, segundo a qual o profeta Ezequiel viu e descreveu uma nave espacial; assim sendo, não compreendo por que ainda não se aceita também a contingência de membros da tripulação dessa espaçonave se terem estabelecido em vários pontos do globo, bastante afastados um do outro e lá praticado a atividade de mestres-instrutores e portadores de ferramentas tecnicamente avançadas. Os cérebros superinteligentes bem que continuem duvidando de minha teoria, mas, em todo caso, devem admitir que,

aparentemente, era brincadeira de criança para os originais escultores das estátuas da Ilha da Páscoa cortar os colossos de pedra da rocha dura. Não aceito o velho argumento, usado e abusado, de os cosmonautas alienígenas não terem tido interesse em tais atividades. Pelo contrário, eles tinham um interesse praticamente vital em criar, ou, ao menos, mandar criar imperecíveis monumentos em pedra. O porquê de tal interesse ficará exposto detalhadamente no resumo de "O Ouro dos Deuses".

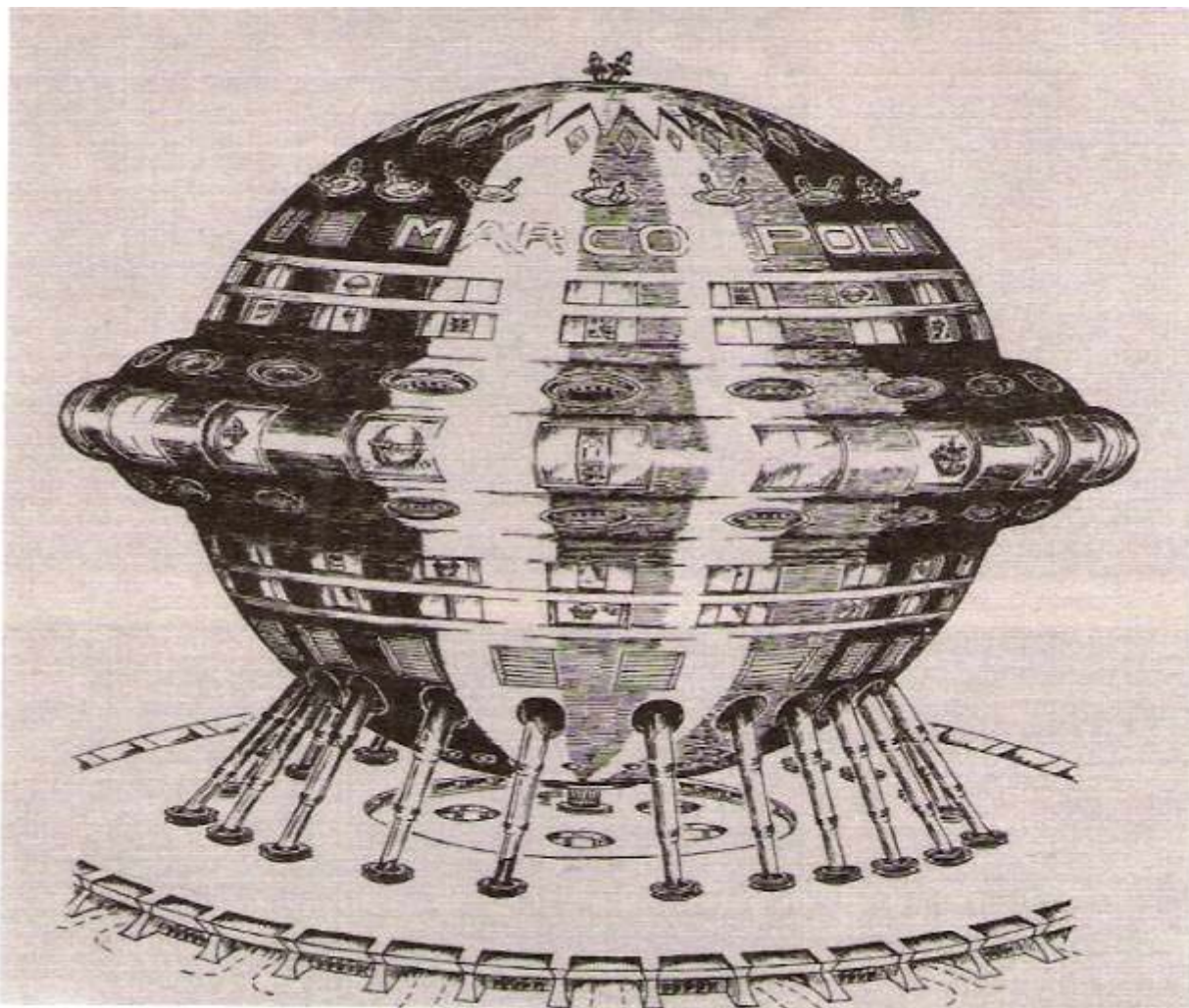
Todas as naves espaciais até agora construídas ou em planejamento apresentam linhas aerodinâmicas e forma de lápis. As construções exigem essas características, porque com os foguetes atualmente disponíveis e seu mecanismo de propulsão ainda relativamente fraco, somente objetos voadores apresentando superfície mínima à fricção podem vencer a barreira da atmosfera terrestre. Tenho certeza absoluta de que os engenhos voadores da construção atual não são ideais para a cosmonáutica interestelar; lá entre as estrelas, no vácuo, uma espaçonave pode ter qualquer forma *prática* concebível. O "Skylab" da NASA, o primeiro laboratório espacial, com suas seis células solares de painéis estendidos (para as quais era prevista uma produção de energia elétrica de 23 kW), tem o aspecto de uma gigantesca lixeira, que se apóia sobre pernas de aranha e lança seus sensores por todos os lados. Ao que parece, o módulo lunar LEM já dispensava a forma de lápis. Em questão de segundos, a *caixa achatada em sua parte superior*, apoiada em quatro pernas, entrou na órbita lunar, conforme as ordens recebidas. Daí se vê que, onde não existem condições atmosféricas, as construções que oferecem pouca superfície à fricção tornam-se dispensáveis, ou antes, até pouco indicadas, por motivo da falta de espaço que necessariamente deve haver em seu interior. Os astronautas são obrigados a espremer-se por passagens apertadas e com tão pouco espaço disponível, os instrumentos e sistemas de suprimento devem ficar distribuídos em

"andares" diversos, com todas as instalações técnicas para a propulsão a fo guete "no fim", quer dizer, "embaixo".



147 a 154 – Estas visitas, tiradas na Ilha de Páscoa com suas enormes figuras de pedra, lembrando robôs, talvez possam ajudar a consubstanciar minha teoria, segundo a qual nunca, jamais, foram esculpidas com o auxílio de cunhas primitivas. As estátuas foram cortadas na rocha em distâncias enormes; sua altura atinge 1,30 m e seu comprimento vai até 32 m (153-154). Tais distâncias devem ter

side obtidas com ferramentas bem diferentes das leves cunhas de pedra.



155

Mediante os atuais sistemas de propulsão com combustível líquido, uma viagem de estrela em estrela seria impossível; as necessárias reservas de combustível, junto com o espaço indispensável para acomodar a tripulação, os equipamentos e as instalações, não poderiam ser transportados através do cosmo. Por esta razão, as espaçonaves de futuras expedições interestelares não usarão combustível líquido, mas sim, sólido. Chegará o dia em que teremos

sistemas atômicos - quiçá, fusão nuclear de hidrogênio para hélio - sistemas usando a desintegração da matéria por radiação ou fótons, pois a época em que a técnica terá a seu dispor energias agora ainda inconcebíveis não se encontra, em absoluto, em um futuro remoto, nebuloso. Certamente, tornar-se-á realidade um progresso técnico usando quanta de radiação eletromagnética, os chamados fótons, que atingem uma velocidade de radiação aproximada da luz e têm condições de proporcionar empuxo por tempo indeterminado.

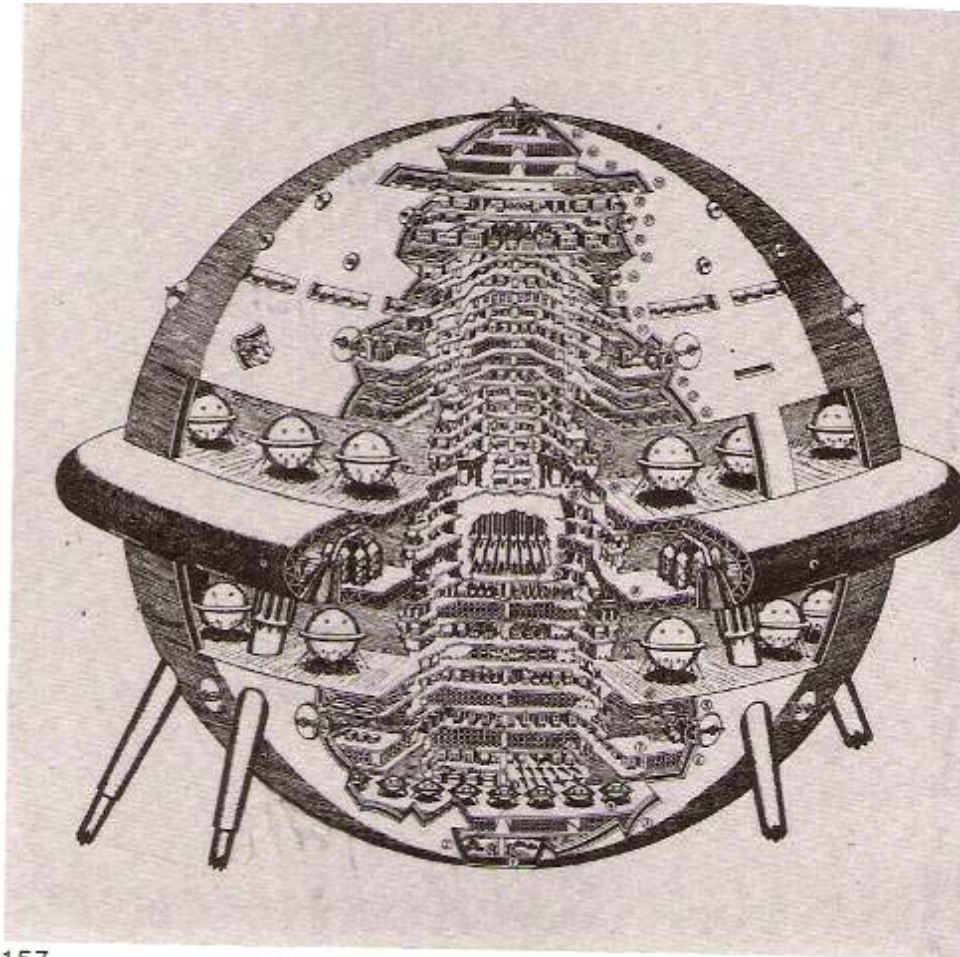


156

A fim de demonstrar quão pouco de utopia tem esta idéia, em vista das discussões científicas atualmente em curso, devo referir-me a Daniel Foreman, diretor técnico do Laboratório Científico de Los Alamos, Novo México, filiado à Universidade da Califórnia. Foreman trabalha para a

Comissão Norte-Americana de Energia Atômica e tem por especialidade a pesquisa de reatores para o vôo espacial. Segundo Foreman, chegará o dia em que a Terra ficará extinta; ele formula a pergunta se, antes desse prazo fatal, o planeta Terra pode ser transferido para uma outra galáxia. "A energia necessária para um empreendimento de tamanha envergadura", relata Walter Sullivan, "poderia ser obtida com a fusão nuclear, usando a água do mar como fonte do combustível". Como, porém, são insuficientes as reservas de água pesada existentes no oceano, Foreman sugeriu a utilização de reações, conforme se processam no Sol: a fusão de quatro núcleos de hidrogênio para um núcleo de hélio. Em sua obra "Sinais do Cosmo", Sullivan escreve: "Foreman sugeriu a disponibilidade de um quarto do combustível para a saída do campo gravitacional do Sol; um quarto para levar o planeta Terra para dentro de um outro sistema solar e metade do combustível para a locomoção entre as estrelas, bem como luz e calefação durante a viagem". Foreman tem a firme convicção de que tal sistema de propulsão para o planeta Terra ficaria atualmente ao longo de oito bilhões de anos e "talvez poderá fazer com que o nosso planeta possa sobreviver ao seu Sol e atingir sistemas solares distantes 1.300 anos-luz". - Bem entendido, Foreman não é autor de ficção científica; ele manteve o seu diálogo com o Departamento de Plasmafísica da Sociedade Americana de Física. Como eu careço das necessárias pressuposições e noções técnicas, jamais, em minha fantasia, teria sonhado com a idéia de transportar a Terra para outro sistema solar! No entanto, cientistas responsáveis, conhecedores das futuras possibilidades do progresso técnico, já estão falando sobre aquilo que, para nós, ainda continua inconcebível. - Todavia, voltando ao assunto do problema - de combustível para foguetes interestelares, convém mencionar o parecer do renomado biólogo espacial, Carl Sagan, EUA, segundo o qual um foguete a jato, interestelar, poderia receber a sua energia mediante o abastecimento de hidrogênio durante

o vôo. - Espaçonaves de proporções tão gigantescas deveriam ser montadas em plataformas orbitais, colocadas ao redor do planeta do qual serão lançadas. Pelo método de "pegue-e-lance", as diversas partes da construção-gigante seriam lançadas ao espaço, uma após outra, para lá serem montadas. Com isto, desapareceria a necessidade técnica da forma de lápis.



157

Todavia, persiste o problema seguinte: não importa de onde vieram os astronautas, todos eles estão acostumados com a força de gravidade de sua terra natal, enquanto no cosmo não há gravidade. Em expedições de anos, décadas ou séculos (dilatação do tempo!), no interior de uma espaçonave, os astronautas que lá deverão passar

jornadas de serviço "normais", pelos conceitos de sua vida na Terra, não poderão dispensar a força de gravidade. Portanto, é preciso simulá-la. Pode ser obtida com a rotação da nave espacial. Para tanto, damos um exemplo, a saber: é só recordar um caminho para casa, de volta do leiteiro, lá no interior, com a lata aberta e cheia de leite, que se fez girar em círculo, tão depressa quanto era possível, por cima dos ombros e da barriga das pernas.



158

Não se perdeu uma gota de leite, embora, durante a rotação, pelo centésimo de um segundo, o leite ficasse em posição vertical sobre a cabeça; com a rotação acelerada o leite grudara no fundo da lata. - Da

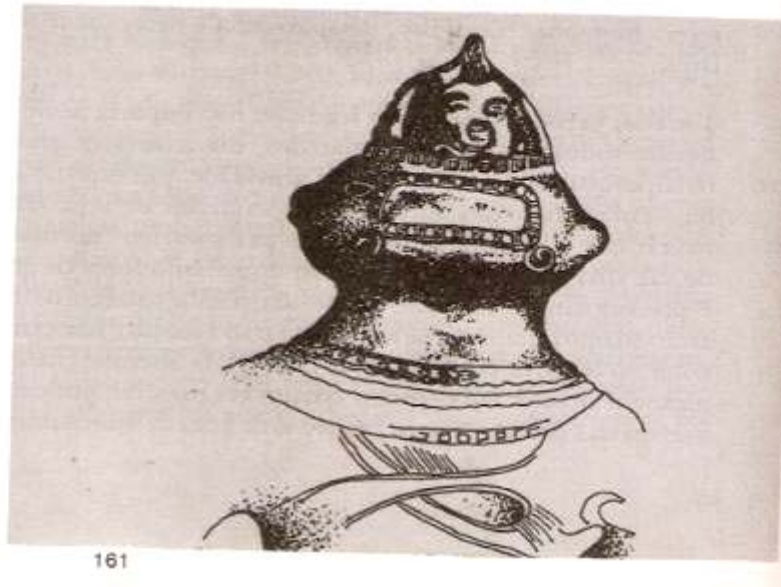
força centrífuga resulta a força de gravidade, simulando um campo gravitacional que nem existe. Assim sendo, não é uma simples hipótese apenas, a constatação de uma tal força de gravidade artificial poder ser instalada em uma espaçonave, que, para tanto, deveria ter forma de esfera. Quando posta em rotação, surge uma gravitação simulada, mas de efeito real, na sua parte externa, em volta da linha equatorial do engenho. Enfim, a tripulação poderia trabalhar de sapatos magnéticos, dormir deitada e comer normalmente, sem pegar os alimentos "no ar", conforme o fazem os pássaros. Os recintos da tripulação teriam o seu chão em sentido horizontal, na direção do vôo e não mais na direção dos motores. Durante o lançamento, os astronautas usam os cintos de segurança, da maneira conhecida e ficam de costas para os motores.



159



160



161

159 - Cópia estilizada de um engenho espacial esférico, gravada em um utensilio de cerimonia (Museu Nacional de Antropologia do

México),

160 - Disco de culto asteca, em serpentina. Seria a representação teologicamente sublimada de um astronauta no interior de uma esfera?

161 - Uma estatueta japonesa Dogu, datando de muitos milênios, com inequívocas características astronáuticas.



162

162 - Rebanhos de esferas, na praia de Moeraki, na Nova Zelândia.

Desligados os motores e com a nave movendo-se livremente no espaço, ela é manobrada para girar em torno do seu eixo, promovendo-se assim a força da gravidade artificial. É lógico que os recintos de trabalho e estar devem ser instalados na parte externa do eixo, lá onde mais nitidamente se faz sentir a sensação de gravidade,

conforme a experimentada na Terra. Espaçonaves com sofisticadas e monstruosas construções externas ficam sujeitas a reparos, conforme ficou dramaticamente demonstrado pelo "Skylab". Antenas de algumas centenas de metros ou até velas solares de 2.000 m² que se estendem espaço adentro, evoluem durante a rotação sobre seu próprio eixo em velocidade maior do que a evoluída no centro da nave; são altamente vulneráveis em manobras bruscas, para mudança de rumo. Aliás, não é somente pelos motivos da força de gravidade a ser produzida que a esfera se apresenta como a forma ideal para o espaço interestelar, o qual não oferece resistência. Para tanto, acho que também serviria um disco achatado, do tipo dos OVNI's, pois tanto a esfera como o disco podem ser postos em movimento rotativo. Arquitetos de interiores poderiam, então, elaborar os recintos em volta da "linha equatorial", segundo os melhores padrões da fisiologia do trabalho. Toda a superfície do invólucro externo da espaçonave pode, também em rotação, servir de célula solar para a transformação de energia. Aliás, no cosmo quase não se produziria energia solar, mas lá o consumo energético seria muito reduzido, pois, entre as estrelas, a nave se locomove em queda livre. Para o uso doméstico - o menor dos problemas - energia suficiente poderia ser obtida com os agregados existentes, por exemplo, um minirreator.

Como deveríamos imaginar uma espaçonave esférica? Uma das séries de ficção científica de maior sucesso internacional chama-se "Perry Rhodan". Para os leitores juvenis, espaçonaves esféricas já se tornaram requisitos essenciais do vôo espacial, pois os seus heróis percorrem as galáxias no interior de esferas. Os artistas gráficos Rudolf Zengerle, Bernhard Stoessl e Ingolf Thaler produzem, com bastante esmero e fantasia tecnológica, desenhos de cortes transversais de espaçonaves esféricas. Vale a pena olhar com cuidado aquelas formações fantásticas e lembrar que servem para familiarizar a juventude interessada no progresso técnico com um fenômeno que ela

ainda viverá em dias futuros, quando então nem lhe causará surpresa alguma. Aliás, o ritmo acelerado da evolução técnica não chegou a superar quase toda a ficção científica? - Mitos, lendas e a representação de eras remotíssimas parecem transmitir-nos uma recordação de nosso futuro técnico. Aí, deuses viajam no interior de "ovos cintilantes", ou descem em "pérolas no firmamento", ou simplesmente em esferas. No Museu Nacional de Antropologia do México, os assim chamados "paus de cerimônia" representam o deus principal sentado sobre uma esfera; também discos de culto asteca mostram o deus do Sol dentro de uma esfera, manejando aparelhagem. Divindades egípcias ostentam esferas em sua cabeça.



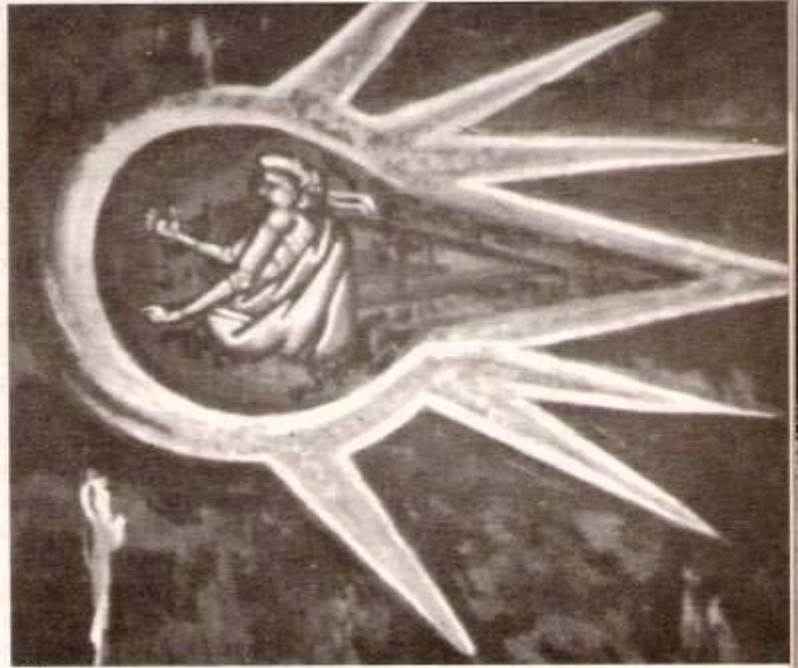
163



165



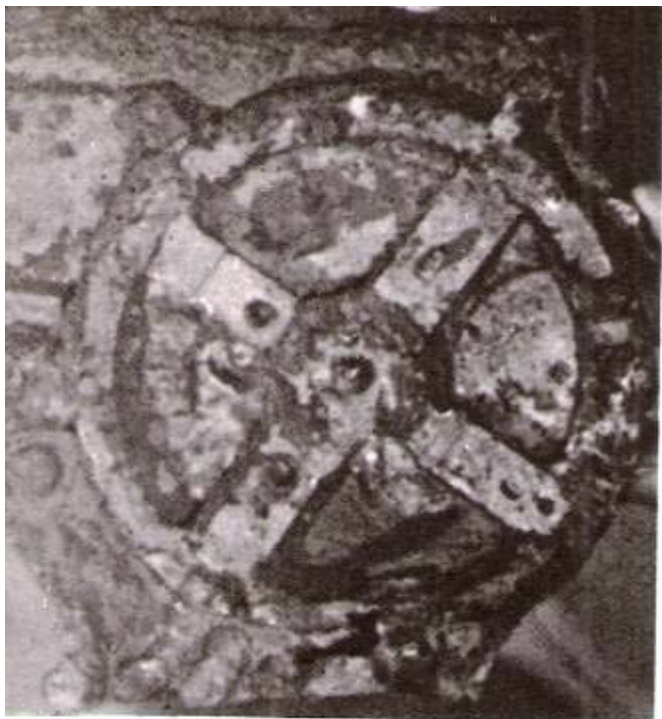
164



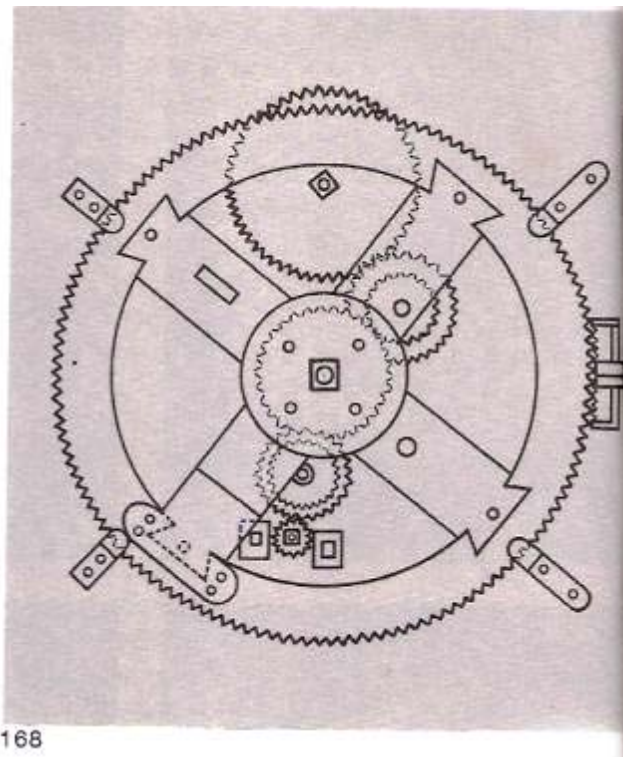
166

163 e 164 – Retrato em pedra de uma raça desconhecida; cabeça com capacete de astronauta, de cavernas no Equador.
165 e 166 – Afresco no convento Desani, Iugoslávia; um “anjo” viaja a bordo de um engenho voador esférico.

No Vale dos Reis, há esferas com cauda (de fogo); no templo de Luxor encontram-se esferas aladas. O deus Hórus sai do "ovo do mundo". A mundialmente conhecida estela de Naram-Sin, neto de Sargão I, mostra o Sol, a Lua e *ao seu lado* uma esfera flutuante, para a qual olham guerreiros e músicos. Será que em sua qualidade de recordações remotas, mito e representações plásticas indicam possibilidades futuras?



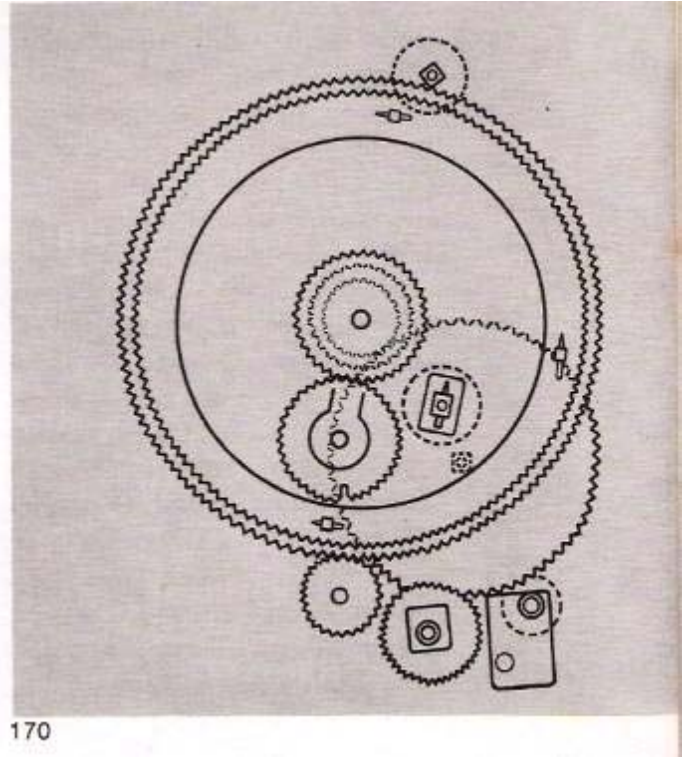
167



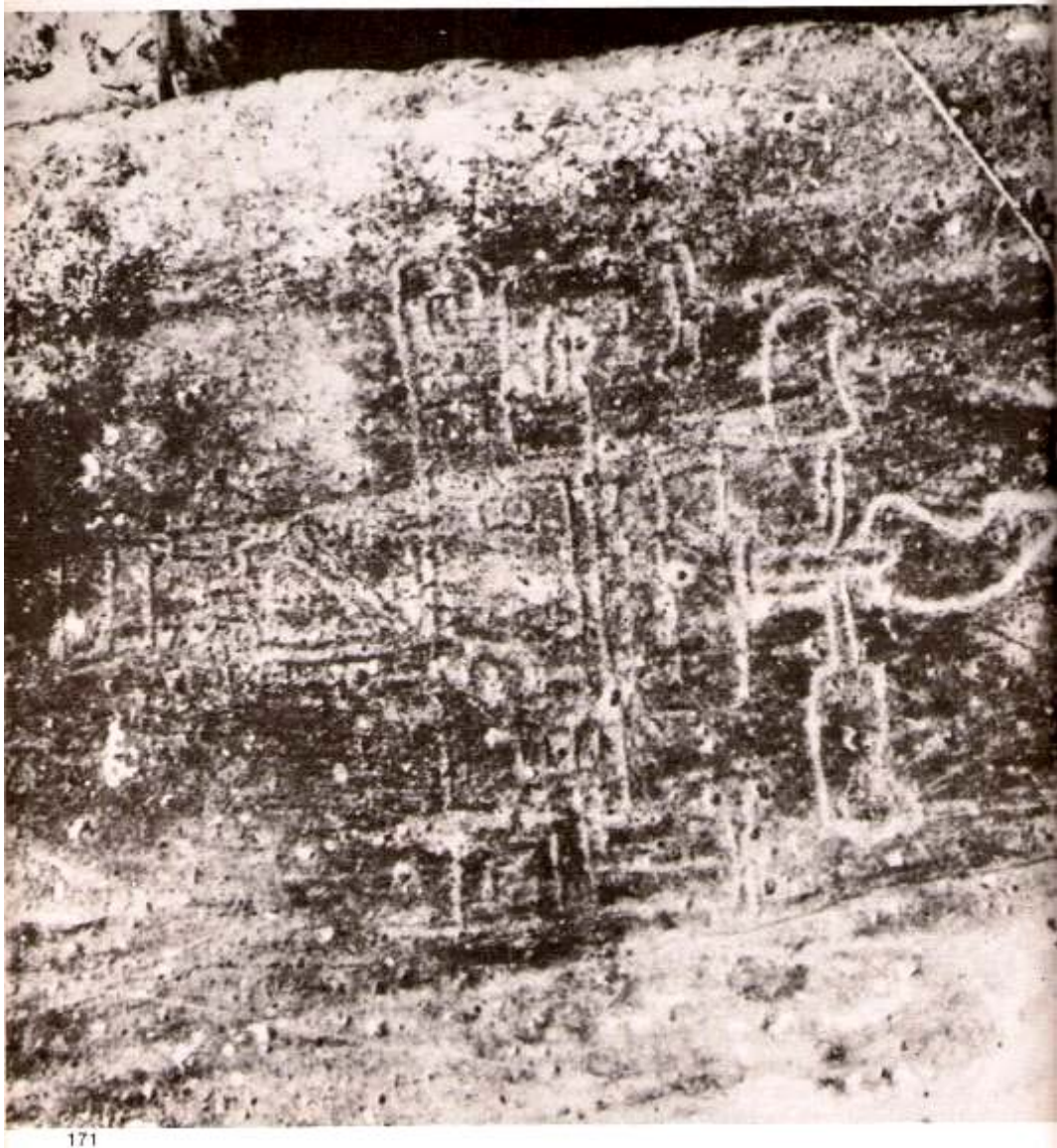
168

Na época da Páscoa, em 1900, uma tempestade levou um navio esponjeiro grego para Anticitera, uma pequena ilha rochosa, no Sul. Depois de acalmado o mar, o Capitão Kondos permitiu que a tripulação mergulhasse à cata de esponjas e, a 60 m de profundidade, foram encontrados os destroços de um antigo navio naufragado, em cujo interior estavam estátuas de mármore e bronze, vasos azuis e utensílios raros. A recuperação do barco naufragado provou ser difícil e, em setembro de 1901, todas as tentativas foram suspensas.

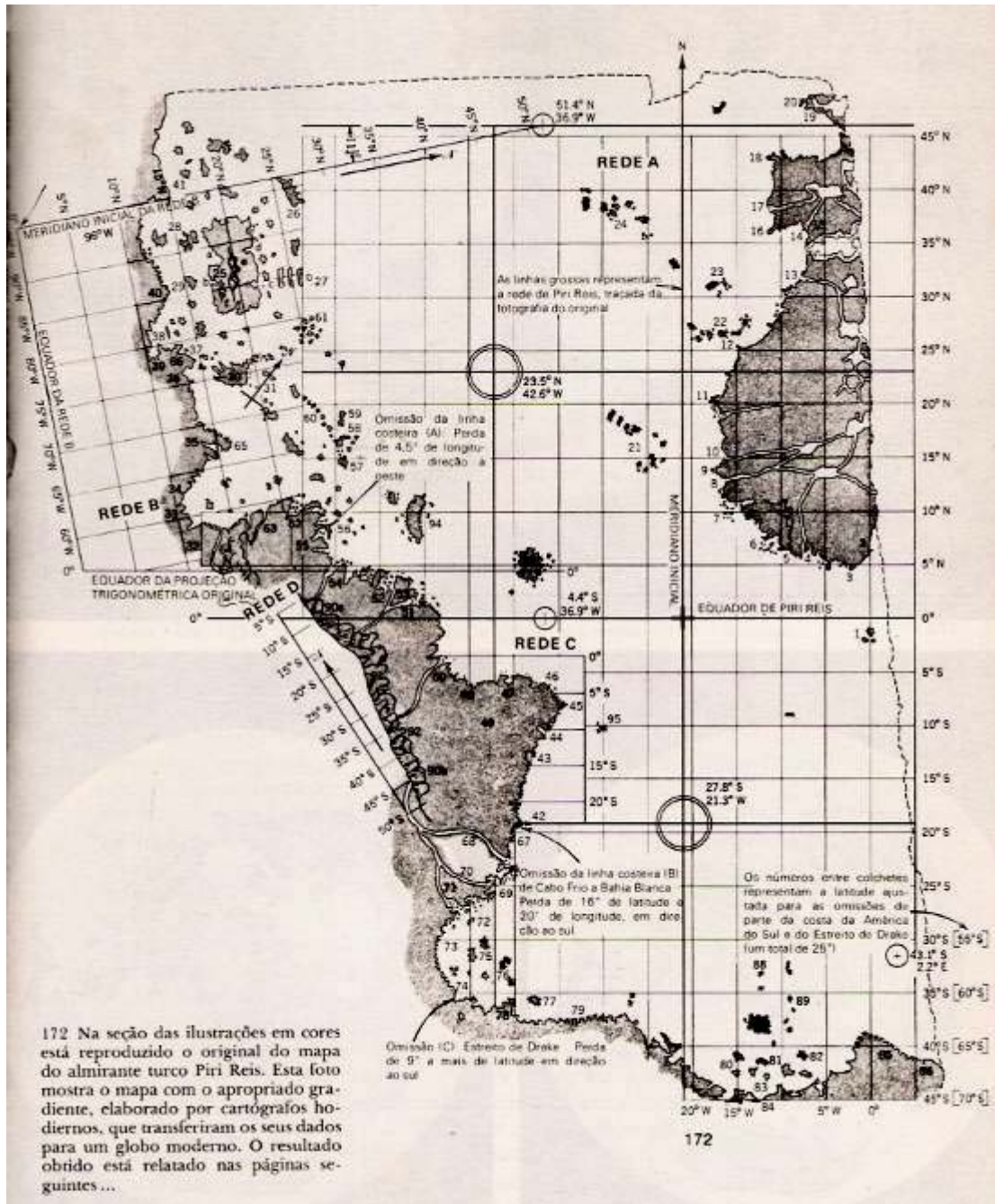
Entremetentes, soube-se por certo que o naufrágio se deu no século que precedeu o nascimento de Cristo. No exame do material recuperado, o arqueólogo Valerios Stais deparou com uma massa informe, calcificada, corroída, a qual, depois de limpa, revelou ser parte de um mecanismo muito complexo, que deveria ter trabalhado com uma engrenagem diferencial. A peça toda é constituída por 40 pinhões, 9 escalas ajustáveis e três eixos, montados em uma chapa base. A decifração das escalas tornou o achado tanto mais enigmático, porque nenhum escrito da Antigüidade menciona ou descreve tal instrumento. O aparelho não pode ser mais antigo que o primeiro século a.C.; faz parte de um sistema de calendário astronômico, que indica ciclos e posições da Lua e dos astros. Seja como for, calendário ou não, mas de onde provém este mecanismo? Os especialistas afirmam que, na Grécia antiga, não existiu tecnologia capaz de produzir tal máquina. Derek J. de Solla Price diz que os gregos não estavam interessados na ciência experimental. Por outra, sabe-se que é preciso construir toda uma série de modelos experimentais, a fim de chegar ao tipo da máquina que funciona. Isto é válido também para o caso em apreço.



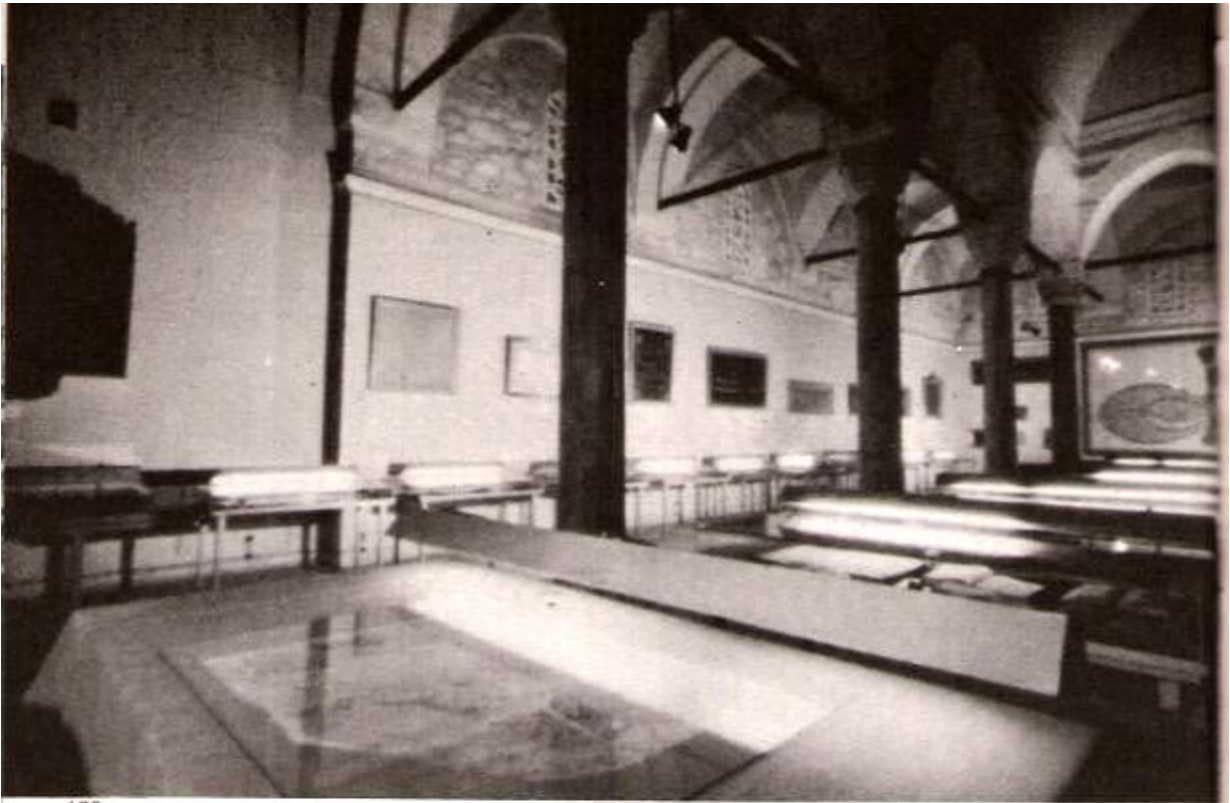
O enigma gera novos enigmas. Quais foram os instrumentos e as ferramentas utilizados na construção do maquinismo em apreço? Em todo caso, era preciso desenvolvê-lo, primeiro. Por outra, o produto final deveria ter constituído uma novidade sensacional. E, como data de tempos históricos, por que nunca, em parte alguma, foi mencionado? Por que não teve antecessor, nem sucessor? Conversei com técnicos e matemáticos que tiveram ensejo de examinar a "Máquina de Anticitera" no Museu Nacional de Arqueologia, em Atenas. Todos dizem que a sua precisão é de pasmar, dá diferenças de apenas 1/ 10 mm; do contrário, os 40 pinhões com uma roda-mestra de 240 dentes e 1,3 mm de altura de dente, logo mais acusariam valores falhos.



171 – Este petróglifo em uma rocha perto de Monte Albán, no México, mostra de maneira inequívoca uma aparelhagem técnica. Olhando o artefato, é fácil imaginar um instrumento de perfuração (trabalho caseiro!), com o cabo e as palhetas da hélice.



172 – Na seção das ilustrações em cores está reproduzido o original do mapa do almirante turco Piri Reis. Esta foto mostra o mapa com o apropriado gradiente, elaborado por cartógrafos hodiernos, que transferiram os seus dados para um globo moderno. O resultado obtido está relatado nas páginas seguintes...



173



174



175

Quem foi o padrinho astronauta que teve a gentileza de presentear os humanos com um mimo tão bem feito?

Em 1929, o palácio de Topkapi era transformado em museu de antigüidades. Em 9 de novembro daquele ano, B. Halil Eldem, diretor do Museu Nacional Turco, lá encontrou dois fragmentos de um mapa do navegante Piri Reis, almirante das esquadras turcas no Mar Vermelho e no Golfo Pérsico. Em 1513, Piri Reis começou, na cidade de Galípoli, a desenhar os mapas. Em 1517 entregou-as ao conquistador do Egito, sultão Selim I. Mesmo antes desse achado, Piri Reis teve renome de cartógrafo na Turquia, pois já existiam 215 mapas por ele desenhados e comentados em um respectivo anexo, intitulado "Bahriye". Esses mapas desenhados em cores pálidas sobre couro de gazela, faziam parte do mapa-múndi do almirante, o qual era dado por perdido.

Piri Reis escreveu no "Bahriye":

Foram desenhados (os mapas) pelo pobre Piri Reis, filho de Hadchi Mehmet, conhecido como filho do irmão de Kemal Reis, na cidade de Gelibolu (Galípoli). Deus que perdoe a ambos, no mês do sagrado Muharrem do ano de 919 (9 de março a 7 de abril de 1513).

Na década de 40 do nosso século, vários museus e bibliotecas adquiriram cópias desses fragmentos de um mapa-múndi em grande escala. Em 1954, essas cópias vieram a parar na mesa de trabalho do cartógrafo americano Arlington H. Mallery, desde há décadas especializado em antigos mapas marítimos. Mallery ficou fascinado com os mapas porque mostraram continentes, como por exemplo a região antártica, os quais, em 1513, ainda nem haviam sido descobertos. Em "Bahriye", Piri Reis diz que na composição do seu mapa-múndi usou 20 mapas diversos, bem como um mapa dos litorais e das ilhas antilhanos, de Cristóvão Colombo; cumpre frisar que, até

agora, não se achou nenhum mapa de Colombo. O anexo contém dados sobre a América que eram desconhecidos na época e que, no entanto, poderiam ter sido obtidos por Piri Reis com o próprio Cristóvão Colombo, quando este voltou de sua expedição em 1504. Tal possibilidade existe, teoricamente, embora Piri Reis tenha reconhecido muito bem o caráter extraordinário de sua obra, pois escreveu: "atualmente, ninguém possui um mapa deste gênero". Arlington Mallery solicitou a colaboração do seu colega Walters, do Instituto Hidrográfico da Marinha Norte-Americana. À primeira vista, Walters reparou na exatidão incrível das distâncias entre o Mundo Velho e o Novo; em inícios do século XVI, a América ainda não aparecera em parte alguma. Achou igualmente surpreendente a localização das Ilhas Canárias e dos Açores. Os dois cientistas repararam ainda em outro ponto importante, a saber: ou Piri Reis não usou as coordenadas convencionais em seu tempo, ou considerou a Terra como um disco. Este fato deu que pensar aos dois pesquisadores e, a fim de estudar o assunto a fundo, valeram-se de apropriado gradiente para transferir os velhos mapas para um globo moderno. E somente então a surpresa ficou completa, pois, não só os contornos do litoral das Américas do Sul e Norte, mas também os da região antártica ficaram exatamente nos locais que lhes são determinados pelas nossas noções atuais. No mapa-múndi de Piri Reis, a extrema ponta da América do Sul, a Terra do Fogo, evolui em uma estreita ponte terrestre e depois alarga-se para a região antártica. *Hoje em dia*, as ondas do mar, açoitadas pela tempestade, levantam-se ao sul da Terra do Fogo. Milímetro por milímetro, os mapas de Piri Reis foram comparados com perfis do solo, obtidos com as mais avançadas técnicas aerofotogramétricas, em base de fotos infravermelhas que atravessam as águas do mar e com o auxílio de aparelhos registradores de ecos (Sonar). De fato, ficou provado que, há uns onze milênios atrás, em fins da era glacial, existiu uma ponte terrestre entre a América do Sul e a região antártica. Aliás,

Piri Reis desenhou com precisão única os contornos do litoral antártico, com ilhas, baías e montanhas, que nos dias de hoje deixaram de ser visíveis, pois jazem debaixo de espessa camada de gelo. Em 1957, por ocasião do Ano Geofísico Internacional, também o Pe. Lineham, então diretor do Observatório Astronômico Weston e cartógrafo da Marinha Norte-Americana, tratou dos mapas de Piri Reis. Ele chegou a conclusão idêntica: os mapas (em especial, o da região antártica) são de uma precisão incrível, contendo dados que chegaram a *nosso* conhecimento apenas por intermédio das expedições antárticas sueco-britânico-norueguesas de 1949 e 1952. Em 28 de agosto de 1958, Mallery e o Pe. Lineham participaram, na Universidade de Georgetown, de uma discussão, dirigida por Warren; damos em seguida trechos dos respectivos protocolos:

Warren: É difícil para nós compreender, hoje em dia, como, tantos séculos atrás, cartógrafos trabalharam com tamanha precisão, quando o moderno método científico da cartografia foi introduzido faz pouco tempo.

Mallery: Decerto, foi este um problema que nos deixou intrigados ... Em todo caso, não podemos imaginar como mapas tão preciosos foram feitos sem o auxílio da aerofotografia, para a qual o avião constitui a condição prévia. O fato é que foram confeccionados; os cartógrafos contemporâneos determinaram os graus de longitude com correção absoluta, algo que nós conseguimos fazer apenas desde dois séculos atrás.

Warren: Pe. Lineham, o senhor que colaborou na pesquisa sísmica da região antártica, também ficou entusiasmado com essas novas descobertas?

Lincham: Fiquei, sim. Com o método sísmico descobrimos muitas coisas que vêm confirmar a exatidão dos desenhos feitos nos mapas, tais como os de massas terrestres, projeção de montanhas, mares, ilhas ... Acho que, com o método sísmico, podemos retirar ainda

mais gelo daquelas terras, desenhadas nos mapas e, com isto, provar que são bem mais corretas do que atualmente estamos dispostos a acreditar.

Entrementes, o Professor Charles H. Hapgood, o deão da cartografia hodierna, também veio a interessar-se pelos mapas de Piri Reis. Em uma troca de correspondência com a Força Aérea dos EUA, a qual, por sua vez, efetuou o levantamento cartográfico da região antártica, Hapgood recebeu, em 6 de julho de 1960, a seguinte carta, assinada pelo Comandante Harold Z. Ohlmeyer: "Os contornos litorâneos devem ter sido levantados e compostos em cartas geográficas antes de a região antártica ter sido coberta de gelo. Hoje em dia, a camada de gelo é de aproximadamente 2 milhas de espessura.

Não fazemos a mínima idéia de como os dados registrados nesses mapas se coadunariam com as noções geográficas do ano de 1513". - Os mapas de Piri Reis constituem indício incômodo a favor de minha teoria de visitas muito remotas, do universo. Para mim não há dúvida de que extraterrestres efetuaram o levantamento cartográfico do nosso planeta, a partir de estações orbitais; por ocasião de uma visita à Terra, deram de presente os mapas por eles compostos a um remoto antepassado dos humanos. Em sua qualidade de relíquias sagradas, perduraram os milênios e vieram a parar em mãos do almirante turco. Quando ele desenhou o seu mapa-múndi, não fez a menor idéia do que se tratava, daquilo que representava. Os mapas de Piri Reis foram comparados com mapas modernos e as diferenças verificadas são mínimas, conforme segue:

Ponto Geográfico:

Posição Atual

Piri Reis

Diferença p/hoje

Gibraltar

36,0 Norte

35,0 Norte

1,0 Sul

5,5 Oeste	5,5 Oeste	1,5 Oeste
Ilhas Canárias		
27 -29 Norte	26-28 Norte	1,0 Sul
13-17 Oeste	14-20 Oeste	1,0 Oeste
Golfo de Venezuela		
11-12 Norte	10-11 Norte	0,0
71,0 Oeste	65,0 Oeste + 4,5	1,5 Leste

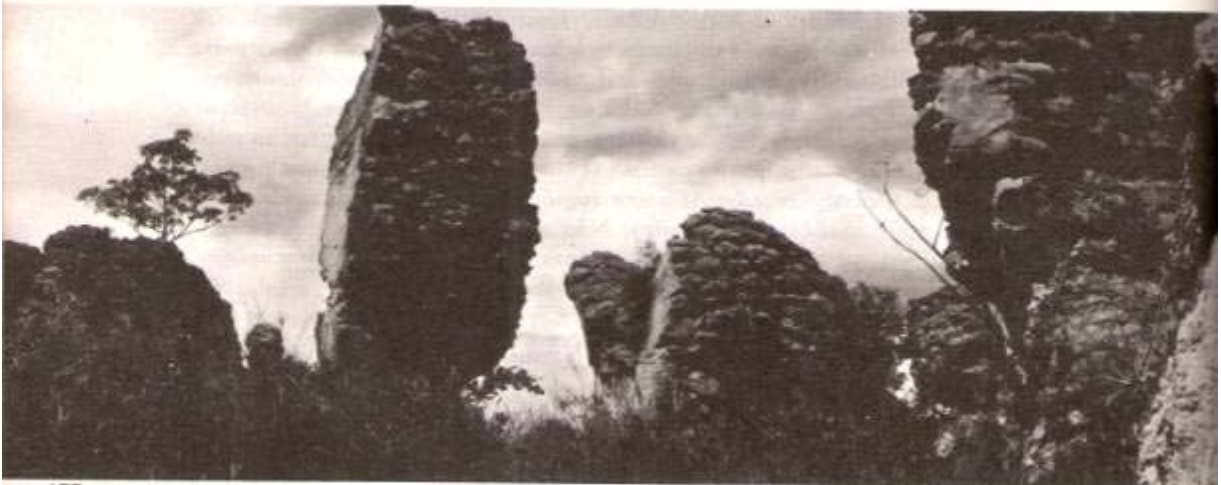
Quem se daria ao luxo de querer saber quantos são os enigmas a resolver que existem neste nosso pequeno mundo? Quem teria o ensejo de contemplá-los? Estabeleci como minha meta a tarefa de visitar tais lugares, repletos de mistérios, examiná-los sob o aspecto de servirem ou não de argumentos a favor de minhas teorias e *ainda* de apresentá-los aos meus leitores. A convite do Governo do Estado do Piauí, no Brasil, visitei as "Sete Cidades", situadas ao norte de Teresina, entre a cidadezinha de Piri-piri e o Rio Longá. Não se pode afirmar com certeza se lá existem ruínas, produtos da destruição pelo calor ou se se trata de simples erosão da rocha. Detrás de todo aquele caos, pressinto um plano organizado. Há sete regiões que parecem ter sido entreligadas por estradas. Não são "ruínas", não há monólitos, pedras em cima de pedras, degraus ou escadas; inexistente todo material com aparência de ter sido lavrado. É um lugar misterioso. Se ali houve erosão da rocha, por que não houve erosão igual em outro lugar qualquer? De onde provém a massa metálica, esfarelada, que, em lágrimas vermelhas, desce pelas paredes? Conheço as faixas de minerais que formam desenhos bizarros de camadas geológicas na rocha. Aí, essas faixas seguem em direção reta e horizontal; de repente, formam um ângulo reto para continuar em linha reta para cima ou para baixo. Há bolhas grandes como um dedão, como se a rocha

tivesse sido torrada. O que aconteceu aqui? As pinturas rupestres representam algo de concreto, podem ser vistas, nelas pode-se colocar a mão e delas podem ser tiradas fotos. São de data bem mais recente do que as pedras em seu redor. E, novamente, não se sabe quem fez e quando foram feitos os desenhos ao meio dessa paisagem apocalíptica. Os motivos representados nos são conhecidos de muitos outros lugares. - Sete Cidades tem logo duas sócias: Sete Cidades, no Oceano Atlântico, nas Ilhas Canárias, e Sete Cidades, na Austrália, no chamado País de Arnhem, a sudeste da cidade de Darwin. As lendas das três "Sete Cidades" parecem apresentar grau de parentesco; ainda hei de falar nelas.



176

176 a 180 Vistas de "Sete Cidades" no Estado do Piauí, Brasil, cujo enigma continua indecifrado. Seriam obras feitas pela mão do homem, ou pela Natureza — ou, ainda, uma combinação dessas duas possibilidades?



177

176 a 180 – Vistas de “Sete Cidades” no Estado do Piauí, Brasil, cujo enigma continua indecifrado. Seriam obras feitas pela mão do homem, ou pela Natureza – ou, ainda, uma combinação dessas duas

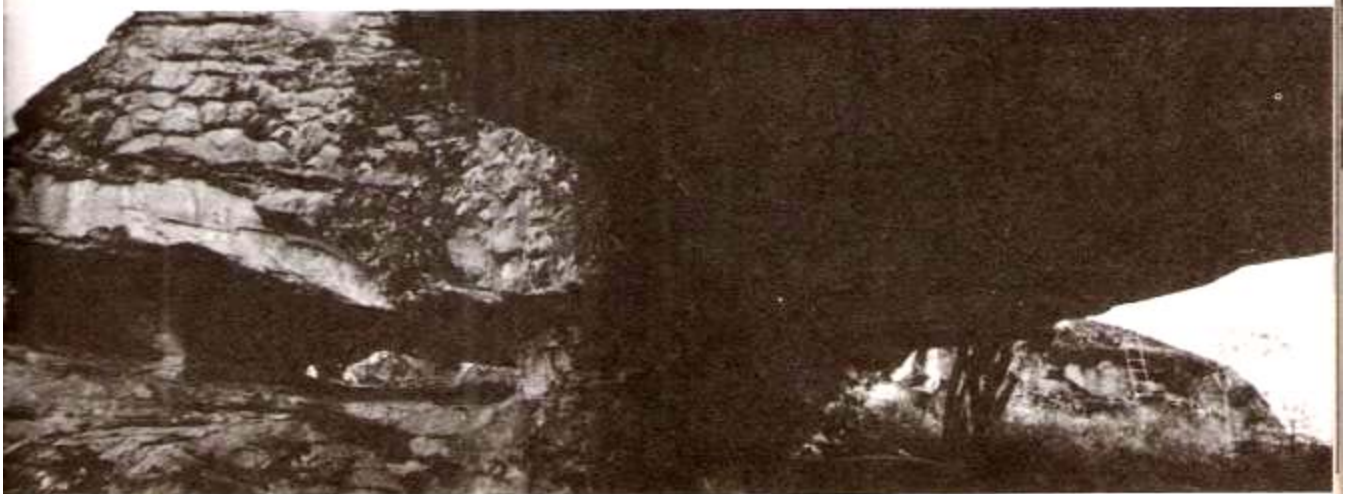
posibilidades?



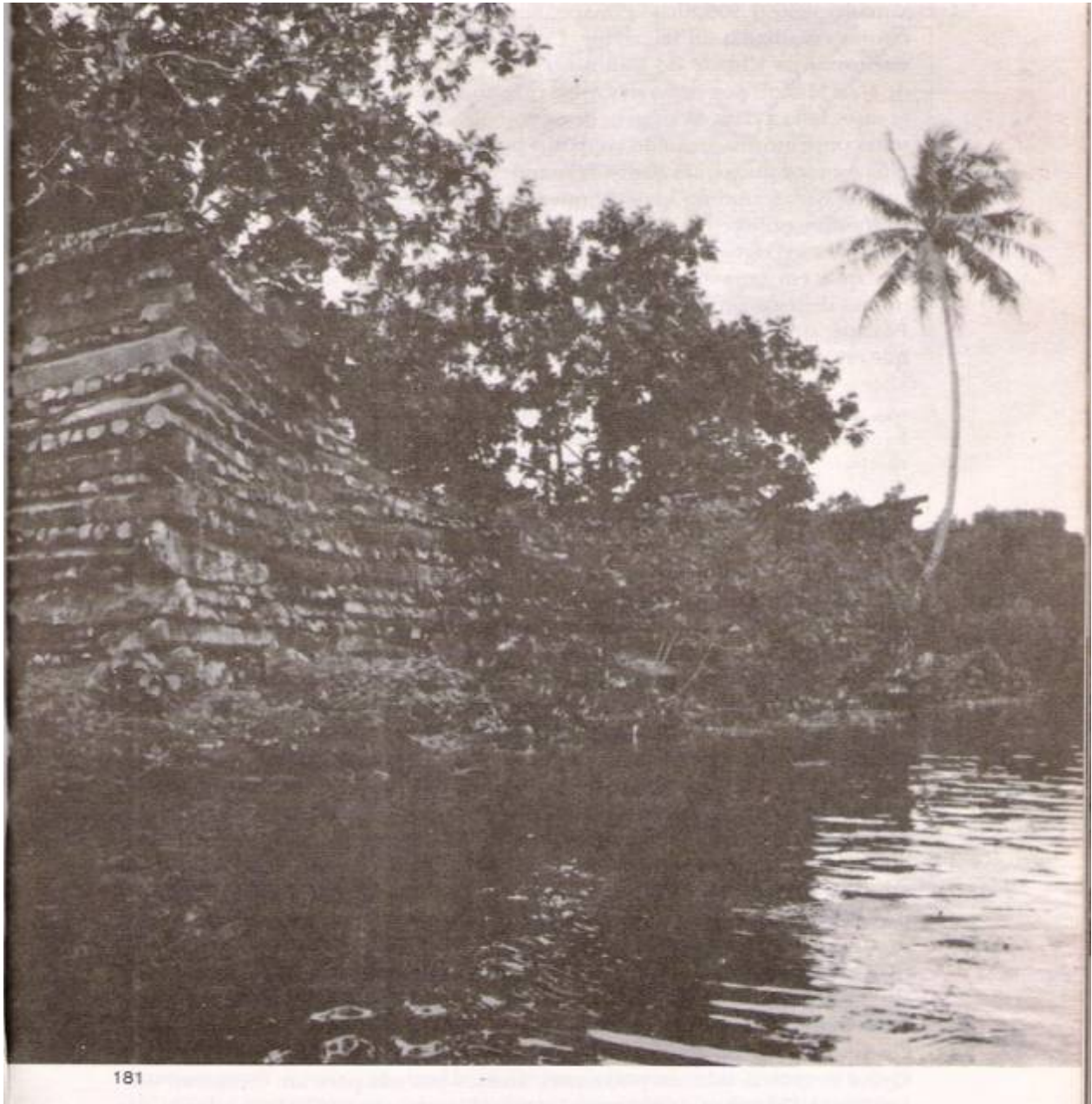
178



179



180

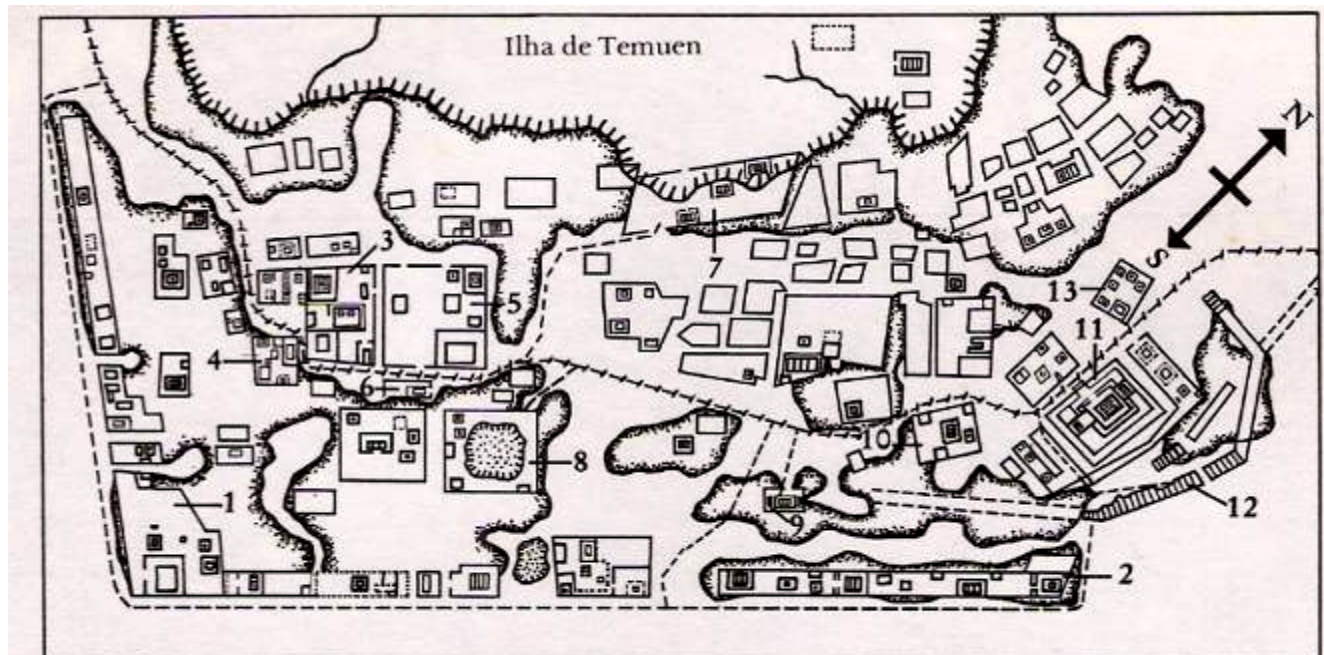


181

Com superfície total de 1.340 km², as Ilhas Carolinas constituem o maior grupo de ilhas da Micronésia, na região noroeste da Oceânia. Entre as aproximadamente 1.500 ilhas, Pônape, com superfície de 504 km², é a maior das ilhotas espalhadas ao seu redor. Uma dessas ilhotas, com 0,44 km², extensão territorial da Cidade do Vaticano, cujo nome oficial é Temuen, é chamada de Nan Madol, por causa das ruínas gigantescas de Nan Madol. Também neste caso, falta a data da


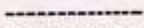
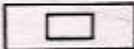
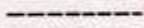

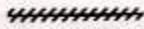
origem desse complexo e ninguém sabe quem foram os seus construtores. Segundo os dados históricos, autênticos, em 1595, quando o navegador português Pedro Fernandes de Queirós lançou as âncoras do seu barco "São Jerônimo" em Temuen, os visitantes já encontraram as ruínas. Como desconhecemos a origem daquelas obras antiqüíssimas, carecemos de base para averiguar a razão de sua edificação, seu significado e sua finalidade. Por que, em uma época qualquer, pessoas quaisquer se deram ao trabalho insano de levar uns 400.000 gigantescos blocos de basalto, do litoral norte de Pônape, onde foi extraído basalto para colunas, até essa ilhota perdida? Já que era preciso construir "templos", por que não foram construídos em local mais próximo do da extração? Até hoje existe um muro de Nan Madol, 860 m de comprimento e que passa de 14 m de altura em sua parte mais elevada. Sem dúvida, o preparo desses blocos que têm em média 3 a 9m de comprimento e pesam até mais de dez toneladas, deve ter sido difícilimo; porém, muito mais difícil ainda, quase inimaginável, deve ter sido o seu transporte, através da selva inóspita, mesmo um exército de trabalhadores com físico avantajado. Se, em jornada ininterrupta de trabalho, de 24 horas diárias, quatro blocos por dia teriam sido extraídos, preparados e transportados do litoral norte para Nan Madol, com cada um pesando algumas toneladas, teriam sido necessários 296 anos para completar esse serviço insano. Em todas as épocas, a ilhota ofereceu espaço para o movimento de apenas poucas pessoas; de onde, então, vieram os enormes exércitos de operários, indispensáveis à execução daquelas obras? - Nan Madol não é uma cidade "bonita"; sua arquitetura é sóbria e utilitária, lá não há nada da ostentação generosa de outras obras erguidas na região dos Mares do Sul. Deve ter sido uma praça forte. Em sua obra "DER MASSLOSE OZEAN" - O Oceano Desmedido, Herbert Ritdinger diz que Pônape teria sido o centro imponente de um império glorioso; pescadores de pérolas teriam vasculhado o fundo do mar em busca de

tesouros e falado em colunas e sarcófagos. Em 1919, as Carolinas tornaram-se possessão japonesa; pescadores de pérolas lembraram as lendas e mergulharam até o fundo das águas, de onde trouxeram para a superfície pedaços de platina. Enquanto a região era dos japoneses, a platina, de fato, tomou-se o principal artigo de exportação, embora suas rochas não contenham platina. Através da água límpida vi obras "aproximar-se" da ilha, onde continuaram em sua arquitetura que, por todos os caminhos, leva para o "poço sagrado". Quiçá nem teria sido um poço, mas, antes, a entrada para um complexo subterrâneo? Deveriam as obras ter protegido essa entrada? Os insulanos dos Mares do Sul não teriam tido condições de executar tais construções subterrâneas. Será que também ali houve a assistência de visitantes alienígenas? A lenda fala de um dragão vomitando fogo, que teria aberto os canais, criado a ilha, e de seu ajudante, um mágico, que, com palavras cabalísticas, teria feito voar pelos ares os blocos de basalto. A mim não satisfaz a explicação da assistência prestada por cosmonautas alienígenas, pois por que escolheram justamente aquela ilhota insignificante, inexpressiva? Contudo, tal empecilho persiste, também no caso de os próprios insulanos terem construído aquelas obras. O que resta é um dos muitos enigmas indecifrados ao redor do nosso velho globo terrestre...



182

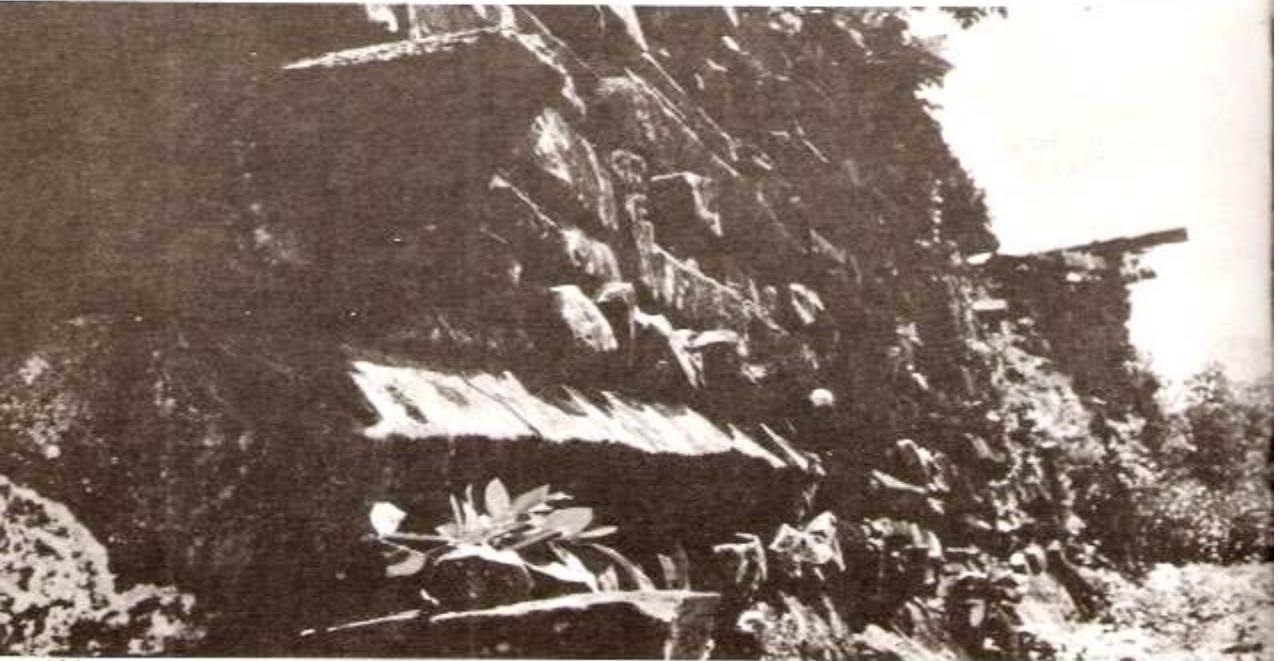
Explicação dos símbolos:

	Fundamentos de casas		Obras inacabadas
	Fundamentos com buraco para o fogo		Canal
	Abóboda dos túmulos		Canal principal

As ilhas dos Mares do Sul, entre a Indonésia, Austrália e aquelas situadas nas proximidades do litoral das Américas, no Oceano Pacífico, cobrem uma superfície global de 1,25 milhões de km² e estão espalhadas sobre uma área oceânica de 70 milhões de km². Lá vivem papuas, melanésios, polinésios e micronésios. Tesouros da história dos insulanos estão sendo conservados em museus; assim sendo, em Auckland (Nova Zelândia) e no Bishop Museum (Honolulu) encontram-se máscaras rituais dos insulanos dos Mares do Sul.



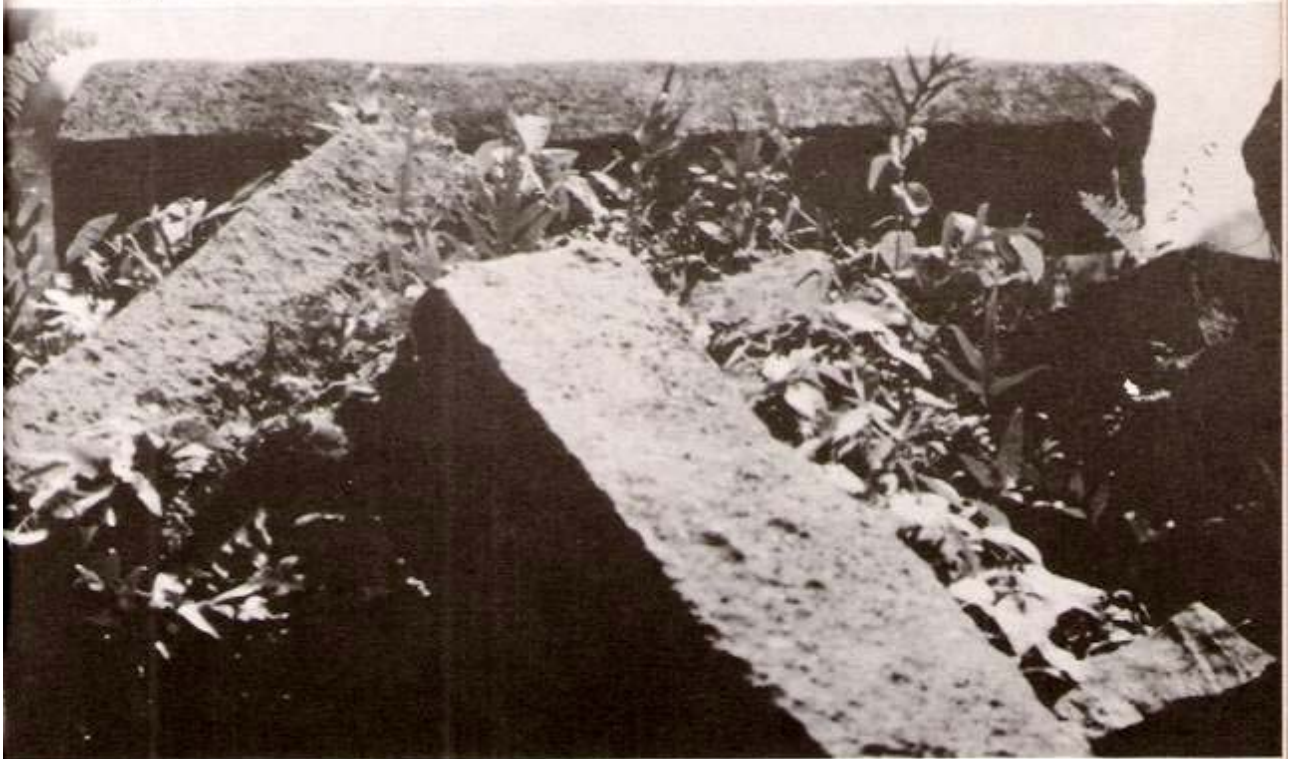
183



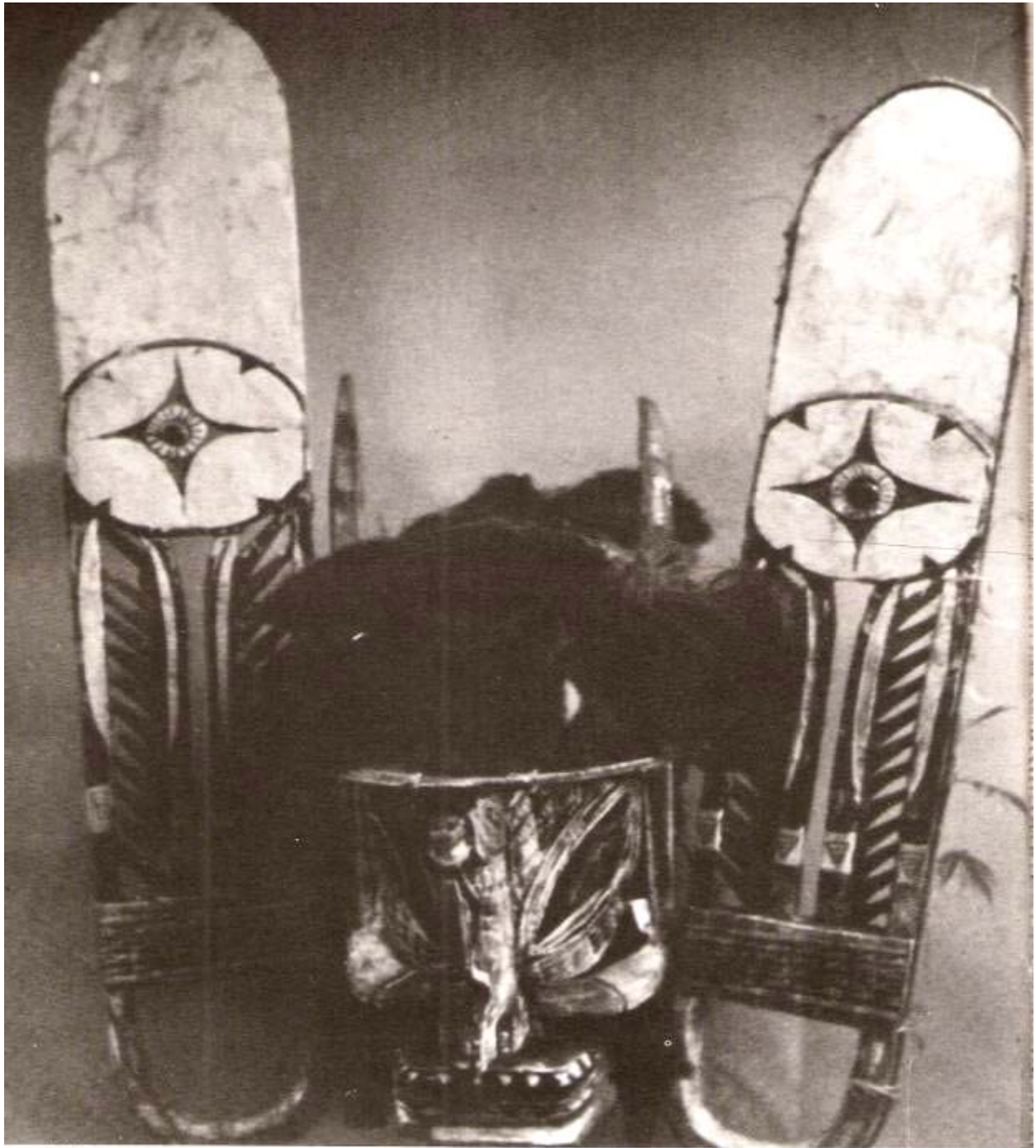
184



185



186



187

187 O Máscara Ritual, no Museu de Auckland, Nova Zelândia



188

188 – Montado em sua ave mágica, o deus Pourangahua voa – segundo o mito maori – de sua residência lendária, Hawaiki, para a Nova Zelândia.



189

189 – O padre salesiano Carlo Crespi no saguão da Igreja dos Pobres de Maria Auxiliadora, em Cuenca, Equador.

Eles cobriram o rosto com essas máscaras e, em danças rituais, tentaram imitar movimentos de vôo. Acho que, na época atual, não é difícil discernir nessas supostas máscaras rituais cópias mal feitas de engenhos para o vôo solitário. A "máscara ritual" era enfiada na cabeça, de cima para baixo; as madeiras planas podiam ser descidas quando então imitaram asas; nas pontas inferiores vêm-se as aberturas de recolhimento. Também os suportes para braços e pernas e ainda o espartilho todo, dentro do qual o aviador devia apertar seu corpo, foram lembrados pelos artistas folclóricos, através dos milênios.

Bem que, desde há muito, os insulanos não sabem mais *por que* enfeitaram seus deuses, reis ou chefes com aparelhos tão complicados. - Ninguém consegue *voar* com aquilo, mas os trajes de voo de visitantes alienígenas vieram a constituir parte do folclore. - Máscaras rituais - essa é boa...

Há mais de 50 anos, o Pe. Carlo Crespi, natural de Milão, vive na cidadezinha equatoriana de Cuenca, onde é cura das almas, da Igreja dos Pobres de Maria Auxiliadora. Os índios aceitaram-no como amigo leal e lhe fizeram presentes, que foram buscar em esconderijos quaisquer. Enfim, o padre chegou a possuir tantas preciosidades, depositadas em sua casa e na igreja que, um belo dia, recebeu autorização do Vaticano para inaugurar um museu. Esse museu, na escola dos Padres Salesianos em Cuenca, evoluiu constantemente e, em 1960, era um dos maiores no Equador e o Pe. Crespi era reconhecido como uma capacidade no campo da Arqueologia. Todavia, o padre sempre era um servo incômodo de sua Igreja, pois afirmou veementemente que teria condições de provar a existência de uma ligação direta entre o mundo antigo (Babilônia) e o mundo novo (civilizações pré-incaicas); tese francamente contrária à doutrina vigente. Em 20 de julho de 1962, o museu do padre foi destruído por um incêndio; era obra de incendiários. Aquilo que o Pe. Crespi conseguiu salvar das chamas encontra-se hoje em dois recintos compridos, estreitos, em cujo interior reina a mais completa desordem. Lá há trabalhos em latão, cobre, flandres, zinco, pedra e madeira... e, em meio de tudo isto, ouro legítimo, ouro em folhas, prata e prata em folhas. Alguns visitantes afobados acham que o padre, agora com 90 anos de idade, se tornou senil e incapaz de distinguir entre latão e ouro, que apenas possui imitações baratas, feitas pelos índios hodiernos, dos quais adquiriu aquelas quinquilharias todas. De fato, o Pe. Crespi não está mais em plena posse de suas faculdades mentais, porém certamente o estava quando, na flor de sua idade, fez o seu

museu e teve renome de arqueólogo. Todas as peças aqui mostradas em fotos são do afamado Museu Crespi, foram salvas do incêndio e não são imitações fraudulentas. Em sua maioria provêm de esconderijos subterrâneos, muitos dos quais são conhecidos dos índios. Todos os motivos representados datam de períodos incaicos ou pré-incaicos; entre eles não há símbolos cristãos. Na coleção do Pe. Crespi, há plásticas em metal e pedra, mostrando animais totalmente desconhecidos, monstros antediluvianos, figuras lendárias de mitos e lendas, serpentes com várias cabeças, pássaros de seis pernas. Em placas de ouro e prata surgem elefantes; se bem que, na América do Norte e no México, ossos de elefante foram achados e datados de 12.000 a.C., mas, nos períodos incaicos, cujos inícios foram provados para aproximadamente 1.200 a.C., o elefante já estava extinto na América do Sul. Ou os incas receberam visitas de elefantes africanos, ou as plásticas têm mais de 12 milênios. Ou uma ou outra coisa.



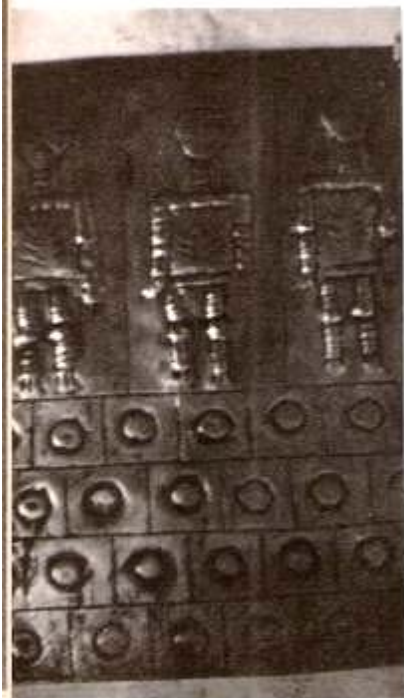
190



191



192



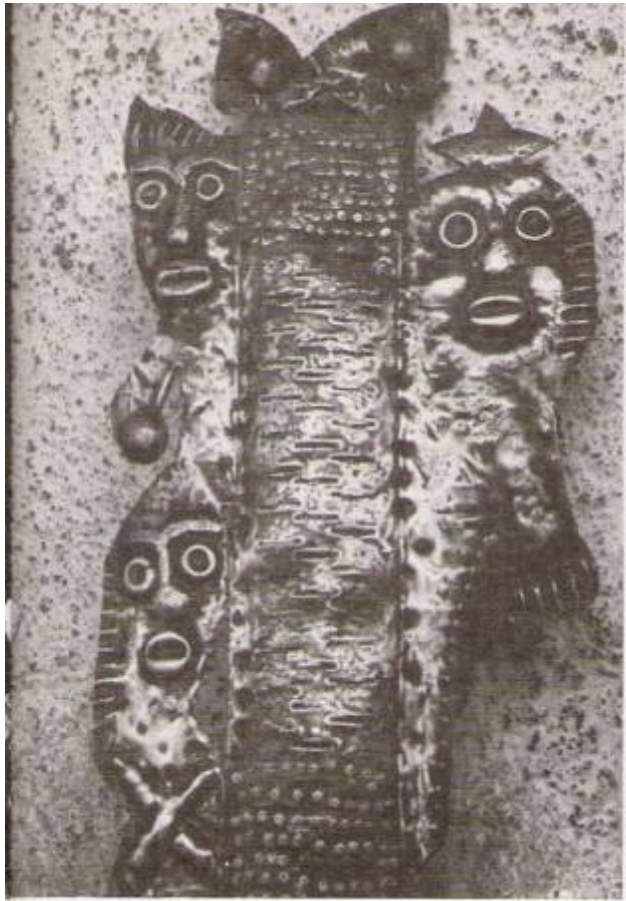
193



194



195



196



197

190 a 197 – Oito peças figurativas da coleção do Pe. Crespi. Cada uma dessas representações encerra enigmas e, até agora, nenhuma delas teve explicações. Quando olhadas com espírito aberto, todas elas mostram emblemas relacionados com o cosmo.

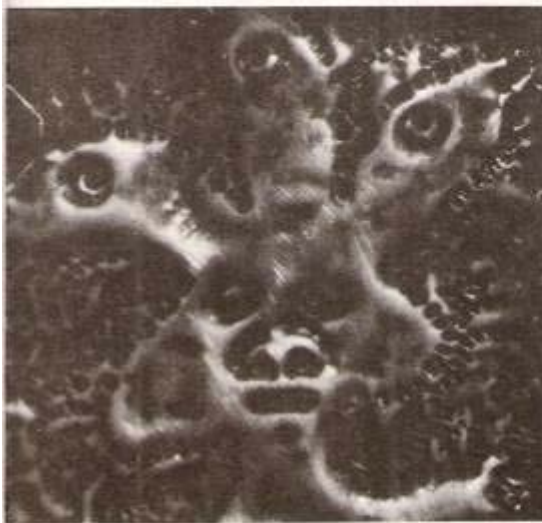




199



200



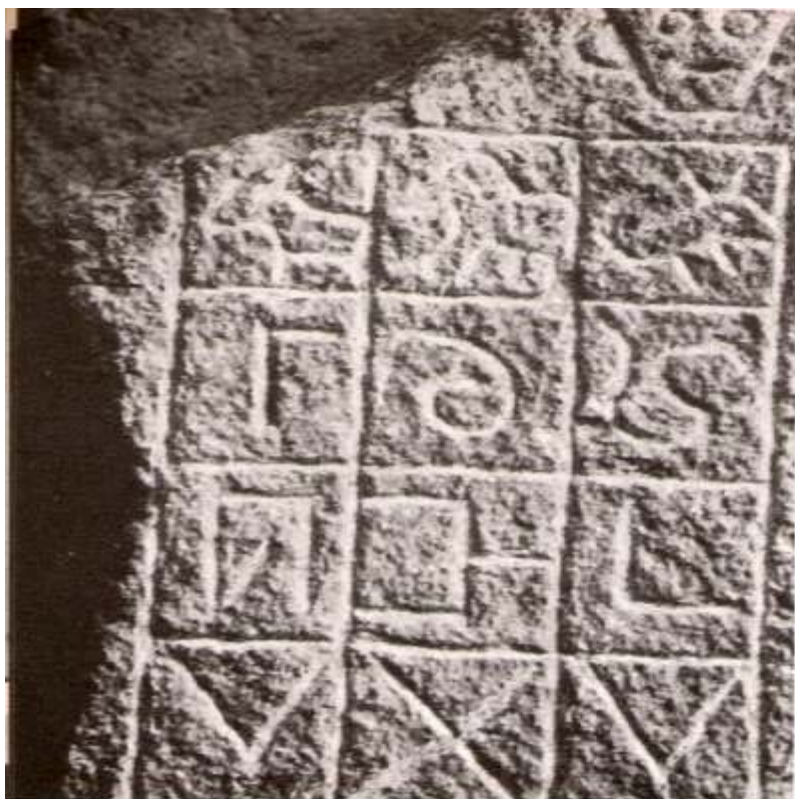
201



202

198 a 202 – Provavelmente, esta plástica em metal conta uma história contínua, em abundância desconcertante revela, em suas diversas imagens, detalhes de composições que se confundem – O Pe. Crespi que, na flor da idade, era um pesquisador arqueológico de renome, tem certeza de que esses “quadrinhos” mostrando: um rosto com grinalda

solar e símbolos indecifrados (199) – uma cabeça lembrando a de uma girafa, com pontas de estrelas, em cujos interstícios se nota o tratamento artístico dado ao metal (200) – uma cabeça parecida com a de nacaco, com olhos de pólipo (201) – três cabeças ostentando pontas de estrelas, em ligação inequivocamente intencional (202). O conjunto todo forma um enigma fascinante.



203



204



206



207

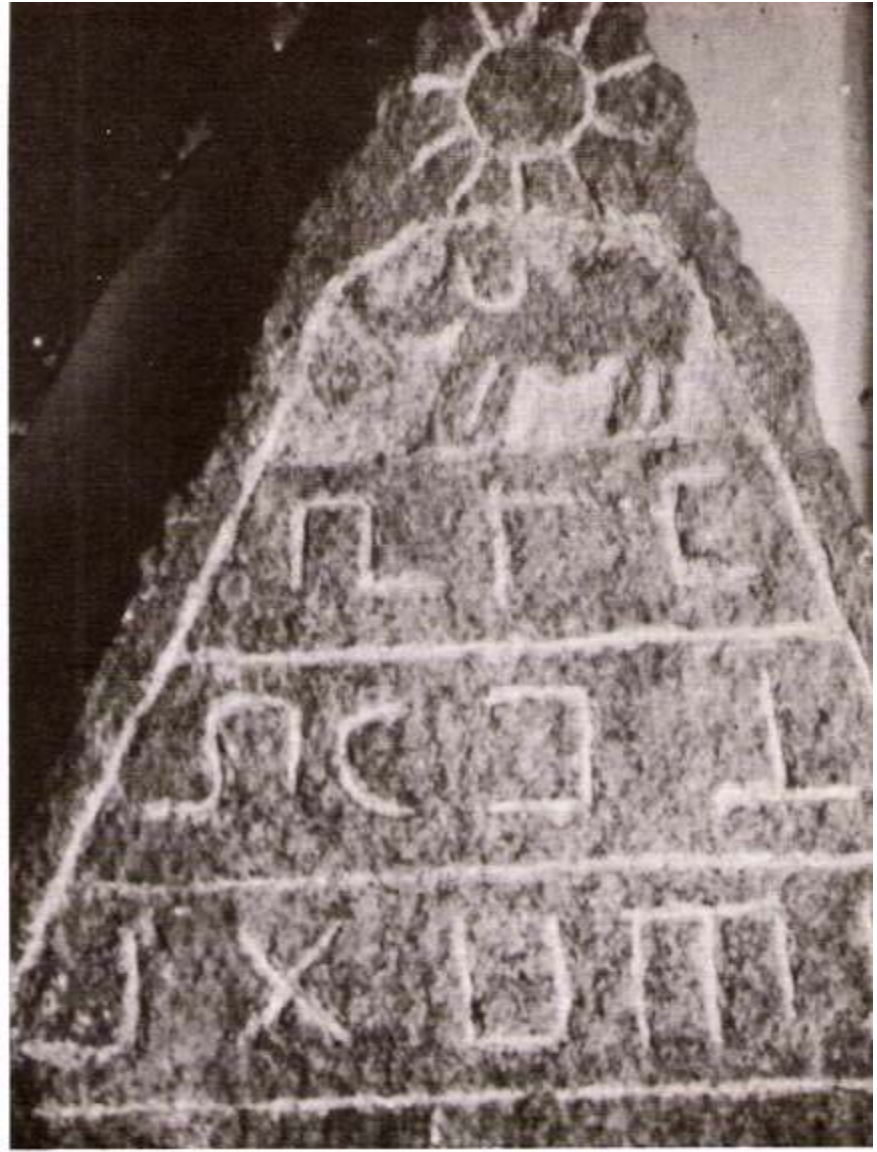
203 Uma lâpide mostrando a transição do ideograma para a escrita.

204 Placa de argila com 25 caracteres de uma escrita de índios.

205 Pirâmide de pedra, com um elefante acima dos caracteres.

206 Folha de ouro, representando uma pirâmide egípcia, desconhecida na América do Sul.

207 Ampliação da faixa de escrita, ao pé da pirâmide da fig. 206.



205

- 203 – Uma lápide mostrando a transição do ideograma para a escrita.
204 – Placa de Argila com 25 caracteres de uma escrita de índios.
205 – Pirâmide de pedra com um elefante acima dos caracteres.
206 – Folha de ouro, representando uma pirâmide egípcia desconhecida na América do Sul.
207 – Ampliação da faixa de escrita, ao pé da pirâmide da fig. 206.

Seriam os caracteres nas plásticas de metal em Cuenca mais antigos do que todas as escritas, até agora conhecidas? Por volta de 2.000 a.C., o cruzamento de influências culturais egípcias com babilônicas teria produzido os caracteres cuneiformes dos fenícios e os hieróglifos dos egípcios. Dessa mistura teria evoluído uma escrita de sílabas, simplificada, com cem sinais, que era a dos habitantes pré-israelitas da Palestina e, por sua vez, em 1.700 a.C., teria dado origem ao alfabeto de letras dos fenícios. A ciência afirma que os incas não teriam possuído escrita, no sentido do alfabeto; conheciam o *quipus*, uma escrita que se servia de nós e, portanto, nada tem a ver com caracteres de escrita. O que acham etnólogos e americanistas dos caracteres em Cuenca? Há 56 letras ou símbolos diferentes. Gostaria de saber o que significam e qual a mensagem que transmitem. Reputo de importância secundária uma análise da liga metálica na qual foram gravados.



208



210



209



211



212



213

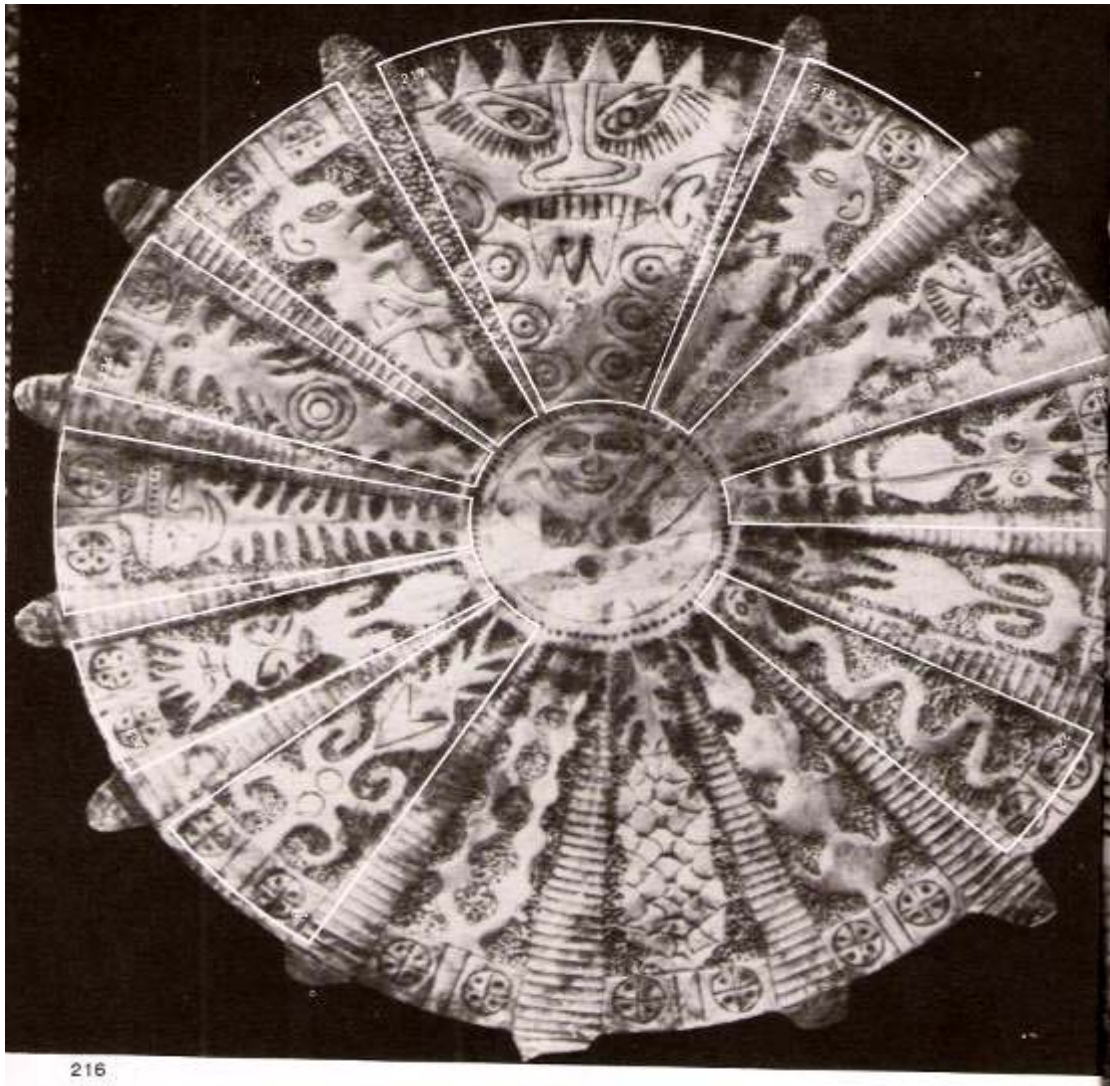


214



215

208 a 215 – O “Filho do Sol” era o supremo soberano dos incas, presumivelmente também das tribos pré-incaicas. Pode ser que esta seja a sua imagem, pois em sua testeira ostenta o Sol (208, 209). À esquerda e à direita passam-se “filmes” cujos trechos, para mim, mostram acontecimentos no sistema solar. – Também esta plástica (210) revela ideogramas com representações do Sol. No canto esquerdo, embaixo (211) uma criança nasce do Sol. – Provas para minha tese, segundo a qual a serpente tem o seu lugar tradicional nos relatos mitológicos, são encontradas igualmente nos trabalhos pré-incaicos que, para tanto, constituem comprovantes visuais (212-215).





217



218



219



220



221



222



223



224



225

216 a 225 – Até o dia de hoje continuam misteriosas e inexplicáveis as visões mitológicas, marteladas neste disco, feito de uma liga de prata e zinco. Devem representar algo mais do que meros arabescos artísticos.

As ampliações de diversas seções individuais deste disco aqui estão para animar o leitor a tirar as suas próprias conclusões.



226

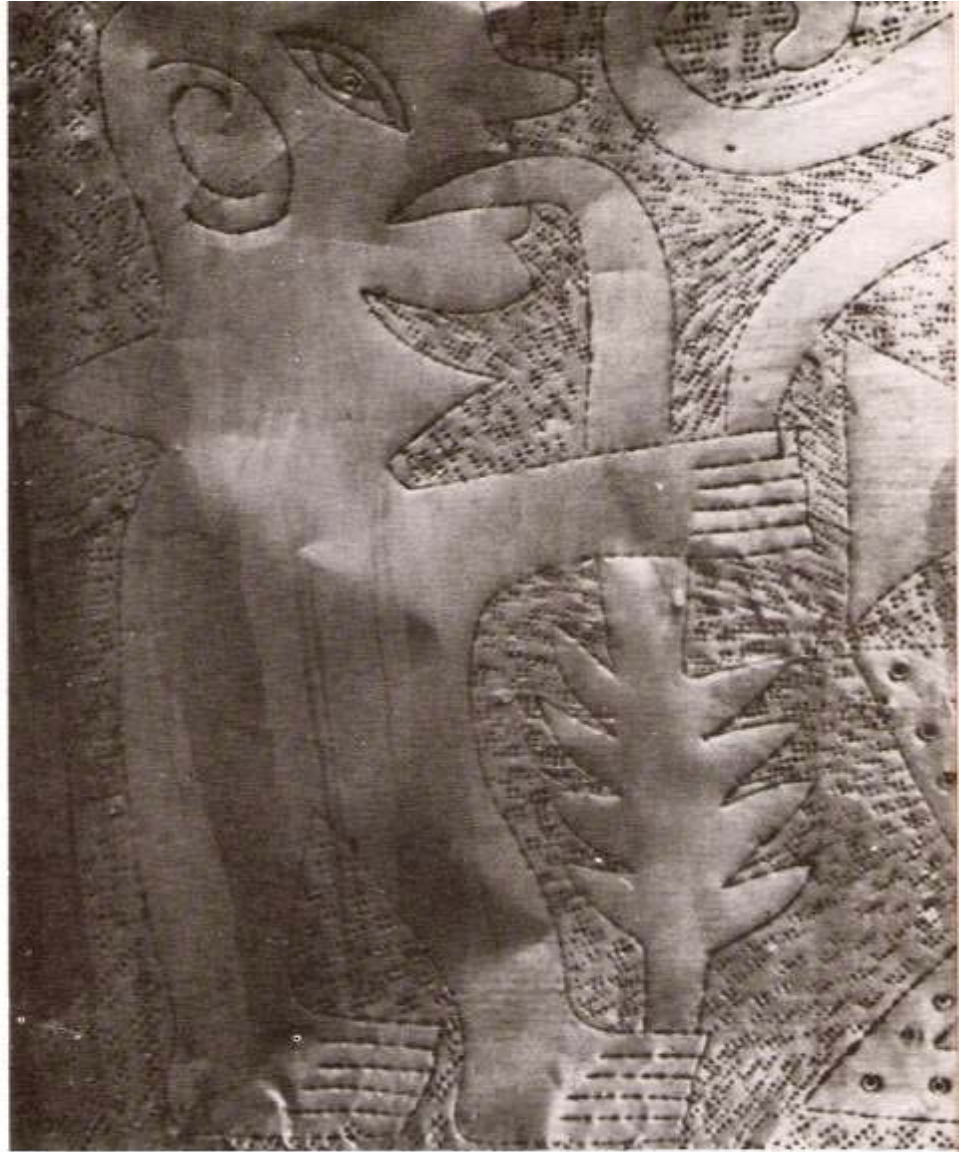


227

226 a 229. Em um barracão da Igreja dos Pobres, no Rio Grande, Rio de Janeiro.



228



229

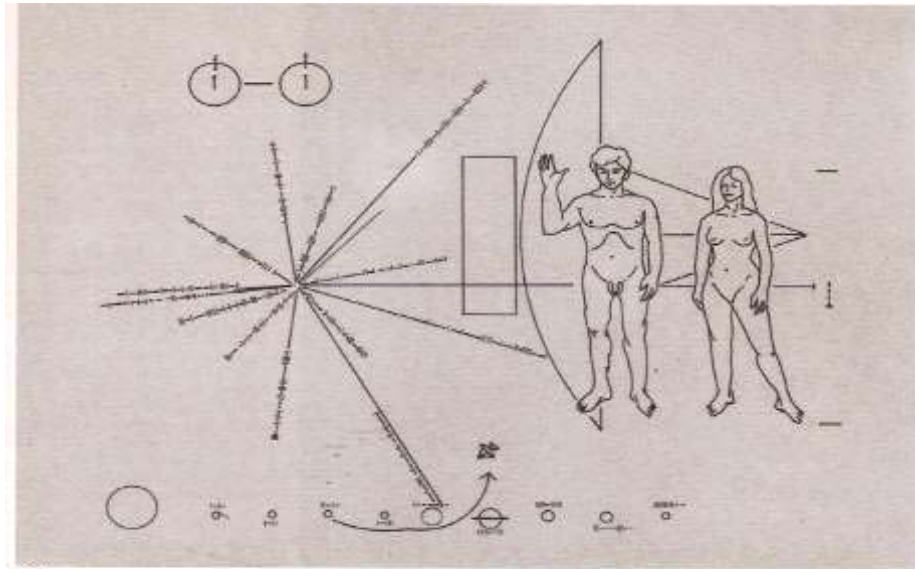
226 a 229 – Em um barracão da Igreja dos Pobres, o Pe. Crespi guarda 30 folhas de prata, gravadas, de 10 a 26 m de comprimento e largura média de 1,30 m. Fraudes! Dizem os que tudo sabem melhor. Quais os modelos que aqui deveriam ter sido fraudados? No entanto, se, por outra, um “falsificador” indígena tivesse inventado livremente esses motivos, então teria sido um gênio e dotado de altíssima sensibilidade artística. Quem vai perfurar e martelar, por sua alta recreação, (para quem?) folhas de mais de 20 m de comprimento? Para entregá-las, de presente, ao padre? – Ademais, o “falsificador”

lendário deveria ter sido um homem rico, pois o material que usou é precioso e, portanto, caro.

227 e 228 – Duas entre as muitas estelas de ouro. O Sol brilha sobre um idílio paradisíaco.

Com o lançamento da sonda PIONEER X (=Júpiter 10), em março de 1972, subiu ao céu o primeiro satélite a deixar o nosso sistema solar. Já em abril de 1973, a sonda atravessou, incólume, o perigoso cinturão de asteróides e, depois de passar por Júpiter, continua percorrendo o universo. Com isto há a possibilidade teórica do PIONEER X prosseguir viagem durante milênios e até de ser localizado e captado por inteligências alienígenas. A fim de, para esse caso, dotá-la de um "retrato falado" - quem? quando? onde? - o astrofísico Carl Sagan e o exobiólogo Frank Drake, ambos cientistas norte-americanos, codificaram uma placa de alumínio, anodizado a ouro. Ela leva uma mensagem para um receptor desconhecido. Sagan e Drake partiram do pressuposto de que toda inteligência alienígena conhece um átomo de hidrogênio, bem como o sistema binário de símbolos numéricos, por constituir o "idioma" de todo computador racionalmente concebido e, portanto, deveria ser de fácil compreensão. A placa mostra a gravação dos contornos esquemáticos da sonda em seu trajeto Terra - Júpiter, diante da qual há um homem nu e uma mulher nua; detrás deles aparece o Sol e aos seus pés nosso sistema solar. No caso de inteligências alienígenas conhecerem o sistema binário de símbolos numéricos, podem decifrar todos os dados da mensagem gravada na placa. Porém, o que teria acontecido se uma sonda igual a esta tivesse sido captada pela civilização incaica? Os incas nada sabiam a respeito do código binário de números e da estrutura do átomo de oxigênio. Aquele que tivesse achado a placa de ouro (pobre Crespi, apenas era alumínio anodizado a ouro!) a teria levado para o seu soberano, o qual, por sua vez, a teria encaminhado ao Filho do Sol, ao rei. Ninguém poderia ter interpretado os desenhos e os símbolos, mas ter-se-ia investigado, minuciosamente, como e quando a mensagem dos deuses chegou à Terra. Alguma coisa que caiu do céu, somente pode ser de procedência divina! As altas autoridades teriam mandado que se fizessem cópias para serem exibidas nos templos, pela maior glória

das deidades! - Pergunto-me: tais mensagens não teriam chegado a nosso planeta, desde há muito? Encontrar-se-iam em museus e templos? Esperariam, dentro da terra, para serem trazidas à luz do dia? "Descobertas" iguais às de uma placa de Cuenca (fig. 231) fazem-me perguntar pela mensagem a ser transmitida por aquele esqueleto, ao redor de cuja cabeça há 44 pontos. O esqueleto está colocado sobre uma linha em ziguezague e dez pontos. Em direção do canto direito, a simetria pára, repentinamente. Cada uma das dez linhas transversais apresenta um número variável de traços. Quando fizeram a placa do PIONEER X, os seus criadores tiveram alguma coisa em sua mente; por que não deveria ter acontecido algo de semelhante com a placa de Cuenca?



230



231

230, 231 — 230 — Placa de alumínio anodizado a ouro, levado pelo PIONEER X em sua longa viagem como mensagem para inteligências alienígenas; Carl Sagan e Frank Drake desenvolveram a escrita "cósmica". — 231 — Constituiria esta placa de ouro uma mensagem para nós, de astronautas alienígenas? Notam-se os animais (à esquerda) e as marcações "binárias" (à direita). Quem decifrará este código?

230 – Placa de alumínio anodizado a ouro, levado pela PIONEER X em sua longa viagem como mensagem para inteligências alienígenas; Carl Sagan e Frank Drake desenvolveram a escrita "cósmica".

231 – Constituiria esta placa de ouro uma mensagem para nós, de astronautas alienígenas? Notam-se os animais (à esquerda) e as marcações "binárias" (à direita). Quem decifrará este código?



232 – Quem esteve diante dos tesouros... e das quinquilharias, amontoados nos recintos da Igreja dos Pobres, do Pe. Crespi, quem neles podia mexer, tem muita dificuldade em fornecer uma apresentação, aproximada apenas, de todas as coisas inexplicáveis e inexplicadas que lá se encontram. Arrisquei tal apresentação com estas fotos, amplamente suplementadas na parte das ilustrações em cores –

Com a invasão dos conquistadores brancos, todos os símbolos não-cristãos foram destruídos, erradicados. Sob o domínio bárbaro da Inquisição, nenhum artista inca podia pensar, sequer, em usar símbolos e imagens de sua tradição. Como nenhuma destas fotos revela ornamentos cristãos, dou a minha adesão ao parecer do padre, hoje ancião que, quando na flor de sua idade, disse: “Todas essas representações datam de épocas pré-incaicas”.

Viracocha, Senhor do mundo!
Tu não és homem, nem mulher.
Senhor da adoração.
Tu és aquele que efetua a magia
Até com a sua saliva.
Onde estás?
Faze o teu filho ver-te!
Que esteja Ele embaixo, esteja Ele em cima
Ou talvez lá fora no cosmo...

...Assim reza uma prece a Viracocha, transmitida por um cronista. Viracocha era a deidade suprema dos incas; era considerado como o primeiro e último criador e aquele que criou todas as demais divindades; era homem e mulher, ao mesmo tempo. Supõe-se que o local de sua veneração era Tiahuanaco. Ele também era o mestre do povo, ao qual transmitiu seus conhecimentos. Após a criação e depois de ter deixado suas instruções com os terrenos, Viracocha desapareceu no céu - contudo, prometeu voltar para a Terra. Provavelmente, Viracocha desempenha entre os incas funções semelhantes às desempenhadas por Kukulcan entre os maias e por Quetzalcoatl entre os astecas.

O filólogo brasileiro Lubomir Zaphyrof especializado nos idiomas

incaicos, verificou que, até hoje em dia, os tchuvaches, povo finotártaro da União Soviética, usam umas 120 palavras incaicas, compostas, cuja definição exata é dada por umas 170 palavras simples do seu vernáculo. Zaphyrof informa que, sobretudo, se conservaram termos referentes à mitologia inca, conforme alguns dos exemplos abaixo:

Viracocha = espírito benigno do cosmo

Kon tiksí illa Viracocha = soberano da mais sublime origem, resplandecente como o raio, espírito benigno do cosmo

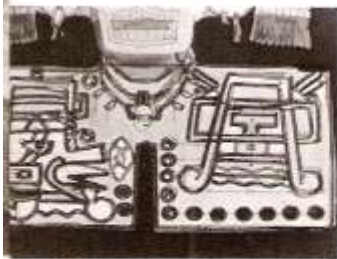
Chuvach = deus originário da luz

São muitos os problemas a serem resolvidos, também no campo da etnologia comparada.

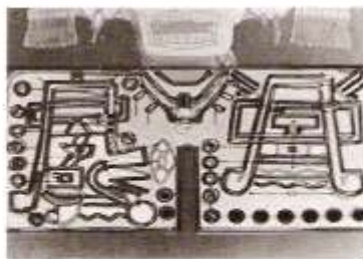




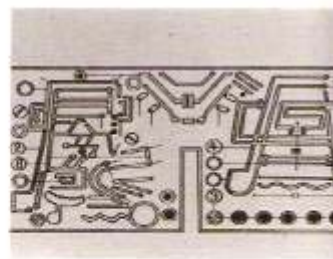
234



235



236



237

234 a 237 O Museu Regional de Oaxaca, no México, exibe este berloque de ouro, de 12 cm de altura, do deus da morte misteca, Mictlantecutli. O berloque foi achado no interior de um túmulo, nas cercanias de Monte Albán. O que significa a ornamentação no peito do deus da morte? Seria apenas um capricho do artista? Ou, também para isto, havia um antiqüíssimo modelo tecnológico? O fato é que a decoração peitoral dá margem à conclusão por contato eletrônico integrado?

238 Vaso pré-incario das cavernas equatorianas, Cuenca

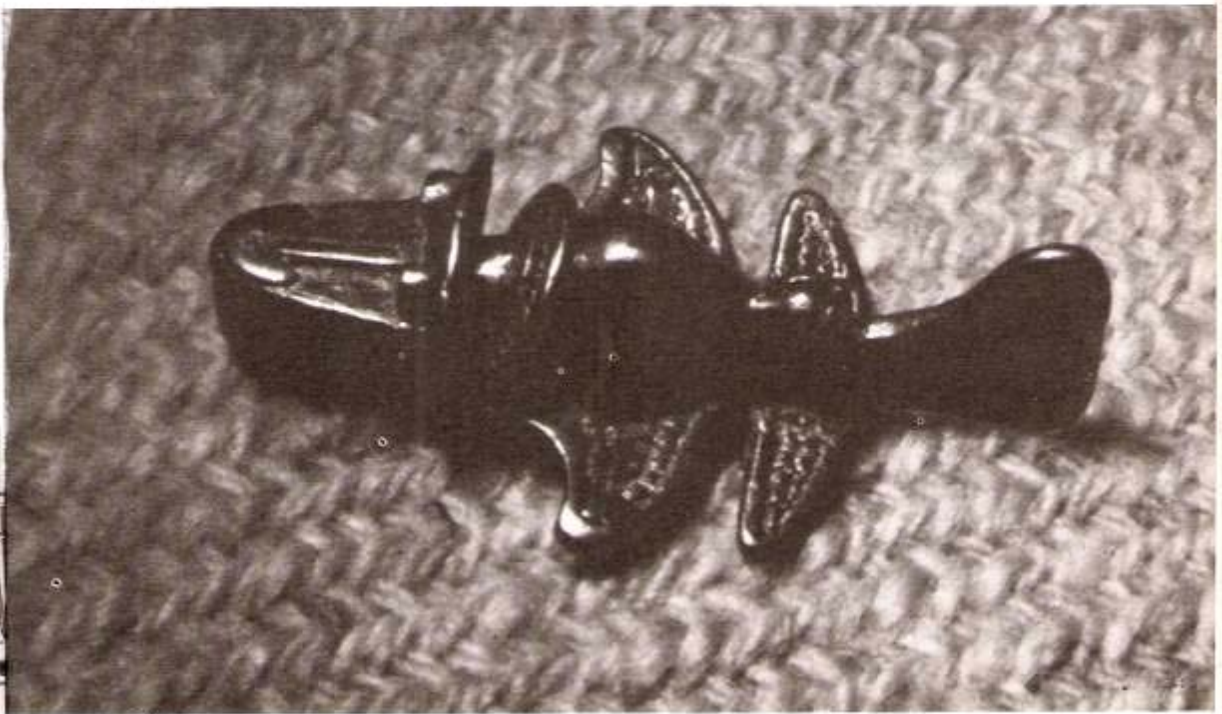
239 Modelo de avião, em ouro, no Museu do Ouro, Bogotá, Colômbia.

234 a 237 – O Museu Regional de Oaxaca, no México, exibe este berloque de ouro, de 12 cm de altura, do deus da morte misteca, Mictlantecutli. O berloque foi achado no interior de um túmulo, nas cercanias de Monte Albán. O que significa a ornamentação no peito do deus da morte? Seria apenas Seria apenas um capricho do artista? Ou, também para isto, havia um antiqüíssimo modelo tecnológico? O fato é que a decoração peitoral dá margem à conclusão por contato eletrônico

integrado!



238



239

238 – Vaso pré-incaico das cavernas equatorianas, Cuenca.

239 – Modelo de avião, em ouro, no Museu do Ouro, Bogotá, Colômbia.



240



241

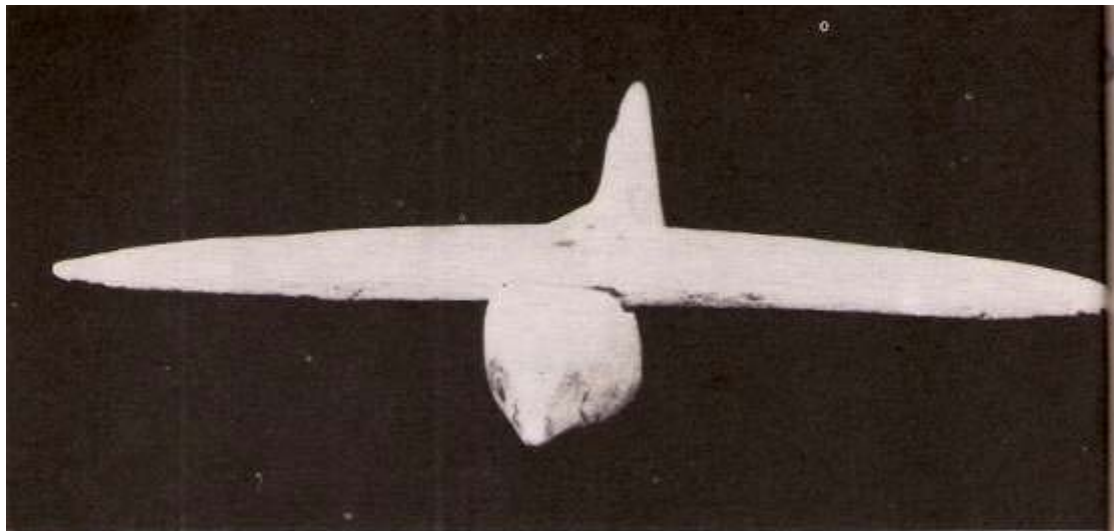
Em 1952 foi estabelecido o primeiro contato com os índios Caiapós, que habitam regiões amazônicas, no Brasil. Aquilo que considero importante em relação às minhas teorias, aparece em todas as festas caiapós, ou seja, máscaras de palha de feitiço esquisito, que lhes vão da cabeça aos pés. João Américo Peret, um dos mais renomados

indianistas, pesquisou o mito de criação dos Caiapós. Conta esse mito que, na era primitiva, gerações sem conta para trás, houve um forte tremor de terra, com fumaça e fogo, no topo de uma montanha; apavorado, o povo refugiou-se na aldeia. Alguns dias depois, jovens guerreiros teriam tomado coragem e tentado matar o homem estranho que veio com o tremor de terra. Porém, as armas caiapós, flechas com ponta envenenada, lanças e machados, revelaram-se fracas demais e nada conseguiram contra o intruso, que deu risada dos guerreiros valentes. No entanto, o forasteiro teria ficado com os antepassados indígenas e se estabelecido entre eles na aldeia. Os silvícolas ter-se-iam acostumado com a sua presença e ele teria aprendido o idioma caiapó. Em recompensa, ele lhes teria ensinado alguns truques da técnica das armas de caça, inaugurado a primeira escola e a casa dos homens e lhes transmitido as normas básicas da agricultura. O forasteiro ter-se-ia chamado Bebgoróroti, o que significa: "velho do cosmo". Até hoje, a lenda diz que, um belo dia, Bebgoróroti teria vestido seus trajes estranhos, resplandecentes, e informado que seu tempo estava esgotado, que iriam "buscá-lo" e ninguém deveria segui-lo. Apesar disto, alguns jovens curiosos desrespeitaram a ordem de não segui-lo, quando retornou ao topo da montanha de onde viera. E novamente viram a fumaça e o fogo e ouviram um ruído terrível... e observaram como o forasteiro desapareceu lá para cima, no céu. Em memória desse mestre celeste, diz Peret, os índios Caiapós vestem aquelas máscaras de palha, esquisitas, feitas segundo o modelo de Bebgoróroti. As fotos publicadas neste livro foram tiradas em 1952, portanto, muito antes do primeiro vôo espacial realizado por Yuri Gagarin (1961). Portanto, as roupas espaciais ainda não eram conhecidas como os trajes comumente usados pelos cosmonautas contemporâneos e, até hoje, os Caiapós do alto Amazonas, que não costumam ler revistas nem relatos de vôos espaciais, ignoram os lançamentos da moda para uso no cosmo. Todavia, antiga como o mito

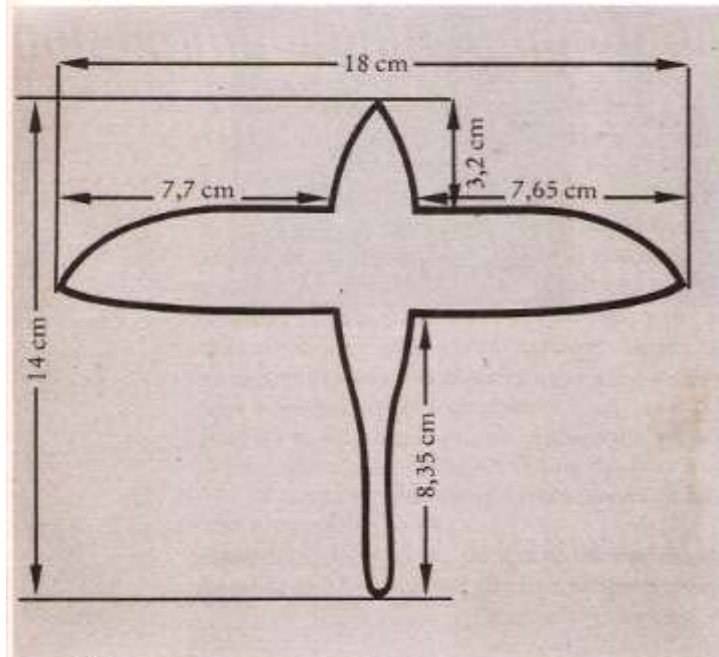
é também aquela roupa de astronauta, feita de palha, que representa venerável relíquia do nosso passado longínquo.

Índios usando roupa de astronauta. Truques da técnica das armas de caça. Será que os índios Caiapós conservam desta maneira as suas recordações mais remotas, pelas quais procuramos hoje em dia e, por sinal, de uma forma muito pouco eficiente?

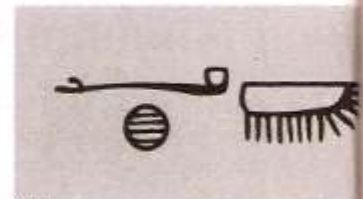
Será que os índios Caiapós conservam desta maneira as suas recordações mais remotas, pelas quais procuramos hoje em dia e, por sinal, de uma forma muito pouco eficiente?



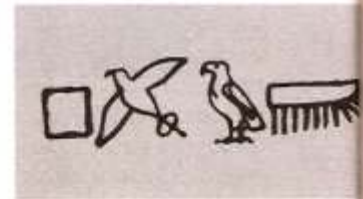
242



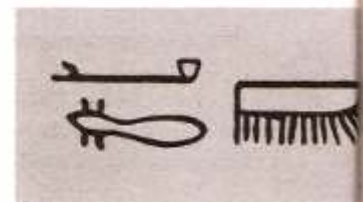
243



244



245



246

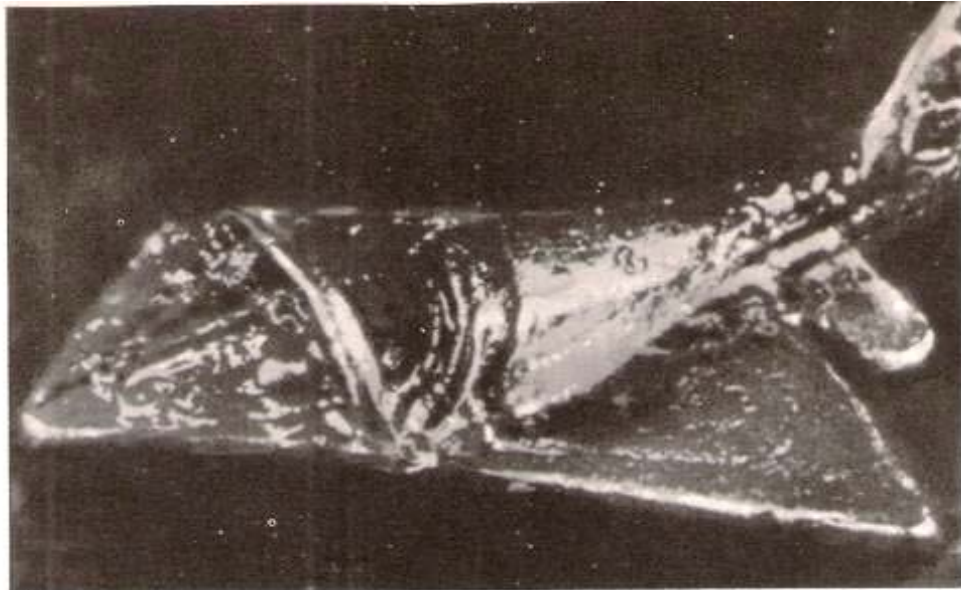
244 e 246 – Eis os três hieróglifos do antigo Egito que traduzem o eterno anseio do homem: “Eu quero voar”.

O desejo do homem de poder voar é antigo como a própria humanidade. Filosofias inteiras formaram-se em torno desse anseio. A milenar ambição de voar teve seu primeiro documento em uma escrita pictorial do antigo Egito. Há três hieróglifos que significam: "quero

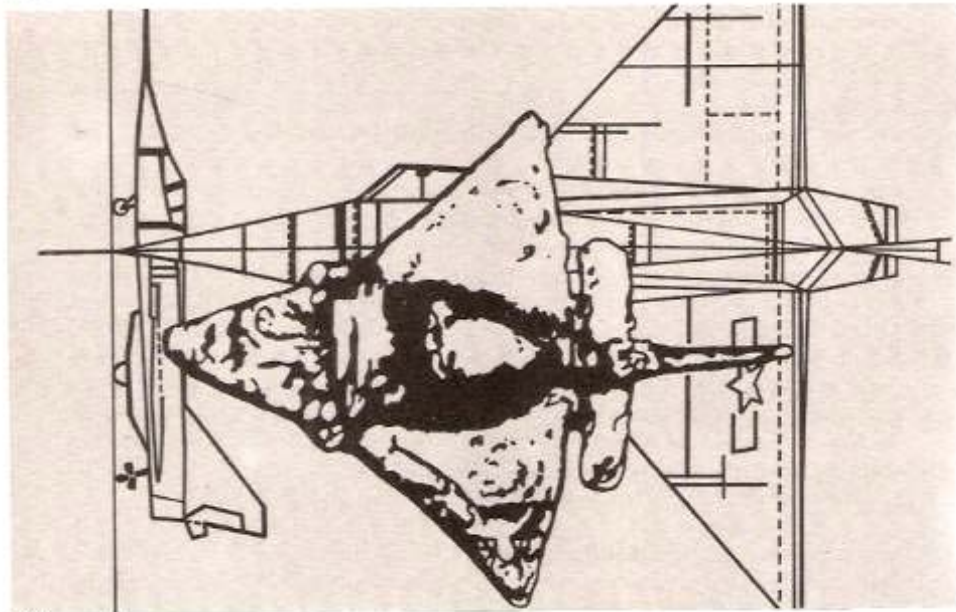
voar"; os antigos egiptólogos não sabiam interpretar essa sua própria decifração. Em 1898, foi encontrada em Sacara uma peça, que recebeu a etiqueta com os dizeres "pássaro" e, sob esta classificação, foi catalogada pelo Museu Egípcio do Cairo. Lá ficou por 50 anos, sob o no. 6.347, ao meio de toda uma revoada de "pássaros" do antigo Egito. Apenas em 1969 esse pássaro esquisito chegou a ser identificado. Quando o Dr. Khalil Messiha olhou aquelas aves, ficou com ar surpreso; ao contrário dos demais, o "pássaro" do no. 6.347 apresentava asas retas e ainda uma aleta de cauda, virada para cima. O Dr. Messiha examinou a ave estranha e nela encontrou, levemente gravado, o símbolo *PA - DIEMEN* = "presente de Âmon", em egípcio antigo. Quem era Âmon? Âmon era o "dono da brisa", entrou em simbiose com Rá, o deus do Sol e foi promovido para "deus da luz". - Entrementes, ficou provado, de maneira indiscutível, que a peça no. 6.347 representa um aeromodelo; é de madeira, pesa 39,12 g e está em bom estado de conservação; sua envergadura é de 18 cm, o comprimento do seu nariz é de 3,2 cm e seu comprimento total de 14 cm. A ponta do avião e as pontas das asas, bem como o corpo todo, apresentam formas aerodinâmicas. Afora um olho simbólico e duas linhas curtas, debaixo das asas, não há enfeites decorativos; tampouco possui pernas (para a aterrissagem). Técnicos em aeronáutica testaram o modelo e qualificaram-no apto para o vôo e ideal em suas proporções. Após essa descoberta sensacional, as autoridades competentes organizaram um grupo de pesquisa técnica, encarregado de examinar também outros "pássaros", em condições idênticas. O grupo, constituído em 23 de dezembro de 1971, é integrado por: Dr. Henry Riad, diretor do Museu de Antiguidades Egípcias, Dr. Abdul Quader Selim, diretor-delegado do Museu Egípcio de Estudos da Antiguidade, Dr. Hishmat Nessiha, diretor do Departamento de Antiguidades, e Kamal Naguib, presidente da Associação Egípcia de Aeronáutica. Em 12 de janeiro de 1972, foi inaugurada a primeira

exposição de aeromodelos do antigo Egito, no saguão do Museu Egípcio de Antiguidades. O Dr. Abdul Quader Hatem, representante do primeiro-ministro egípcio, e Ahmed Moh, ministro da Aeronáutica, já apresentaram ao público 14 aeromodelos do antigo Egito.

Diariamente, a pá dos arqueólogos traz à luz do dia curiosidades que dificilmente podem ser enquadradas no sistema convencional. O que deveria ser feito de um amuleto de pedra, encontrado no Equador e que um homem da Idade da Pedra teria usado no pescoço? E ainda leva gravações um tanto incômodas, pois, no anverso, mostra o Sol e a Lua, no verso, a figura de um homenzinho, o qual na mão direita mantém equilibrada a Lua e na esquerda, o Sol. A figura está com ambos os pés plantados em uma esfera e isto é bastante estranho, pois, na Idade da Pedra, ninguém sabia que a Terra é esférica, que vivemos em um globo. Tanto com o Pe. Crespi, quanto no Museu de Ouro, em Bogotá, surgem aeromodelos de diversos tamanhos. Em sua maioria são feitos de ouro maciço. Quais eram os modelos para a sua confecção? Se, em 592 a.C., Ezequiel logrou descrever uma espaçonave, em todos os seus detalhes, por que, então, os incas não deveriam ter avistado um avião? Acho lícito atribuir aos cosmonautas alienígenas o uso de aviões para sua locomoção sobre distâncias menores. Quem tiver condições de construir uma espaçonave, decerto tem à sua disposição aviões de todos os tipos e tamanhos. E foram avistados pelas tribos pré-incaicas; por elas eram copiados e oferecidos aos soberanos, a título de divina oferenda fúnebre.

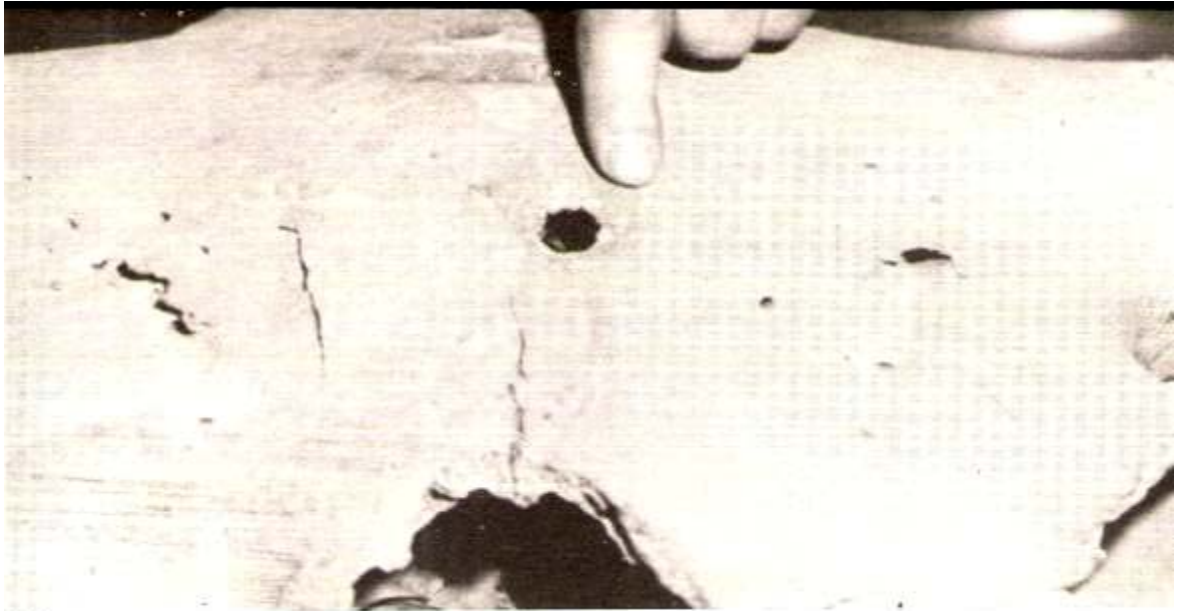


247



248

247, 248 – Este modelo de avião, em ouro, encontra-se no Banco do Estado, em Bogotá, Colômbia. Dele, arqueólogos fizeram um “ornamento religioso”, até que o Aeronautical Institute, Nova York, tratou do assunto e, em testes técnicos, comprovou a sua aptidão para o vôo.



249

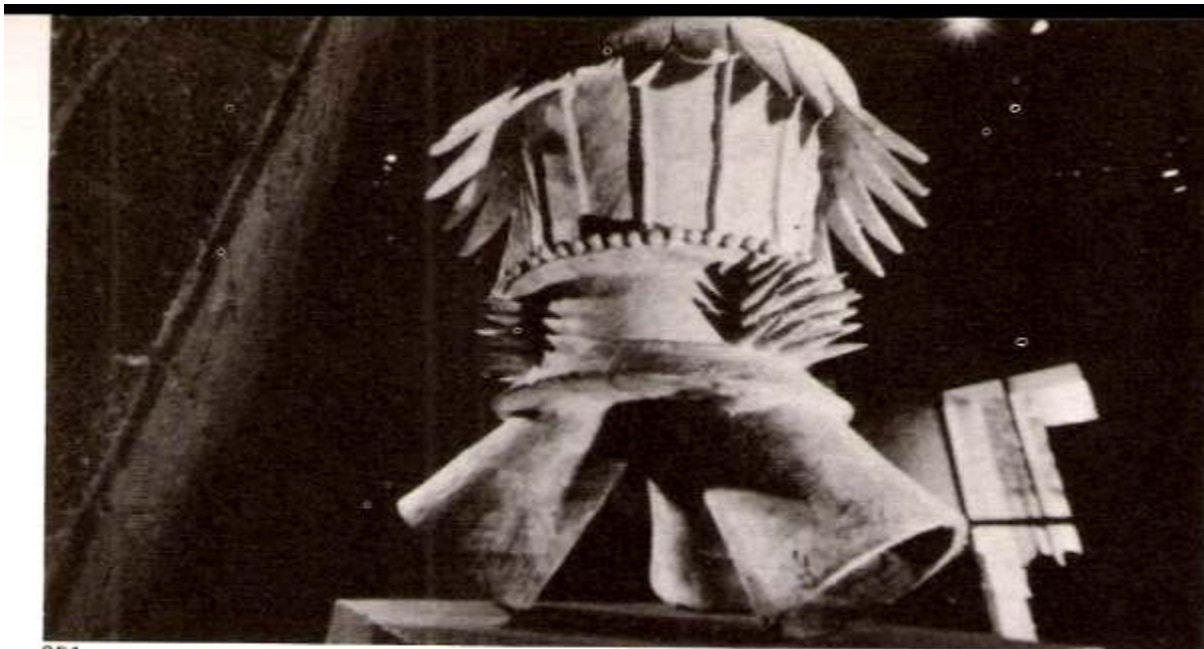


250

249 – Esta caveira de um esqueleto de bisão está no museu de Paleontologia de Moscou. Nitidamente vê-se na testa o furo feito por uma arma de fogo. A sua idade é de dez milênios.. Quem teria, então, armas modernas?

250 – Esta lente de cristal, de um túmulo em Heluã, Egito, está em poder do Museu Britânico, em Londres. Foi polida à máquina e – que

milagre! – ninguém contesta este fato.



251

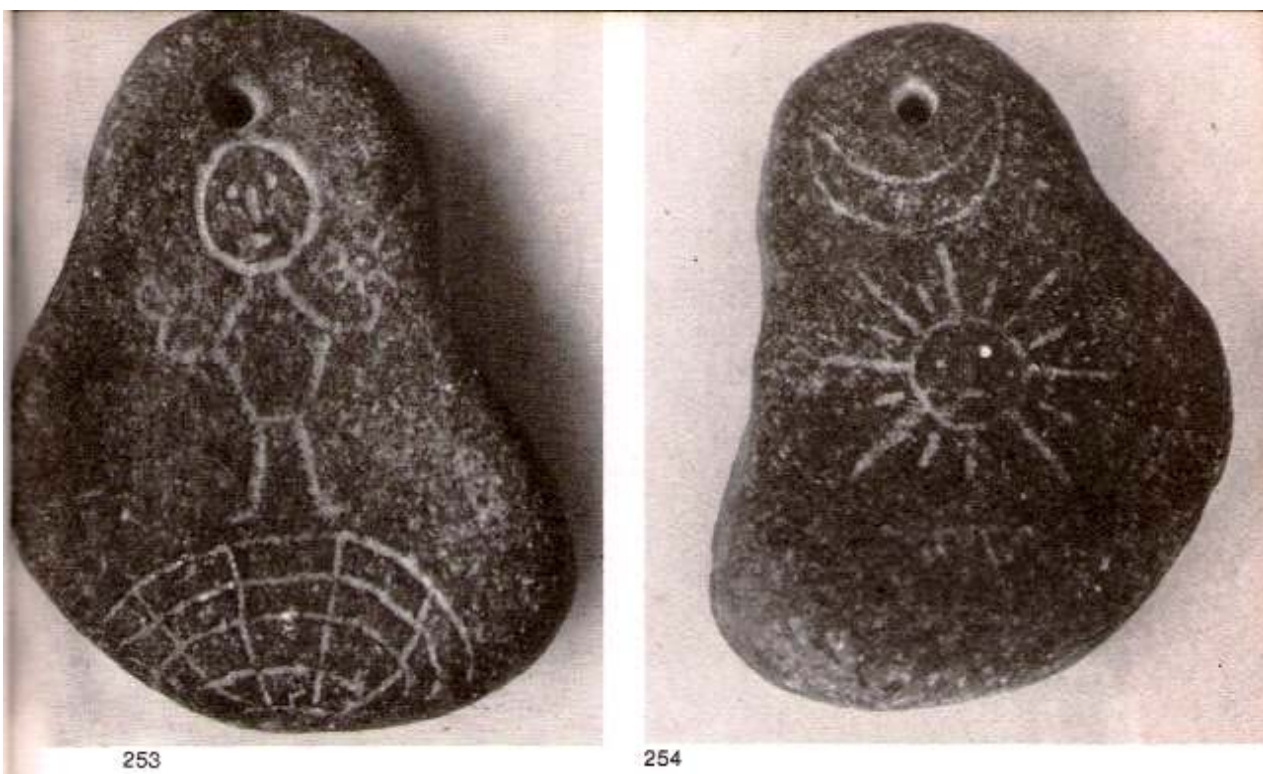


252

251 – Este objeto de cerâmica foi achado em um terraço da maior pirâmide de Thateloco, a 6 m de profundidade. Hoje está no Museu Nacional de Antropologia do México. Oficialmente declarado como

“receptáculo de incenso”, o artefato antes se parece com uma cópia bastante rudimentar de um bocal de distribuidor.

252 – Mais outra curiosidade: o Museu Iraquiano, em Bagdá, exhibe em uma de suas vitrinas uma bateria galvânica, pré-cristã, que até hoje dá 1,5 volt.



253 e 254 – Verso e anverso de um amuleto que pode ser datado de 9.000 a 4.000 a.C. Juan Moricz achou-o no túnel do subsolo do Equador. Um ser está de pé sobre o globo terrestre. Onde sabiam os homens da Idade da Pedra sobre a esfericidade da Terra, descoberta somente muito mais tarde?

O prato de cerâmica (fig. 259) é da época tolteca (México). Constitui exemplo clássico de como um só objeto pode ser apreciado sob dois ângulos diferentes. Sob o ponto de vista do arqueólogo, é um "prato de cerâmica, ornamentado".

Peço o favor de acompanhar-me em meu modo de observação. Vamos encobrir o círculo interno, com o rosto de índio; o que resta, então, é o círculo externo, dando a impressão de um aparelho elétrico. Todos os detalhes técnicos são bem discerníveis, os enrolamentos de cobre, os carvões, os pinos de ancoragem, as entradas e saídas dos fios. O retrato do índio bem que poderia ser o do homem que inventou ou maneja o engenho. - A figura 260 mostra o fac-símile de um texto em sânscrito. A Academia Internacional de Pesquisas do Sânscrito, em Misore (Índia), foi a primeira entidade a arriscar a tradução de um texto sânscrito, de Maharshi Bharadwaja, um visionário de tempos remotos, para os conceitos do mundo moderno. O resultado é de pasmar. Os antiqüíssimos conceitos fizeram surgir aviões com suas ligas metálicas e suas armas. O texto fala sobre o segredo de como o avião pode tornar-se invisível e a possibilidade incrível de captar e registrar conversas travadas no interior de aparelhos inimigos. Os bravos pesquisadores de Misore merecem o nosso mais profundo respeito...



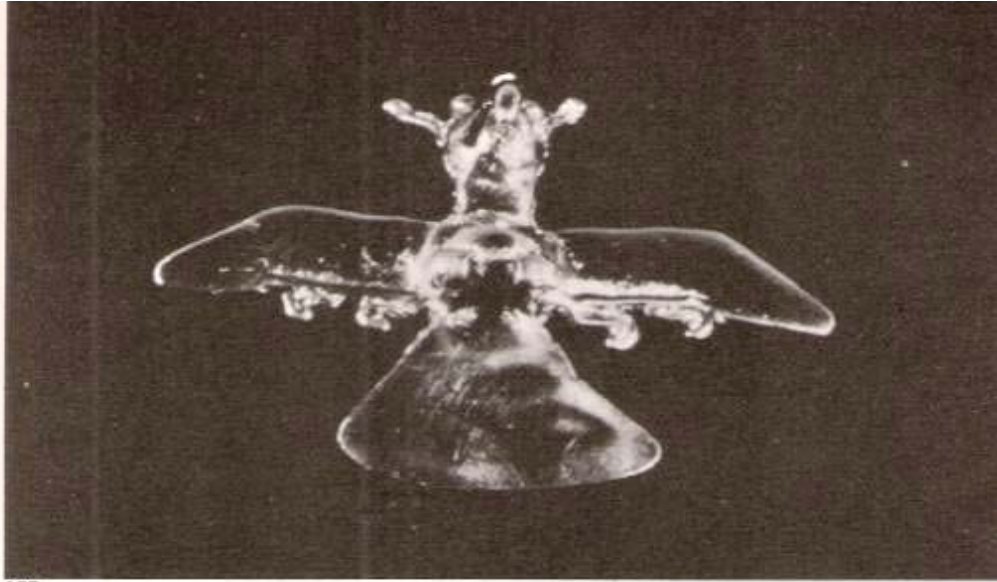
255



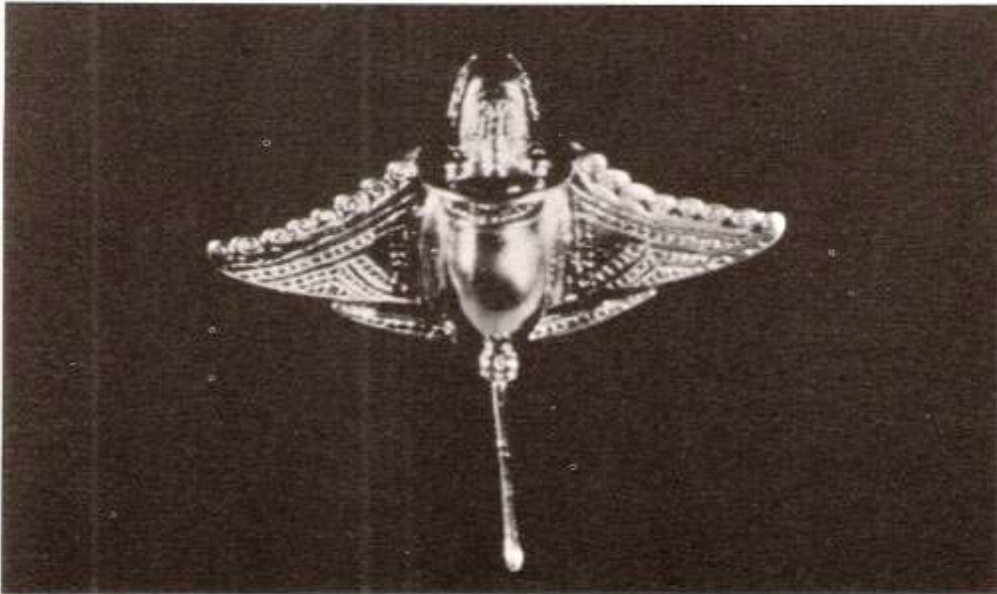
256

255 – Na rotunda do observatório maia em Chichén Itzá, México, os mirantes não estão dirigidos, como seria lógico que o fossem, para as estrelas mais claras, mas sim, para as estrelas da mitologia maia, que falam da origem do cosmo.

256 – Também a pirâmide-calendário encontra-se em Chixhén Itzá, México. Cada degrau corresponde a um dia, cada plataforma a um mês maia. Depois de 365 degraus, alcança-se a ponta, onde se ergue o templo.



257



258


257 e 258 – Dois aeromodelos, em ouro, de uma coleção particular, na Colômbia.



259

A Austrália, o menor dos continentes, com superfície de 7.686.010 km² e população de apenas 11,5 milhões, torna-se sempre mais interessante para os estudos pré-históricos. Desde quando jovens cientistas australianos começaram a explorar, de avião e de jipe, as suas terras natais, de todos os lados chegam notícias e comunicações que provam a existência de um passado altamente fascinante do "continente sem história". Os dois irmãos Leyland fizeram maravilhosos documentários, coloridos, de pinturas rupestres, nas imediações de Alice Springs e, novamente, surgiram lá os "símbolos internacionais", tais como o círculo, o quadrado, o Sol, a linha ondulada e, *naturalmente*, (digo eu) figuras trajando roupas de astronautas, com

capacetes.



THE INTERNATIONAL ACADEMY OF SANSKRIT RESEARCH,
MYSORE, INDIA

महर्षि भरद्वाज प्रणीतम्

वैमानिक शास्त्रम्

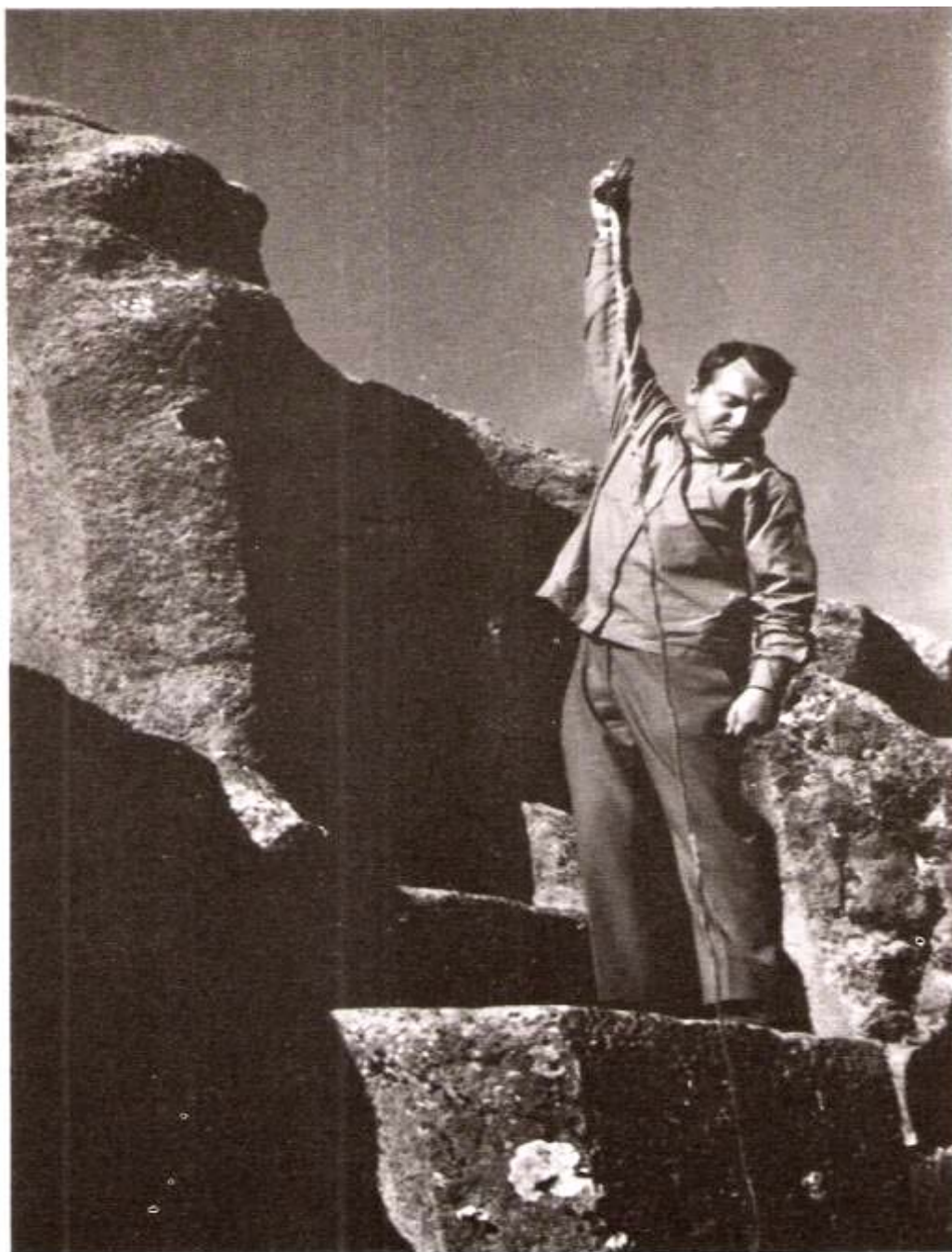
AERONAUTICS

BY
Maharshi Bharadwaja

/ A MANUSCRIPT FROM THE PRE HISTORIC PAST /

Some Sample Extracts :

<p>अवाग्वायस्यवायुस्य मतिगुदं मनाहरम् । अगनामनिस्यचानकारणं शुभम् नृणांम् ॥ अनावाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । जाजासिवाजस्येचिप्यारचजाकयसाधकम् ॥ वैमानिकविद्यायां कल्पयेत्किल्बिषं यथाविधि ॥</p>	<p>1 " In this book are described in 9 pregnant 2 and captivating chapters, the art of manufactu- 3 ring various types of Aeroplanes of smooth and 4 comfortable travel in the sky, as a unifying force 5 for the Universe, contributive to the well being of mankind "</p>
<p>पूर्वाज्यायस्यमतिगुदं अगनामनिस्यचानकारणं । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>6 " That which can go by its own force, like a 7 bird, on earth, or water, or in air, is called "Vimanao "</p>
<p>वैमानिकविद्यायां कल्पयेत्किल्बिषं यथाविधि । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>8 " That which can travel in the sky, from 9 place to place, land to land, or globe to globe, is 10 called "Vimanao " by scientists in Aeronautics. "</p>
<p>अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>11 " The secret of constructing aeroplanes, which 12 will not break, which cannot be cut will not catch fire, and cannot be destroyed</p>
<p>अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>13 The secret of making planes motionless</p>
<p>अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>14 The secret of making planes invisible</p>
<p>अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>15 The secret of hearing conversations and other sounds in enemy planes</p>
<p>अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>16 The secret of receiving photographs of the interior of enemy plane.</p>
<p>अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् । अवाग्वायस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यवायुस्यम् ॥</p>	<p>17 The secret of ascertaining the direction of enemy planes' approach</p>



261

261 – Serviços de levantamento topográfico acima de Sacsayhuaman

Na Terra de Arnhem, a oeste de Darwin, foi encontrado um monólito, no qual estava gravada uma figura com roupas informes e um capacete imponente; poderia até ter sido o irmão gêmeo do "Grande Deus

Marciano", encontrado no Saara. De Laura, North Queensland, procede a imagem de um homem voando, isento das leis da gravidade. - A uns 10 km a leste de Alice Springs, nas rochas da garganta Ndahla, foram encontrados desenhos de deidades, com enormes antenas na cabeça. Lá, Robert Edwards descobriu na rocha desenhos de rostos de deuses, usando óculos de proteção. - Em um bloco de pedra, de 1,40 m de comprimento e 93 cm de largura, estão gravadas linhas que se cruzam ou seguem em paralelo, para terminarem de maneira abrupta. Espontaneamente, pensei na rede de linhas na planície de Nazca, no Peru. O Musel em Adelaide exibe um modelo em gesso desse bloco. - Desenhos rupestres com os motivos já familiares foram encontrados em Yarbiri Soak; devem ter 20.000 anos, pois passam por fendas na rocha, abertas pela erosão. - Em maio de 1970, Rex Gilroy, diretor do Mount York Natural History Museum, em Mount Victoria, arqueólogo de renome, descobriu a marca do pé de um gigante, de 59 cm de comprimento e 18 cm de largura. O ilustre desconhecido deve ter pesado uns 250 kg. O museu expõe o modelo em gesso dessa marca de pé, junto com as respectivas cunhas de pedra, medindo 38 x 18 cm. Em 2 de abril de 1973, Rex Gilroy escreveu-me, conforme segue: "Nas Montanhas Azuis (Blue Mountains) de New South Wales, por exemplo, encontrei toda uma série de primitivas pinturas e desenhos rupestres, representando, entre outros, figuras estranhas e objetos fora do comum que, hoje em, dia, podem ser descritos apenas como espaçonaves e, evidentemente, foram avistados pelos aborígenes da Austrália".

Moon City - Cidade da Lua -, a cidade dos aborígenes australianos, está situada ao norte do Roper River, na Terra de Arnhem. Moon City, também chamada de "cidade oculta", parece ser irmã gêmea de Sete Cidades, no Brasil. Lá se encontram as mesmas "ruas" e paredes planas, polidas, com camadas que se desprendem e que dão a mesma impressão de tudo aquilo ter sido aniquilado por um calor infernal. Os arqueólogos falam em erosão natural, porém ao redor de Moon City

não há vestígios de erosão. A lenda conta que, naquele local, o deus do Sol, procedente do céu, aterrissou com a sua nave solar e teve de travar luta bárbara contra o deus da Terra, que lhe deu combate e acabou por ser vencido pelo calor. Um dos poucos visitantes de Moon City, o repórter Colin McCarthy, afirma que, por aí, "muita coisa está errada". Até agora, somente uma religiosa, Irmã Ruth, foi admitida à parte oculta da cidade, quando, para tanto, foi convidada, 30 anos atrás, pelos Sete Anciãos de Moon City. Ela conta que foi levada para o interior de uma caverna, cujas paredes estavam repletas de desenhos. Quando McCarthy chegou a Moon City, essa caverna ainda existia e lá havia restos de desenhos, mas dava a impressão de ter sido dinamitada. Os aborígenes alegaram ordens do "deus", segundo as quais devem destruir as escrituras, depois de vencido determinado prazo. Eles então encheram a caverna de capim, da espécie de gramíneas que contêm parafina e crescem lá fora, ao redor, puseram fogo em tudo e bombearam ar nas brasas; a rocha começou a torrar; depois, resfriaram-na com água. A "erosão" pode ser vista e examinada no local.



262



264



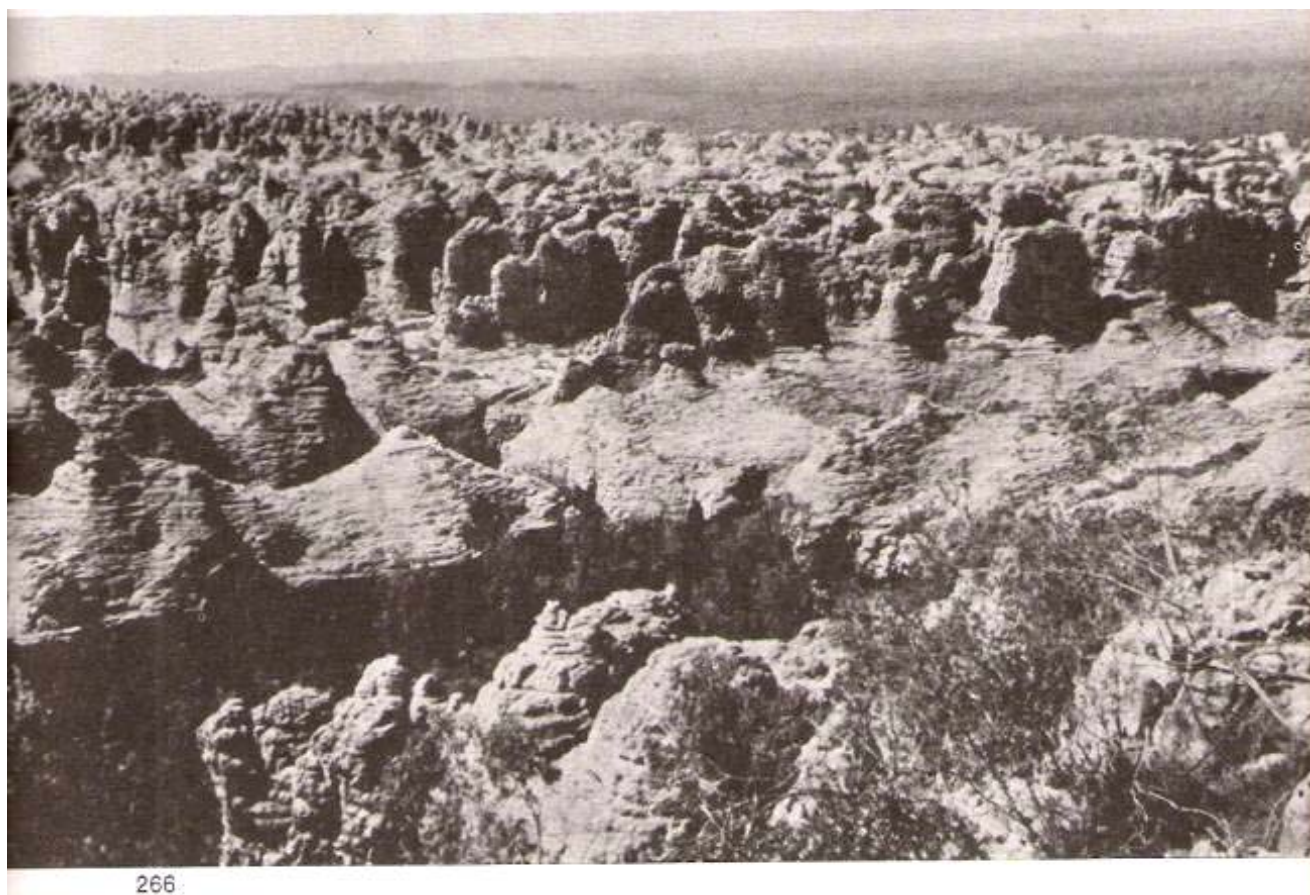
263



265

262 a 265 – Cada tribo dos aborígenes australianos possui um totem, como a sua “marca registrada”. Por exemplo, um cacique (262) usa no pescoço um pássaro, símbolo do vôo... ou agarra nas mãos uma ave (263), como se nela quisesse encontrar apoio durante o vôo... ou

segundo o exemplo dos deuses, uma máscara (264) e, enfim, um totem (265) com um ser flutuante, como símbolo tribal.



266

Até agora falharam todas as tentativas de captar sinais do cosmo, mediante ondas eletromagnéticas. O Dr. George Lawrence, do Instituto Ecola, em San Bernardino, Califórnia, idealizou um novo e fantástico caminho para estabelecer comunicações com inteligências extraterrestres. Lawrence queria saber se plantas ligadas a -sistemas de controle eletrônico, eventualmente, serviriam para comunicações com o cosmo. É sabido que as plantas possuem qualidades eletrodinâmicas, aliás, é simplesmente sensacional a sua capacidade de assimilar testes e reagir (go-no-go) de forma binária, à maneira do computador. Outrossim, Lawrence revelou ceticismo quanto às

capacidades semicondutivas e eletromotivas, em geral, das plantas.



267



268



269



270



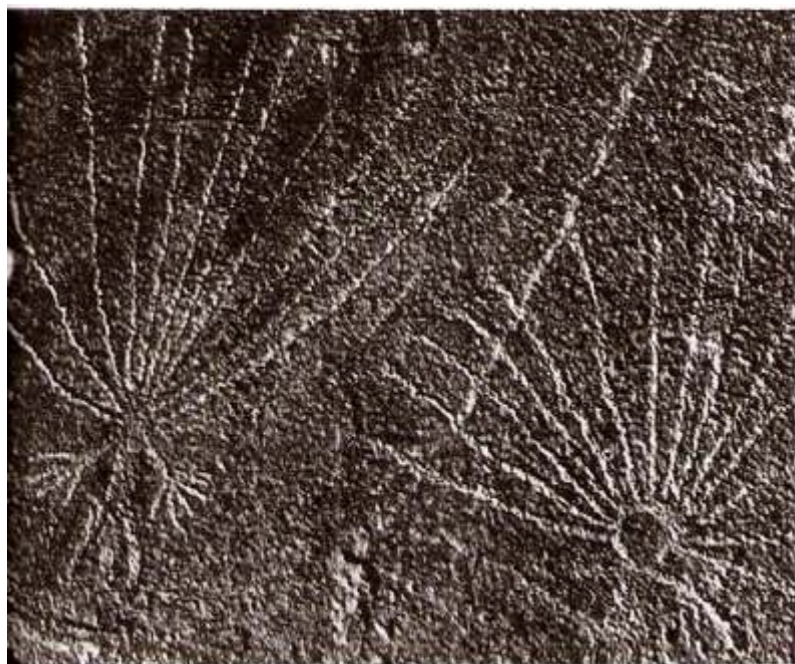
271



272

267 a 272 – Todas estas fotos de desenhos rupestres foram tiradas em Nevada, Indiana, EUA. Representam motivos universais, encontrados

em todos os desenhos rupestres, ao redor do globo terrestre. Seriam comunicações primitivas, entre membros tribais, a respeito de contatos com extraterrestres?



273



274



275



276

273 – Aqui, a 60 milhas ao norte de Alice Springs, no Desfiladeiro de

Ndahla, Austrália, os aborígenes deixaram gravada na rocha a solidariedade de seus chefes com o cosmo.

274 – Ao sul de Lima, Peru, os índios fizeram o mesmo, nas fraldas íngremes ao redor da planície de Nazca.

275 – O mesmo fizeram também os índios em Algonquin Park, na região sudeste de Ontário, Canadá.

276 – E também no leste de Biscotasing, Canadá, encontram-se petróglifos com seres de grinaldas luminosas.



277



278

277 e 278 Ambos estes desenhos rupestres podem ser vistos e admirados na Terra de

277 e 278 – Ambos estes desenhos rupestres podem ser vistos e admirados na Terra de Arnhem perto de Noorlangie, Austrália. O renomado periódico “National Geographic Magazine” classifica esses achados como “galeria de pinturas dos aborígenes”. Aqui, em região geograficamente muito afastada e distante de outras civilizações paleolíticas, repetem-se as cabeças redondas de grinalda radiante

(277). Um esqueleto flutuante (278), com barbatanas de comando e antenas, espera por uma catalogação, a enquadrar-se em um esquema convencional.



279

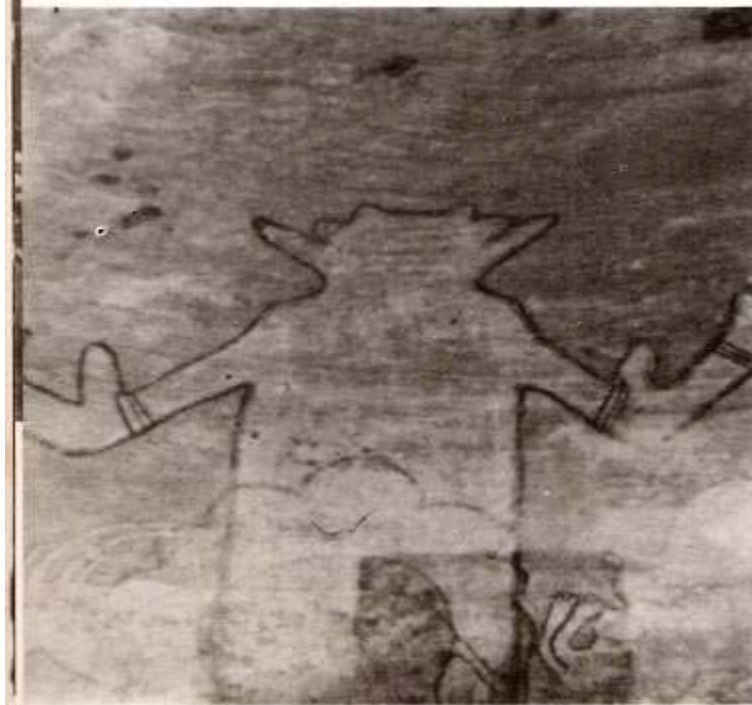


280

279 e 289 – É de 17.500 km a distância, em vôo direto, que separa as paredes rochosas em Goiânia, Brasil, das em Laura, North Queensland, Austrália. Apesar disto, os pintores da Idade da Pedra escolheram motivos idênticos para as suas obras: são objetos de vôo espacial, com barbatanas de comando, em estilização primitiva. Para tanto, nenhuma ave pode ter servido de modelo. Teriam os pintores neolíticos assistido a alguma ocorrência emocionante, que teria sido a mesma em toda parte?



281



282



283



284



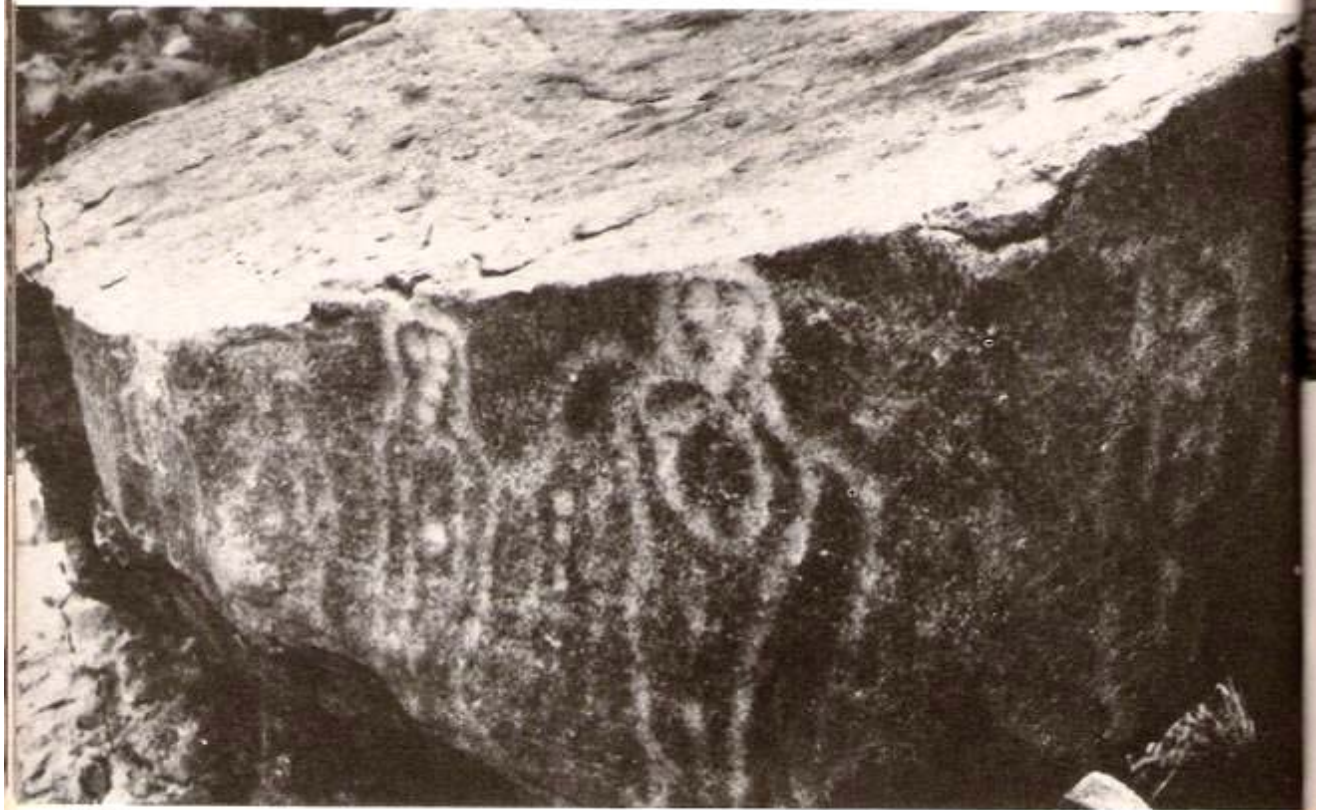
285

281 a 285 – Desfile de cabeças e roupas de oito milênios atrás?
Explicaram-me a maneira de como devem e, em absoluto, não devem
ser interpretadas essas representações, a saber: as formações que,

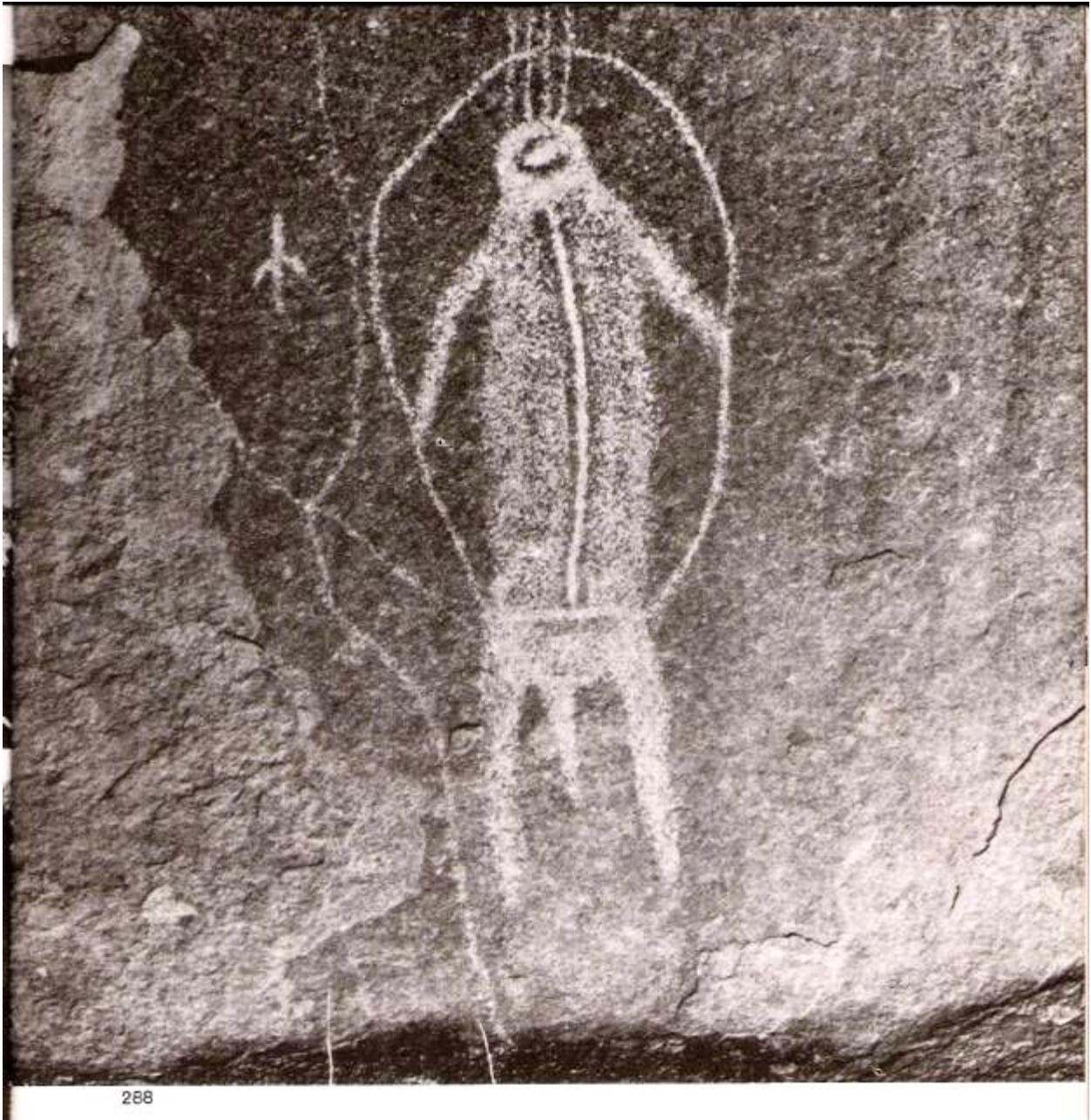
para mim, são capacetes e roupas espaciais, não passam de retratos da Natureza. Onde, pergunto eu, os pintores da Idade da Pedra, em todo o mundo, conseguiram o mesmo manequim absurdo? Se esses desenhos eram feitos segundo a “Natureza”, então o manequim, com acessórios de astronautas, era o mesmo em North Queensland (281), em Nímingarra, Austrália (283, 284, 285) e ainda no Saara argelino (282). Aos interessados em tais pinturas de modelos “segundo a Natureza” podemos indicar ainda outros tantos estúdios ao ar livre...



286



287



286 a 288 – Os irmãos Leyland (286) que, há anos, pesquisam o continente australiano, quase não pararam de descobrir, um após outro, petróglifos dos seus habitantes primitivos, em roupas de astronauta. Os dois jovens pesquisadores, entremontes acostumados com os achados mais esquisitos, falam com absoluta naturalidade de um fecho de correr, “zíper”, quando descrevem este astronauta (288) em seus trajes. E Rex Gilroy, diretor do Mount York Natural History Museum,

escreveu-me: “...empreendi escavações, em cujo decurso foi trazida à luz uma grande lápide de rocha, ostentando certo número de figuras humanas, esquisitas e algo parecidas com uma espaçonave...
Concordo plenamente com as suas teorias a respeito do nosso passado pré-histórico...”



Por fim, organizou o seguinte programa de perguntas, a serem respondidas:

- 1) Podem as plantas ser integradas a dispositivos eletrônicos, para o fim de fornecer dados utilizáveis?
- 2) Podem as plantas ser treinadas ao ponto de reagirem a determinados objetos ou acontecimentos?
- 3) Pode ser comprovada a suposição de as plantas possuírem a

faculdade da percepção extra-sensorial?

4) Qual das 350.000 espécies vegetais seria a melhor indicada para os testes? O menor componente, também do organismo vegetal, é a célula. As células reagem ao calor e ao frio, à irradiação, ao dano, ao toque e à luz. As qualidades elétricas da célula podem ser medidas com microelétrodos. Quando uma corrente elétrica passa pela planta, há contração do citoplasma. Lawrence descobriu que a eletricidade exerce efeito polarizador sobre os esporos e os anterídios. Quando uma planta é ferida (na figura 291, a *Mimosa pudica*), ela reage com um choque elétrico, suscetível de ser medido. Isto chama-se de *nastic response* = reação de espanto, que ocorre principalmente com plantas menores. Plantas maiores reagem somente a correntes elétricas mais fortes. - No Jardim da Lua, perto de Farmingdale, Nova York, onde cientistas examinam plantas com vistas à sua utilidade no espaço cósmico, registram-se "colapsos nervosos" e frustrações totais. Em 1969, o Dr. Clyde Backster, especialista em detectores de mentira, fez observações semelhantes. Ele ligou um sensor à folha da planta, enquanto estava absorvendo água; a fim de apressar a reação, Backster pensou em acender um fósforo. No instante em que apenas *pensou* nisto, o detector acusou a reação da planta, desenhando curvas acentuadas. A planta deve ter sentido esse pensamento, antes de sua concretização. Backster achou possível que a planta reage telepaticamente ao homem; para comprovar essa tese, construiu um dispositivo que retirou camarões vivos da água fresca para jogá-los dentro de água fervendo. Um relógio regulado em milésimo de segundo, registrou graficamente o instante exato no qual os camarões caíram na água fervendo. Na mesma fração de segundo, todas as plantas existentes no recinto reagiram violentamente, conforme as curvas acusadas no gráfico. Esse fenômeno inexplicável é chamado de "efeito de Backster".



O Dr. Lawrence tentou, então, usar plantas para um contato eletromagnético com o cosmo. No deserto de Mojave, perto de Las Vegas, EUA, foi instalada toda uma série de testes, sobre uma distância de 12 km, denominada de "Project Cyclops". Em 29 de outubro de 1971, todos os dispositivos de medição ligados às plantas acusaram, na mesma fração de segundo, a ocorrência de curvas que, por intermédio de um amplificador, até foram gravadas em fita magnética. O que aconteceu ali? - Houve alguma coisa debaixo da superfície terrestre que influiu nas plantas? Haveria correntes vulcânicas, tremores de terra, influências magnéticas? Foram construídos outros dispositivos e as plantas foram colocadas dentro de caixas de chumbo

e gaiolas de Faraday. O resultado obtido era o mesmo! As curvas e os sons registrados durante intervalos prolongados revelaram uma certa sintonia; as plantas pareciam comunicar-se. Plantas não sabem pensar, apenas reagem. Todos os comprimentos de ondas possíveis e imagináveis foram examinados; nada se ouviu no instante das diversas reações. Será que o processo estaria relacionado com o firmamento de estrelas fixas, os quasares ou as radiações cósmicas? Em uma nova série de experiências ficou inequivocamente comprovado que as motivações vieram do cosmo. Os radioastrônomos nada captaram com suas antenas enormes, mas as plantas reagiram de maneira quase histérica. Evidentemente, houve ali um comprimento de onda que funcionou *biologicamente*. Pisou-se, então, em solo totalmente virgem, de cuja existência se fez idéia, mas que, até aquela hora, não pôde ser medido; penetrou-se no campo da telepatia. De uma maneira ainda inexplicável, realiza-se um contato biológico, suscetível de ser medido, por intermédio da célula. O Dr. George Lawrence escreveu o seguinte a respeito:

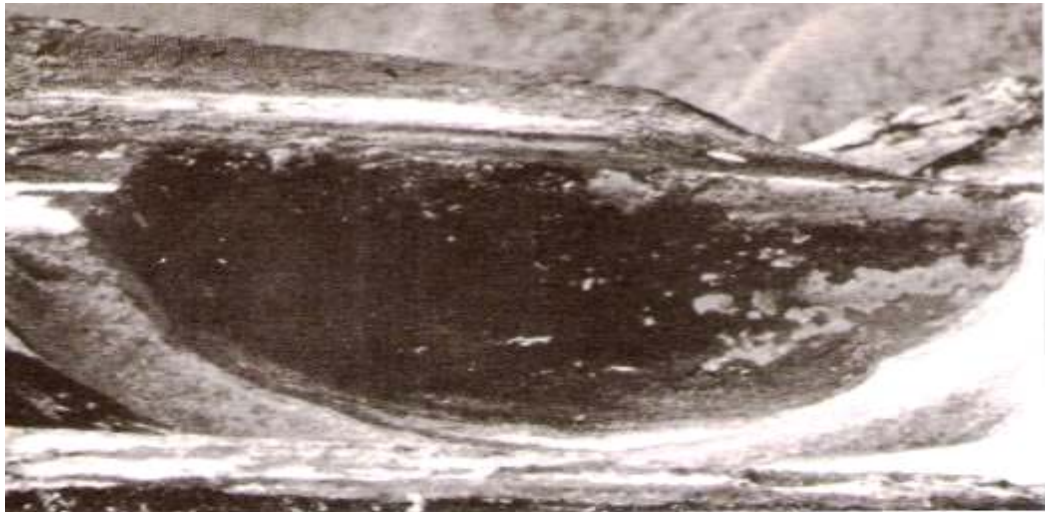
"Evidentemente, a comunicação interestelar biológica não é nada de novo. Ao redor do globo existem 215 observatórios astronômicos, mas chega a perto de um milhão o número dos observatórios do tipo biológico, os quais conhecemos como igrejas, templos, mesquitas. Um sistema biológico (a humanidade) comunica (ora) com um ser superior, distante. Também no reino animal existe a comunicação biológica e lá, aliás, é bastante comum; é só pensar nos cães e gatos que, por instinto, acham o caminho de sua casa. O detalhe fascinante das experiências no deserto é que elas nos proporcionaram a noção de esses contatos biológicos, ao que parece, não estarem condicionados à velocidade da luz."

Surge a idéia, que se vai condensando, de as plantas receberem impulsos de alguma fonte em Epsílon-Erídani, constelação do Hemisfério Norte, os quais viajam com velocidade equivalente à de

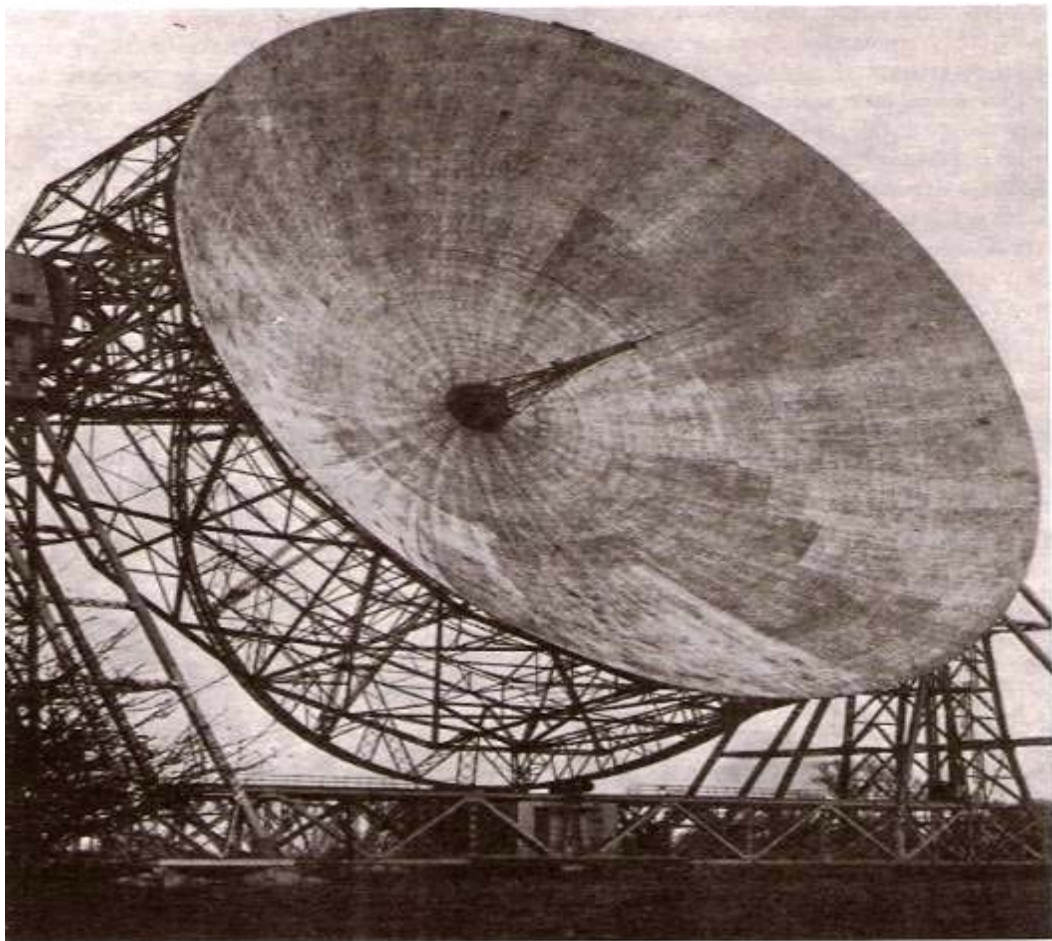
cem vezes a velocidade da luz. Por esta razão, os radioastrônomos não conseguem captar os sinais. Para que usar uma trombeta, quando há tambores? Quiçá, até agora, tentamos o contato interestelar com os instrumentos errados, o comprimento de onda errado e o espectro errado. - Indaguei de Lawrence também a respeito de sua opinião sobre visitas extraterrestres e a parcela de verdade que estaria encerrada nos mitos. Ele respondeu: "os índios Chemehuevis provêm do deserto de Mojave, onde realizei as minhas experiências. São da mesma família lingüística que abrange os Mojaves, Cocopas, Halchidomas, Yumas e Maricopas. Uma das mitologias que tentamos investigar conta que uma "estrela emitindo zumbido" desceu do céu e aterrissou no deserto. Enquanto os índios, apavorados, acompanharam o acontecimento, a "estrela emitindo zumbido" enterrou-se no solo e provocou a erupção de correntes de lava que formaram as crateras de Pisgah e Amboy. Fizemos medições magnéticas, geofísicas; lamentavelmente, não deram resultados práticos, palpáveis. Primeiro, supúnhamos que a espaçonave - se foi mesmo uma nave espacial - estava intata, com os motores ligados, de modo que o campo magnético assim gerado ainda deveria ser suscetível de registro magnetométrico. Segundo, partimos do pressuposto de tal anomalia magnética poder ser medida, através de camadas de rocha e areia. Todavia, houve um fenômeno da Natureza que impediu a obtenção de resultados satisfatórios; a lava fundida, quando solidificada no âmbito do campo geomagnético natural da terra, lá produz a chamada "magnetização termorremanente". Partículas de lava reagem como trilhões de ímãs avulsos, polarizados. Se a camada de lava for muito espessa, o magnetômetro registra apenas a lava, mas não o campo magnético subjacente, de intensidade de 200 gamas ou menos. Todavia, acredito que a nossa é a primeira organização a tentar descobrir, por meios geofísicos e segundo normas científicas, se as antigas lendas encerram ou não uma realidade palpável, suscetível de

ser provada, na atual fase do nosso progresso. Já ficou revelada a insuficiência dos meios ao nosso dispor e, mormente, quando se trata de encontrar os vestígios de inteligências mais avançadas do que a nossa. A meu ver, tais experiências deixam de ser realizadas não por falta de vontade, por parte dos cientistas, mas, antes, por falta do equipamento necessário e dos indispensáveis meios técnicos e financeiros".

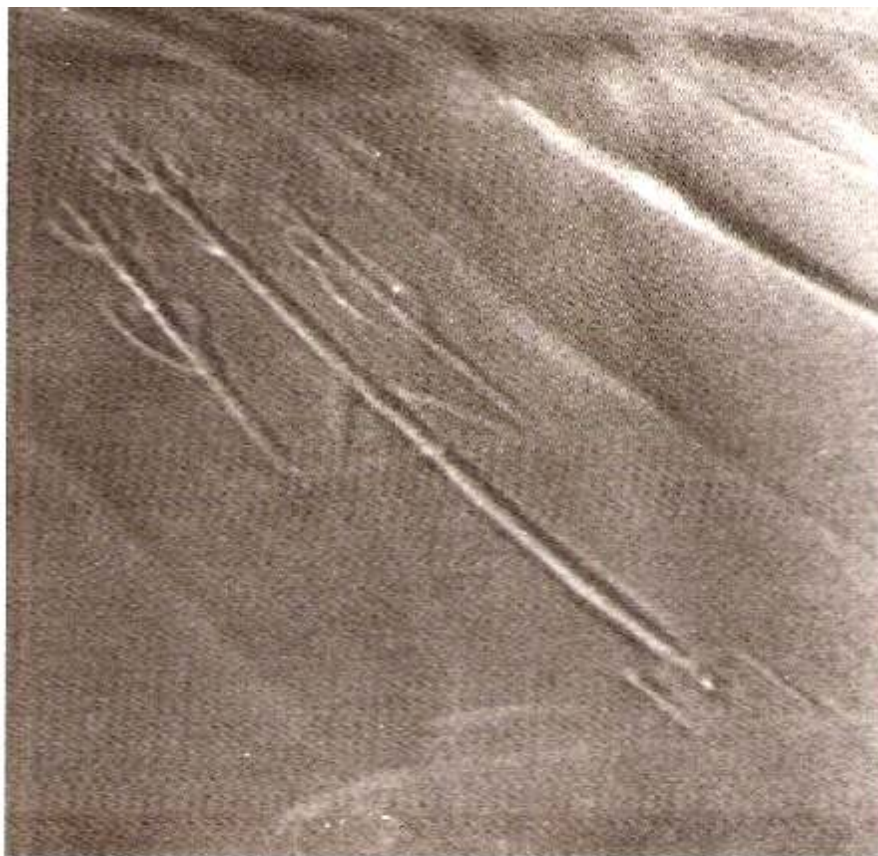
Em fins de 1972, John R. Tkach, de Denver, Colorado, EUA, explorou as cidades de Huayana Picchu e Machu Picchu com os mais avançados métodos de medição. Fizeram-se as explorações cristalográficas e infravermelhas, com raios "duros". A equipe do Dr. White deparou com uma escavação na rocha, que refletiu ondas. A respeito deste fenômeno, John Tkach comentou: "trata-se de um refletor parabólico, meio esférico, de 6 x 6 pés, dirigido exatamente para a ruína superior da segunda estação de Tamus. Ocorreu-nos a fórmula $y^2 = 12 X$. A construção de tal refletor era possível somente após a introdução da geometria analítica, por Descartes, no século XVII. Não é concebível que uma sociedade primitiva, sem os meios proporcionados pela matemática moderna e as ferramentas evoluídas pelo atual progresso técnico, teria tido condições de construir tal refletor".



292



293



294

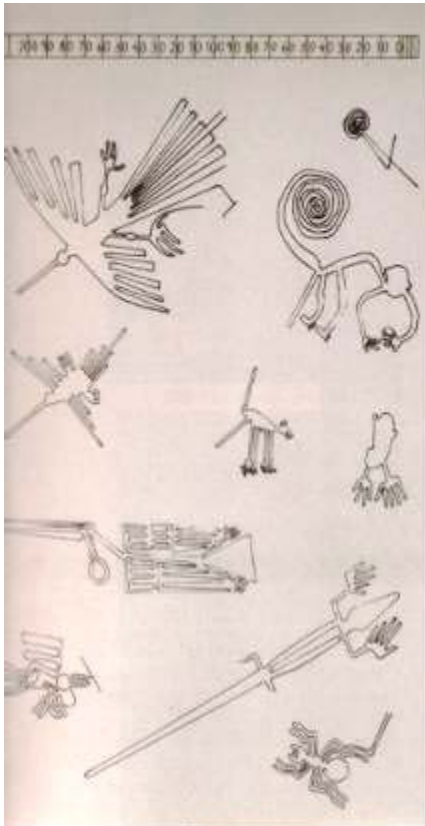
294 – Candelabro tridente no penhasco da Baía de Pisco, Peru.

De maneira bastante curiosa, os indígenas chamam-na de pampa, ou seja, grande planície coberta de vegetação rasteira, quando inexistente todo e qualquer vestígio de vegetação na planície de Nazca, ao sul de Lima, no Peru. A planície é coberta de raios convergentes, em linha retíssima, de quilômetros e quilômetros. Começam do "nada" e terminam abruptamente; seguem em paralelo e se cruzam, sobem o topo da montanha mais próxima, como traçados por uma régua e sofrem solução de continuidade, mas, vista do avião, a planície parece ter sido um extenso aeroporto. - Há muitas interpretações; dizem que seriam estradas incaicas... uma religião da trigonometria... um calendário astronômico... uma escrita oculta, codificada. Eu digo: *parece-se com um aeroporto!* Os argumentos em contrário? ...O solo

não oferece resistência bastante... os extraterrestres dispensaram aeroportos... para que usariam rodas? A sua espaçonave bem que podia funcionar segundo o método do colchão de ar. Para que concreto? Só porque as nossas pistas são de concreto? Tão bem (e mais rápido) poderia ter sido aplicado um revestimento de matéria plástica, a dissolver-se ao cabo de certo tempo. O quanto seria plausível tal idéia? Uma nave auxiliar partiu de uma estação espacial, na órbita terrestre e aterrissou na planície de Nazca, onde deixou as suas marcas, como o esqui as deixa sobre a neve. Os alienígenas levantaram vôo e, de novo, deixaram suas marcas. Os nativos vieram correndo de todos os lados: os "deuses" estiveram aqui e deixaram as suas marcas! Na esperança e expectativa do retorno dos mensageiros celestes, começaram a traçar novas linhas e aprofundaram as já existentes. *Desta maneira* - eu acho - poderiam ter surgido as linhas de Nazca. Os deuses não aparecem. O que se fez de errado? Um sacerdote teve uma idéia luminosa: ele achou que o povo deveria mostrar aos celestes símbolos de oferendas e sugeriu que se riscassem figuras no sistema linear existente, figuras de aves, peixes, símios e aranhas, superdimensionais, para que fossem bem visíveis lá de cima. Esta é a *minha* teoria a respeito da origem do aeroporto de Nazca. Não precisa, necessariamente, ser correta, mas tampouco há, até agora outra explicação qualquer que possa pretender corresponder à "verdade".

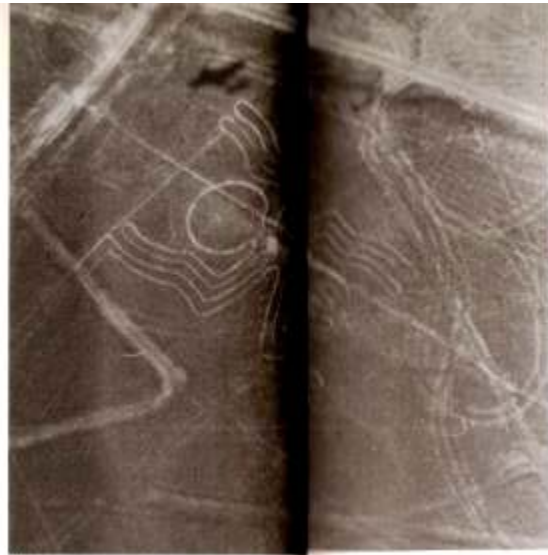
O maior perigo da atualidade é representado pelas pessoas que se negam a admitir que a época, ora em fase inicial, está fundamentalmente diversa do passado.

Max Planck



295

295 e 299. Ao lado dos esboços (295) tirados pela pesquisadora de Nancá, Maria Freyre, as fotos aresiais da planície de Nasca fazem uma linguagem da terra que acho dispensável (talvez) qualquer comentário.



296



298



297



299



300



301



302



303



304



305



306



307



308



309

295 a 309 – Ao lado dos esboços (295) feitos pela pesquisadora de

Nazca, Maria Reiche, as fotos aéreas da planície de Nazca falam uma linguagem tão clara que acho dispensável todo e qualquer comentário.

Local da ocorrência: qualquer ponto do universo. Época da ocorrência: incontáveis milênios terrestres, atrás. Uma inteligência hominídea atingiu a fase de progresso técnico que permite o vôo espacial interestelar; dispõe de mecanismos de comprovada eficiência, conhece os problemas de ordem médica, sabe da dilatação do tempo em vôos com velocidade supersônica e resolveu satisfatoriamente todos os detalhes da cosmonáutica. Qual deveria ser o destino da viagem interestelar? ...O destino ideal seria um Sol do tipo do seu próprio sistema solar, um planeta em órbita do seu astro principal, dentro de sua própria esfera, que apresentaria condições de forças de gravidade comparáveis às do planeta natal. Seria desejável que lá houvesse uma mistura ideal de gases nobres, porém isto não representa uma condição prévia. Existiriam tais planetas? Os alienígenas sabem que, para tanto, há ampla margem de probabilidade estatística. Se também eles partissem do pressuposto de, originariamente, toda a matéria do universo ter sido concentrada em um átomo primitivo, então, os planetas deveriam possuir minerais semelhantes, bem como uma história de vida "semelhante". Embora a evolução no tempo tenha sido diversa e durante o processo de resfriamento tenham surgido e chegado a prevalecer gases diferentes, um "grau de parentesco" de ordem estatística, avaliado de maneira bastante conservadora, deveria revelar um milhão de planetas semelhantes à Terra, somente no âmbito de nossa galáxia. A busca de um planeta-destino deveria ter sido levada nesta direção; a análise espectral e os graus de luminosidade de diversas estrelas fixas forneceram dados dos principais astros "aparentados"; sondas não tripuladas transmitiram dados a respeito das condições da força de gravidade no sistema solar

visado. Foram averiguados destinos interessantes, compensadores. É lógico que não se queria viajar para um lugar qualquer, mas sim, para o planeta oferecendo as melhores condições de vida. - Porém, para que os alienígenas queriam promover a cosmo náutica interestelar? Por que não ficaram em casa, a fim de lá resolver os problemas domésticos, certamente existentes?

As duas perguntas: *por que* se faz alguma coisa? e: *como* é feita? sempre eram motivos de evolução e progresso. É esta a motivação do "status" de toda inteligência. Bem que os extraterrestres poderiam ter perguntado: *o que acontece, onde?* e, ainda: *seríamos nós os únicos no cosmo?* para, destarte, fixar a meta do "vôo espacial". Em base dos resultados obtidos com a pesquisa atual, a época presente faz surgir ainda outras cogitações e reflexões. Chegará o dia em que estarão esgotadas todas as fontes de matéria-prima do nosso planeta? Uma inteligência possuidora de técnica avançada jamais aceitará passivamente esta noção, mas sim, valer-se-á de todas suas faculdades mentais a fim de encontrar uma possibilidade de sobrevivência; não fará dúvida em empenhar todos os meios financeiros e energéticos a seu dispor. Sob este aspecto, o vôo espacial interestelar (tanto em tempos remotíssimos, quanto futuros) pode tornar-se um imperativo categórico. Para todo Sol no universo chega o dia em que se apaga; no desenrolar dos milênios, extingue-se ou adensa-se para um "gigante branco" e acaba por explodir, fazendo nascer uma *nova stella*. No entanto, quanto mais adiantada for uma civilização, tanto mais saberá controlar as mudanças em seu astro principal, pois não vai querer morrer, junto com o seu povo. Saberá evitar que, de um só golpe, fique aniquilado, extinto, todo o saber, acumulado em milênios, patrimônio cultural de centenas de gerações. Esta inteligência esforçar-se-á por salvar a sua civilização. Com isto ficam estabelecidos a utilidade e o fim do vôo interestelar. Suponho como existente a técnica necessária para a concretização de tal

empreendimento, Ninguém sabe por quantos anos os astronautas alienígenas estavam viajando, qual o tempo decorrido em seu planeta natal, de onde vieram, qual a velocidade de seus engenhos no espaço. Contudo, entretanto, muitos homens inteligentes, de espírito avançado, convenceram-se de que nos dias remotíssimos do nosso passado terrestre tais astronautas surgiram em nossa atmosfera e aterrissaram em nosso planeta, que era o destino de sua viagem.

A espaçonave era manobrada para entrar em órbita terrestre. Lá em cima, fizeram o levantamento cartográfico, fotografaram, observaram e analisaram o planeta-destino. Seu interior continha oxigênio. Florestas imensas inseriam-se entre oceanos e desertos. O terceiro planeta era cheio de vida! Centenas de milhares de espécies animais movimentavam-se sobre a terra e dentro da água - e uma dessas espécies era hominídea, semelhante aos alienígenas.

Esses hominídeos viviam em manadas, habitavam cavernas, usavam juba comprida, rumavam de um local para outro, em busca de alimento, mas eram estúpidos, parvos, e grunhiam como os animais. Não se incomodavam com nada, exceto com a presença de intrusos, à qual reagiam. O comandante da espaçonave resolveu oferecer-lhes "ajuda ao desenvolvimento". Os mais belos exemplares dessa espécie foram capturados e tiveram suas células mutadas, mediante um processo de manipulação artificial. Os seres assim tratados eram acasalados e seus filhos criados e educados em reservas, especialmente destinadas a este fim. Logo mais, os descendentes dos primeiros hominídeos revelaram-se como muito mais inteligentes do que seus pais. Protegidos pelos "deuses", cresceram no assim chamado paraíso onde, além de uma língua, aprenderam ainda um ofício prático e útil. Quando os adolescentes chegaram à puberdade, o comandante os chamou para dizer-lhes mais ou menos o seguinte: "Vós, meus amigos, sois agora os seres mais inteligentes neste planeta! Podeis dominar suas plantas e seus animais. Conquistai o planeta todo! Tenho um só

mandamento a dar-vos: jamais vos acasaleis com os de sua espécie anterior, que não foram criados no paraíso!" - A razão desta advertência era a certeza do comandante e de sua tripulação de que a nova raça somente poderia tornar-se inteligente, em um processo rápido, se não regredisse à primitividade, segundo as leis genéticas até então em vigor.

Primeira especulação - Quando aconteceu tudo aquilo? 30.000, 100.000 ou 425.000 anos atrás? Não o sabemos. Como, igualmente, desconhecemos a técnica espacial dos extraterrestres, de onde vieram e para onde foram - se voltaram ao seu planeta natal, ou prosseguiram em novas expedições. A única coisa que sabemos e de maneira bastante exata e precisa é que, até agora, todas as explicações para a *criação do homem*, invariavelmente, terminam no âmbito da religião; não resistem a um modo de observação moderno, convincente. O fato é que toda doutrina da origem do homem apresenta falhas no ponto em que deve explicar, de maneira concludente e convincente, como e por que o *Homo sapiens* se desligou tão abruptamente da família dos hominídeos. Por que foi somente um grupo dos nossos antepassados que se tornou inteligente? Gorilas e chimpanzés, esses seres tão afáveis e freqüentemente judiados, em mãos de caçadores, são da mesma família de que é o ser humano. Não conheço gorila que use calças, nem chimpanzé que desenhe deidades. Acontece, porém, que todos os relatos da Criação dizem "Deus criou o homem à sua imagem". Assim sendo, e não obstante todos os ataques que sofri, ou justamente por causa deles, torno a repetir a pergunta incômoda: quando, como, por que intermédio e por que o homem ficou sendo inteligente, tão de repente? Até agora, não tive a sorte de receber uma explicação aceitável para o processo em cujo desenrolar o homem tornou-se inteligente. O número das teorias existentes a este respeito assemelha-se ao do jogo de roleta: pode-se jogar em determinado

número, porém pode acontecer que a gente acabe a partida de mãos vazias. Por enquanto nada ficou provado. Cada novo achado de crânio deixa a paleontologia com um enigma a mais a ser resolvido. Seria absurda a idéia de, em tempos remotíssimos, desconhecidos, seres extraterrestres terem interferido na evolução dos hominídeos, mediante a *mutação dirigida, artificial*? Para todos os projetos de vôo espacial interestelar, atualmente em curso ou previstos para data futura, a dilatação do tempo existe como uma grandeza fixa, conhecida. Não estaria na hora de também a Antropologia tirar proveito desse fenômeno cientificamente verificado? Sei que é difícil compreendê-lo, mas, nem por isso, deixa de existir. Para os "deuses" não passou uma eternidade, desde a sua primeira visita à Terra. Bem que poderia ser a mesma tripulação que, há 100.000 ou mais anos terrestres atrás, processou a mutação artificial nos hominídeos e voltou, milênios sem conta depois, para verificar os resultados do seu trabalho. Se assim foi, bem se compreende o espanto do comandante ao saber que as suas criaturas não observaram o mandamento que lhes deu. Ao invés de, milênios depois, encontrar uma raça inteligente, possuidora de uma técnica avançadíssima, os tripulantes da espaçonave encontraram uma raça miscigenada e toda sorte de seres doentios, degenerados, uma miscigenação pavorosa de inteligência com besta. O que aconteceu, então?

Segunda Especulação - O comandante ordena a aniquilação daquela mestiçagem horrível, salvo algumas exceções. Quais os meios empregados para essa extinção em massa? Pode ter sido concretizada por meio de fogo, água, agentes químicos. As lendas da humanidade oferecem vários pontos de referência, tais como o dilúvio ou a destruição de cidades, dirigida do céu (Sodoma e Gomorra), bem como a morte lenta de povos inteiros, mediante o "pó celeste". Em todo caso, averiguou-se que, a partir de determinado instante nos tempos, uma

ínfima parte da humanidade produziu, de repente, escritas, ferramentas, técnicas, civilização e matemática. - Enquanto este fenômeno continuava a requerer uma minúscula parcela de fé, continuo especulando que, antes de sua partida para as novas expedições, o comandante teria deixado no planeta Terra um destacamento do seu pessoal, encarregado de toda uma série de tarefas científicas; ficaram de coletar dados sobre o planeta e estudar o idioma de diversos grupos étnicos. E foi então que aconteceu o incrível! Quiçá, a tripulação da espaçonave na Terra empreendeu experiências por conta própria, ou o comandante retornou para lá antes do prazo previsto... o pessoal estava sob a impressão de dever passar o resto de sua vida na Terra e se acasalou com as filhas dos humanos. O profeta Enoque conhece detalhes a respeito. A ele o comandante queixou-se, dizendo que "os guardas" deveriam tomar conta dos homens e não os homens dos guardas. De modo pouco elegante, ele disse bem claro o que pensava: "... dormistes com mulheres... vos tornastes impuros com as filhas da Terra... tomastes mulheres e agistes como agem os filhos da Terra e gerastes seres-gigantes" vos maculastes com o sangue das mulheres e gerastes filhos com o sangue e a carne, ansiastes pelo sangue dos humanos e procriastes carne e sangue, como o fazem aqueles que são mortais e perecíveis...". - A minha especulação prossegue; decerto o comandante não mandou outro flagelo de aniquilação sobre a humanidade. Talvez não devia ou não podia proceder de maneira tão rigorosa, pois, entretanto, já existiam os filhos dos seus "guardas". Aliás, dizem as lendas que o celeste levou consigo, a bordo de sua espaçonave, vários humanos e com eles levantou vôo. Se, porém, deixou em nosso planeta membros do seu pessoal técnico, então eles transmitiram aos homens um saber imenso. E, cômicos de sua superioridade, poderiam até se ter arvorado em "donos do mundo", ou, quando ficaram com medo da vingança do comandante, passado para o submundo?

Para esta segunda hipótese, o sistema artificial de túneis, existente na América Latina, poderia ser um indício. Ou, por outra, teria o comandante - conforme dizem os mitos voltado após uma "batalha perdida no cosmo", em busca dos deuses de segurança e apoio entre os de sua espécie? Se fosse aceita a minha versão do acasalamento entre cosmonautas e humanos, ficaria decifrado um enigma fenomenal, o da natureza dupla do homem. Em sua qualidade de produto deste planeta, o homem é condicionado pela Terra; em sua qualidade de produto final da co-produção com extraterrestres, ele é, a um só tempo, "filho dos deuses" e homem. Desse estado de esquizofrenia - besta e sonhador, que ambiciona a conquista dos céus - jamais o humano conseguiu livrar-se. Esta minha conceituação do mundo abarca também a idéia de os nossos antepassados terem vivido e gravado em sua consciência o *seu* tempo, ou seja, o passado mais remoto, primitivo, a recordação de *cujos* acontecimentos armazenaram em sua memória. Com cada ato de procriação, parte dessas recordações primitivas passou para a próxima geração, mas, por sua vez, cada geração registrou as suas próprias experiências nos cartões perfurados da memória. Bem que, no desenrolar dos tempos, com um ou outro indivíduo houve perda de informações ou vieram a prevalecer impulsos mais fortes - mas nem por isto diminuiu a soma total de todas as informações armazenadas. Nos "cartões perfurados", ao lado das perfurações das *próprias* recordações humanas, existem as dos "deuses" que, nos dias de Adão, já praticaram o vôo espacial! E é justamente aqui que chegamos no ponto a partir do qual eu afirmo que todo nosso futuro outrora já era o passado. O quanto evoluirmos no plano técnico, biológico ou em qualquer outro possível e imaginável, o que for que encontrarmos, tudo aquilo já existiu no passado, não no passado *humano*, mas sim, no passado dos "deuses". É este *passado* que age dentro de nós e, um dia, tornará a ser o presente. Se hoje alguém é bem sucedido com uma idéia nova, genial, que o qualifica

para feitos ambiciosos, então não foi ele próprio quem provocou, descobriu e concebeu essa idéia brilhante, pois apenas recolheu uma informação básica da lembrança primitiva e a fez surgir na superfície da memória. O homem criativo de hoje deve recolher "saber" das perfurações do passado remoto, na hora certa e com o contato certo. No cérebro humano, o passado, presente e futuro estão reunidos de maneira terrivelmente feliz. - No entanto, desde que o humano se tornou inteligente, desde que sabe formular perguntas a respeito de sua existência, sua procedência e seu futuro - acho eu - era programado para amadurecer para o "espaço cósmico". Sonhemos com a idéia de a ciência ter resolvido todas as perguntas deste mundo, pesquisado todos os segredos.

E então? - Nessa hipótese, o olhar humano não estaria dirigido, forçosamente, para o céu? Para mim, a ambição de atingir e pesquisar o cosmo é um mandamento da humanidade. Tanto faz em que época, finalmente, esta meta chegará a ser atingida. Para tanto, a ânsia do homem pela paz continua sendo um motivo forte; Eugen Sänger falou: "Quem quiser a paz na Terra, deve querer o vôo espacial" .

A primeira frase da Introdução do meu primeiro livro diz: "Para escrever este livro, foi necessário mobilizar uma grande coragem..." Apesar de todos os ataques, não perdi a coragem, tanto assim, porque sempre pude reunir mais indícios, apoiando as minhas teorias e especulações. Como filho do meu tempo, considero mais proveitoso olhar as coisas "com os olhos do espaço cósmico" do que apelar à fé. Todos nós bem que queremos saber de onde realmente viemos, para onde vamos, qual o sentido desta vida. Chegará o dia em que as minhas teorias serão definitivamente provadas? Penso e espero que sim. Nos seus aforismos, Victor Auburtin dá expressão às minhas esperanças, quando diz: "Quem esperar até que, no seu íntimo, um pensamento vier a surgir, jamais pensará. É preciso querer pensar, como se quer

rezar, cantar, comer e beber". Que nos deixem pensar e aceitem a especulação como parte útil do pensamento. - Se, daqui a um século, atingirmos, a bordo de uma espaçonave, uma estrela fixa e em seus habitantes procedermos a uma mutação artificial, para depois retornar à Terra, bem que gostaríamos de lá deixar alguma prova de nossa visita. A execução de tal plano não seria nada fácil. Primeiro, necessitaríamos de uma placa de metal, que durasse milênios, para nela registrar os dados a serem depositados lá. Depois de termos conseguido tal placa, precisaríamos quebrar a cabeça para encontrar os símbolos a serem nela gravados. Estivemos aqui em tal e tal época ... encontramos isto e aquilo ...viemos de um planeta distante tantos e tantos anos-luz ...usamos engenho desta ou daquela espécie ... tornamos a levantar vôo (ou lá permanecemos) ... retornaremos, o mais cedo, no milênio X ... deixem notícias para nós em tal e tal lugar ... Tais dados se fariam necessários.

Onde deveríamos depositá-los? Em nossa qualidade de astronautas bem informados e atualizados, sabemos, por exemplo, que todo planeta passa por suas épocas de guerra. Outrossim, sofre também suas catástrofes naturais. Não poderíamos deixar o nosso "testamento" com um sumo-sacerdote ou chefe tribal, pois, de nossa própria história, sabemos que, nas guerras, o vencedor procura, antes de mais nada, destruir os santuários do vencido. A nossa placa perder-se-ia.

Seria o caso de enterrá-la? Levá-la para o cume de uma montanha? Também essas possibilidades deveriam ser rejeitadas, pois as pessoas erradas poderiam encontrá-la, em uma época errada. Após aprofundadas reflexões e meditações, somente resta um ponto, um ponto lógico-matemático em todo o planeta ou na mecânica celeste do sistema planetário. - Qual seria esse ponto lógico-matemático no planeta? O pólo norte, ou o pólo sul, por exemplo. (Em nossos pólos ninguém jamais procurou vestígios de extraterrestres!) Um ponto. lógico-matemático na mecânica celeste? Entre a Terra e a Lua há um

ponto, no qual os campos de gravidade de ambos os corpos celestes chegam a anular-se, mutuamente. Como a Terra e a Lua estão em constante movimento recíproco e, portanto, devem ser considerados os movimentos dos planetas e a gravitação do Sol, deveria tratar-se de um ponto em uma órbita. Mas como, por todas as deidades, as gerações futuras poderão ter a idéia de procurar em tal ponto por "provas" de uma prévia visita do cosmo? A exemplo do que se faz na caça ao papel picado, tais "provas" deveriam ser espalhadas em toda parte, a fim de constituírem indícios para que as gerações futuras se animassem a pesquisar por um "passado divino". Tais indícios deveriam passar para as escrituras sagradas e ficar enterrados nos mitos; deveriam também ficar evidentes em edificações intrigantes, que não poderiam ter sido construídas com as ferramentas atribuídas aos nossos antepassados. na época em apreço. Por fim, deixaríamos em desenhos e relevos toda uma série de símbolos, encerrando enigmas. Dessa forma procederemos - talvez - no século vindouro. Da mesma maneira, visitantes do universo poderiam ter deixado, para nós, sinais de sua presença remota. Existiriam tais provas revolucionárias? Não estão aí as Escrituras Sagradas da humanidade, a advertir-nos para jamais esmorecermos na busca da verdade? - Não dizem elas: "Procurai e achareis!"?

Afora alguns especialistas na matéria, a grande maioria das pessoas não sabe que, desde 13.000 anos, há um satélite artificial em órbita, dentro do nosso sistema solar. Em dezembro de 1927, o Professor Carl Störmer, de Oslo, soube que dois norte-americanos, Taylor e Young, captaram sinais de rádio que, retardados de uma maneira esquisita, vieram do cosmo. Störmer, perito em ondas eletromagnéticas, entrou em contato com o holandês Van der Pol, do Instituto de Pesquisas da Philips, em Eindhoven, Holanda. Em 25 de setembro de 1928 ficou resolvido empreender em uma série de pesquisas, prevendo a emissão

de radiossinais de vários comprimentos de onda, em intervalos de 30 segundos. Três semanas depois, a 11 de outubro, esses mesmos sinais emitidos tornaram a ser registrados no aparelho receptor, para onde voltaram, mas com retardamentos de 3 a 15 segundos. O registro da recepção dos radiossinais acusou os seguintes intervalos, em segundos: 8 segundos – 11 - 15 - 8 - 13 - 3 - 8 - 8 - 8 - 12 - 15 - 13 - 8 - 8. Treze dias mais tarde, em 24 de outubro, foram recebidos outros 48 sinais, previamente emitidos. Na revista "Naturwissenschaft", de 16 de agosto de 1929, em seu número 17, o Professor Störmer comunicou o fato aos seus colegas. Em seguida, surgiram teorias tentando explicar esse retardamento na recepção de impulsos de ondas curtas. Pensou-se em irradiações cósmicas ou reflexões da luz e de outros astros. Nenhuma das explicações oferecidas era satisfatória. Por que foram recebidos em intervalos irregulares? O fenômeno repetiu-se em 1929, nos dias 14, 15, 18, 19 e 28 de fevereiro e, ainda, nos dias 4, 9, 11 e 23 de abril. Em todo o mundo esses ecos foram registrados por diversos grupos, que trabalham independentemente um do outro. Dentro de um período de 15 minutos, o Professor Störmer registrou os seguintes intervalos em sua recepção: 15 segundos - 9 - 4 - 8 - 13 - 8 - 12 - 10 - 9 - 5 - 8 - 7 - 6 - 12 - 14 - 12 - 8 - 12 - 5 - 8 - 12 - 8 - 14 - 14 - 15 - 12 - 7 - 5 - 5 - 13 - 8 - 8 - 8 - 13 - 9 - 10 - 7 - 14 - 6 - 9 - 5 - 9.

Em maio de 1929, dois especialistas franceses em radioeletricidade, J. B. Galle e G. Talon, estavam a bordo do barco "Inconstant". Sua tarefa era a de investigar os efeitos da curvatura do globo terrestre em ondas de rádio. Seu equipamento era um transmissor de ondas curtas de 500 watts com um cabo de 20 m, ancorado em um mastro de 8 m. Emitiram diversos sinais curtos e o eco repetiu-se. Entre as 15:40 e 16:00 h seus sinais voltaram em intervalos de 1 a 32 segundos. Também neste caso não houve explicação. Essas observações repetiram-se nos anos de 1934, 1947, 1949 e em fevereiro de 1970. Entrementes, o jovem astrônomo escocês Duncan Lunan veio a interessar-se pelo fenômeno.

Já em 1960, o Professor R. N. Bracewell, do Instituto Radioastronômico da Universidade Stanford, EUA, havia dito: se uma inteligência alienígena quisesse entrar em contato conosco, possivelmente, isto se daria mediante a transmissão retardada de radiossinais. Duncan Lunan, presidente da "Scottish Association for Technology and Research" - Associação Escocesa de Tecnologia e Pesquisa - tomou então a iniciativa de investigar o retardamento dos sinais. O resultado obtido era de pasmar: quando registrados em apropriado gradiente, os sinais recebidos em 11 de outubro de 1928 deram o mapa da Epsilon-Eridani, estrela fixa, 103 anos-luz distante da Terra. Lunan pesquisou, em seguida, todos os dados existentes dos anos 20 e 30, que permitiram a identificação inequívoca de toda uma série de estrelas. Medições do eco retardado possibilitaram a confecção de seis mapas celestes diversos; todos esses mapas deram ampliações da área ao redor de Epsilon-Eridani. Este fenômeno foi comentado pelo Prof. Bracewell da seguinte maneira: "Os mapas celestes, confeccionados em base da análise de Lunan podem ser interpretados como uma possibilidade de comunicação, tentada por uma inteligência alienígena. Se quero comunicar a alguém, cujo idioma desconheço, de onde venho, então valho-me, preferivelmente, de uma imagem, de um meio visual. Constitui para mim motivo de satisfação o fato de a "British Interplanetary Society" dedicar estudos aprofundados a esse eco. Esta pesquisa poderia culminar com uma descoberta aterradora. A sonda descrita por Lunan nunca poderia ser avistada da Terra, nem com o telescópio mais potente. Aliás, tampouco conseguimos distinguir as nossas próprias espaçonaves, em órbita da Lua, através dos telescópios mais potentes."

No periódico "Spaceflight", 1973, Lunan publicou os resultados dos seus cálculos até então realizados, sob o título Satélite de "*Spaceprobe from Epsilon Boötis* - Prova do espaço, da Epsilon-Eridani". Ele chega à conclusão de que, há 12.600 anos, está orbitando dentro do nosso

sistema solar um satélite artificial, que tem armazenado um completo programa informativo para a humanidade. O computador a bordo desse satélite estaria programado de forma a reagir a ondas de rádio, provenientes da Terra, sempre que a sua própria posição em relação à Terra for propícia para uma recepção. Os sinais terrestres vêm sendo registrados e devolvidos no mesmo comprimento de ondas, com retardamentos racionais. Mais cedo ou mais tarde, os receptores na Terra devem ficar sabendo de que se trata. Lunan é de parecer que, até agora, recebemos as seguintes informações desse satélite desconhecido em nosso sistema solar:

O nosso Sol natal é Epsilon-Eridani. Trata-se de uma estrela dupla. Vivemos no sexto de sete planetas, a contar, partindo do Sol, que é o maior dos dois astros. O nosso sexto planeta tem uma Lua, nosso quarto planeta tem três luas; cada um de nossos primeiro e terceiro planetas tem uma Lua. O nosso satélite encontra-se em uma órbita de sua Lua terrestre.

Pela constelação de Epsilon-Eridani, a sua idade pode ser calculada em 12.600 anos. Não é concebível que uma sonda interplanetária fizesse uma viagem dirigida e programada de 103 anos-luz. Se fosse para viajar por força própria, o engenho capaz de tal proeza deveria ser inimaginável. Como o satélite é pequeno, essa possibilidade fica excluída, tanto mais porque os nossos astronautas terrestres teriam avistado tal espaçonave-monstro em órbita da Lua. Se a sonda tivesse partido de Epsilon-Eridani e se dirigido, em queda livre, para o nosso planeta, deveria estar a seu caminho, sem propulsão, ao longo de milênios, completamente desprotegida e alvo de todas as influências gravitacionais e todos os bombardeios dos meteoros. Uma inteligência alienígena, desejosa de enviar mensagens através de 103 anos-luz, não assume (nem pode assumir) tais riscos. Os remetentes dos comunicados também saberiam que, quando estes chegassem ao seu destino, provavelmente eles já nem mais existiriam. Ademais, por

ocasião do seu lançamento, incontáveis milênios atrás, não podiam fazer idéia de que, em futuro longínquo, haveria vida inteligente, justamente no planeta Terra. Toda uma série de fatos pode ser tomada como puro acaso, porém a entrada em uma órbita de nossa Lua já não pode mais ter sido obra do acaso. A sonda teria sido atraída por corpos celestes maiores ao entrar e passar por nosso sistema solar. - A minha explicação do fenômeno é a seguinte: o artefato transmissor foi colocado, de propósito, por *alguém* na órbita lunar e esse *alguém* esteve aqui, na Terra, 12.600 anos atrás. - E como é que continua a estória? Sou de parecer que a sonda leva a bordo vários programas para diversas especialidades científicas, tais como esclarecimentos para a paleontologia, dados para a técnica mecânica de engenhos propulsores, respostas para problemas de Teologia, mapas celestes para a Astronomia, orientação para a Genética e a Medicina, bem como a Física. Lunan sugere que se estabeleça contato com a sonda por intermédio de raios laser. Se então, também o eco dos raios laser voltar ao local de sua emissão na Terra; em intervalos diversos, até os sonhadores mais inveterados deveriam começar a compreender que o homem terrestre não é e nunca foi - o coroamento da Criação.

No *meu mundo*, milênios atrás, astronautas alienígenas estiveram em nosso planeta; nossos antepassados remotos consideravam-nos como "deuses". Foram eles que ditaram aos escrivães toda a *verdade*, pura e genuína, para as gerações futuras. A prepotência e o querer-saber-melhor dos humanos adulteraram esta verdade. Surgiram as religiões. O saber e a verdade foram substituídos pela fé. A grande maioria da humanidade continua acreditando em uma verdade que não é verdade. Por isto, tomo a liberdade de, mediante "minhas teorias e especulações, todo um mosaico de dados pesquisados e perguntas incômodas, tentar perfurar as tábuas grossas que - desculpem-me dizê-lo - muita gente, entre nós, ainda leva diante de sua testa.



310



311



312

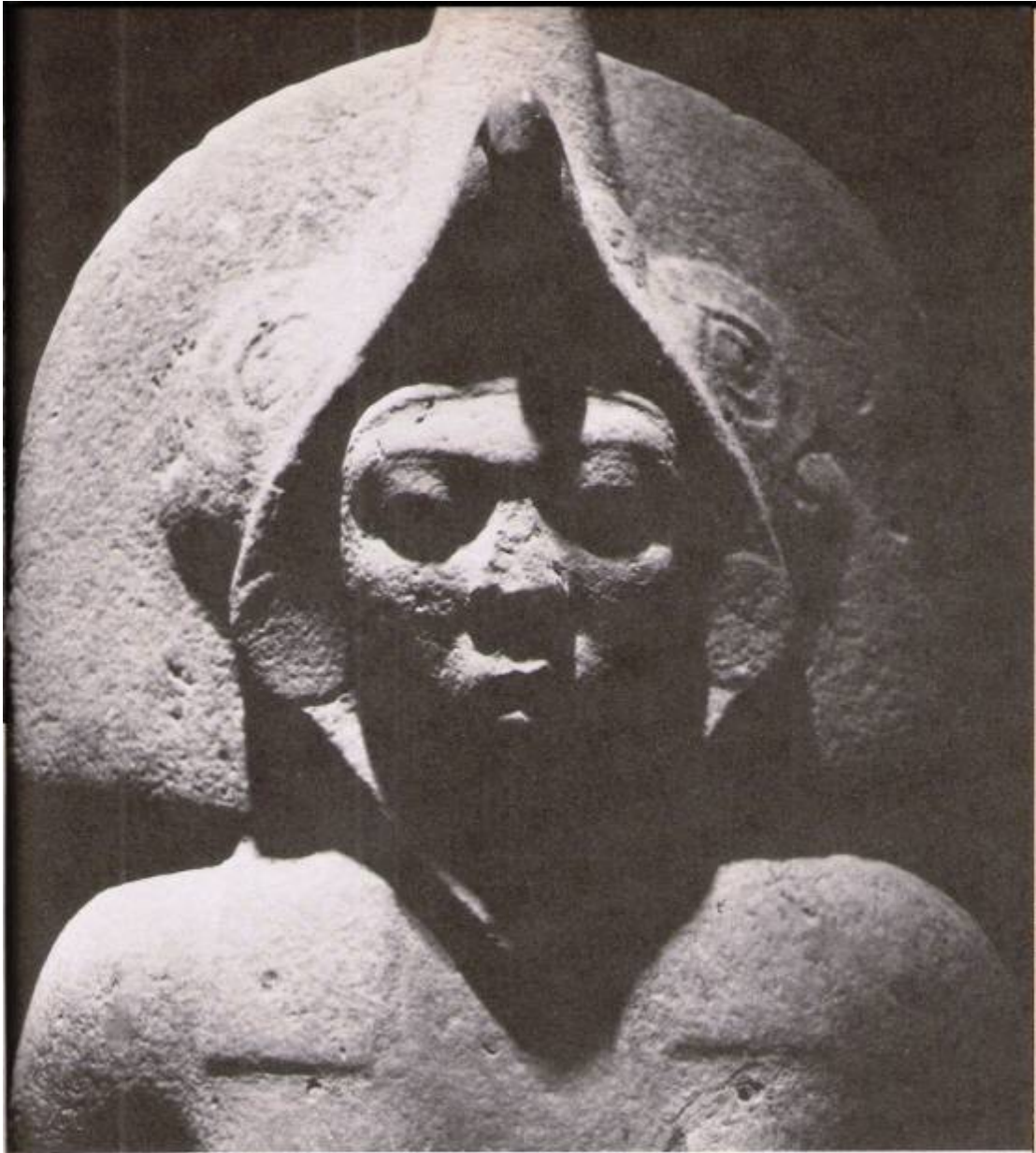
310 e 311 – Duas plásticas em ouro, que se encontram no Banco do Estado, em Bogotá, Colômbia. Uma das plásticas (310) impressiona como retratando um astronauta, munido de capacete e um par de asas, enquanto a outra (311) a mim parece conservar a recordação de um encontro com um robô extraterrestre.

312 – Esta cabeça, de puro cristal de rocha, foi encontrada nas ruínas maias, perto de Lubaantun (Honduras Britânica). Pesa 5,3 kg. O crânio todo não fornece indício algum de ter sido lavrado com uma ferramenta convencional.



313

313 – No centro da grinalda radiante que envolve a cabeça do “deus do Sol” há o rosto de um índio. O que significa esta combinação de astro celeste com ser humano? (México)







314, 315 e 316 – As três “deidades” de capacete (Museu Nacional de Antropologia, Cidade do México)



317

317 – Desprezando os apetrechos figurativos, resta o esboço de um esquema básico de uma aparelhagem elétrica, com circuitos elétricos, elementos de contato, etc (peitoral de Osíris, Tutancâmon, Tebas).



318

318 – Nas asas de um pássaro, a deusa celeste Nut eleva-se acima do mundo, que está sob a sua proteção. Quase sem exceção, as representações do antigo Egito revelam características de voar (Peitoral de Nut, Tebas).



319 a 324 – Estas fotos mostram seis dos muitos “quadrinhos” do “Codex Dresdensis” (Biblioteca Estadual da Saxônia, Dresden, RDA) que, a mim, impressionam como representações técnicas. Apenas deixo minhas sugestões: seres vestidos como astronautas, instrumentos técnicos, agregados a serem levados nas costas... E todos os quadrinhos contêm glifos de números. Não há limites para a sua interpretação.



325 a 330 - As ilustrações contidas no "Codex Madrid" representam outros tantos argumentos a favor de minhas teses. Aqui os quadradinhos mostram todo o arsenal de acessórios da cosmonáutica, tais como sistemas de suprimento, capacetes com dispositivos emissores, um observador a bordo de um satélite,

balões de oxigênio e ... outra vez, números precisos. Até agora chegou a ser decifrada apenas uma ínfima parte da escrita figurativa dos maias, portanto, há muita margem para minhas especulações.

325 a 330 – As ilustrações contidas no “Codex Madrid” representam outros tantos argumentos a favor de minhas teses. Aqui os quadradinhos mostram todo o arsenal de acessórios da cosmonáutica, tais como sistemas de suprimento, capacetes com dispositivos emissores, um observador a bordo de um satélite, balões de oxigênio e... outra vez, números precisos. Até agora chegou a ser decifrada apenas uma ínfima parte da escrita figurativa dos maias, portanto, há muita margem para minhas especulações.



332



334



333



335

331 a 335 – Somente fotos coloridas, cujos matizes acetinados dão uma idéia do sutil trabalho dos artistas incaicos, permitem a devida apreciação e valorização dos tesouros do Pe. Crespi.



336



337



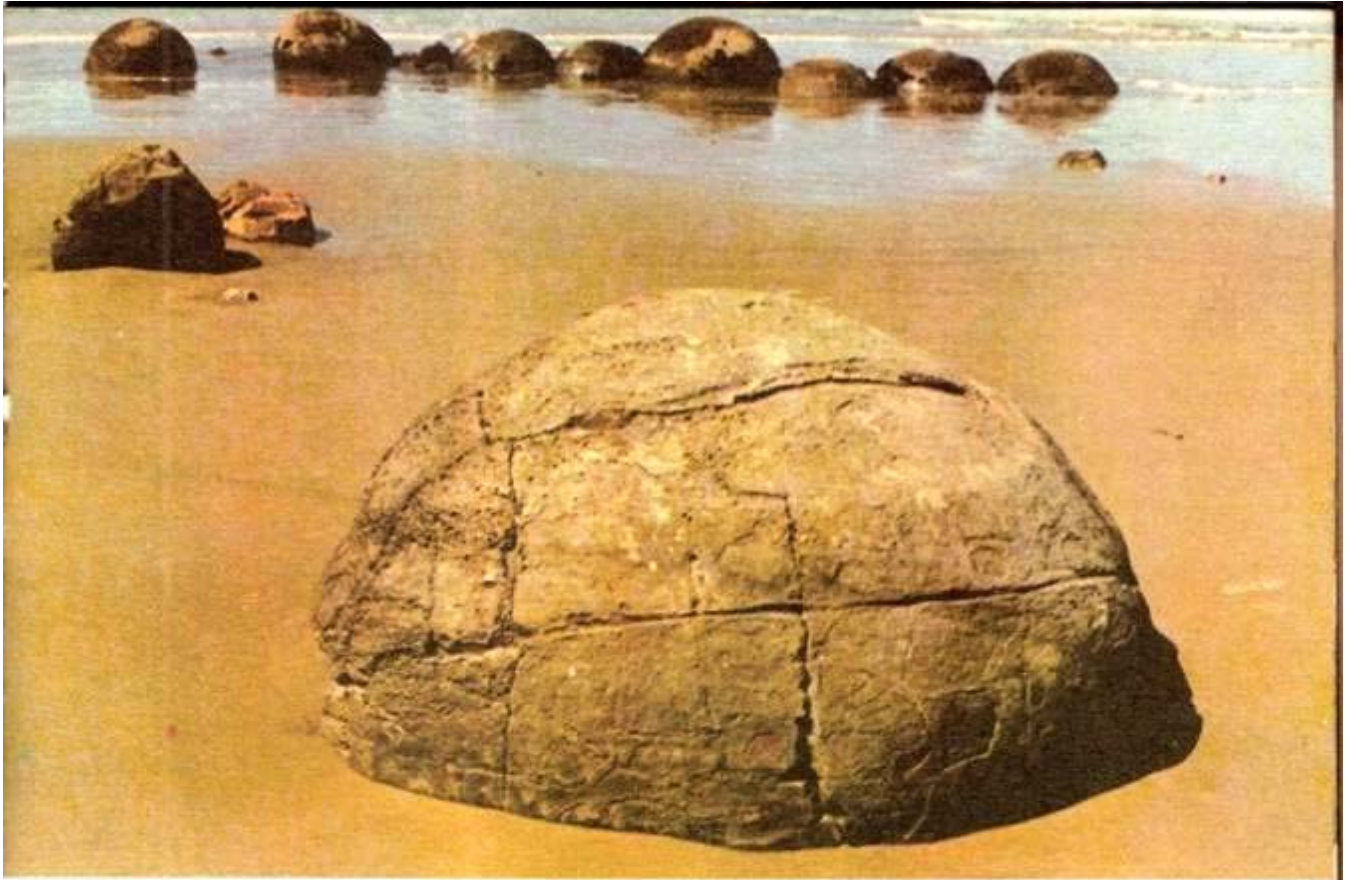
338

336 Uma estela com 56 símbolos, a serem decifrados. Dentro dos quadradinhos, os símbolos aparecem de maneira uniforme, como carimbados, com perfeição tal que, presumivelmente, os artistas estavam acostumados a usá-los em uma escrita. Todavia, até agora, não se atribui escrita alguma aos povos das eras pré-incas.

337 Ampliação dos dois campos superiores da estela da fig. 336.

338 Trabalho inca — um peitoral que, de maneira estranha, ostenta símbolos (de escrita).

339 e 340 Em todas as minhas viagens, sempre deparei com esferas antiqüíssimas, de todos os tamanhos. Seriam uma recordação dos "deuses" que viajaram em esferas? (Praia de Moeraki, na Nova Zelândia — Igreja dos Pobres de Maria Auxiliadora, Cuenca, no Equador).



339



340

336 – Uma estela com 56 símbolos, a serem decifrados. Dentro dos quadradinhos, os símbolos aparecem de maneira uniforme, como carimbados, com perfeição tal que, presumivelmente, os artistas estavam acostumados a usá-los em uma escrita. Todavia, até agora, não se atribui escrita alguma aos povos das eras pré-incaicas.

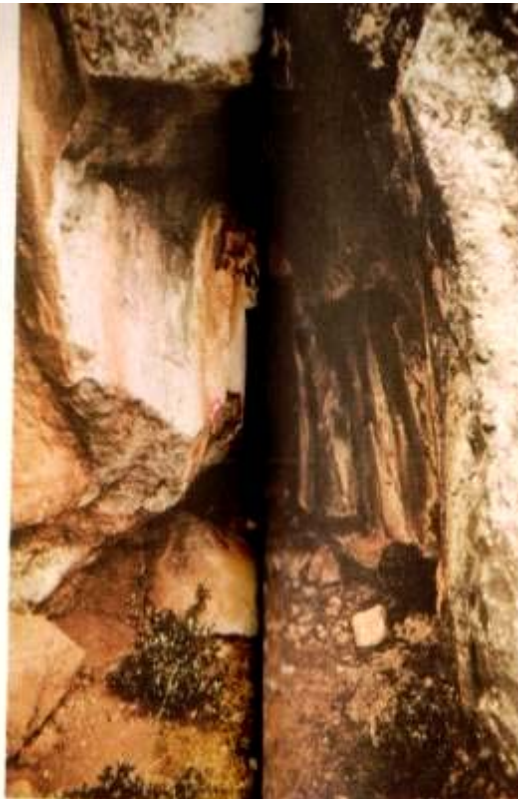
337 – Ampliação dos dois campos superiores da estela da fig. 336.

338 – Trabalho inca – um peitoral que, de maneira estranha, ostenta símbolos (de escrita).

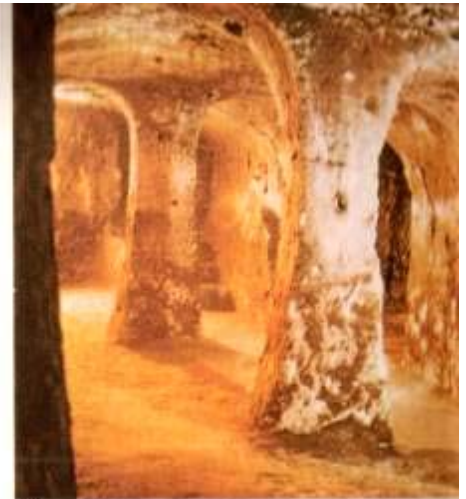
339 e 340 – Em todas as minhas viagens, sempre deparei com esferas antiqüíssimas, de todos os tamanhos. Seriam uma recordação dos “deuses” que viajaram em esferas? (Praia de Moeraki, na Nova Zelândia – Igreja dos Pobres de Maria Auxiliadora, Cuenca, no Equador).



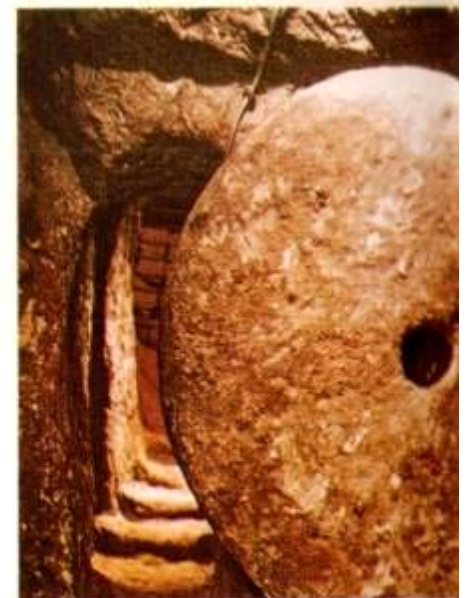
341



342



343



344

341 e 342 Teriam os extraterrestres presenteado nossos antepassados remotos com ferramentas óticas, altamente especializadas? Este pensamento vem a surgir quando se passa pelas cavernas do Equador e de outros países sul-americanos. Sem dúvida, não foi a Natureza a cavar essas cavernas, pois ela não produz cortes retos, superfícies polidas, nem ranhuras retíssimas e passagem em linha reta. Essas cavernas gigantesca devem ter sido cortadas na rocha com ferramentas das quais não podemos fazer idéia.

343 e 344 O contraste com essas cavernas é realçado nestas vistas pitorescas de cidades subterrâneas em Derinkuyu, Turquia; aqui, trabalhou-se com soco, martelo e cunha. São instalações que surpreendem, mas perdem, e em muito, para os sistemas de túneis na América do Sul.

341 e 342 – Teriam os extraterrestres presenteado nossos antepassados remotos com ferramentas técnicas, altamente especializadas? Este pensamento vem a surgir quando se passa pelas cavernas do Equador e de outros países sul-americanos. Sem dúvida, não foi a Natureza a cavar essas cavernas, pois ela não produz cortes retos, superfícies polidas, nem ranhuras retíssimas e passagens em linha reta. Essas cavernas gigantesca devem ter sido cortadas na rocha com ferramentas das quais não podemos fazer idéia.
343 e 344 – O contraste com essas cavernas é realçado nestas vistas pitorescas de cidades subterrâneas em Derinkuyu, Turquia; aqui,

trabalhou-se com suor, martelo e cinzel. São instalações que surpreendem, mas perdem, e em muito, para os sistemas de túneis na América do Sul.



345



346

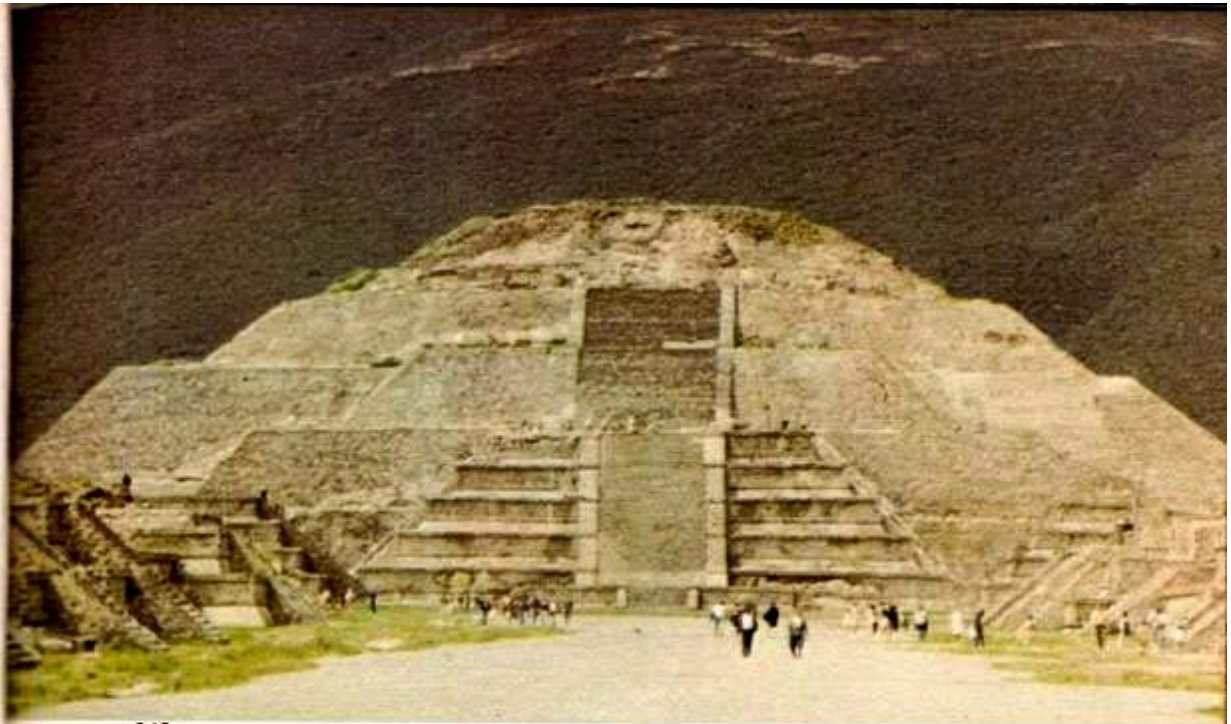


347

345 – Um deus voador no interior de uma esfera (Museu Iraquiano, Bagdá).

346 – Deidade voadora olmeca, em Teotihuacan, México.

347 – Serpente no templo de Quetzalcoatl, em Teotihuacan, México.



348



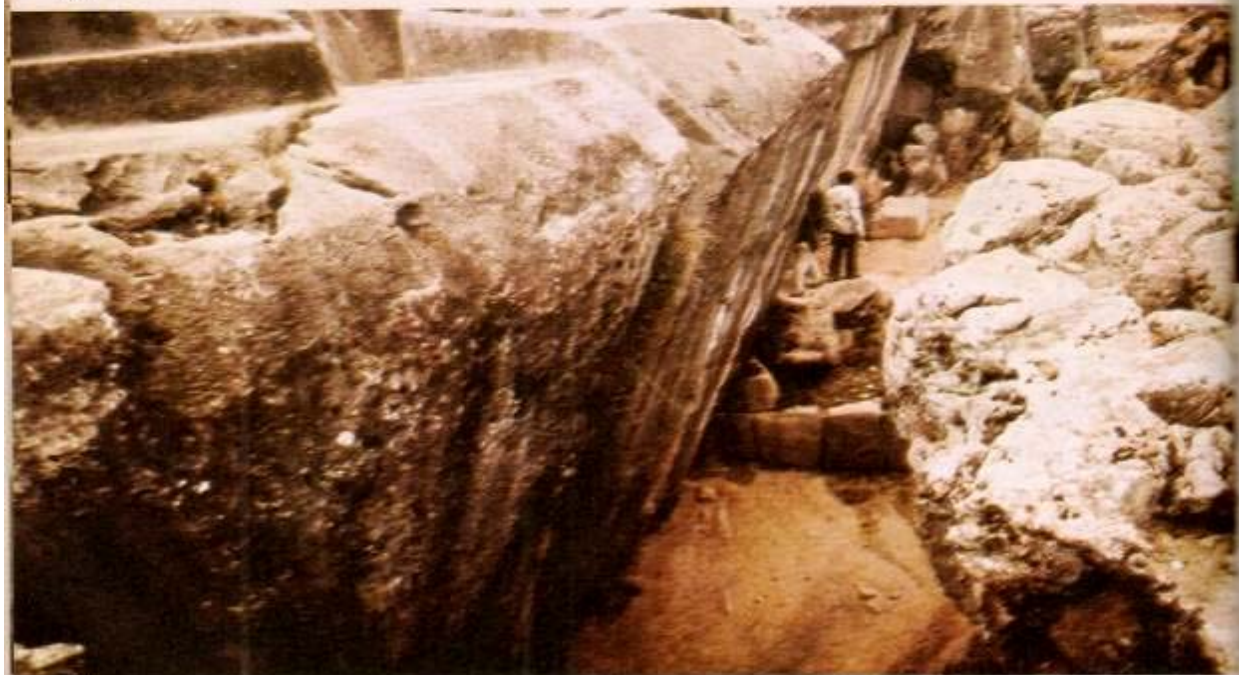
349

348 – A pirâmide do Sol, em Teotihuacan, cobre uma área de 45.000 m² e também esta obra obedece, em suas disposições, a normas astronômicas. Não se sabe em homenagem a quem foi erguida.

349 – As três muralhas da fortificação incaica em Sacsayhuaman são feitas de blocos de pedra de até 6 m de altura. Aqui era venerado o deus do Sol; “Inca” significa filho do Sol.

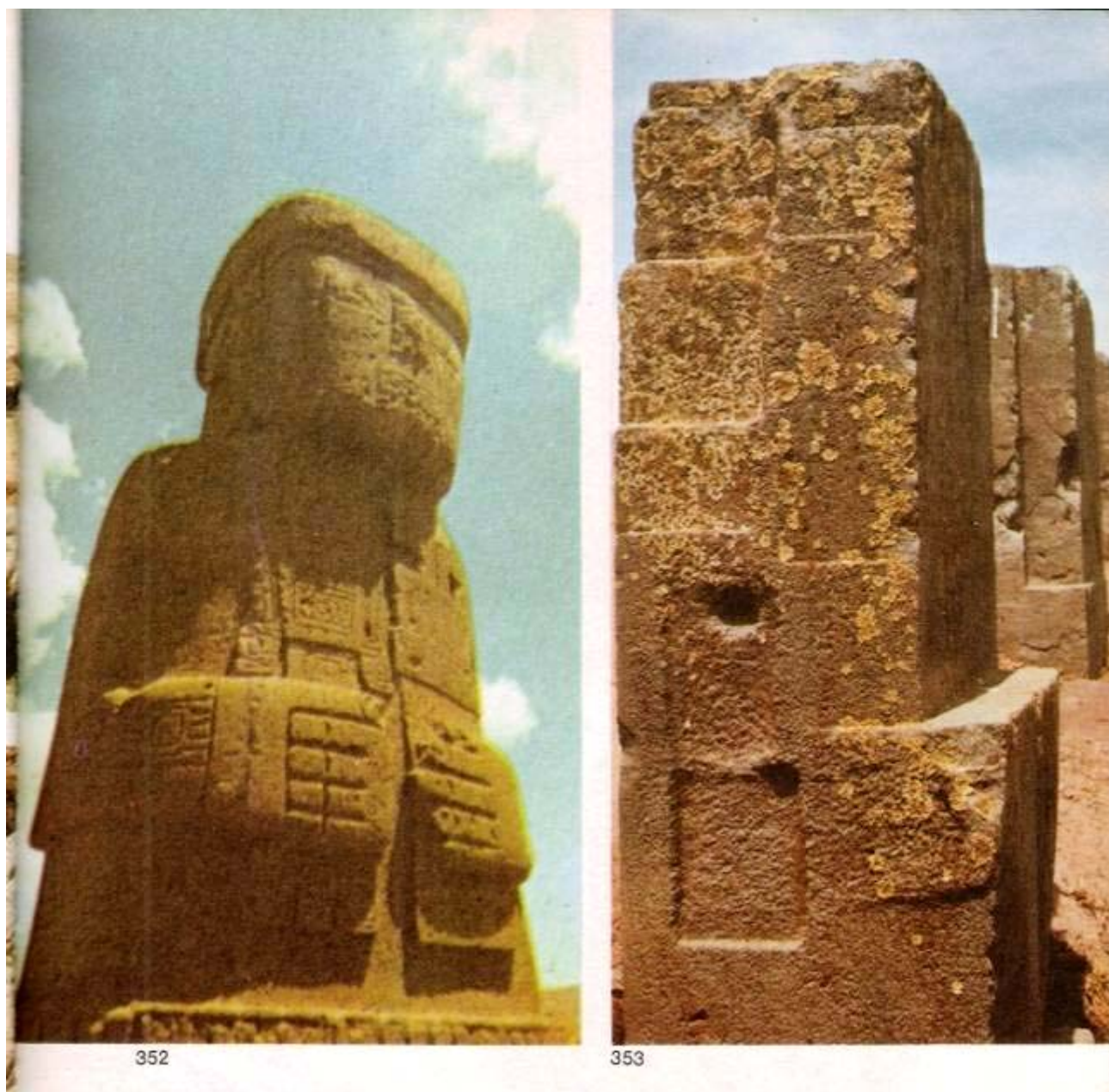


350



351

350 e 351 – Aqui, sobre Sacsayhuaman, a 3.600 m de altitude, devem ter existido edificações megalíticas. “Resíduos de geleiras”, conforme a explicação dada ao fenômeno, não costumam deixar em sua retirada obras de alvenaria artificiais e, muito menos, vitrificações, produzidas sob fortíssima influência térmica.



352 e 353 – Estátua de um deus desconhecido, venerado em Tiahuanaco e uma fila de monólito, muito bem lavrados. Notam-se

nitidamente cortes e entalhes, indicando uma ligação arquitetônica, outrora existente entre os monólitos. É indefinida a idade da Tiahuanaco técnica.



354



355

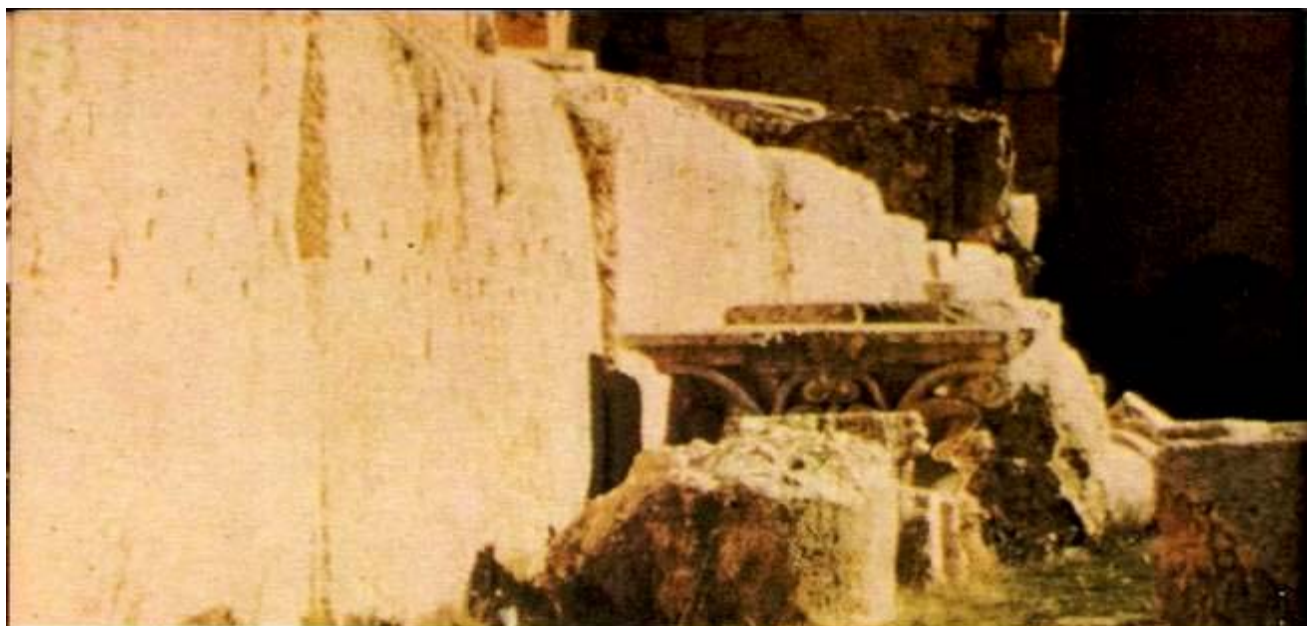


356

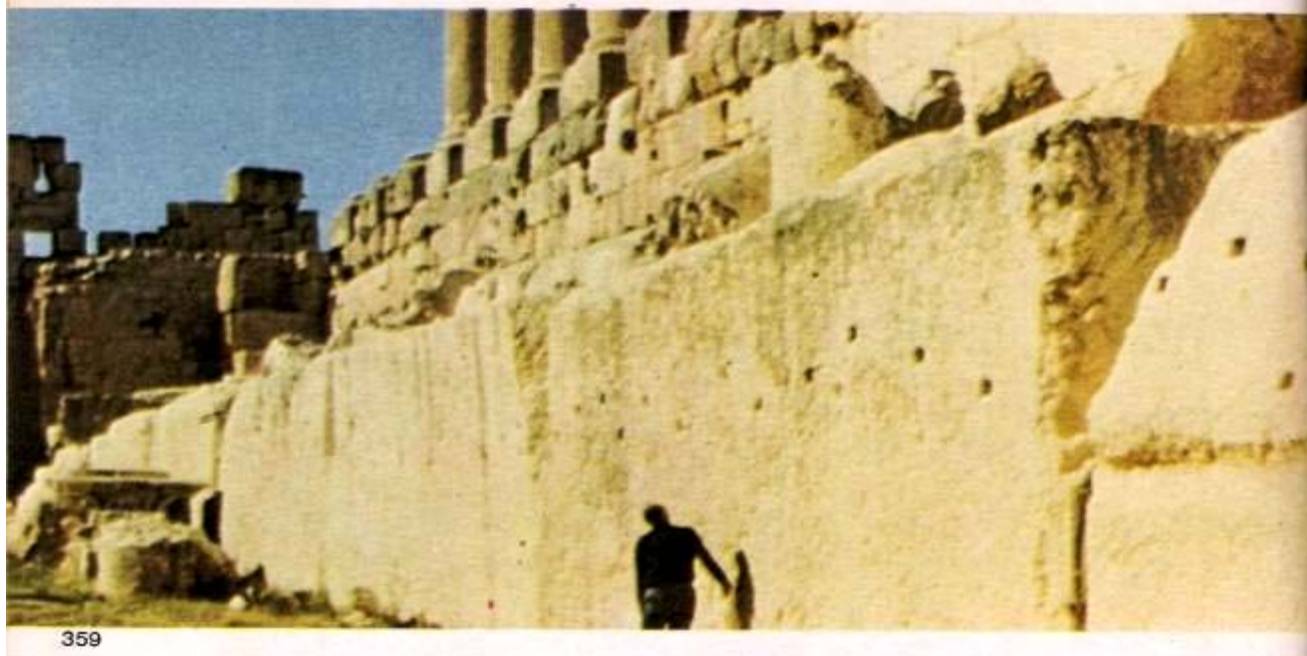


357

354 a 357 – Nan Madol, ilhota do Arquipélago das Carolinas, possui edificações arquitetônicas, compostas de mais de 400.000 blocos de basalto. Não se sabe como e para que os monólitos foram levados das ilhas vizinhas para Nan Madol. Diz uma lenda dos insulanos que um dragão voador teria ajudado nessa gigantesca empresa de transporte em massa.

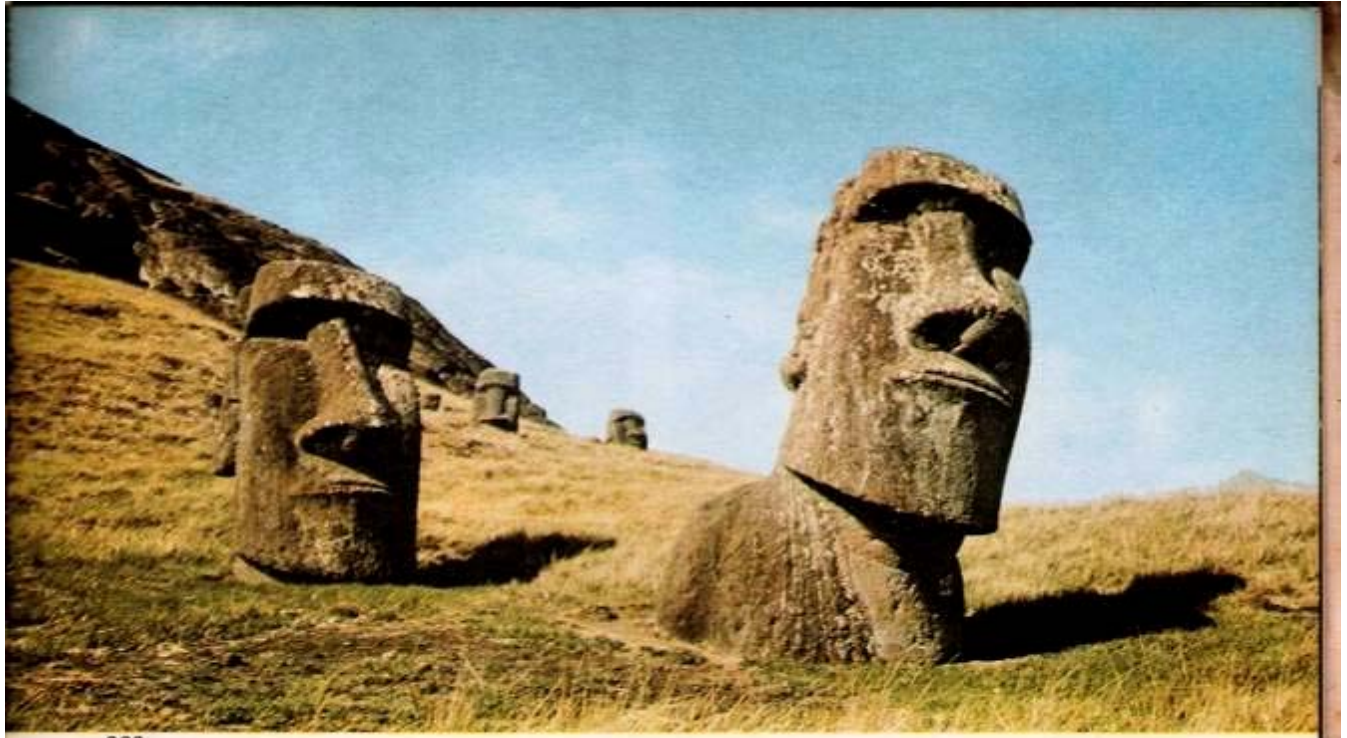


358



359

358 e 359 – Originalmente, o terraço de Balbec era uma instalação técnica. Os romanos e gregos construíram sobre uma plataforma já existente. O professor russo Agrest presume que a instalação original teria sido a de uma pista de aterrissagem para espaçonaves.



360



361

360 e 361 – Como se fossem robôs intratáveis, 200 daqueles monstros montam guarda no litoral da Ilha de Páscoa. A lenda dos insulanos de Rapanui, habitantes primitivos da ilha, conta que, em tempos

antiquíísimos, as estátuas teriam caminhado, por seus próprios meios, para os lugares que ocupam até o dia de hoje.



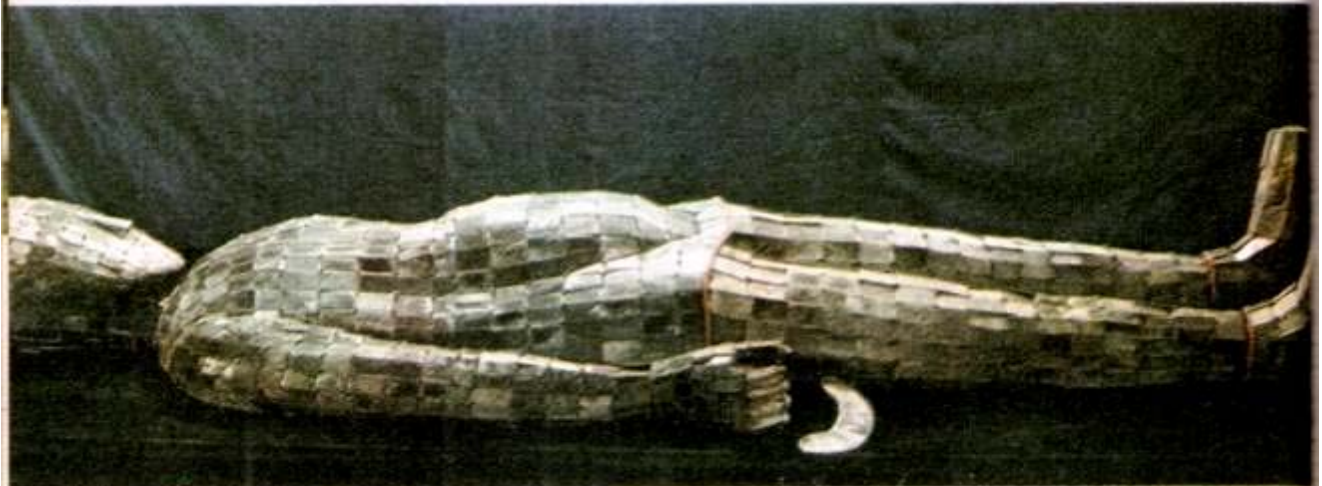
362



363



364



365

362 e 363 – Esta plástica japonesa Dogu, de mais de 5.000 anos, usa um capacete com grandes óculos de astronauta. Aliás, tampouco no Japão óculos eram conhecidos na Idade da Pedra.

364 e 365 – “As múmias de um casal de príncipes, em seus trajes fúnebres, feitos de milhares de chapinhas de jade, lembram astronautas em suas roupas espaciais, comentou o periódico “Die Zeit”, a respeito desses achados chineses, de tempos pré-cristãos.

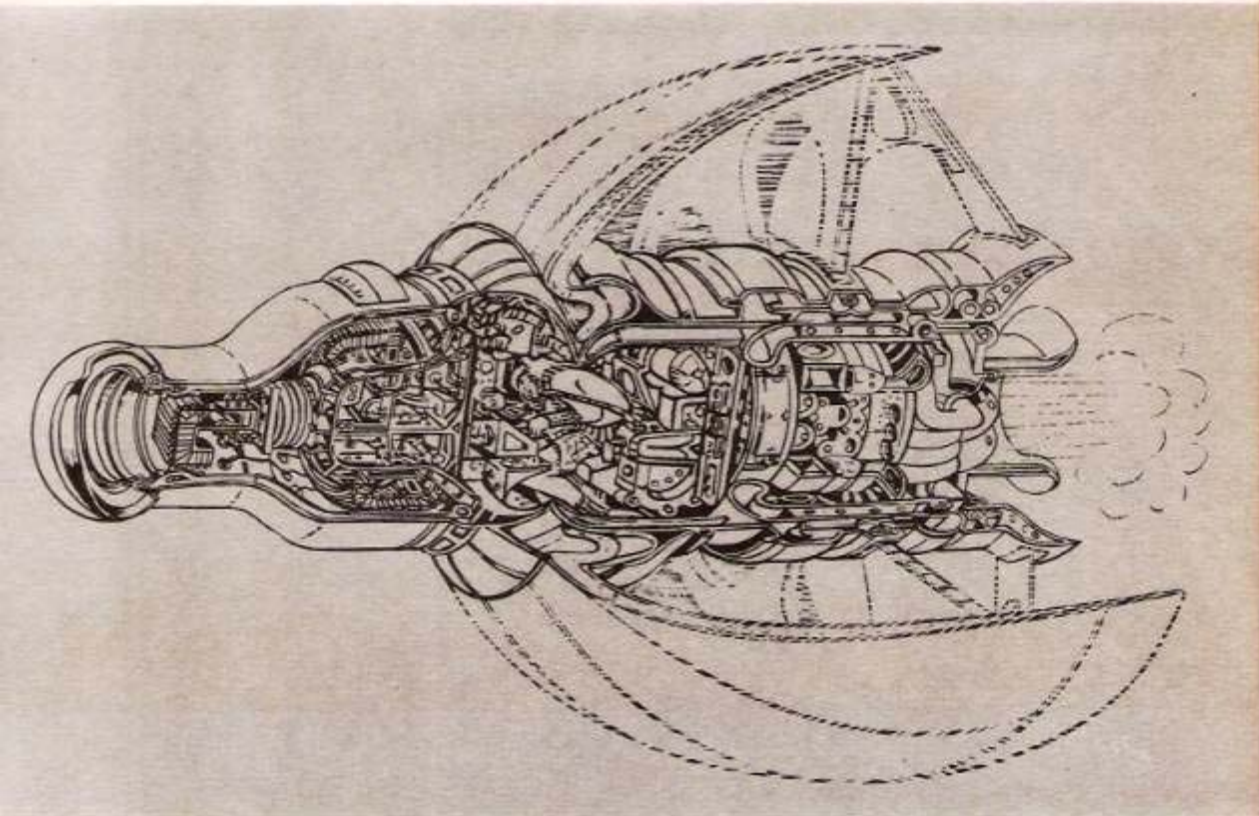
362 e 363 Esta plástica japonesa Dogu, de mais de 5.000 anos, usa um capacete com grandes óculos de astronauta. Aliás, tampouco no Japão óculos eram conhecidos na Idade da Pedra.

364 e 365 "As múmias de um casal de príncipes, em seus trajes fúnebres, feitos de milhares de chapinhas de jade, lembram astronautas em suas roupas espaciais", comentou o periódico "Die Zeit", a respeito desses achados chineses, de tempos pré-cristãos.

366 e 367 O engenheiro aeronáutico norte-americano John Sanderson chegou à conclusão de que a lápide de Palenque suporta, definitivamente, uma interpretação moderna. De fato, o esquema técnico, esboçado por Sanderson, revela claramente o sentido e a finalidade de todos os contornos que aparecem na lápide. Seria o caso de os pesquisadores da Antiguidade procurarem assessoria com engenheiros.



366



367

366 e 367 – O Engenheiro aeronáutico norte-americano John Sanderson chegou à conclusão de que a lápide de Palenque suporta,

definitivamente, uma interpretação moderna. De fato, o esquema técnico, esboçado por Sanderson, revela claramente o sentido e a finalidade de todos os contornos que aparecem na lápide. Seria o caso de os pesquisadores da Antiguidade procurarem assessoria com engenheiros.



368



369



370



371



372



373

368 a 373 Fotos aéreas das pistas de aterrissagem na planície de Nazca, do filme
"ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?"



374

374 Original do mapa-múndi de Piri Reis, datando de 1513. Na parte inferior do mapa aparecem os contornos do litoral e ilhas da região antártica, descobertas somente em nossos dias, ou seja, em 1952.